

- Prefeitura Municipal de Jaraguá.
- Secretaria de Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia.
- Fundação Grace Machado.
- Associação do Patrimônio Histórico e Cultural de Jaraguá.
- Conselho Municipal de Cultura.



Parceiros da História



D^o Lucia Freitas

PARCEIROS DA HISTÓRIA

- JARAGUÁ -

Secretaria Municipal de Educação e Cultura

PARCEIROS DA HISTÓRIA
- JARAGUÁ -

Goânia - GO
Kelps, 2008

AUTORES

João Luiz das Graças Soares
Alessandra Evangelista da Silva
José Ronaldo Soares Pereira
Ângela Divina Camargo Silva
Lillian Cristiane Alves da S. Oliveira
Dr. Benjamim S. de Jesus Roriz
Lourenço Félix de Abreu (in memoriam)
Bráulio Teodoro Vieira de Freitas
Luciana da Silva Oliveira Castro
Cenir Maria dos Santos
Luciano da Fonseca
Dulce Madalena Rios Pedroso
Maria Augusta Barbo de Siqueira
Edilânia Leila dos Santos
Maria Helena de A. Romachelle
Edmê Militão
Mário Francisco Tarrassaré
Eliodoraz Trindade Gonçalves
Dr. Paulo Antônio Gonçalves
Fabiano Luiz de Castro
Paulo Vitor Avelar
Gilda Barbosa
Rinalba de Freitas
Hélcio da Mata
Roberta Silva Rosa
Isabel Fátima A. Silva Melo (Belinha)
Rosária Nogueira
Joana D'arc Soares Ribeiro
Vanderléia Maria de Freitas
Adriana Taveira de Moraes Soares
Jezaumar Luzia C. Rocha
José Fernando Soares Pereira
Dr^a Márcia Terezinha Gomes
Dr^o Juvenal Amaral
Juliana de Castro Ribeiro

APRESENTAÇÃO DA OBRA

Sebastião Soares Filho
Pedagogo – Pós-graduado em Administração Escolar
Secretário Municipal da Educação

A Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Jaraguá sente-se honrada em entregar para a comunidade jaraguense a obra *Parceiros da História – Jaraguá*. Esta publicação resulta de um compromisso de campanha do atual prefeito, Lineu Olímpio de Souza, àqueles segmentos da comunidade jaraguense que buscam dinamizar, defender e valorizar a cultura de um modo geral em nossa cidade. Além do compromisso político, existe o fator primordial – a educação – base de um povo que almeja o desenvolvimento. Enquanto Secretário de Educação e Cultura do Município, afirmo que este livro é importante, pois proporciona aos jaraguenses o conhecimento sobre nossa região, é um convite a nos olharmos de um modo diferente. É um olhar distanciado, onde se apresentam outras perspectivas e até mesmo outro tempo. O conteúdo desses textos são informações acerca de Jaraguá em seus primórdios, seu espaço urbano e rural, os distritos que compõem o município, o seu desenvolvimento econômico, o rico folclore, as lendas e as belezas naturais. São estudos que procuram desvendar e refletir a respeito de nossa própria história, questionando vários pontos distintos e assim ampliando uma gama de investigações que irão subsidiar uma educação de melhor qualidade.

Esta coletânea de artigos, organizada pelo professor João Luiz das Graças Soares, apresenta dois aspectos interligados: primeiro, são trabalhos acadêmicos ou de pesquisa de jaraguenses e seus descendentes, ou filhos adotivos. Segundo, a nossa cidade possui uma certa magia, pois seus filhos são seduzidos a investigá-la, a descobri-la e depois a cantá-la, narrá-la e representá-la.

PREFÁCIO

JoãoLuiz das Graças Soares
Fabiano Luiz de Castro

O convite do Secretário de Educação do Município, professor Sebastião Soares Filho, para que o Conselho Municipal de Cultura coordenasse a edição de um livro sobre a história de Jaraguá se reverteu de significação especial para todos os conselheiros.

Argumentava o professor Sebastião Soares que a última publicação sobre as lendas e folclore jaraguenses se deu na administração do Dr. Alano de Freitas, há mais de 20 anos e que tal publicação é pouco encontrada nos dias atuais.

O professor dizia, ainda, que o jaraguense pouco sabe sobre os próprios patronos de nossas escolas, ruas, praças e avenidas: quem foram os Coronéis Tubertino Rios e Diógenes de Castro Ribeiro? E Cristóvão Colombo? Dr. Paulo Alves da Costa?...

Finalizando, o Secretário sugeriu, ainda, que fosse feito um trabalho sobre os nossos distritos ou povoados, pois achava ele que tais patrimônios mereciam um memorial local que servisse de arquivo histórico.

O Conselho de Cultura, orgulhoso por tal convite, reconhecia ainda que o conteúdo deste livro poderia ir muito além daquilo já proposto pelo secretário e que nós podíamos fazer dele um mote para a discussão de hipóteses levantadas sobre aspectos de nossa história que precisam ser desvendados. A memória oral foi a fonte primeira de pesquisa utilizada, no entanto, para ser validado como história, estes registros apreendidos e repassados coletivamente, necessitam de fontes historiográficas, ou seja, documentos, tais como: assentamentos de batismos, óbitos, casamentos – acervo da Paróquia de N. S. da Penha; procurações, contratos de compra e venda, doações – acervo dos cartórios de tabelionato e registro de imóveis; ainda os

Sumário

I PARTE - JARAGUÁ - HISTÓRIA E MEMÓRIA

CAPÍTULO I - A ORIGEM DE JARAGUÁ	21
CAPÍTULO II - MEMÓRIA EMPRESTADA	25
O FUNDADOR DE PIRENÓPOLIS É O MESMO DE JARAGUÁ?	25
CAPÍTULO III - JOAQUIM MILITÃO - MEU PAI	37
CAPÍTULO IV - A FRAGMENTAÇÃO DO MUNICÍPIO DE JARAGUÁ	41
CAPÍTULO V - AS IGREJAS E AS IRMANDADES DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO DE JARAGUÁ	53
CAPÍTULO VI - UMA RUA CHAMADA DE "TRÁS"	67
CAPÍTULO VII - A RUA DAS FLORES	71
CAPÍTULO VIII - O SURGIMENTO DA FUNDAÇÃO GRACE MACHADO	75
CAPÍTULO IX - UM JARAGUENSE DE VERDADE	79
CAPÍTULO X - SÍNTESE DA VIDA DE BALTHAZAR RIBEIRO DE FREITAS	83
CAPÍTULO XI - BENEDITO DE SÁ PAULA: MÚSICA, HUMANIDADE E VIDA	89

II PARTE - JARAGUÁ - CULTURA, FOLCLORE, LENDAS E TRADIÇÕES

CAPÍTULO I - FALANDO DE JARAGUÁ - GO NO XI CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE	95
CAPÍTULO II - O CAVALEIRO DA RUA DAS FLORES	99
CAPÍTULO III - TEREZA BICUDA	103
CAPÍTULO IV - BRINCADEIRAS E CANTIGAS DE RODA NA RUA DAS FLORES	107
CAPÍTULO V - VIVA SANTA CECÍLIA!!!	123

III PARTE - JARAGUÁ - ARTE

CAPÍTULO I - HISTÓRIA DA ARTE EM JARAGUÁ - 1960 A 2008	151
--	-----

IV PARTE - JARAGUÁ - POLÍTICA - 1950 A 2008

CAPÍTULO I - PERFIL POLÍTICO DE JARAGUÁ	175
CAPÍTULO II - CLODOALDO BARBO DE SIQUEIRA - 1951 A 1954	181
CAPÍTULO III - NELSON DE CASTRO RIBEIRO - 1955 A 1958	183
CAPÍTULO IV - SOLON BATISTA - 1959 A 1960	185
CAPÍTULO V - SILVIO DE CASTRO RIBEIRO 1961 A 1965 E 1970 A 1972	189
CAPÍTULO VI - FELICÍSSIMO DO ESPÍRITO SANTO NETO 1966 A 1969	193
CAPÍTULO VII - JOSÉ ALVES DE MELO - 1973 A 1976	201
CAPÍTULO VIII - TUBERTINO BRÁULIO DE FREITAS - 1977 A 1982	205
CAPÍTULO IX - EUGÊNIO ALANO MACHADO DE FREITAS - 1983 A 1988	211
CAPÍTULO X - PAULO ANTÔNIO GONÇALVES - 1989 A 1992	215

CAPÍTULO XI - NÉDIO LEITE ASSUNÇÃO - 1993 A 1996	219
CAPÍTULO XII - JOVANO VIEIRA MANSO - 1997 A 2000	221
CAPÍTULO XIII - MÁRCIA MARIA FONSECA ASSUNÇÃO - 2001 A 2004	223
CAPÍTULO XV - LINEU OLÍMPIO DE SOUZA 2005 A 2008	225

V PARTE - JARAGUÁ – PATRONOS, VULTOS ILUSTRES

CAPÍTULO I - DIÓGENES DE CASTRO RIBEIRO, NA TRILHA DOS MITOS	233
CAPÍTULO II - BERNARDO SAYÃO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVI- MENTO DE JARAGUÁ	237
CAPÍTULO III - CORONEL TUBERTINO FERREIRA RIOS	243
CAPÍTULO IV - FALANDO EM CRESO GOMES PEREIRA DA SILVA	247
CAPÍTULO V - DR. PAULO ALVES DA COSTA, UM AMOR DE COMUNISTA	249
CAPÍTULO VI - CRISTÓVAM COLOMBO É MEU PAI	253
CAPÍTULO VII - NELSON DE CASTRO RIBEIRO, A POLÍTICA NO SANGUE	255
CAPÍTULO VIII - PADRE SILVESTRE ALVARES DA SILVA	257
CAPÍTULO IX - MANOEL MARCELINO ALVARES DA SILVA	261
CAPÍTULO X - CRIADOR DO EXÉRCITO BRASILEIRO ERA GOLANO DE JARAGUÁ	267

VI PARTE - JARAGUÁ – PATRIMÔNIO, NOSSOS DISTRITOS

CAPÍTULO I - MAPA DE JARAGUÁ	275
CAPÍTULO II - HISTÓRIA DO POVOADO DE ALVELÂNDIA	277
CAPÍTULO III - HISTÓRIA E MEMÓRIA DE ARTULÂNDIA	281
CAPÍTULO IV - HISTÓRIA DO POVOADO DO CRUZEIRINHO	285
CAPÍTULO V - ESTIVA MIRILÂNDIA	287
CAPÍTULO VI - A HISTÓRIA DE MONTE CASTELO	297
CAPÍTULO VII - O POVOADO DE PALESTINA	307
CAPÍTULO VIII - O SURGIMENTO DO POVOADO DE SANTA BARBARA	311
CAPÍTULO IX - A FUNDAÇÃO DO POVOADO DE SÃO GERALDO	325
CAPÍTULO X - MEMORIAL DE VILA APARECIDA	329

VII PARTE - UMA FAMÍLIA PRÁ LÁ DE REAL

CAPÍTULO I - MANOEL RIBEIRO DE FREITAS MACHADO - TAL PAI, TAIS FILHOS ...	333
---	-----

I PARTE

JARAGUÁ – HISTÓRIA E MEMÓRIA

A ORIGEM DE JARAGUÁ

Autora: Maria Helena de Amorim Romacheli
(Historiadora)

Jaraguá nasceu no início de século dezoito. Para precisar melhor a data, devemos remontar fatos históricos.

No sítio arqueológico, neste município, situado na fazenda São Januário, atrás da serra, onde aparecem os primeiros vestígios de civilização européia e fortes indícios de que o paulista, 2º Anhangüera, ali fez arranchamento em 1722-1725 quando ainda procurava os restos de seu pai e dos índios Goyá. Este demorou 3 anos e 2 meses neste objetivo, não querendo voltar a S. Paulo sem notícias de sucesso para o governador Rodrigo César e Menezes, intermediário entre ele e o Rei D. João V.

Neste sítio arqueológico, já registrado no IPHAN, existe um petrogrifo. Nele está registrada a palavra PAI, e uma seta mostrando exatamente a direção do seu caminho aos índios Goyá. (interessante observar que esta mesma direção está em um mapa de 1751 encontrado recentemente nos arquivos de Portugal, e se tornou a estrada real São Paulo – Santana (atual cidade de Goiás). Baseado nisso e no conhecimento que se tem de que os bandeirantes se fixavam em alguns lugares propícios a lavouras para abastecimento da equipe e o local era ideal pelo húmus às suas margens após as enchentes e ainda sabendo que o Anhangüera registrava os locais onde reconhecia vestígio de seu pai 40 anos antes, 1682, fica muito sugestiva a sua estada ali, construindo as primeiras residências e capelas.

Em *História das Bandeiras*, de Afonso de Taunay, está: “[...] após o Anhangüera voltar com notícia do ouro, em 1725, mas havia deixado roças e gente, para mantimento pelo caminho afora [...]”

A arqueóloga Margareth L. Souza, que fez escavações neste sítio, em 1997, mediu as bases ainda existentes desta capela e encontrou 100 m² no corpo e 250 m² no alpendre. Aí estava a Capela de São José do Córrego do Jaraguá, tão citada nos óbitos e batistérios da época e que chegaram até nós. Esta capela era provida de livro próprio, pois no batistério de Inês, que viria a ser a primeira esposa do português Capitão Luiz Alves de Amorim, consta: “[...] lançado no livro da mesma capela [...]” em 1747.

Essas evidências e outras mais sugerem um nascimento para o arraial, entre 1722- 1725 e , entre 1730-1748, o arraial vai mudando para o outro lado da serra, o atual local, apesar de longe da estrada real, como diz o marechal português Raimundo José da Cunha Mattos, nomeado para ser governador das armas da Província de Goyaz, mas em local mais plano e fácil de se expandir, pois antes estava espremida entre a serra de Jaraguá e o espesso mato grosso goiano, floresta impregnada de todos os animais selvagens e ainda às margens do rio Pari que, nas enchentes, formava várzeas às suas margens, habitat perfeito para todo tipo de mosquito. Enquanto que do outro lado, numa vegetação mais rala de cerrado, estava sendo construída a imensa igreja, com cinco altares, Nossa Senhora da Penha, santa de devoção da família de seu construtor o potentado Coronel, que lutou contra os franceses do Rio de Janeiro – 1711, e um dos nossos mais importantes fundadores de Jaraguá - GO, Fernando Bicudo de Andrade, genearca de quase toda família jaraguense.

Aos poucos, as famílias foram se mudando para perto da nova igreja que recebeu licença para funcionar em 1748 e só ficou na velha Córrego do Jaraguá, algumas poucas famílias que tinham interesse na área, para ser suas roças e fazendas. Um dos que ali ficaram foi o tenente José Gomes Curado, pai do Marechal Joaquim Xavier Curado, Criador do Exército Nacional, pois, após sua morte, o Capitão Francisco Soares Bulhões, casa-se com a viúva, assume o

comando da família e pede carta de sesmaria para toda área atrás da serra (lado sul). Esse documento consta no livro *História de Jaraguá*, pág. 43.

Ali passou, em 1800, a ser do senhor de engenho, o português Batista José Rocha, também rico genearca de muitas famílias jaraguenses.

Do período inicial, foram encontrados 80 óbitos ou batistérios de pessoas que moravam no pequeno arraial do Córrego do Jaraguá ao redor da capela de S. José e seus nomes se encontram no livro *História de Jaraguá*, de Maria Helena Amorim Romacheli.

A idéia de que o arraial se iniciou por negros faiscaidores é inviável, pois quem povoou Jaraguá foram paulistas e portugueses e ali não havia negros a não ser em raríssimas exceções, servindo às elites. Por serem extremamente caros (preço de um carro popular hoje), ficavam reservados às zonas mais ricas como Bahia e Recife. Veja o que diz Alfredo Ellis Jr. Em seu livro *Os Primeiros Troncos Paulistas*: “[...] o negro não contribuía para a formação do povo paulista das primeiras épocas, só após a segunda metade de século dezoito, aí estão os inventários e registros de escravos para comprovarem [...]”

Na verdade, S. Paulo era uma pequena e pobre vila até as descobertas do ouro e pedras preciosas por seus bandeirantes, e os escravos que tinham eram índios, indóceis e de pouco rendimento, mas eram baratos, não eram os negros. Será que poderiam, então, ter sido brancos faiscaidores? Sim. O que quer dizer faiscaidores? São pessoas que garimpam em faisqueiras o ouro sobre superfície que era o tipo de ouro de gupiara aqui existente. Um dos mais importantes fundadores que achamos registrado nos documentos sobre Jaraguá foi o engenheiro de mineralogia que acompanhava o Anhangüera, Manoel de Barros Braga, em *Notícia Sete Pratica e Roteiro Verdadeiro das Minas de Cuiabá e Goiás*, vemos: “[...] que passava por pessoa muito entendida como mineralogia e prospector de minas e a quem o Anhangüera levou em sua companhia, em 1725. [...] refere-se a certos pontos onde costumava fazer roças e se valiam de escravos

gentios...". Este homem com nome parecido que popularmente pode ter confundido a um menos avisado com outro, Manoel Rodrigues Thomar, que não tem nada haver com Jaraguá, era também companheiro do Anhangüera e fundou Meia Ponte e que, segundo Taunay e Basílio de Magalhães, em seu livro *Expansão Geográfica*, em 1728 descobriu jazidas nos Pirineus, logo após se desentender com o comandante Anhangüera, em Santana, e após se insurgir contra a Coroa, foi expulso de Meia Ponte, juntamente com alguns insatisfeitos, em 1732, e foram para a região de Crixás, Traíras, etc.

A história de Jaraguá é rica e interessante, homens ilustres estiveram aqui, verdadeiros heróis que deixaram suas marcas e eu fico satisfeita de poder apresentá-los a esta nova geração, para que se orgulhem de seus antepassados.

Fico também satisfeita em poder contribuir com os organizadores deste livro que estará esclarecendo cada vez mais a população.

Referências

- ROMACHELLI, Maria Helena de Amorim. *História de Jaraguá*. Editora Kelps, Goiânia, 1998.
- ROMACHELLI, Maria Helena de Amorim, Artigos Publicados
- MATOS, José Raimundo Cunha – *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas Províncias de Minas Gerais e Goiás*.

CAPÍTULO II

MEMÓRIA EMPRESTADA O FUNDADOR DE PIRENÓPOLIS É O MESMO DE JARAGUÁ?

Autora: Dulce Madalena Rios Pedroso
(Professora e Pesquisadora da UCG)

Colocação da problemática

A cidade de Jaraguá surgiu com a exploração do ouro no século XVIII. O arraial do Córrego de Jaraguá, posteriormente Vila de Jaraguá, pertenceu ao Julgado de Meia Ponte (nome anterior de Pirenópolis), vindo a emancipar-se em 1882.

Há uma polêmica entre estudiosos da história da cidade a respeito do descobrimento do ouro e o início da formação do núcleo populacional que se tornou a cidade de Jaraguá. A documentação histórica escrita não é coincidente com a memória popular dos habitantes da cidade acerca dos incílios da exploração do ouro e o estabelecimento do antigo arraial. Tais fontes escritas atribuem o descobrimento do ouro em Jaraguá a negros faiscadores em 1737 (Veiga, 1783; Cunha Matos, 1823; D'Alincourt, 1816; Pohl, 1821; Saint-Hilaire, 1819; Silva e Souza, 1812). Contudo, autores contemporâneos apontam o mineiro português, Manoel Rodrigues Thomar, como o primeiro explorador daquelas minas (Artiaga, 1951; Jayme, 1971; Almeida, 1982). Esses autores escreveram com base em informações provenientes da tradição e da memória popular dos jaraguenses.

Contudo, acredito que a polêmica acerca dos inícios de Jaraguá só poderá ser elucidada pelo debate acadêmico, no qual a discussão é mediada por categorias e noções científicas da história. É interessante observar, no estudo sobre as origens da cidade, que as fontes históricas – escrita e oral – são contraditórias. Assim sendo, como se dá a construção histórica nessa dimensão?

No debate atual da historiografia, o novo paradigma do estudo da história denominado pós-moderno apresenta-se como uma nova forma de interpretar os fatos históricos. O paradigma pós-moderno caracteriza-se pelo momento em que se dá a ruptura da história com a exclusividade da verdade científica positivista, o que ocorre em virtude da reabilitação da memória como fonte histórica. Essa nova concepção do estudo da história, em que se coloca a memória no interior do debate histórico, mostra que existe uma infinidade de vozes e, assim também, variedades de leituras possíveis sobre o passado. A ênfase recai na interpretação do sentido das palavras, a hermenêutica, como no estudo da memória, a interpretação do passado. Durante a Modernidade, a memória foi desacreditada e olhada com desconfiança. A partir de então, a memória passou a gozar da credibilidade necessária para ser utilizada na produção do conhecimento histórico. Diehl (2002), estudioso das questões relativas à memória, coloca uma questão importante – que a memória pode revelar muita coisa – e diante de uma infinidade de possibilidades, o historiador duvida da certeza da reconstituição de um único passado. A polissemia indica a necessidade de buscar outros conhecimentos construídos por abordagens científicas. Trata-se do diálogo com a interdisciplinaridade e, mais ainda, deve-se constituir um arcabouço teórico para a investigação a que se propõe.

No entanto, a memória, para gozar de credibilidade como fonte histórica, deve submeter-se ao critério crítico de teorização e da metodização, e, assim, ser controlada com rigor metódico, o que significa que ela não pode ser utilizada a bel prazer daquele que a utiliza. A informação proveniente da memória de outrem precisa ser contextualizada na história; a memória tem um caráter relativo, pois é uma representação da experiência vivida pelos homens em

sociedade, necessitando, portanto, de crítica interna e externa. Desse modo, é importante considerar questões político-ideológicas de quem transmite a informação, sejam o narrador, os memorialistas e historiadores. É de extrema importância situar a origem das informações históricas.

Uma outra discussão da historiografia que cabe neste trabalho refere-se ao sentido da história. Para que serve a história? A história, como processo que se desenrola no passado, segundo J. Rüsen (2001), tem sentido quando é importante e significativa para o entendimento da vida contemporânea e para lidar com as suas circunstâncias. A importância da história justifica-se porque o passado oferece a experiência de que se necessita para orientar-se no presente e para desenvolver uma sólida perspectiva de futuro. O sentido da história significa que as transformações do mundo humano ocorridas no passado possuem uma qualidade subjetiva que levam o ser humano a participar da orientação prática atual da vida. O sentido estabelece uma ponte entre a experiência e a intenção, permeada pela relação do homem com o tempo. A consciência humana é constantemente influenciada pelos acontecimentos da vida cotidiana, os quais, por meio da interpretação, os homens devem transformar em intenções, e pelas quais os sujeitos dão forma à sua vida, à sua relação com o mundo, à sua relação consigo mesmos e, ainda, à sua relação com os outros. A palavra sentido, nesse caso, designa um procedimento mental, envolvendo a capacidade de percepção e tem a ver com o jogo de idéias com base nos cinco sentidos. Essa relação determina o sentido da história, pois representa o acontecido no passado e o relato a seu respeito. Ela se processa no interior do sujeito, e se dá não como uma coisa morta, que já passou, e sim como uma força viva em si mesma, estabelecendo uma relação com o presente, de tal forma que, para o sujeito, se abre uma perspectiva de futuro para sua vida que passa a orientar a sua ação. Ainda segundo Rüsen (2001), a consciência histórica realiza a construção de sentido em relação à percepção do tempo. Construção de sentido na história refere-se à percepção e à interpretação da mudança contingente, no transcurso do tempo, refletida na vivência do passado, além da orientação da

vida atual no contexto da mudança e da motivação da ação intencional motivada por essa mudança. O que significa a teorização de Rüsen sobre a construção de sentido na história relacionada com os primórdios da cidade de Jaraguá? Trata-se de como os jaraguenses, com seus procedimentos mentais, interpretaram a sua história e construíram um sentido histórico com base em suas vivências, na percepção do transcurso do tempo e no modo de orientarem suas vidas em uma perspectiva de futuro. Esta formulação histórica da comunidade é a qualidade subjetiva que o sentido histórico possui. Além do mais, é importante ter em mente que os acontecimentos do passado e o relato a seu respeito nada mais são que uma interpretação do sujeito, que assim estabelece uma relação com o presente. A escrita do evento histórico transporta o passado para o presente.

Como se articulam a abordagem teórica e pesquisa histórica?

Neste estudo de caso, foram apresentadas as ferramentas metodológicas que possibilitarão compreender essa questão polêmica. Assim, passa-se a analisar mais detalhadamente as duas versões acerca do descobrimento das jazidas de ouro de Jaraguá, aquela apresentada pela documentação histórica escrita e a outra, baseada na memória popular da referida cidade.

A documentação histórica escrita informa que negros falcadores do ouro descobriram jazidas no local onde floresceu a cidade de Jaraguá, e essa informação também se apresenta como forma de memória. Deve-se recuar no tempo para compreender como a memória dos primórdios de Goiás foi registrada. Em 1782, D. Maria I, Rainha de Portugal, mediante a expedição de uma Ordem Régia, determinou que todos os governadores e ouvidores das capitânicas do Brasil providenciassem a redação de suas memórias anuais, registrando estabelecimentos, fatos e coisas notáveis e dignas de história, desde a fundação da capitania. Essa tarefa ficou a cargo da Câmara de Vereadores.

Assim surgiram os primeiros registros da memória da população sobre os inícios de Goiás, e o primeiro registro em cumprimento a essa Ordem Régia foi escrito em 1783, 57 anos após o início da colonização portuguesa em Goiás. Essa memória tem como título *Descrição da Capitania de Goyaz, e tudo que nela é notável até o ano de 1783*. Sobre Jaraguá, informou-se que o arraial estava subordinado a Meia Ponte, e sobre o descobrimento do ouro, que ele se deu em 1736 por pretos falcadores.

Ainda em obediência à Ordem Régia, encontrou-se outra descrição, em forma de memória, de 1785: *Memória do descobrimento e coisas notáveis da Capitania, por Custódio Pereira da Veiga, escrito no ano de 1785*. O conteúdo das informações é praticamente o mesmo daquele escrito em 1783, com apenas poucas informações adicionais.

Certamente foram redigidas várias memórias nesse período, em cumprimento à Ordem Régia da Rainha de Portugal. O consagrado trabalho de Silva e Souza, *Memória do descobrimento e coisas mais notáveis da província de Goiás*, escrito em 1812, possivelmente também em cumprimento à Ordem Régia, na referência ao arraial do Córrego de Jaraguá, repete o conteúdo das memórias de 1783 e 1785, no tocante ao descobrimento das jazidas de ouro.

Viajantes europeus, como Pohl (1819-21), Saint-Hilaire (1821-25), D'Alincourt (1816), e Pizarro (1816) e ainda Cunha Matos (1824), governador das armas em Goiás, percorreram a Capitania de Goiás no período que compreende as duas primeiras décadas do século XIX, anotando impressões, costumes e a história do surgimento dos arraiais auríferos. Todos eles registraram as informações coletadas entre os habitantes do arraial, relatando que as minas de Jaraguá foram descobertas por negros falcadores do ouro, porém, as datas contidas nesses relatos variam entre 1736 e 1737.

Os relatos contidos nas memórias anuais do final do século XVIII e nas informações extraídas dos habitantes do arraial de Jaraguá, pelos cronistas europeus das primeiras décadas do século XIX, são denominados memória antiga. A memória antiga registrada perdurou do final do século XVIII até a época da chegada dos viajantes

e, possivelmente, continuou a ser repetida durante um determinado tempo, até quando deixou de ser transmitida de geração em geração. Assim, outra versão acerca do descobrimento das minas de ouro em Jaraguá substituiu a memória antiga.

A outra versão sobre o descobrimento do ouro e fundação do arraial de Jaraguá também se baseia na memória local e na tradição. Estudiosos da história de Goiás, como Zoroastro Artiaga (1959) e Jarbas Jayme (1971), bem como a escritora jaraguense, Nelly de Almeida (1982), em seus trabalhos, atribuem ao bandeirante português, Manoel Rodrigues Thomar, Guarda-Mor das minas de Meia Ponte (e seu fundador), o descobrimento de ricas jazidas de ouro também em Jaraguá, em 1731. Contudo, segundo o argumento dos autores, Thomar não pôde explorá-las em virtude de acusações que pesavam sobre ele. Dirigindo-se para o norte, explorou as minas do rio Maranhão. As informações transmitidas por Artiaga, Jayme e Almeida possuem variações, porém, o descobrimento do ouro e a antecipada colonização de Jaraguá estão ligados à figura do bandeirante português.

A análise da documentação histórica pesquisada permite sugerir que a versão do descobrimento das minas de Jaraguá pelo bandeirante Thomar consolidou-se no século XX. No entanto, nem todas as fontes produzidas no século XX foram unânimes em relação ao descobrimento e à exploração das jazidas por Thomar. A *Enciclopédia dos municípios brasileiros* (IBGE, 1958) informa que não se sabe ao certo a data em que teve início a povoação de Jaraguá, e não menciona o bandeirante português, porém, fala de uma exploração clandestina do ouro. O *Levantamento histórico e econômico dos municípios goianos* (Goiás, 1971) registra a versão de que os negros fuscadores do ouro, em 1737, foram os descobridores de jazidas em Jaraguá.

Quem foi Manoel Rodrigues Thomar?

Em um trabalho anterior (Pedroso, 1999), em que enfoco a questão dos primórdios de Jaraguá, realizei uma pesquisa sobre a

vida de Manoel Rodrigues Thomar nos começos de Goiás. Historiadores contemporâneos apresentam esse rico mineiro português como uma figura enigmática e misteriosa, considerado pela história tradicional como um homem irrequieto, desordeiro e brigão, fundador de vários arraiais auríferos em Goiás. Bertran (1985) realizou uma ampla pesquisa sobre Thomar, consultando documentação histórica e relatos de cronistas e historiadores. O historiador contextualizou-a no início do povoamento de Goiás, período em que havia disputas pelo poder, supondo que, por trás das acusações impetradas contra Thomar, havia uma luta velada entre os mineiros das "minas de Goyases" e o governo colonial. Além do problema político, Thomar estava sendo acusado de apropriação dos direitos reais nos descobertos auríferos do arraial do Maranhão, em 1730. Era costume, nos novos descobertos auríferos, reservar ao rei o riacho mais rico em ouro que se encontrasse. Thomar era irrequieto, explorava simultaneamente minas em Meia Ponte, no rio Maranhão, cuja povoação foi transferida para Água Quente (atualmente, este extinto arraial encontra-se debaixo das águas da Hidrelétrica Serra da Mesa), que também possuía jazidas de ouro e foram exploradas por ele (Bertran, 1985). Em 1732, Thomar dirigiu-se a São Paulo para responder às acusações, foi preso e, por falta de provas, solto em setembro de 1733, com a promessa de jamais retornar às minas de Goiás. Assim, a documentação histórica apresenta-o como descobridor das minas de Trahiras e São José do Tocantins (atuais distrito de Trahiras e Niquelândia, respectivamente). Certamente, no início da colonização de Goiás, quando as terras ainda pertenciam à Capitania de São Paulo, havia uma distinção entre as minas dos Goyases e as minas do Maranhão, e Thomar foi considerado o fundador de Trahiras e de São José do Tocantins.

A questão que se levanta é: como tal bandeirante poderia estar em tantos lugares ao mesmo tempo – Meia Ponte, Rio Maranhão e, posteriormente, Água Quente e ainda em Jaraguá? As longas distâncias a serem percorridas duravam semanas, pois, em Goiás, naquele tempo, não havia estradas, mas somente picadas, transpondo grossas matas.

Jaraguá posiciona-se à borda da região do mato grosso goiano, de espessas matas, difíceis de serem trespassadas. O mapa de Tosi Colombina, elaborado em 1751 (*apud* Chaim, 1974), mostra que a estrada primitiva que ligava Meia Ponte a Vila Boa (atual cidade de Goiás), então capital da província, passava pelas bordas da região de Jaraguá. A picada primitiva, que se tornou, posteriormente, estrada real, passava mais ao sul, cruzando o rio Uruhu, atingindo o arraial de Ouro Fino (povoação extinta) e, depois, Vila Boa. As minas de Jaraguá provavelmente não eram conhecidas, porque essa cidade fica entre Vila Boa e Meia Ponte, como argumentam alguns. Além do mais, a documentação histórica do século XVIII e primeira metade do século XIX não se refere a Thomar como descobridor de jazidas em Jaraguá. No livro *Registro de Batismo de Pirenópolis – 1732 a 1747*, consta que o primeiro batizado, o de uma criança escrava, do Córrego de Jaraguá foi realizado em 1741 e, não era Thomar o dono do escravo que nascera. Aliás, no mesmo livro de batizados de Meia Ponte são citados Thomar e Leonor Leme como padrinhos de uma outra criança, em 3 de abril de 1732.

Outra questão que se coloca é: como a memória popular de Jaraguá transformou-se ao longo do tempo? Antes de apresentar uma hipótese a respeito, é pertinente rever um pouco da história dos inícios de Jaraguá.

Breve relato sobre o povoamento em Jaraguá

Jaraguá, no início de seu povoamento, em virtude da exploração das minas de ouro, atraiu famílias e pessoas de várias origens, como portugueses, paulistas, fluminenses, cariocas, dentre outros, como se pode observar ao manusear a documentação histórica escrita. Infelizmente essas informações ainda não foram sistematizadas, e nenhum estudo significativo sobre tal tema foi realizado sobre Jaraguá.

Desde o início da exploração das minas, já se praticavam atividades agropastoris. As jazidas de ouro em Jaraguá não se exauriram completamente ao longo do século XVIII e início do

século XIX (Duarte, 1999; Fonseca, 1999 e Pedroso, 1999). O famoso engenho de São Januário foi estabelecido bem no início da implantação do arraial. Jaraguá possuía uma posição geográfica favorável – a estrada real passava pelo arraial, ligando-o a Meia Ponte e Vila Boa, além de outras localidades. Além de estar posicionada nas proximidades da então capital, também o estava da estrada que se dirigia ao norte. Tratava-se mais precisamente do caminho que levava às minas do Rio Maranhão, como Água Quente, Cocal (povoação extinta), Trahiras, São José do Tocantins, dentre vários núcleos populacionais auríferos daquela região (mapa de Tosi Colombina, 1751).

O arraial do Córrego do Jaraguá recebeu migrantes de centros mineradores decadentes desde o final do século XVIII. William Burchell (*apud* Fonseca, 1999), que visitara o povoado em 1826, observou que o arraial era um centro de atração de migrantes. O viajante inglês fixou a imagem de Jaraguá em pintura a bico de pena, mostrando o largo da Matriz N. Sra. da Penha e a rua Direita.

Estudos de Elizabeth Duarte (1999) sobre Jaraguá apresentam a grande movimentação interna de pessoas na província de Goiás. Em suas pesquisas, destaca-se a migração de famílias e de indivíduos provenientes de decadentes centros mineradores do médio norte (atual norte do estado de Goiás) durante a primeira metade do século XIX. Pesquisas de Pedroso (1999; 2004) e Luciano Fonseca (1999) também contribuem para um melhor conhecimento de migrações dessas famílias para Jaraguá. Duarte (1999), no mesmo trabalho, também se refere à migração de indivíduos de Minas Gerais na segunda metade do século XIX. Anterior à pesquisa de Duarte, o grande estudioso das famílias de Goiás, Jarbas Jayme (1971), em sua obra *Famílias pirenopolinas*, editada em sete volumes, apresenta a intensa movimentação humana no território goiano, sempre acolhendo imigrantes. Em sua investigação, Jayme, além dos nomes dos membros de uma família, adicionava outras informações importantes como, por exemplo, qual a origem de tais indivíduos, com quem contraíram núpcias, recompondo assim preciosas informações históricas. Nessa pesquisa, Jarbas Jayme mostra o

quanto os arraiais de Jaraguá e Pirenópolis se encontravam ligados por laços de casamento e parentesco, além da proximidade geográfica. Importantes famílias jaraguenses com representantes atuais na cidade são provenientes de Pirenópolis, migrados na segunda metade do século XIX. Duarte (1999) e Fonseca (1999) mostram, nas pesquisas que realizaram, a afinidade entre Pirenópolis e Jaraguá, sobretudo as ligadas a manifestações culturais, como a música.

Hipóteses preliminares

Sobre a questão já levantada linhas atrás, isto é, como a memória transformou-se, aponta-se a seguinte hipótese: em um determinado momento, ainda não identificado, a comunidade jaraguense questionou as suas origens. No entanto, a memória antiga não permaneceu entre seus habitantes. A chegada de imigrantes, desde a primeira metade do século XIX, pode ter contribuído para que essa história não fosse repetida continuamente e, desse modo, não fosse transmitida.

Como observa Thompson (1992), para ouvir e contar histórias é preciso haver interesses e havia outras histórias dos lugares de onde vieram. A memória sobre o descobrimento das minas de ouro por negros falcadores pode ter sido apagada da memória dos habitantes de Jaraguá em algum momento. Contudo, a memória antiga escrita sobreviveu, porque fora registrada e tornou-se, desse modo, uma fonte histórica. Entre uma e outra versão sobre a história da fundação de Jaraguá, não se sabe quanto tempo transcorreu. Entretanto, persistia um vazio a ser preenchido, uma necessidade social de conhecer as origens da cidade; era necessário construir um sentido histórico tendo em vista um futuro promissor que se reservava para Jaraguá. Esse núcleo urbano sempre se destacou em Goiás durante toda a sua história. Assim, a versão segundo a qual Thomar foi o descobridor das minas de ouro de Jaraguá pode corresponder aos anseios daquele grupo de pessoas – a história precisava fazer sentido para aquela comunidade, devia parecer-se com ela. Assim, naquele momento, Jaraguá necessitava

de uma história construída por desbravadores, por homens corajosos e aventureiros que tentavam produzir riqueza. O fundador de Pirenópolis adequava-se ao perfil desejado, pois nada mais instigante que uma história de mistério e aventura ligada às origens de uma cidade.

Quanto a essas versões, Duarte (1999) apresenta uma hipótese interessante: como Meia Ponte (Pirenópolis) situa-se próxima à cidade de Jaraguá, quem descobriu uma mina, pode ter descoberto a outra. Ademais, o rio das Almas, que nasce em Pirenópolis, passa muito próximo a Jaraguá, o que faz pensar que Thomar, descendo o rio das Almas, avistou a serra e passou a explorar o ouro ali existente.

Assim, considero que a figura de Thomar como fundador de Pirenópolis foi tomada de empréstimo pela comunidade jaraguense, misturando fatos reais (o processo da Coroa Portuguesa contra Thomar) com o imaginário social. Além do mais, Thomar faz parte do imaginário da fundação de vários arraiais auríferos de Goiás, pois, ele percorreu e explorou ouro, segundo a documentação histórica, em Meia Ponte, arraial do Maranhão, Água Quente, Trahiras, São José do Tocantins e, também, foi contemporâneo de Bartolomeu Bueno da Silva, nos começos da ocupação de Goiás. A versão que associa Thomar ao descobrimento do ouro em Jaraguá parece ter sido uma reordenação da memória daquela comunidade que foi transmitida através de gerações e, provavelmente, também foi uma grande influência que Pirenópolis exerceu sobre Jaraguá. É mais interessante uma cidade goiana ter como fundador um homem branco, rico, impetuoso, aventureiro, irrequieto, que desafiou autoridades governamentais, do que as figuras de negros falcadores à procura de ouro.

A versão ligada ao descobrimento do ouro a Thomar foi aceita pela comunidade jaraguense. Nas últimas décadas do século XX, essa história foi transmitida a alunos do primeiro grau (primeira fase do ensino fundamental) e até hoje ainda é repetida por alguns professores. A comunidade jaraguense aceita essa versão, sem sequer discuti-la mais cuidadosamente, à luz das ferramentas oferecidas pelo método de estudo da

história, e tendo à sua disposição outros trabalhos que questionam essa interpretação.

Possivelmente, o debate sobre o assunto ainda não tenha atingido um número significativo de professores do ensino fundamental e médio. Além do mais, pode faltar interesse dos professores por essa questão e, ainda, eles ignorarem aspectos que envolvem a memória coletiva. Ela nem sempre possui o compromisso com a verdade e é peculiar às sociedades vivas; a memória coletiva pode viver, ou também, como seus habitantes, pode morrer. Em sua natureza, a memória pode ser manipulada, construída, inventada, ser transmitida de geração em geração e tornar-se uma história oficial. Segundo Halbwachas (2004), a memória coletiva é estreitamente condicionada ao grupo social em que o sujeito vive.

Referências

- ALMEIDA, Nelly Alves de. "Jaraguá: história e memória". Conferência pronunciada em 29/07/1982, no auditório do Palácio do Sol, em Jaraguá-GO, por ocasião do centenário de emancipação da cidade. Jaraguá, Cópia impressa, 1982.
- BERTRAN, Paulo. *Memória de Niquelândia*. Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.
- CHAIM, Marivone de M. *Aldeamentos indígenas de Goiás (1749-1811)*. Goiânia: Oriente, 1974.
- CUNHA MATOS, R. J. da. *Chorographia histórica da província de Goyaz*. Goiânia: Sudeco, 1979.
- D'ALINCOURT, Luiz. *Memórias sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985 (Coleção Reconquista do Brasil, 25)
- DESCRIÇÃO da Capitania de Goyaz, e tudo que nela é notável até o anno de 1783. In: *GOYAZ - Documentos vários - 1743 - 1786* (Sessão de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

CAPÍTULO III

JOAQUIM MILITÃO - MEU PAI

Autora: Edmê José Militão
(Economista, bancária aposentada e artista plástica)

Há pessoas que parecem viver em harmonia com tudo. Compreendem e auxiliam todos à sua volta, respeitam a natureza e nos transmitem o sentimento de que a vida dá a elas deveres fundamentais de amor e fraternidade. Não buscam situações específicas como fama, dinheiro e admiração dos outros para sentirem a vida mais prazerosa. Dão um significado maior às suas existências, buscando sempre caminhos novos e ricos de cooperação ao próximo e fidelidade ao bem. Interagem com as pessoas, seja qual for a sua classe social, a posição política ou o desenvolvimento cultural.



Dentre as pessoas com estas características, está o meu pai, Joaquim Militão. Filho único de Cecília Álvares da Silva e neto de Raymundo Álvares da Silva, vindo este de Traíras para Jaraguá a convite do Padre Silvestre Álvares da Silva, e dona Bárbara Álvares da Silva, escrava liberta do Padre Silvestre. Joaquim Militão nasceu em Jaraguá no dia 10 de março de 1911. Estudou até o segundo ano primário, e teve um único professor, João de Brito. Interrompeu os estudos na Escola Municipal de Jaraguá por volta de 1919.

Órfão aos sete anos de idade, passou a viver com sua tia Virgínia, auxiliando-a na fabricação de instrumentos musicais.

Foi convidado a trabalhar como porteiro de auditório no mandato de Elias da Fonseca. Mais tarde, trabalhou como oficial de justiça, inclusive com o Juiz de Direito Augusto Ferreira Rios; de ambos guardou lembranças significativas.

Nas horas vagas, dava aula de música. Foi professor de violão de Anita Félix de Souza, Eunice Gomes, e de cavaquinho de Georgina Barbo Siqueira. Mais tarde, ensinou violão a seu sobrinho, Raul Santiago, que veio, futuramente, a ser escolhido para uma cadeira de imortal na Academia de Letras e Música do Brasil.

Casou-se com Benedita Marques Ferreira, com quem teve quatro filhos, Elita, Dreine, Edna e esta que vos escreve. Teve ainda sob sua guarda, Hilda Rodrigues Chaveiro, Sílvia Adriana de Souza, Jaci Dias da Silva e Tatiana Márcia Souza.

Foi comerciante, trabalhou como gerente da venda de Paulo Alves da Costa, e posteriormente foi proprietário do Bom Café e do Sputnik Bar.

Lembro de ficar atendendo no balcão do Sputnik Bar, enquanto ele e o jornalista Carmo Bernardes discutiam os rumos que tomaria o País, quando explodiu a Revolução de 64. Filiado ao Partido Comunista Brasileiro, teve como personagem-modelo desse movimento político, Paulo Alves da Costa. Dr. Paulo foi deputado na Assembléia Legislativa e médico de grande espírito humanitário, faleceu em 1947, no início da sua carreira política.

Meu pai foi eleito vereador em Jaraguá por três mandatos consecutivos. Exerceu seu compromisso político com invulgar honestidade, inteligência e patriotismo. Por várias vezes, presidiu a Câmara Municipal.

Dava especial atenção ao funcionamento das escolas implantadas no Município. Auxiliou na condução dos trabalhos de implantação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL).

Considerando a falta de moradia na cidade, incentivou o loteamento da Vila Rio Vermelho, quando então dirigiu o projeto de construção, financiamento e administração das casas populares da vila.

Amigo particular de José Porfírio de Souza, desde o início da ocupação das terras devolutas do norte do estado de Goiás, hoje Tocantins, meu pai auxiliou José Porfírio, nos problemas

apresentados ao longo deste processo histórico, principalmente, nas questões relativas ao combate entre a força política dos grileiros contra os posseiros.

José Porfírio foi o líder do movimento dos posseiros na conquista de Formoso ou Trombas.

A partir de 1964, quando vieram as perseguições à sociedade organizada de Trombas, meu pai forneceu expressiva ajuda a José Porfírio e Geraldo Tibúrcio, abrigando famílias de camponeses e líderes perseguidos que abandonavam a região que, naquele tempo, sofria uma trágica história de violência e repressão.

Assumiu, em 1982, o cargo de Assistente do Ensino Médio, vinculado ao Colégio Estadual Diógenes de Castro Ribeiro, afastando-se compulsoriamente em 1989, aos 78 anos de idade como Professor Assistente, quando então dirigia uma escola agrícola destinada a crianças carentes.

Meu pai faleceu no dia 04 de fevereiro de 2006, aos 94 anos de idade.

Nesta parte de nosso trabalho, ao estudar alguns municípios resultantes do processo de modernização de Goiás em território jaraguense, nossa intenção é demonstrar que eles são fenômenos decorrentes da mudança social que atingiu Jaraguá, a partir de 1940. Assim, é de fundamental importância analisá-los em nosso estudo, pois ao descrevê-los, no quadro das transformações capitalistas, verificam-se as mudanças sofridas no espaço territorial do município.

Em Jaraguá, entre 1940 e 1980, diversos fatores contribuíram para que ocorressem várias mudanças, ocasionadas, principalmente, pela "Marcha para o Oeste", proporcionando o aumento da taxa populacional do setor urbano, a formação de novos núcleos urbanos e o ressurgimento de antigos povoados no Município. É instalado, então, um processo de fragmentação de seu território, cuja origem advém da economia da década de 1730.

Através da Lei nº 311, de 2 de março de 1938, o Estado Brasileiro reavaliou o antigo sistema administrativo e territorial vigente para as regiões, favorecendo o estabelecimento de novos municípios e a subdivisão dos existentes. No caso do município de Jaraguá, no decorrer do processo de modernização de Goiás, isto foi uma constante. Até o ano de 1960, foram desmembrados de seu território, oito novos municípios.

Desse processo de subdivisão político-administrativa, que o território jaraguense sofreu devido ao aumento da população e da expansão da fronteira agrícola para a microrregião do "mato grosso de Goiás", nasceram os seguintes municípios: Uruana (26/12/1947), Petrolina de Goiás (05/10/1948), São Francisco de Goiás (08/09/1950), Rialma (16/07/1953), Goianésia (13/11/1953), Santa Rosa (14/11/1958), Rianápolis (18/12/1958), Itaguaru (01/01/1959)". Entretanto, neste estudo destacam-se apenas aqueles que ao longo de sua história mantiveram, de um certo modo, ligações com Jaraguá, pois alguns, devido ao processo de formação e consolidação ter sido bastante rápido, não criaram vínculos com o município.

São Francisco de Goiás

Dentre todos os povoados formados em território jaraguense, São Francisco das Chagas é o primeiro, nascido no século XVIII, sem data definida. Alguns afirmam que a localidade foi fundada em 1740, onde havia uma fazenda denominada de São Francisco de Assis e uma Taverna. Outros afirmam que o local surgiu durante a realização da última expedição aurífera em Goiás, no ano de 1771 (Francisco Soares de Bulhões, Urbano do Couto, Mathias Soares de Bulhões) e outros.

Neste estudo, sobre o processo de modernização de Jaraguá, a importância de São Francisco das Chagas se localiza fundamentalmente na forma como ambos os municípios se relacionaram no decorrer do processo histórico. Com uma área pequena, que corresponde 0,04 da área total do Estado, limita-se ao norte com Jaraguá; ao sul com Petrolina de Goiás; a leste com Pirenópolis e a oeste com Jesúpolis e Petrolina de Goiás. A cidade encontra-se nas coordenadas geográficas de 15° 55' de latitude sul 49° 15' de longitude W. Gr. Esta cidade dista 120 quilômetros de Goiânia e 25 quilômetros de Jaraguá. Acha-se situada a 800 metros acima do nível do mar, tendo como principal elevação a serra de Jaraguá.

São Francisco das Chagas, apesar de ter sua origem no "século do ouro", não se desenvolveu até meados do século XX. Só foi elevado a categoria de distrito, de acordo com a Lei nº 4, de 18 de dezembro de 1894, e não em 1911, como afirma Antônio Moreira da Silva (*Dossiê de Goiás*).

A história de São Francisco das Chagas está intimamente interligada com a de Jaraguá. Ocorre, no decorrer de vários anos, um profundo relacionamento entre as famílias dos municípios, marcado por realizações de casamentos, compadrios e outros.

São Francisco, foi palco de intermináveis conflitos políticos entre os "coronéis" jaraguenses. Um, acontecido durante as eleições nacionais de 1934, reflete esta realidade, quando o coronel Diógenes de Castro Ribeiro, foi acusado de mandar espancar alguns jagunços

do coronel Elias da Fonseca. Este, sabendo do fato, de imediato mandou ao povoado diversos jagunços, transformando a localidade num verdadeiro campo de batalha. Após vários atritos violentos, que deixaram feridos de ambos os lados, uma Comissão Militar, enviada pelo Interventor, conseguiu evitar o pior.

Contudo, São Francisco das Chagas, ao longo dos anos, formou um complexo cultural valioso, representado por suas festas religiosas (São Sebastião, Divino Espírito Santo, São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Aparecida e outras). Com destaque para a festa do Divino Espírito Santo realizada em 18 de junho, quando se dão, além dos ritos católicos, os folguedos populares, a Cavallhada, a Congada, a Contra-Dança e outros. Com relação às manifestações culturais, a presença da banda de música marca o relacionamento de Jaraguá e São Francisco.

O número de habitantes de São Francisco é bastante reduzido até por volta de 1940. Os primeiros dados não apresentam sua totalidade; mas, nota-se que a localidade era movimentada, quando, em 1909, foram registrados 35 nascimentos, 15 casamentos e 78 óbitos. Os dados referentes a 1940, mostram sua população com 2.411 hab. Os dados de 1950, demonstram que sua população estava num contínuo crescimento, sendo acrescida em 972 habitantes, chegando ao número de 3.383 pessoas (no campo, 2.884; na cidade, 499).

Dessa forma, São Francisco das Chagas foi importante para o contexto histórico de Jaraguá. Por fazer parte de comunidade jaraguense desde sua fundação, participando ativamente do processo de transformação que se instalou no Município, consequência da modernização de Goiás. Foi elevado à categoria de cidade, em 1953, passando a se chamar São Francisco de Goiás. O núcleo urbano formado por 180 prédios, 14 logradouros, todos servidos com iluminação elétrica, sendo 13 dos próprios domiciliares e o restante, pública; 15 estabelecimentos comerciais e 4 estabelecimentos escolares com 263 alunos matriculados.

Petrolina de Goiás

Ao estudar esse município, nossa intenção é mostrar, que Petrolina de Goiás é parte integrante da história de Jaraguá, ao decorrer do processo de modernização de Goiás. Sua origem vincula-se ao movimento de transformação que atingiu o território jaraguense a partir da transferência da fronteira agrícola para a região do vale do São Patrício. Sua descoberta data de 1892, quando Joaquim Pedro dos Santos e sua esposa, Antônia Maria Pereira, doaram terras a Nossa Senhora Maria Eterna, iniciando a formação do povoado. A partir daí foram chegando várias pessoas, passando a habitar a margem do córrego Águas Claras.

A exemplo de Morrinhos, Goianira, Santa Rosa, Aragoiânia e outros, Petrolina de Goiás, nasceu sob forma de patrimônio religioso (Nossa Senhora Santa Maria Eterna). A partir de 1919, a localidade recebe um impulso: a população fez uma Igreja dedicada a Nossa Senhora Maria Eterna, no formato de um chalé, com duas salas, uma de cada lado. Bem rústica, com o telhado nas laterais e mais alto no centro, com paredes de adobe e mourões de madeira trabalhada. Na frente da igreja, havia três portas: as duas das laterais eram mais estreitas do que a do centro. Como de costume nas igrejas, acima das portas, no interior, havia um terraço com uma escada de acesso a ele. Quase sempre esse terraço era utilizado para os cantores durante as celebrações de missas, batizados e casamentos. O sino tocava do lado de fora, onde foi colocado um esteio de madeira para seu suporte.

Com o avanço do processo de modernização em Goiás, diversas correntes migratórias atingiram o território jaraguense. Então, diversos comerciantes se instalaram no local, vindos, principalmente, de Anápolis. Por isso, em 1933, pela Lei de nº 59, de 08 de julho, foi levado à categoria de distrito com a denominação de Petrolina de Goiás, sob jurisdição do município de Jaraguá. Assim, foram nomeados para funções administrativas Custódio Gonçalves de Rezende (juiz distrital), Victor Pimenta de Souza Jardim (1º suplente), Manoel Olerack Chagas Leite (Oficial do

Registro Civil), Deocleciano Antônio da Silva (Coletor Estadual), João Mariano de Bessa (Delegado de Polícia) e Antônio João Passinato (Agente Municipal).

Em Petrolina de Goiás, diversos fatos evidenciam que havia um relacionamento às vezes conflituoso entre seus moradores. O melhor exemplo foi o ocorrido, como em São Francisco de Goiás, entre os coronéis Elias da Fonseca e Diógenes de Castro Ribeiro. Desta vez o coronel Elias da Fonseca, sentindo que as eleições não lhe eram favoráveis resolveu usar de violência contra seus adversários, pressionando e surrando os aliados de seu inimigo. Ao saber do acontecido, Diógenes de Castro, de imediato, partiu para Petrolina em seu fordinho. Novamente, após conflitos entre os jagunços dos coronéis, tudo foi resolvido, e as eleições aconteceram normalmente.

Outra questão de relevância para nosso estudo sobre as transformações capitalistas em Jaraguá foi a luta política entre Goialina e Jaraguá, na busca de emancipação. Nem a Câmara, nem o prefeito Nelson de Castro Ribeiro queriam o desligamento do distrito por ser a região bastante fértil, alcançando altos preços com o estabelecimento da frente pioneira. Porém, o problema não era este. Na verdade, o que pesou foi a derrota do candidato de Pedro Ludovico, Paulo Fleury da Silva e Souza nas eleições gerais de 1946, para Jalles Machado, com grande diferença de votos.

Entretanto, o objetivo da comunidade de Goialina era sua emancipação. Pelo Plano Quinquenal e Constituição do Estado, exigia-se para um distrito ser elevado a cidade uma arrecadação de CR\$ 100.000,00. Não acontecia isso em Goialina, por influência política de Jaraguá junto ao órgão responsável. Após a descoberta da tramóia entre os políticos, procurou-se resolver a questão. E logo a arrecadação alcançou a quantia necessária.

Não havendo impedimento para que o distrito fosse emancipado, em 05 de outubro de 1948, foi aprovada a Lei nº 153, que elevou à categoria de cidade o distrito de Goialina, denominando-se Petrolina de Goiás.

Goianésia

As transformações advindas do processo de modernização de Goiás, como já enfatizado, possibilitaram a fundação de vários municípios no território jaraguense. A leste da sede do município de Jaraguá, funda-se, em 1857, o povoado do Calção de Couro, logo após a implantação da Lei de Terras no País, quando Antônio Maciel requereu junto à Paróquia de Nossa Senhora da Penha de Jaraguá o registro de uma propriedade de terras de 5.000 alqueires que ele denominou de Calção de Couro. No entanto, o povoado somente se desenvolve a partir de 1920, em pleno movimento da marcha do café, quando começaram construir à margem direita do córrego Calção de Couro várias residências.

Neste estudo sobre a transformação de Jaraguá, Goianésia apresenta-se como o município que mais se desenvolveu suplantando a "Velha Cidade", antes de 1970. Entretanto o que importa para a análise é perceber que foi através deste povoado que se conquistou toda a região leste do município, isolada durante os séculos XVIII e XIX, devido ao eixo econômico estar concentrado entre Vila Boa e Meia Ponte, e ao sul do Estado de Goiás.

A região, de matas de primeira e de segunda classe, no decorrer de sua história, viu formar-se nela uma estrutura fundiária bastante concentrada, aliás muito parecida com a de Jaraguá, tendo como base fundamental os grandes latifúndios, o exemplo das fazendas: Monte Alegre, 1.900 hectares; São Carlos, 10.000 hectares; Calção de Couro, 5.000 hectares etc. Laurentino Martins Rodrigues, um dos pioneiros no povoado do Calção de Couro, enumera algumas das razões do desenvolvimento de Goianésia. 1º) água abundante; 2º) a existência de dois rios, o Pontal e o Calção de Couro; 3º) o panorama proporcionado pela vista da serra Calção de Couro; 4º) a situação geográfica próxima da zona da mata (distante apenas 3 ou 4 quilômetros), divisando com os chapadões.

A partir de 1940, o povoado do Calção de Couro, situado a 56km de Jaraguá, recebe um grande impulso com a chegada de empresários e fazendeiros. Segundo consta em documentos, em

1944, chegaram ao povoado: Jalles Machado de Siqueira que fixou-se no local com a finalidade da cultura cafeeira; o grupo Monteiro de Barros (Cia Agrícola e Pastoril de Goiás); a Cia Geremia Lunardelli S/A, Indústria e Comércio, (que plantou na região 111.000 pés de café). Observa-se também a chegada de várias correntes de trabalhadores rurais, operários e pequenos agricultores, proporcionando um aumento considerável da população.

Historicamente, percebe-se que a população de Goianésia, ao longo dos anos, manteve um intenso relacionamento com a população de Jaraguá. Prova disso, está na realização da primeira usina hidrelétrica de Jaraguá por um habitante de Goianésia. Assim, a partir de 1944, o povoado foi elevado à categoria de distrito, sem grandes perturbações políticas como ocorreu com Petrolina de Goiás e outras, recebendo a denominação de Goianésia. Com isso, passou a ter as seguintes divisas:

começa na barra do córrego Muquém, no rio do Peixe; subindo por este córrego até sua cabeceira; daí segue em rumo certo à cabeceira do córrego Capim Puba; descendo por este córrego até sua barra no ribeirão Santa Família; descendo por este ribeirão até a barra do córrego São José; daí em rumo certo à cabeceira do córrego Margarida; descendo por este córrego abaixo, até sua barra, no córrego Anda Só; por este córrego abaixo até a sua barra no córrego Calção de Couro; subindo por este córrego até a barra, no córrego Laranjal; por este córrego acima até a sua cabeceira; daí em rumo certo até a cabeceira do rio dos Bois; por este rio abaixo, até a barra do ribeirão das Lages; daí em rumo certo à barra do rio São Patrício, no rio Almas, até encontrar a estrada que vem da Lavinha, para Jaraguá, subindo por esta estrada, em direção a Jaraguá, até a barra do córrego Muquém, ponto de partida.

Dentre os fatores que sustentaram o crescimento de Goianésia está a imposição da frente pioneira sobre a frente de expansão, fato que possibilitou, dentre outras coisas, a crescente valorização de suas terras, passando, assim, a receber maior atenção

do capital, na figura dos fazendeiros, tornando-se o café produto comercial por excelência da região. Prova disso, foi que o próprio Sr. Lunardelli, cognominado de 'rei do café', em São Paulo, possuía cafeais nesta zona. Assim, em 13 de novembro de 1953, o distrito de Goianésia foi desmembrado do município de Jaraguá, elevando-se à categoria de cidade tendo como principais fontes econômicas a agricultura e a pecuária. O município de Goianésia concretiza sua formação na década de 1960, após a construção de Brasília, a construção de várias estradas, sendo a principal a GO-05 que liga a cidade com a BR-153 (Belém-Brasília), e com a eleição de Otávio Lago de Siqueira, um de seus habitantes, que não poupou esforços para proporcionar à cidade uma infra-estrutura urbana necessária ao conforto de seus habitantes. "Ruas, avenidas e praças asfaltadas, calçadas e arborizadas, iluminação pública e domiciliar, o comércio altamente concorrido e diversificado, agências bancárias, escolas de primeiro e segundo graus etc."

Itaguaru

Dando continuidade à análise do processo de fragmentação do território jaraguense como decorrência do processo de modernização goiana, o importante é notar que as transformações capitalistas atingiram o município como um todo, não como pensam alguns, que primeiro o capitalismo atinge a cidade e depois o campo. Assim, vamos nos ater agora com a fundação do município de Itaguaru, distante 42km a sudoeste da sede municipal de Jaraguá, tendo sua origem na antiga localidade do Curral Queimado, no ano de 1946.

Sobre a fundação de Itaguaru existem duas hipóteses: 1ª) de José Peixoto da Silveira afirmando que, para a criação do povoado, convocaram-se vários fazendeiros, para que realizassem a doação de terras para a prefeitura de Jaraguá, sendo que o chefe do executivo providenciaria tudo que fosse necessário para fundar nesse local um povoado, com uma escola e estrada. Assim estabelecido, a escritura foi assinada em 23 de março de 1946, no

Cartório do 2º Ofício de Jaraguá, assinada pelo prefeito e pelos fazendeiros: Benedito Ferreira de Castro, Joaquim Moreira Damasceno e Antônio Loureço de Sá e suas esposas. – 2ª) de Alfeu Basto de Souza, que afirma não é possível saber ao certo a data, porém foi numa quarta-feira do mês de junho de 1946, quando Napoleão Pires de Barros e Urgelio Teixeira tratavam de negócios e surgiu na conversa a necessidade de um povoado, o que melhoraria o intercâmbio dos fazendeiros com as cidades vizinhas. Assim, escolheram o local apropriado para a formação do povoado – a região de Chapadão – local plano de ligeiro declive, conseguindo-se o terreno através dos seguintes doadores: Joaquim Moreira, Benedito Ferreira de Castro, Pedro Moreira e Solon Batista.

Há um consenso entre os dois autores citados, sobre a escolha da denominação do topônimo de Itaguaru. Mostra-se que diversos nomes foram sugeridos como: Belo Horizonte, Campo Formoso e outros. Entretanto, a escolha coube a José Peixoto da Silveira, prefeito de Jaraguá que soube conciliar a tradição com a renovação, como se observa através de suas próprias palavras, após uma ampla discussão:

sugeri a idéia de aproveitar uma sílaba de cada município vizinho, até que com vários que contribufram, na hora, nós formamos o nome Ita de Itaberá, Gua de Jaraguá e Ru de Uruana. Assim Itaguaru não tem qualquer conotação indígena, como muita gente imagina. Esta é a origem histórica da verdadeira etimologia do topônimo ITAGUARU.

A planta da cidade foi feita por Jarbas Campos Arantes, obedecendo ao modelo clássico-retangular. Sua instalação foi realizada através da venda de lotes pela prefeitura de Jaraguá, que, por meio do lucro, construiu a estrada e uma escola. Entre 1946 e 1950, as promessas foram realizadas com relação ao povoado por parte da prefeitura, primeiro por José Peixoto da Silveira e depois por Nelson de Castro Ribeiro. Assim, instalaram, uma escola, tendo o professor Gervásio de Ataíde, e em 31 de janeiro de 1952, com a chegada de inúmeras famílias, o povoado foi elevado a categoria de distrito.

A partir da década de 1950, o distrito de Itaguaru distante da capital de Goiás 108km, tendo como as principais fontes econômicas a agricultura e a pecuária, foi ganhando força por meio do intenso movimento do capital que atingiu as cidades de Goiânia, Anápolis, Iolândia e Jaraguá. Foi elevado, em 1959, à categoria de cidade, sendo nomeado primeiro prefeito interino pelo Governo Estadual, o senhor Morbek José de Andrade.

Nesse contexto, outros povoados também surgiram de norte a sul do município de Jaraguá, mas, por um motivo ou outro, não conseguiram desenvolver-se com a continuidade com que se deu aqueles já descritos. Dentre eles, podemos citar: Mirilândia, Santa Isabel, Alvelândia, Artulândia, Divinópolis, Cirilândia, Lavrinha de São Sebastião, Batuque, Monte Castelo, Colônia São José e Jesópolis. Destes, apenas dois, a partir de 1980, conseguiram desenvolver-se e alcançar a categoria de cidades; Santa Isabel (14/03/1982); e Jesópolis (16/01/1991). Assim, o avanço da frente pioneira em Jaraguá, possibilitou à cidade cumprir a função de vanguardeira no alargamento do *front* rural. Porém, confirmando o que diz Bertran, ela pagou um preço muito alto por este feito, pois a extensão territorial dependente do arraial: em vez de acrescentar-se pela conquista, Jaraguá fragmentava-se em novos núcleos de povoamento.

AS IGREJAS E AS IRMANDADES DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO DE JARAGUÁ

Desenho: José Fernando Soares Pereira



Autores: José Ronaldo Soares Pereira
(Graduado em Pedagogia)

Adriana Taveira de Moraes Soares
(Graduada em Pedagogia,

Pós-Graduada em Formação Socioeconômica do Brasil)

Para entendermos o contexto em que se insere o estudo deste artigo, temos que levar em consideração as prováveis datas apontadas por alguns estudiosos sobre o povoamento e/ou descobrimento de

Jaraguá, segundo os quais se dá por volta de 1737, (Brasil, 1920, p.85). Daí poderemos afirmar que era uma época em que a Igreja Católica ainda mantinha enorme influência sobre reinados, povos e nações, não que ainda não a tenha, principalmente, culturalmente, contudo, com menor alcance.

Na publicação *Convívio com as Traças*, Americano do Brasil (1920) afirma que, no início do povoamento de Jaraguá, depois de terminar a construção do segundo templo religioso da localidade, construído pelos esforços da população – pois, de acordo com a escritora Maria Helena Romacheli, o primeiro teria sido a Capela de São José, ainda em São Januário (Romacheli, 1998, p.46) –, foi solicitada, por meio de uma petição, a criação de uma Pia Batismal para a então Capela de Nossa Senhora da Penha e São José de Jaraguá (Brasil, 1920, p.85).

A terceira capela viria a ser a de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito de Jaraguá.

O costume de construir igrejas ou capelas nos primeiros povoados era uma prática muito comum, até porque, mesmo em terras tão longínquas da Corte, a hierarquia católica e suas tradições eram muito respeitadas.

Um aspecto que envolve a construção de igrejas em Goiás é que, devido à distância das minas de ouro daqui das grandes cidades dotadas de profissionais e, devido também à ausência de ordens religiosas, de materiais adequados e de profissionais habilitados, fizeram com que essas primeiras construções fossem produzidas quase que sem nenhum ornamento, construídas por Irmandades, isto é, pessoas da própria comunidade.

Nossa arquitetura colonial foi basicamente construída por elementos técnicos derivados da argila, pedra e madeira que foram utilizados separadamente ou em associação. Assim, a arquitetura religiosa acabou utilizando as mesmas técnicas.

A taipa-de-pilão, o adobe, o uso de pedras nas paredes, a madeira e as telhas de barro na cobertura; o piso com mezanela, com tábuas corridas ou até mesmo chão batido foram algumas das técnicas introduzidas pelos nossos colonizadores, utilizando-se

ento, da matéria-prima aqui encontrada, e que vieram, e muito, a contribuir para os aspectos, tais como a melhoria da qualidade, de conforto e de aparência.

A pedra, até por sua abundância, foi um dos materiais que mais foram utilizados. E, mesmo com simplicidade das técnicas aprendidas, falta de recursos tecnológicos e materiais, falta de profissionais qualificados, estas construções receberam tratamentos requintados. Principalmente, no caso das igrejas, a parte interna, como retábulos, mesas de altar e no forro do teto, eram artesanalmente muito bem trabalhados, fato que não deixa apagada esta passagem da história é que a Igreja Católica dos séculos XVI ao XVIII, foi a principal responsável pela produção artística do País, através de suas ordens religiosas e suas irmandades.

Em muitas cidades, principalmente as do interior de Minas Gerais e Goiás, os principais acontecimentos surgiam ao redor das igrejas, daí dá para se ter uma idéia da influência que as mesmas causavam em seus frequentadores, fiéis e comunidade em geral. O que ainda hoje existe nas cidades que datam do período colonial.

Geralmente, os locais estabelecidos para as construções das igrejas eram em pontos mais elevados do terreno, para demonstrar sua força e ostentar sua imponência, tornando-se, comumente marcos de referência, verdadeiros ícones na paisagem.

Outro fator que chama a atenção é o de que cada Igreja era a representação física de uma irmandade que funcionava como uma entidade auxiliadora. O que não queria dizer também, que todas as irmandades tinham sua própria Igreja. Era muito comum a união de irmandades para a construção de igrejas em comum, assim, a irmandade que colaborasse com mais ou desse maior contribuição era agraciada com o altar-mor e, conseqüentemente, era prestigiada com o nome da Igreja.

Como é o caso da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito de Jaraguá, que ainda de acordo com Romacheli (1998, p.46), além do altar-mor de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, possuía um terceiro altar, o qual não elucidado a que santo pertencia, apenas que um deles era inteiramente dourado.

Quanto à ornamentação das Igrejas, mesmo as mais sem recursos possuíam o interior totalmente trabalhado com riqueza de detalhes. Essas ornamentações tinham o propósito de elevar o pensamento do homem a Deus.

Em *Arquitetura Religiosa no Séc. XVIII em Jaraguá-GO*, Lorena Sulino Assunção relata que “A grande ornamentação do Barroco foi conseguida através da combinação de três artes: pintura, escultura e arquitetura. Uma completando a outra” (Assunção, 2001, 37).

A escultura e a pintura são e foram elementos participantes da arquitetura religiosa, não serviam apenas como exaltação, mas, sim, faziam parte do culto.

O barroco, na sua expressão religiosa, tem a característica geral de uma aspiração ao infinito. É suntuoso, porque assim exalta a glória de Deus; é redundante, porque reforça a expressão dessa glória; é cheio de formas esvoaçantes, que exprimem a espiritualização da fé (Etzet, 1974, p. 31).

Este tratamento mostra a preocupação da Igreja com a veneração de suas imagens que demonstravam o bom caminho e expressavam o moralismo, o realismo, a piedade, a devoção e veneração. Serviam como ensinamentos através da visão, isto é, uma espécie de catequização visual.

Quanto à provável data de inauguração da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito de Jaraguá, não há fontes concretas para afirmar com certeza, porém, segundo Maria Helena, “A terceira Capela foi a de Nossa Senhora do Rosário. No início de 1776 [...] já estava pronta, pois, em junho deste mesmo ano, foi ela depois de benta, aberta ao público” (Romacheli, 1998, p.46).

Lorena Sulino Assunção (Assunção, 2001, p. 63) relata que provavelmente naquela data ocorreu a primeira missa naquela capela.

Já a escritora e antropóloga Dulce Madalena Rios Pedroso, em seu artigo *Jaraguá: A formação do Povoado*, baseada na documentação deixada pelo cronista Pohl, 1812, quando de sua passagem por Jaraguá pouco anos antes de Saint Hilaire, 1818, cita-o,

[...] as ruas são retas e largas, mas não são calçadas. Numa praça aberta, no centro da localidade, fica a Igreja de Nossa Senhora da Penha, subordinada a Paróquia de Meia Ponte, e, no extremo ocidental, a recém-construída Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Pohl, in Pedroso, 1999, p.195).

Não se pode afirmar com toda certeza a idade da Igreja do Rosário, pode-se deduzir que ela hoje tenha entre 183 a 230 anos, fato que no futuro deverá ser elucidado pelos estudiosos e pesquisadores.

O que nós podemos afirmar é que a Igreja do Rosário, ao contrário da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, não partiu de uma iniciativa privada, como nos mostra Assunção: “Em 1828, ergue-se a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, por iniciativa particular do tenente-coronel Antônio Félix de Souza” (Assunção, 2001, p.75).

E em relação à Igreja do Rosário: “A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, Irmandade dos negros, foi a responsável pela construção da igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito” (Assunção, 2001, p.63).

A palavra “irmandade” traduz a idéia de uma associação religiosa leiga. Elas podem ser culturais, devocionais ou assistenciais de caráter filantrópico.

A participação dos leigos no catolicismo foi feita através das confrarias religiosas. Há dois tipos de confrarias: as irmandades, mais livres e geridas com certa autonomia pelos leigos e as ordens terceiras que são totalmente controladas pelas congregações ou ordens religiosas. A origem de ambas são as medievais corporações de ofícios. A época de maior desenvolvimento das irmandades foi no período colonial, pois, após a Proclamação da República, a Igreja Católica as marginalizou.

A finalidade das irmandades é a devoção de um santo para o qual se organizam cultos e festas. Quando o culto é realizado em oratórios, a irmandade se encarrega de levantar ermida ou capela, ou ao menos um altar lateral em uma igreja já existente.

Cada irmandade tem seus membros, seu estatuto instituindo seus direitos e deveres. As principais irmandades do Brasil foram a do Santíssimo Sacramento e a do Rosário. Esta, a partir do império, congregou com mais intensidade homens pretos.

As irmandades católicas que se desenvolveram no Reino de Portugal sofreram influências das diversas ordens religiosas, especialmente pelos frades dominicanos. No século XV, deu-se início à fundação das Irmandades de "pretos", sob o manto protetor da Virgem do Rosário de Portugal. (Soares, 1986, p.110)

Acredita-se que a Irmandade do Rosário em Jaraguá, deu-se inicialmente pela necessidade que as classes mais baixas e/ou discriminadas – como a dos negros – tinham de cultuar suas "divindades", pois, no Brasil Colônia, como nas outras colônias portuguesas, a única manifestação religiosa permitida era o culto ao Deus uno, Pai de Jesus, o Ungido, bem como seus apóstolos.

Dessa forma, havia um impedimento de outras manifestações religiosas, os negros, principalmente, que se mantinham intimamente ligados às suas tradições, não viram outra opção senão a de adotar a nova ordem religiosa. Contudo, sem abrir mão de cultuar suas divindades, usaram de sincretismo religioso. "**Sin.cre.tis.mo** sm. 1. Fusão de elementos culturais diferentes ou, até mesmo antagônicos, em um só elemento, continuando perceptíveis alguns traços originários" (Ferreira, 1993, p.635).

Daí, na ânsia de manter suas tradições e não perder sua identidade, os negros provocaram um fenômeno espetacular através da fusão de divindades derivadas da cultura afro com os santos da Igreja Católica, surgindo então, com mais adeptos, cultos a Santa Efigênia, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

O fato de a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito ter sido construída mais afastada do centro da cidade nos revela o quanto o negro encontrava-se isolado, no mais baixo grau de prestígio.

Com o passar dos anos e, provavelmente, com as mudanças ocorridas no Brasil como a Proclamação da República, as irmandades voltaram à legalidade. Conseqüentemente, as camadas mais abastadas da sociedade assumiram o controle desta Irmandade, fato notório que se revela nos artigos do *Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito erecta na Capella de Nossa Senhora do Rosário da Párochia e Cidade de Jaraguá, Diocese e Estado de Goyaz*, redigido na Igreja Matriz de Jaraguá, no dia 25 de dezembro de 1918.

No Compromisso não é citada a data de início da Irmandade neste povoado, porém, em seu Artigo 1º, cita que foi "[...] creada por devoção há mais de cem annos nesta Freguezia, [...]"

Nele também consta que, para participar da irmandade, não haveria de espécie alguma distinção de cor ou sexo, vejamos o artigo 3º,

Art. 3º - A Irmandade compor-se-ha de todos os irmãos devotos, ora existentes e de todas as pessoas que quizerem entrar n'ella, sem distincção de cor e sexo, e só poderão ser admitidas as que sendo catholicas apostolicas romanas, não pertençam a qualquer associação condenada pela Igreja. (Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, Título 2º, Art. 3º).

porém, em seu 5º e 6º artigos, podemos notar que não era qualquer pessoa que poderia fazer parte da Irmandade, uma vez que para ingressar era necessário o desembolso de valores que, para muitos, na época, poderia ser inalcançável, vejamos,

Art. 5º - Tanto os irmãos como irmãos devotos ora existentes, como aquelles que entrarem nesta Irmandade assignarão termo de entrada escripto pelo escrivão, pagando neste acto dois mil réis para a irmandade.

Art. 6º - Tanto os irmãos e irmãos pagarão anualmente dois mil réis e são obrigados a aceitar os cargos para quaes forem eleitos, tanto na festa de Nossa Senhora como da de São Benedito e cumprirem exactamente as determinações da Mesa.

Após este período, a Confraria ficou por muitos anos desativada, e, somente após a última intervenção de restauro que a Igreja sofreu, a Associação do Patrimônio Histórico de Jaraguá, tendo como presidente Kátia Machado, reuniu-se com o então pároco da cidade, Pe. Aluísio Lopes da Silva e solicitaram que fosse formada uma nova Irmandade para a igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. E, então, no ano de 2003, o padre, com a ajuda de fiéis, formou a atual Confraria de Nossa Senhora do Rosário. Composta por 23 pessoas que receberam um colar de fita azul contendo um pingente, a cada uma de suas extremidades, reúnem-se todo 1º sábado de cada mês em uma tarde de orações e meditações como forma de devoção.

A Igreja

De construção simples, estilo barroco e pequenas dimensões, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito localiza-se na praça do Rosário, quadra 44, no cruzamento das ruas das Flores e do Rosário, inserida em largo que leva o seu nome.

Os traçados destas ruas permanecem inalterados formando uma perspectiva que dão a magnitude de sua edificação pela sua localização que a valoriza.

A praça do Rosário, sempre foi um espaço muito usado pela população, em festas religiosas, em eventos escolares etc., e serve como local de encontro de jovens e das famílias da região com seus filhos. Antes de ser construída a praça, existia apenas o largo do Rosário.

A igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, segue as mesmas características das construções da primeira etapa da arquitetura religiosa da época da mineração e com as características da arquitetura religiosa portuguesa. No caso, composta por: nave, altar-mór, corredor lateral, depósito e um campanário na lateral direita da construção à frente do corredor.

Em sua parte frontal, encontram-se a porta principal, que, de acordo com Lorena Sulino Assunção, “[...] não é porta original”

(Assunção, 2001, p.64), e duas janelas que após abertas serviriam para iluminar o coro.

Logo ao entrarmos, encontramos a nave – primeiro salão da entrada principal da igreja. No seu lado direito, uma escada em espiral que dá acesso ao coro que fica disposto no começo da nave em um segundo piso de madeira fechado por um balastrado (corre-mão em forma de balaustres). Ainda do lado direito, uma porta que dá entrada naquela lateral da Igreja. E, do mesmo lado, após a mesa de comunhão (outros dois balastrados que saem das paredes laterais quase separando a nave da capela-mor). No canto direito no final da nave, encontramos o altar e retábulo (forro que divide o altar do depósito no fundo da igreja) de São Benedito, antes do arco do cruzeiro que é o que divide o primeiro salão (nave) do segundo (capela-mor). E, do lado esquerdo, encontramos em um elevado de madeira, o púlpito, local que era destinado à pregação do sermão.

Lorena Sulino alerta, também, para o fato de que, na igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito de Jaraguá, existem elementos que seguem toda uma simbologia da igreja católica. Segundo ela, comumente para se entrar nas igrejas existem três degraus que representam a Santíssima Trindade e, “[...] na Igreja em estudo provavelmente tínhamos estes três degraus na entrada, e os temos na passagem da nave para a capela-mor. Esta passagem é marcada pelo arco do cruzeiro e pela mesa de comunhão que é de madeira” (Assunção, 2001, 70).

No lado esquerdo da capela-mor, em um corredor lateral, fica a sacristia com uma porta de frente para o campanário – torre onde se encontra o sino da Igreja – e mais três janelas em sentido longitudinal, seguido de uma porta no final, à direita, onde se encontra o depósito e a escada que dá acesso ao camarim (espaço destinado ao trono com a imagem da santa da casa) do retábulo-mor.

O retábulo de São Benedito é uma cópia menor do de Nossa Senhora do Rosário, mas, vale lembrar que, em um de seus depoimentos, o Sr. Joaquim Militão cita que em certas ocasiões o altar principal é utilizado por São Benedito (Morais, Bessa e Gomes, 2004, p.39).

Os retábulos, ou seja, forros de tábuas que saem da mesa do altar e vão até o forro do teto, são, como já foi dito antes, apesar da pouca qualificação dos trabalhadores da época nessa região, bem entalhados e trabalhados e, com muito bom gosto.

Etzet dá seu parecer sobre a igreja e estes trabalhos:

Situa-se na periferia da cidade; é de estilo colonial. Seu interior é peculiar; o arco do cruzeiro revestido de madeira, com capitéis e base de molduras salientes e talhas em toda sua altura; a capela-mor tem forro e uma pequena pintura votiva em seu centro; a nave é de telha vã. Possui altar-mor e um altar lateral à direita, junto do arco do cruzeiro. A assimetria é equilibrada, à esquerda, por uma escada com balaustrada, que leva ao púlpito. O altar-mor tem quatro colunas lisas de estilo clássico; no arco central, duas volutas enfeitadas com talha ladeiam um escudo encimado por pequeno baldaquim com lambrequim. A parte inferior forma um conjunto de talha englobando mênulas de sustentação das colunas, o sacrário e a mesa. O altar lateral é de estilo semelhante, porém com mais trabalho de talha, que agora enfeita as quatro colunas retas em toda sua altura. É endossado por borcel com lambrequim em toda sua largura. Destaca-se a qualidade da talha desses retábulos, sobretudo o conjunto inferior do altar lateral. Ai se admira um trabalho muito cuidado: a mesa desse retábulo, de forma bojuda, é toda trabalhada, sendo rodeada por moldura de talha que torna o conjunto precioso. Ao contrário da maioria dos altares em que o trabalho artístico se acentua no frontão, neste foi a metade inferior que mereceu o melhor de seu criador. A talha foi dourada sobre fundo azul (Etzet, 1974, p.196-7).

Em relação à cobertura, podemos dizer que ela se divide em três partes, sendo uma cobertura mais alta de duas águas na nave, outra de altura um pouco mais baixa cobrindo a capela-mor e por fim, uma de meia-água sobre a sacristia. Do arco do cruzeiro até o retábulo existe um forro de madeira acompanhando o formato do arco com uma pintura que homenageia a “Santa da Casa” – como é chamado o santo padroeiro da igreja. Em seus quatro cantos encontramos também disposto, um em cada canto,

um brasão em formato de concha – nuances do rococó, estilo artístico que surgiu na França como desdobramento do barroco onde, no seu interior, existem sílabas a-ve-ma-ria que juntas formam a expressão “Ave Maria”.

Os pisos tanto na nave quanto na capela-mor são de tábua corada. Na sacristia e no depósito, o piso é de mezanela, apesar de que neste segundo, era de chão batido, porém, foi agraciado pelo piso de mezanela após a última intervenção de restauração sofrida pela igreja, em 2003.

As paredes são feitas de taipa-de-pilão (técnica de construção com terra crua, mistura de terra que é apiloada em camadas dentro de uma forma tipo sanduíche, tornando-se um bloco monolítico). Lorena Sulino explica que, “São estruturais, ou seja, além de servirem como vedação, também transportam o peso das estruturas para a fundação, que, por sua vez, é toda de pedra” (Assunção, 2001, p.66).

Todas estas características fizeram com que, em 26 de janeiro de 1960, a igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito passasse a ser um edifício tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Muitas foram as intervenções sofridas, tanto na igreja quanto na praça que a compõe. O largo do Rosário deu lugar à praça do Rosário, espaço destinado a lazer, cultura e convívio social, que, na sua primeira versão, era composta por vários “flamboyants” e “cibipirunas”. Estas cobriam de sombra os bancos e as calçadas que juntamente com o chafariz, que ficava ao lado esquerdo da Igreja, tornavam ainda mais agradável o local.

Em 1988, novas intervenções ocorreram na igreja e na praça, foram retirados os bancos e as árvores que deram lugar a largas plataformas de calçada com muretas de pedras cercando-as, mudando totalmente o aspecto e limpando a visão da frente da igreja.

Em 2001, após árduos esforços por parte da Associação do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural de Jaraguá, foi conseguida através de uma Emenda Parlamentar do então deputado Barbosa Neto junto à Câmara dos Deputados, uma verba para que fosse iniciado o processo de restauro da parte artística – retábulos, camarim,

forro; e prédio – telhado da capela-mor, pintura e assoalho da igreja, mas, esses trabalhos só foram iniciados e concluídos, em 2002.

No ano de 2003, o Iphan liberou verba em um montante suficiente para a conclusão dos trabalhos de restauro da igreja onde foi terminado o telhado da nave, da sacristia e do depósito; restaurados o arco do cruzeiro, as portas e janelas e a frente da igreja que sofria com rachaduras e revitalização da praça, desterrando a parte do fundo da Igreja que se encontrava soterrada, retirando as muretas, que envolviam as plataformas, deixando a visualização da igreja melhor.

Todo este empenho veio valorizar ainda mais o prédio da igreja, denotando toda sua imponência em um cenário em que a igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito de Jaraguá vem a ser uma das igrejas mais antigas do estado de Goiás, ainda em ótimo estado de conservação, mantido enorme percentual de originalidade, não só nos seus impecáveis trabalhos artísticos, como também no imaginário, no cultural e na identidade do povo jaraguense.

Referências

- ASSUNÇÃO, Lorena Sulino. *Arquitetura Religiosa no séc. XVIII em Jaraguá-GO*. Goiânia, 2001. Monografia apresentada para o Departamento de Artes e Arquitetura da Universidade Católica de Goiás, 2001.
- BRASIL, Americano do. *Convívio com as Traças*. 1920.
- ETZEL, Eduardo. *O Barroco no Brasil*. São Paulo: Melhoramentos EDSUP, 1974.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1993.
- IPHAN – *O Que é Tombamento*. 2003, site IPHAN. Disponível em <http://www.iphan.gov.br/iphan/tomb.htm>. Acessado em outubro de 2006.
- MELO, Suzy de. *Barroco Mineiro*. Ed. Brasiliense. São Paulo, 1985.
- PEDROSO, Dulce Madalena Rios. *Jaraguá: A Formação de um Povoado*. In: Revista de Divulgação Científica/Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia – IGPA. Goiânia: Ed. UCG, 1999, p. 183-197.

ROMACHELLI, Maria Helena de Amorim, 1950 – *História de Jaraguá*. Maria Helena de Amorim Romacheli. Goiânia: M. H. de A. Romacheli, 1998.

SOARES, J. P. A. *A Vivência do Divino na Tradição de um povo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito em Jaraguá, Diocese e Estado de Goyaz. Redigido na Igreja Matriz de Jaraguá, 1918.

MOURA, Adriana Taveira de; BESSA, Terezinha Maria; GOMES, Katiane de Carvalho. *Monografia apresentada à UNIVERSO – Universidade Salgado de Oliveira para obtenção do título de Pós-Graduação em História na área de Formação Socioeconômica do Brasil*. 2004.

CAPÍTULO VI

UMA RUA CHAMADA DE "TRÁS"

Autor: João Luiz das G. Soares
(Professor e escritor)

Foto: João Fernando Soares Pereira



Em Jaraguá, havia um lugar chamado "rua de Trás". Não se sabe de onde veio este nome, se pelo seu paralelismo com a rua principal, chamada rua Direita, hoje Vigário Álvares da Silva ou se por puro preconceito social, porque ali na rua de "Trás" é que havia a zona do baixo meretrício, ou seja, lá funcionavam os cabarês da cidade, casas de prostituição que se instalaram ali durante alguns anos (1960 a 1977) e que não eram poucas em relação ao tamanho da cidade.

A rua de "Trás" iniciava-se onde hoje é o Detran e descia até a uma grande hospedagem chamada Pensão Mineira, da saudosa dona Joana de Souza (hoje Câmara Municipal).

À direita da pensão, a rua levava o nome de rua da União e descia rumo à serra até um antigo abrigo de velhos, chamado Asilo, próximo ao rio Vermelho.

À esquerda da pensão, a rua de "Trás" descia até a rua Boa Vista, que existe até hoje. Fica entre a Câmara municipal e Avenida Diógenes de Castro Ribeiro. A rua Boa Vista foi uma rua muito habitada antigamente e possuía muitos casarões com ilustres famílias como as de Rodrigues Suzano, Maria Aranha, Dego Rios, Dona Luzia Gonçalves e muitas outras.

Entre os ricos casarões, construídos naquela rua, havia um casarão, datado da época colonial o qual abrigou no passado o Museu Municipal e lá foi também sede da corporação musical Santa Cecília.

Na década de 1960 até 1977, o casarão serviu de abrigo para o maior cabaré já visto em Jaraguá. O casarão ficava atrás da atual Câmara Municipal no encontro das ruas de "Trás" e Boa Vista onde havia um grande espaço chamado de praça Rodrigues Suzano.

Famílias e prostitutas viviam em perfeita harmonia na rua de "Trás".

As casas chamadas de cabarés eram diferenciadas das outras de família por uma luzinha vermelha nas portas. Nestas casas, havia sempre muitas prostitutas, chamadas "mulheres da vida", que trocavam o dia pela noite, entregues à boemia nos braços dos amantes, que, geralmente, eram conhecidos fazendeiros ou até mesmo pessoas da alta sociedade Jaraguense.

Na "rua de Trás" havia muitas casas que funcionavam como "Cabaré" mas o Cabarezão na praça Rodrigues Suzano era uma espécie de quartel-general das prostitutas que passavam por Jaraguá.

O Cabarezão era um enorme salão com um barzinho ao fundo, mesas, cadeiras e uma pista de danças.

À noite, as prostitutas se esmeravam na produção para receberem seus fregueses e exageravam no cetim, rendas, lantejoulas e paetês. Os quartos eram luxuosíssimos e os perfumes eram franceses, trazidos por vendedores ambulantes chamados mascates, esperados com ansiedade por elas.

Como não podiam sair às ruas, as prostitutas acabavam sendo uma espécie de economia local, pois as famílias da redondeza alimentavam o cabaré, costurando, lavando, passando, buscando água nas fontes, porque as cisternas de Jaraguá possuíam água salobra, imprópria para o consumo. Além disso, a garotada vivia de pequenas gorjetas dadas por elas para que fosse às compras.

A noite, o som da vitrola se misturava ao tilintar dos copos e frequentes quebradeiras, promovidas por um amante ultrajado ou alguma prostituta embriagada.

Na "rua de Trás" houve muitos personagens interessantes, mas dois deles ficaram para sempre na lembrança das pessoas que viveram aquela época.

Um destes personagens era apelidado de "Mané Bola Sete". Era um clone perfeito do cantor Martinho da Vila, não só fisicamente mas, também, no traquejo com a voz. Ele imitava esse cantor tão bem que, às vezes, a gente duvidava qual deles era o melhor.

"Mané Bola Sete" era um coitado, um alcoólatra que vivia num cantinho do Cabarezão numa espécie de *office boy* das prostitutas, buscava nas fontes, incontáveis latas d'água para quem quisesse lhe dar uns trocados e era nestas idas e vindas da fonte que ele desatava a cantar. Era dócil, inofensivo e prestativo. Todos o conheciam.

Uma outra personagem inesquecível que viveu na rua "de trás", e que era admirada por todos, era uma senhora chamada dona Passidônia. Era uma senhora clara, alta e, embora já fosse sesagenária, era forte e muito corajosa, pois era ela quem comandava com punhos de ferro o famoso Cabarezão.

Ela era uma espécie de mãe para as prostitutas que a obedeciam cegamente e a chamavam de madrinha. Dona Passidônia era muito querida de toda a pequena Jaraguá que nessa época, era apenas do cemitério até a rua das Flores.

Ela era respeitadíssima por todos, pois, além de ser a mãe de uma porção de mulheres, ainda exercia uma nobre função na época, era a melhor parteira das redondezas.



Dona Passidônia - Mãe, amiga, vovó, querida

Vinham pessoas de longe, das roças e até de cidades vizinhas à procura de seus serviços de partos e, com isso, ela era chamada de Vó Passidônia pela maioria das crianças e jovens de Jaraguá.

Em 1968, ao atender um trabalho de parto em minha família, dona Passidônia confessou-me que já havia perdido a conta de quantas crianças “aparou” mas, tinha certeza de ser para mais de cem.

Dona Passidônia era viúva e tinha cinco filhos: Maria, Luzia, Divina, Clemente e Francisco (o Chiquinho da Passidônia).

Em 1977, a rua “de Trás” foi considerada zona de utilidade pública e suas casas foram demolidas para a construção da Prefeitura Municipal e Câmara dos Vereadores.

Os moradores de lá, foram removidos para as então recém-criadas Vilas Rio Vermelho, Vera Cruz, São José, Jardim Atlântico e Vila Colombo.

Dona Passidônia mudou-se, inicialmente, para um barracão no Jardim Vera Cruz. Mais tarde, mudou-se para a Vila Solidariedade. Faleceu em 1992, na casa de sua filha Divina, deixando centenas de netos naturais ou “aparados” e muitas saudades no coração de todos aqueles que a conheceram e aprenderam a amá-la.

Sem dúvida, Vó Passidônia deve ter sido muito bem recebida no Céu por tantas vidas que um dia ajudou a dar à luz Divina e também pela orientação que sempre soube dar às suas “mulheres da vida”.

Com certeza, hoje a rua de “Trás” ainda é lembrada com carinho por todos aqueles que moraram ou passaram um dia por lá, vivendo emoções, delírios e histórias.

Jaraguá era assim...

A RUA DAS FLORES

Autora: Alessandra Evangelista da Silva
(Historiadora)



A rua das Flores é uma das mais antigas de Jaraguá. Lá ainda se conserva um encanto, um jeito de ser e viver, de pessoas simples que guardam nas lembranças cenas inesquecíveis, vistas e vividas por elas. Dona Amélia, de setenta e dois anos, se emociona ao falar do passado. Moradora da rua das Flores há aproximadamente cinquenta anos, ela tem muitas recordações boas. Segundo ela, mesmo antes de morar na rua, tinha muita curiosidade de saber o porquê do nome “rua das Flores”. Foi então, depois de muito perguntar, que ela soube, através de fontes orais, que na rua moravam algumas moças que encantavam os rapazes que faziam serenatas e

alargavam as janelas com flores. A fama logo se alastrou, e sempre os rapazes se referiam à rua das jovens moças como rua das Flores. Logo todos passaram a chamar a rua por esse nome. É interessante, pois ela era no chão, não havia muitas árvores nem jardim, o que não descarta a possibilidade de essa informação ser verdadeira.

Dona Francisca Moreira Damascena, de setenta e nove anos de idade e moradora da rua há aproximadamente cinquenta anos, não confirma a versão do nome da rua dada por dona Amélia.

As duas moradoras fizeram a mesma descrição da rua: "A rua era de chão, não havia nenhum jardim, mas apenas algumas árvores, além da rua ser estreita a maioria das casas eram emendadas uma na outra, portas e janelas de madeira e havia muitas crianças brincando, a rua era alegre".

Elas também mencionaram a procura do ouro antes do calçamento. Citaram até alguns nomes de catadores de ouro (Gilberto, Nem e o menino da Maria do Birá). Segundo elas, quando chovia, era comum a molecada e até adultos irem para as enxurradas procurar ouro, e muitos encontravam.

O calçamento se deu na administração do Dr. Alano de Freitas, que incentivou, também, a formação de jardins nas portas, doando mudas e promovendo até uma confraternização entre os moradores, que, após o plantio das mudas, se uniram ali mesmo na rua. Cada família levou um prato de salgado ou bolo. Dona Amélia conta que a idéia do Dr. Alano era florir a rua para fazer jus ao nome da mesma só que o vandalismo não deixou.

Próximo à rua das Flores, encontra-se a Fonte do Galvão, onde as pessoas buscavam água para abastecer suas casas. Na seca, era comum as pessoas se levantarem de madrugada para serem as primeiras da fila, os primeiros a pegarem água.

"No passado a rua era alegre porque todos os festejos passavam por aqui, tinha muitos eventos, diversões, desfile no dia 1º de maio, a procissão de Nosso Senhor dos Passos, São Benedito" (Amélia-2006).

"Antigamente a rua era boa demais a gente fazia muita bagunça. No domingo, a molecada brincava de guisado, de boneca

de pano e brincadeiras de roda, não tinha briga, fuxico, o povo era mais unido" (Francisca-2006).

As lendas também fazem parte do passado da rua das Flores. Quem já não ouviu falar de Tereza Bicuda e do Cavaleiro da rua das Flores?

A Senhora Francisca Moreira Damascena, nascida na fazenda São João e moradora da rua das Flores diz ter ouvido o galope do Cavaleiro da rua das Flores, só que ela não teve coragem de abrir a porta para confirmar, mas afirma que "era ele mesmo".

A rua das Flores possuiu no passado vários casarões com muitas portas e janelas de madeira com compridos corredores. Foi uma das mais importantes ruas do passado, onde à noite a meninada se divertia com as mais variadas brincadeiras. Rua das Lendas, aquelas que repassamos para a criançada tentando preservá-las na memória dos jaraguenses.

Hoje esta rua já não é mais a mesma. As flores ficaram só no nome, e a maioria dos atuais moradores preferiu trocar as grandes portas e janelas de madeira pelas modernas venezianas de metal, e as cores e o formato das casas sofreram alterações. Isso tem contribuído para a descaracterização da paisagem da rua, fazendo com que percamos nossas raízes... nossas lembranças...

"Esse é o preço da modernidade...".

O SURGIMENTO DA FUNDAÇÃO GRACE MACHADO

Autor: Paulo Vitor Avelar
(Acadêmico Publicidade e Propaganda)



O papel da mulher na sociedade brasileira era de total submissão ao marido até a metade do século passado, quando as mulheres começaram a lutar por seus direitos e a conquistar seu valor na sociedade, na família e até na política.

Na política, a mulher sempre esteve ligada ao aspecto social e cultural. No Brasil, as portas do interesse feminino pela política se abriram com a famosa primeira-dama do País, Sarah Kubitschek, que realizou lindos projetos sociais e culturais, mobilizando a sociedade da época. Foi em um de seus chás beneficentes que saiu verba para a construção do famoso hospital ortopédico em Brasília, que leva seu nome como homenagem.

Este espírito de feminilidade foi sufocado pela ditadura política e militar, o que, ao mesmo tempo, instigou mais ainda o interesse e a paixão feminina pelos trabalhos a favor do próximo. Pegando carona com seus maridos políticos, as então primeiras-damas saíram do anonimato e resolveram ajudar e colaborar na política e na sociedade.

Em Goiás, a precursora desta mudança foi dona Gercina Borges Teixeira, primeira-dama, esposa do fundador de Goiânia, Pedro Ludovico Teixeira. Na década de 50, incrementou a OVG, Organização das Voluntárias de Goiás, zelando pelos carentes do Estado.

Em Jaraguá, após 100 anos de emancipação política, com a participação da mulher sendo banida pelo machismo provinciano de seus maridos políticos ou 'coronéis', fez com que esse movimento se iniciasse no governo do prefeito Dr. Tubertino de Freitas, pela então primeira-dama Selene de Freitas, que demonstrou interesse em apoiar o marido, organizando mutirões, festas populares e com isso abrindo as portas para as futuras primeiras-damas.

No ano de 1983, assume a prefeitura Dr. Alano de Freitas e, por idéia de sua esposa, a moderníssima Naia Koling, foi fundada no dia 08 de fevereiro de 1983 a Fundação Grace Machado, entidade filantrópica, com finalidade de cuidar do social, lazer, assistencial, cultural e folclórico de Jaraguá.

O nome Fundação Grace Machado veio homenagear a imortal Grace Machado, escritora, membro da Academia Goiana de Letras, ocupante da cadeira de número 15, que escrevia artigos e crônicas sobre política e o cotidiano para os jornais da época. Como educadora, Dona Grace ajudou a criar a Escola Estadual Manoel Ribeiro de Freitas Machado, onde atuou como primeira diretora.

Com a criação da Fundação, houve uma organização do trabalho social como edificação de creches, abrigos, doações de cestas básicas, remédios, exames e todo tipo de assistência, no lazer, na cultura e no folclore. Naia tirou o carnaval do clube e levou-o para a praça do Coreto, com o toque da fundação, embeleza as festas religiosas e tradicionais, como Semana Santa, festa do divino e cavalhadas. As capelas da zona rural, festas como Dia da Mulher, do Peão, das Crianças, tiveram seu brilho e, para encerrar o ano sempre com chave de ouro, preparava um belo Natal e uma grande festa no coreto de virada de ano. Naia fica no cargo de 1983 até o ano de 1985, porque, no ano de 1986, seu esposo Alano se licencia do cargo para assumir a Secretaria de Desenvolvimento Urbano e

Meio Ambiente no governo do Estado de Goiás. Assume, então, o cargo de prefeito, o vice, o Sr. Hélcio Machado, e a fundação quem assume é sua esposa D. Ilça Gonçalves Machado, que, com entusiasmo, dá continuidade ao trabalho de sua antecessora. Um fato marcante no governo Hélcio Machado foi o reconhecimento e registro no IPHAN da Associação do Patrimônio Histórico e Cultural de Jaraguá.

Alano reassume a prefeitura e Naia a fundação Grace Machado, fortalecendo seus projetos iniciais até o ano de 1988, quando passa o cargo de presidente da fundação a sua assessora Bernadete Camargo que fica à frente da instituição durante o processo eleitoral entregando o cargo para a nova primeira-dama Eliodoraz Rinalde Gonçalves. Dona Ely, como é chamada, procurou dar seguimento a todos os projetos já existentes na Fundação. Intensificou o aspecto das festas religiosas e folclóricas, dando assistência diária às pessoas carentes daqui ou que passavam por Jaraguá. Foi cuidadosa no trato com as crianças e idosos.

Em 1993, com a eleição de Nédio Leite de Assunção, assume a Fundação a primeira-dama Márcia Maria Fonseca Assunção que enfatiza em seu cronograma o apoio ao social. Márcia fica no cargo de 1993 a 1996, passando a presidência da Fundação à primeira-dama Eliane Gonçalves esposa do então prefeito eleito Dr. Jovano Vieira Manso e ela, com muito carinho, cuida de todos os projetos da Fundação, criando o Clube da Melhor Idade. Eliane fica no cargo de 1997 a 2000.

No ano de 2001, assume a prefeitura a ex-primeira-dama Márcia Maria Fonseca Assunção, eleita para o governo de 2001/2004, como a fundação era automaticamente assumida pela primeira-dama, nesta gestão dona Márcia indica como presidente a senhora Rauliveira Araújo da Mata, esposa do saudoso e carismático Mauro José da Mata. Rauliveira fica na fundação de 2001 a 2003, quando abdica do cargo, e a prefeita então indica sua irmã Celina Maria Fonseca Pinto que fica no cargo até a transmissão de governo.

O ano de 2005, assume a prefeitura o jovem engenheiro Lineu Olímpio de Souza e, automaticamente, a fundação fica a cargo de

sua esposa Glades Maria Oliveira Souza. Enquanto procura preservar as festas populares, religiosas e folclóricas, Glades incrementa os festejos da Semana Santa, introduzindo nela há dois anos seguidos, a apresentação de uma peça sobre a vida e morte de Cristo, além de resgatar o completo da Semana Santa.

Em Corpus Christie, a Fundação trouxe novamente o costume de tapetes coloridos nas ruas da cidade, tudo isso conquistado em parceria com a Igreja Católica.

Nas festas populares, ela procurou trazer de volta a beleza do carnaval de rua de Jaraguá, atendendo aos anseios do povo. Nas festas religiosas da cidade e dos povoados, a primeira-dama procura assistir aos festeiros oferecendo trabalho de infra-estrutura para a realização das festas, como decoração, montagem e aluguel de barracas etc... Glades vem desenvolvendo com louvor todos os projetos de diversas áreas, prestigiando e obedecendo o intuito de criação da Fundação Grace Machado.

CAPÍTULO IX

UM JARAGUENSE DE VERDADE

Autora: Gilda Ribeiro Barbosa
(Filha, admiradora e amiga)

Ele não nasceu em Jaraguá, mas tornou-se um jaraguense por absoluto amor à nossa terra. Amava o povo, seus costumes, nossas ruas centenárias, o calazinho fresco passado na hora, as comadres de prosa na calçada, nossa serra, orgulho maior de nossa gente.

Era um homem de origem bastante humilde. Seu pai, José Ribeiro Barbosa, era lavrador no município de Jaraguá e sua mãe, D. Alzira de Sá, era uma senhora do lar, nascida e criada em

Pirenópolis. Tiveram muitos filhos, Adalberto, João, Benedito, José Barbosa Filho, Maria e Margarida.

Foi um homem curioso por natureza. Naquele tempo, era natural não dar instrução aos filhos, não enviá-los à escola, sabiam o básico, como, por exemplo, assinar o nome, ler, escrever



O autor e a obra ou a autora e a obra: Adalberto e a filha Gilda

modestamente e fazer as contas. Ele foi além, tinha uma caligrafia bem desenhada por esforço próprio e era um apaixonado por bons livros. Lia qualquer coisa que lhe caísse nas mãos e absorvia o que estava escrito. Tinha pendores artísticos, tocava violão, viola, acordeom e arranhava bem o teclado de um piano e isto tudo como autodidata. Gostava também de cantar, era dono de uma voz grave, profunda, quente. Sabia dar valor às coisas bonitas, às artes, tinha uma profunda sensibilidade, várias vezes revelada no olhar arguto e na palavra franca, porém, extremamente carinhosa.

Adalberto foi um homem de múltiplas funções, múltiplas utilidades. Primeiro, trabalhou na terra como lavrador, ofício aprendido com os pais. Depois, foi barbeiro, eletricitista de autos, mecânico de mão cheia, tendo sido o primeiro proprietário da oficina onde hoje funciona a AUTO-OMAR. Mas ele não sossegava, começou a se interessar por fotografias e acabou se tornando o primeiro fotógrafo de Jaraguá.

Foi ele quem fez os primeiros registros da nossa Jaraguá, fotografando pessoas importantes, as festas religiosas, casamentos, batizados, e até os mortos, ilustres ou não, eram fotografados também. Peregrinava pelas festas das redondezas como Mirilândia, Guarinos, Monte Castelo, Trindade, Muquém etc., levando na bagagem um painel grande pintado a mão que retratava a matriz de Jaraguá, "tirando retratos", e dali retirando meios para a subsistência de sua numerosa família. Além de fotografar, foi ele mesmo quem montou seu laboratório completo para revelações, buscando informações em livros próprios, mas, com aplicação e perspicácia, conseguiu montar tudo e a prova é que até hoje nós temos fotos em preto-e-branco que mantêm a mesma nitidez de quando foram feitas.

Agradável no trato, sociável, festivo e festeiro, gostava de ter sua casa sempre aberta aos amigos que, invariavelmente, vinham jogar canastra, no que ele era imbatível, e tomar o seu "cafezinho corajoso". Vaidoso como ele só, com seu bigodinho aparado no estilo de seu ídolo Clark Gable, às vezes dava trabalho à sua senhora. É, verdade é que "Seu" Adalberto era um profundo admirador do belo sexo, mas, sem vulgaridade. Sabia admirar uma mulher bonita

dele. Sabia elogiar, sabia encantar. A verdade é que sua senhora tinha muita dor-de-cabeça em conter o afã de fogoso marido. O senhor de mão cheia, quando ia para a cozinha, sua molecada se esbaldava com as delícias da culinária goiana. Tinha um sonho que não pôde ser realizado: ser imperador da festa do Divino Espírito Santo, pelo fato de ser maçom. Mas, a maçonaria fez dele um homem respeitado e querido. Tinha temperamento forte, sabia se impor, mas estava longe de ser um tirano. Amoroso com os filhos e netos, tinha um jeitinho muito especial para lidar com os animais, era impressionante ver como sabia manejá-los com autoridade, mas com profundo carinho. Era muito bem relacionado, gabava-se de ser muito bem recebido desde o mais humilde ranquinho até a mais nobre residência sempre com muita simpatia.

Casou-se aqui com D. Rosa Alves Barbosa, que está viva e saudável. Com ela, teve os filhos Benedito Ribeiro Barbosa Sobrinho, o popular Dito, galanteador que sabe apreciar a brejeirice da mulher jaraguense, Adalberto Barbosa Filho, Rui Barbosa (in memoriam), Heiner Ribeiro Barbosa, Divina Barbosa de Farias (in memoriam), Eva Barbosa Pereira, Cleide Ribeiro Barbosa e Gilda Ribeiro Barbosa. Estes oito filhos o presentearam com um número expressivo de netos e agora de bisnetos. A grande maioria de seus herdeiros reside até hoje na mesma casa da praça da Matriz, em Jaraguá.

Foiromeiro do Muquém por muitos anos em devoção a Nossa Senhora D'Abadia. Houve um ano em que levou numerosa caravana com figuras expressivas da nossa terra, como Madalena de Bessa, Geraldo Amorim, Sá Dita Bruno, Paulo Baiano e tantos outros amigos queridos e saudosos.

Sua lida com material fotográfico acabou intoxicando seus pulmões já bem agredidos pelo fumo. Sua saúde foi definhando lentamente e, por mais que fizesse, um enfisema pulmonar aliado a uma bronquite asmática renitente acabou prendendo-o ao leito por muitos anos. Nesse tempo já estava separado de sua família, e sua jovem companheira, por coincidência também chamada Rosa, cuidou dele com o mais absoluto zelo, desprendimento e cuidado. Os amigos estiveram ao seu lado o tempo todo, amparando, fazendo

felizes seus últimos dias. Na bela tarde de 25 de setembro de 1988, ele foi pra junto de Deus, depois de uma crise aguda e por sorte não muito longa, o que abreviou seu sofrimento. Ele nunca temeu a morte, pelo contrário, amou a vida com tanta intensidade como só os corajosos de viver sabiam amar.

Quanta saudade, meu pai!

CAPÍTULO X

SÍNTESE DA VIDA DE BALTHAZAR RIBEIRO DE FREITAS

Autora: Dulce Madalena Rios Pedroso
(Professora pesquisadora da UCG e Coordenadora do projeto Memórias e Patrimônio, uma proposta de estudo sobre Jaraguá)

Balthazar Ribeiro de Freitas nasceu em Jaraguá, a 7 de dezembro de 1870, filho de Antônio Ribeiro de Freitas que era natural de Itaituba e de D. Pacífica Soares de Camargo e Freitas, jaraguense de nascimento.

Balthazar estudou as primeiras letras em Jaraguá e depois, por influência de seu tio, o padre Manoel Ribeiro de Freitas, ingressou-se no seminário Santa Cruz, em Ouro Fino, povoado este que, nos dias atuais, encontra-se extinto, distando de Jaraguá, 14 léguas. No seminário, estudou por vários anos e lá recebeu grande bagagem cultural. Falava com fluência o francês e conhecia bem o latim. Balthazar não chegou a se ordenar padre, porém, recebeu a tonsura – um corte do cabelo apenas no alto da cabeça – feito simbolicamente pelo bispo – que representava uma hierarquia de ordens menores aos iniciados na vida religiosa.

Conta seu filho Salvador Teodoro que, certa vez, vindo Balthazar do seminário para Jaraguá, foi convidado pela escola



primaria local para examinar os alunos, pois era comum, naquela época, pessoas estudadas serem chamadas para participar das bancas escolares. Assim, a mocinha de 11 anos, Maria Catarina de Campos Fonseca foi chamada para fazer a leitura. Aproximando-se, abriu o livro na página recomendada e leu "Fabióla", trocando a sílaba tônica logo no título. Ele a corrigiu, dizendo "Fabúla", e ela, aborrecida, fechou o livro e sentou-se. Três anos depois casava-se com a mesma aluna, sua prima em segundo grau, mais conhecida por D. Marica. Tiveram vários filhos entre os anos 1896 a 1918. Foram eles: Diva, Maria Córdoba (Mariinha), Cristóvão Colombo, Ana das Neves (Nicota), Clotário, Constâncio, Salvador Teodoro, Geraldo Bonfim e Afonsina.

Balthazar viveu intensamente a música. Era compositor, músico e maestro. Tocava muito bem vários instrumentos: órgão, piano, bombardino, violão, violoncelo, flauta, clarineta, trombone, saxofone, e o incomum *offleid*. Contudo, sobressaiu-se na clarineta. Por volta de 1910, cria a banda Santa Cecília, composta em sua maioria por seus sobrinhos e filhos.

Para o sustento de sua família, Balthazar trabalhava como advogado provisionado. Naquela época, havia categoria de advogado provisionado, em que o indivíduo não se formava em Direito, porém prestava concurso, visando testar os conhecimentos perante o tribunal de justiça; se aprovado, obtinha a provisão de advogado, podendo fazer defesa dos crimes apenas nos júris das comarcas, não podendo ir ao Tribunal.

Ele possuía uma fazenda, a Mariquita, mas não se ocupava com a criação de gado nem com as plantações; segundo seus filhos ele a comprou para ter um local onde descansar e para agradar um amigo, juiz de Direito, que gostava de caçar perdiz. Foi na Mariquita que ele fez algumas composições. Certo dia, Balthazar sentado na rede da varanda, viu se aproximarem suas duas filhas mais velhas, Diva e Mariinha, que eram mocinhas de 12 e 11 anos. Elas observavam um passarinho cantando e começaram a brincar com ele dizendo: "Passarinho, cadê seu ninho? Passarinho, cadê seu ninho?". A brincadeira das meninas e o trinado do pássaro tornaram-se uma inspiração, e ele compôs a música para elas.

Em 1909, explode uma revolução na cidade de Goiás provocando a derrocada do poderio político de Xavier de Almeida. A partir daí, se instaura a oligarquia da família Caiado, cujos aliados em Jaraguá pertenciam à família Castro Ribeiro da qual Balthazar de Freitas era adversário político. Sofrendo perseguições políticas de toda sorte, ele decide sair de Jaraguá. Seu amigo Benedito Braga, dono de um cartório em Bonfim (hoje Silvânia), convida-o para viver naquela cidade.

De Jaraguá a Bonfim, nosso músico com sua família e bagagem gastou três dias a cavalo. Benedito Braga preparou-lhes uma calorosa recepção, pois havia, logo na entrada da cidade, 200 cavaleiros para recebê-lo. Em Bonfim, Balthazar fez muitas amizades, trabalhou como advogado, foi professor nomeado, dava aulas de música e ainda participou da banda de música e do coral da igreja. Organizou peças de teatro, ensaiando peças de drama e comédia. Durante sua estadia em Bonfim, foi sorteado Imperador do Divino, fez uma grande festa, convidando seus parentes e vários músicos de Jaraguá. Ele animava a cidade com serenatas. Certa feita, uma senhora, encantada com o som da música que ouvia, disse: "Seu Balthazar na Clarineta e seu sobrinho Antônio Gonçalves no piano fazem as pedras chorar!" Balthazar e a família viveram em Bonfim entre os anos de 1911 a 1913, mas sua esposa não gostava da cidade, sentia muita falta da família e queria retornar a Jaraguá.

Antes de Balthazar transferir-se para Bonfim, enviou a São Paulo todo o instrumental da banda para ser reparado. Passaram-se vários meses, mais de ano, quando os instrumentos da banda foram trazidos de volta, reformados. Assim, a pessoa que os trouxe, levou de volta como pagamento pelo concerto, e mais ainda, o instrumento incomum - *offleid* - para saldar as despesas de viagem. Esse instrumento incomum, segundo o seu filho Clotário, parecia um sax, porém, muito maior, mais comprido, com teclas grandes. Clotário ainda conta que, numa viagem que fez a Roma, visitando o museu de instrumentos musicais, procurou saber sobre este instrumento raro que marcara sua infância o *offleid*. A partir daí, descobriu que este instrumento é de origem holandesa e significa

cabeça de cobra *off* – cobra; *cleid* – cabeça. Balthazar também tocava esse exótico instrumento.

De volta a Jaraguá, ele continuou sua vida de músico. Comprou novos instrumentos e formou a banda Eutérpe também composta, na maioria, por seus parentes; os ensaios aconteciam em sua própria casa.

Balthazar participava ativamente das festas religiosas que aconteciam em Jaraguá: São Sebastião, Divino, N. Sra. do Rosário, São Benedito e N. Sra. da Penha, ensaiando o coral da igreja. Nessas ocasiões, ele compunha várias músicas diferentes para o momento designado *Tantum Ergo*. Esta expressão em latim significa *Tão Alto Sacramento*, é um hino religioso de glorificação da eucaristia, composta por São Tomás de Aquino, cantado antes da elevação do Santíssimo. A letra do *Tantum Ergo* era sempre a mesma; a inovação de Balthazar estava na música, pois, durante as novenas, ele escrevia uma composição para ser cantada a cada dia, baseando-se nas vozes de suas cantoras: havia *Tantum Ergo* para a voz de Georgina, *Tantum Ergo* para a voz de Mariinha, para a voz de Ana Machado, para a voz de Cutute, e assim por diante.

Durante décadas e décadas, ele participou da festa do Divino Pai Eterno em Trindade, do primeiro ao último dia de novena, ensaiando o coral e compondo músicas para as ladainhas. O casamento da primeira filha, Diva, com Antônio Ferreira Rios, foi combinado em uma dessas festas de Trindade. Informa Clotário de Freitas, que a Associação Cultural de Trindade possui um retrato de Balthazar como homenagem a sua participação nas festas, tornando-as mais sonoras.

Os estilos de músicas correntes naquela ocasião eram valsa, tango, polca. Balthazar compôs peças em todos eles, mas a sua composição mais significativa era a música sacra. Sua obra mais famosa foi a missa de Santo Ambrósio, cantada em latim, inspirada no santo do dia de seu nascimento, 7 de dezembro. Santo Ambrósio também foi músico e compositor. Dentre as composições de Balthazar, estão as valsas Diva, Yolanda, Saudades, Goianinha, Saudade de Dr. Aderbal e Hino de N. Sra. da Penha entre outras composições. Quando o Dr. Augusto Ferreira Rios, juiz de Direi-

em Jaraguá, introduziu o Cristo Crucificado no Fórum, escreveu para esta ocasião, um soneto, e Balthazar compôs a música. Em Trindade, ele se sobressaiu na música. Contava seu sobrinho Benedito Soares de Castro, apelidado de Filhinho, que, certa vez, encontrou-se em Anápolis com Aquiles de Pina, filho do renomeado músico de Anápolis e amigo de Balthazar, Propício de Pina. Ele, então, falou: "Filhinho, meu pai diz que seu tio é o melhor músico de Goiás!" E Filhinho respondeu: "Engraçado, meu tio também diz que seu pai é o melhor músico de Goiás".

Conta seu filho Geraldo Bonfim, que a música fluía com facilidade nesse grande músico. Várias pessoas encomendavam músicas para Balthazar e como ele as atendia com rapidez costumavam dizer que "Só Za", apelidado assim pelos mais íntimos, "tem a música no bolso..."

Para compor suas músicas, o filho Constâncio lembra que ele sentava-se na rede, tocando violão baixinho; levantava-se e ia para a mesa do escritório passando a escrever a música. Voltava novamente para rede com o violão em punho e ficava algum tempo tocando; levantava-se outra vez, dirigindo-se à mesa para retocar a composição.

Como não podia deixar de ser, a política sempre foi uma grande paixão dos jaraguenses. Na primeira metade do século XX, ela era bastante acirrada e, por muitas vezes, tornou-se violenta. Política e música rivalizavam-se na preferência dos habitantes de Jaraguá, que possuía excelentes músicos. Havia duas bandas na cidade. A banda Eutérpe, de Balthazar de Freitas e a banda de Castriño que, não sendo músico, passava a função de maestro para João Leite. Contam os filhos de Balthazar que, em uma ocasião, ocorria uma festa na casa de Antônio F. Amorim. A banda Eutérpe estava presente tocando. Passou por lá um músico por nome Bertoldo, da banda de João Leite, que parou para apreciar o harmonioso som, pois ele como músico admirava a boa música. Algum tempo depois, Bertoldo foi convidado, insistentemente, para entrar e um dos músicos da banda se levantou oferecendo-lhe o bombardino para que Bertoldo pudesse participar, pois o reconheciam como um bom músico. Por lá, ele ficou tocando até

que alguém, de ouvido afinado, reconheceu sua boa execução e foi avisar a Castrinho. Contam que o coronel mandou que fossem buscá-lo imediatamente, porém, os músicos da banda Eutérpe não o deixaram sair. Após a festa, temendo represália do poderoso coronel Castrinho, resolveram esconder Bertoldo em casa de seu padrinho que vivia no largo Santana, justamente no fundo da casa onde a festa transcorria. O padrinho de Bertoldo acolheu-o, mas, em seguida, foi avisar o coronel. Este mandou buscá-lo e castigou-o por ter tocado na banda rival. Coisas de política do passado...

Balthazar de Freitas foi um bom advogado, atuava freqüentemente em Pirenópolis, Itaberaí, Corumbá e Jaraguá. Possuía uma grande oratória, talvez herança do seminário. Ele dava muita importância à cultura. Nunca se enriqueceu. Gostava de ler jornal, amava a política e correspondia com vários políticos de projeção nacional daquela época, como por exemplo, Lindolfo Collor, que lhe enviava jornais de interesse sobre a política. Foi amigo do desembargador Emílio Francisco Póvoa, homem fechado e circunspeto, mas Balthazar, indo à cidade de Goiás, se hospedava com ele. O nosso músico tinha muitos amigos em Jaraguá. Sua casa era bastante freqüentada, principalmente, à noite, quando D. Marica servia café com carne de porco a uma roda de quatro a seis pessoas que ficava conversando, animadamente.

Contava sua filha Afonsina que o maestro Balthazar costumava festejar o dia de Santa Cecília – 22 de novembro – padroeira do canto e da música. Nesse dia, acontecia uma alvorada às 5:00 horas da manhã, a banda tocava dobrados na porta da igreja, o sino repicava, e fogos eram ateados. A banda executando dobrados e também galopes, percorria as ruas principais de Jaraguá. Em seguida, ele oferecia em sua casa um farto café da manhã.

Por ocasião de uma solenidade comemorativa na igreja N. Sr. do Rosário, quando a Aliança Liberal se saiu vitoriosa da revolução, Balthazar tocava na banda e sentiu-se mal, sofrendo um derrame. A partir daí, ficou muito doente, porém ainda tocava seus instrumentos. Três anos depois, falece esse grande músico jaraguense, aos trinta e um dias do mês de maio de 1936.

BENEDITO DE SÁ PAULA: MÚSICA, HUMANIDADE E VIDA

Foto tirada por ocasião das comemorações do dia de Santa Cecília - em 22 de novembro de 1999 - padroeira do canto e da música.
Homenagem ao músico jaraguense/GO- Benedito Fernandes Leal
Autora: Dulce Madalena Rios Pedrosa
(Historiadora e Pesquisadora do IGPA)

Na volta de 1904, uma comitiva deromeiros de Nossa Senhora da Abadia retornava do povoado do Muquém, passando por uma curruela conhecida por Calção de Couro, em direção a Jaraguá. Um casal de idosos insistia para que eles levassem sua neta, uma mocinha de treze anos de idade. A preocupação com a menina se justificava em virtude do perigo que se instalara naquele local, constantemente molestado pelos índios, decorrendo em virtude disso, numerosos raptos. Temendo, então, ser levada pelos índios, seja os xavantes, seja os canoeiros, que perambulavam naquela região, a mocinha montou na garupa de um dos cavaleiros pois não havia para ela nenhuma montaria disponível e ambos se dirigiram a Jaraguá juntamente com os outros.

O cavaleiro era o músico Benedito Fernandes Leal, mais conhecido por Benedito de Sá Paula e a mocinha era Porfíria Barros e, naquele momento, começava a história de amor entre eles como veremos mais adiante. Essa



caravana era do músico e maestro Balthazar Ribeiro de Freitas que juntamente com os demais foram participar da romaria tocando nas missas. Porfíria, ao chegar a Jaraguá, passou a residir na casa da irmã do maestro, D. Josepha de Freitas Amorim. Benedito trabalhava na fazenda Mariquita, de propriedade do maestro e viveu, muitos anos antes de se casar, junto à família deste, quando, provavelmente, aprendeu a música. Contam seus filhos, que Balthazar mandava buscá-lo na fazenda, quando havia alguma apresentação da banda. Quatro anos depois de terem se conhecido, Porfíria e Benedito se casaram.

Após as bodas, o casal passou a viver na fazenda Mariquita, onde Benedito trabalhava e, algum tempo depois, se transferiram para a cidade.

Benedito era filho de Paula Leal, negra e solteira, nasceu ainda no tempo da escravidão. Nessa época, havia sempre algum homem mais abastado para se aproveitar da fragilidade da mulher nesta situação de negra e solteira. Muitas vezes, as escravas ou ex-escravas eram seduzidas pelo próprio senhor ou, até mesmo, por um homem rico e de posição e, desse modo, não ousavam declarar o nome do pai da criança, quando engravidavam. Segundo os filhos, Josefa e Nicolau, naquele tempo, essas conversas eram proibidas e assim o segredo da paternidade indesejada se calava para sempre. São as injustiças da vida, de um tempo que ficou para trás, mas deixando suas marcas.

Segundo o filho Nicolau, Benedito nasceu pobre e não teve uma infância de brincadeiras, foi criado no trabalho. Desde pequeno, ele aprendeu música e aprendeu também a ler e a escrever. Mas os filhos pouco sabem da história de vida de seu pai, pois, como justificam, naquele tempo, não se conversava muito com os pais. Estes eram tratados com extremo respeito, e as crianças e adolescentes não eram muito levados em consideração. Os filhos de Benedito sabem apenas o que viveram no cotidiano, pois presenciaram, com frequência, o pai se dedicando ao trabalho de pedreiro e também à música. Naquele tempo, em Jaraguá, a música era executada principalmente, nas missas, através da banda de música, e as letras eram cantadas em latim. Benedito as cantava muito bem, além de

tocar um instrumento chamado "baixo". Durante as missas, naqueles momentos em que o padre cantava em latim, Benedito respondia sozinho, com aquela voz maravilhosa, encantando a todos. A banda de música atuavam em várias ocasiões, como nas festas natalinas diante do presépio, dia primeiro de janeiro, dia de Santos Reis, de São Sebastião, na Semana Santa, na festa do Divino, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, entre outras. A banda de que Benedito de Sá Paula participou tocava em vários locais, sempre se apresentando em missas e novenas: São Francisco, Lagoa (Lagolândia), Estiva (Lagolândia), Castrinópolis, Baunilha, Muquém entre outros locais, nas indonezas de Jaraguá. A banda também tocava nas serestas que eram festas não religiosas. Conta Zefinha, a filha de Benedito, que o companheiro de banda do pai, Antônio de Sá Joana, gostava de tocar o chorinho nessas serestas, que eram populares naqueles tempos. Seus companheiros de banda mais antigos foram: José Pedro de Amorim, na clarineta; Manuel Frederico, no bombardino; Pedro Ratz, na clarineta; Sebastião Ratz, no bumbo; Antônio de Sá Joana, no contra baixo; Geraldo de Amorim, na clarineta e outros mais músicos, como Pitaluga e José Paes. Esses eram os músicos com os quais convivia. Convém registrar o comentário feito pelo músico José Pedro de Amorim sobre a atuação de Benedito na banda: "melhor percussionista, pelo ritmo e cadência, principalmente, em dobrados".

Após alguns anos de casados, Benedito e Porfíria compraram uma casa no largo da Matriz, onde nasceu a maior parte dos filhos e onde também eles foram criados. O casal teve um total de 13 filhos, sendo que faleceram sete ainda pequenos, com exceção de Ana, a segunda filha, que faleceu aos 22 anos, de febre amarela. Os que atingiram a idade adulta foram: André, Nicolau, Sebastiana, Geraldo, Doraci e Josefa. Atualmente esta viva apenas Josefa. Desde pequenas, as crianças eram iniciadas na música, seja no aprendizado com instrumentos, seja como cantores. Conta Zefinha que o pai gostava muito de cantar. Quando estava em casa, consertando alguma coisa e até mesmo cozinhando algum prato, cantava as músicas em latim que conhecia ou um hino do Divino e, assim, seus filhos iam ouvindo e aprendendo.

Benedito era muito religioso; foi sacristão durante muitos anos e tinha uma especial devoção por São Sebastião. Em geral, aos sábados, rezava-se o terço em sua casa e cantava-se a longa ladainha chamada "Ofício de Nossa Senhora". Observa Zefinha que os cantores eram os próprios membros da família, sem instrumento algum a acompanhá-los. Benedito foi uma pessoa muito especial. Além dos dons da música e do canto, ele foi homem de enorme caridade, por exemplo, dando banho nos falecidos, tarefa esta que poucos se prestavam a realizar.

Felizmente, Benedito viveu muitos anos, ajudando outros músicos jaraguenses a tornar a cidade bastante sonora. Ele participou de três bandas, a do Maestro Balthazar de Freitas, a de João Leite e uma outra, sob a regência de Manoel Frederico. Ele e D. Porfíria completaram bodas de ouro, comemorando em grande estilo. A festa iniciou-se com uma alvorada, depois missa cantada e, durante todo o dia, a banda tocou em sua casa, proporcionando a todos grande alegria e animação, pois uniu a família e os amigos nessa festa rara.

Certo dia, ele chegou em casa bastante nervoso. Seu amigo Sebastião Ratz, havia falecido e, sendo este sacristão, tocou-se o sino da igreja várias vezes, no decorrer do dia, conforme o costume naquele tempo. Alguém comentou com Benedito em tom de brincadeira "Sebastião Ratz não vai mais comer feijão nem tocar bumbo". Ele, bastante chateado com este comentário, pediu que em seu falecimento, não tocassem o sino da igreja.

Com a idade avançada, passou a sofrer uma doença conhecida por "volvo", sendo por isto operado diversas vezes, num espaço de tempo muito pequeno. Em virtude da doença, parou de trabalhar na igreja e de tocar na banda. Em 29 de março de 1956, veio a falecer. Coincidentemente, era a Quinta-feira Santa e, nessa ocasião, não se toca o sino da igreja.

Benedito é patriarca de uma família de músicos e cantores. Todos os seus filhos foram iniciados no canto e na música e muitos de seus netos e bisnetos também são músicos e cantores. Esta foi grande herança deixada aos seus descendentes.

II PARTE

JARAGUÁ – CULTURA, FOLCLORE, LENDAS E TRADIÇÕES

**FALANDO DE JARAGUÁ – GO, NO XI
CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE**

Autora: Maria Augusta Barbo Siqueira
(Professora e membro da Academia Jaraguense de Letras)

Honrada em poder compartilhar com vocês a rica história do folclore jaraguense, devo lembrar-lhes que Jaraguá foi fundada no auge da mineração aurífera, nos tempos da famosa Marcha para o Oeste, empreendida pelos bandeirantes paulistas em busca de índios, ouro e pedras preciosas o que fê-la berço das tradições culturais e religiosas dos nossos colonizadores.

Muitas são as manifestações culturais preservadas nesse fértil manancial, que abriga um povo zeloso e consciente de seu papel histórico. Um povo que ama viver suas tradições e cumpre o encargo de repassá-las às gerações que o sucedem.

Ficaria horas falando acerca dessas ricas vivências, mas o tempo e espaço obrigam-me à parcimônia.

Todavia, é importante lembrar que, dentre as manifestações folclóricas jaraguenses, a Festa do Divino Espírito Santo tornou-se importante referencial; constituiu-se, inicialmente, em estratégia lusitana de afirmação e propagação de idéias cristãs que se propunham difundir o catolicismo entre índios e negros, vistos pelos colonizadores como pessoas desprovidas de fé.

Nessa festa, acontecem a folia do Divino, a entrada da rainha, as cavalhadas, nove noites de barraquinhas com bandas e leilões, o levantamento de mastro com queima de fogos e da fogueira, as alvoradas, as serenatas, as procissões, a contradança ou dança das fitas, e a dança dos Tapuias.

Vamos nos deter um pouco mais na folia do Divino.

A folia do Divino antigamente começava após a missa do domingo da Ressurreição. É um ritual peditério de esmolos que ainda hoje percorre o meio rural e urbano em busca de donativos para a realização dos festejos. Pode ser dinheiro, alimentos ou objetos para os leilões.

A folia do Divino difere da folia de Reis por girar durante o dia, e a de Reis à noite.

Outra diferença é que a folia de Reis gira apenas os sete primeiros dias do ano e a do Divino gira os nove dias de novenas.

Existem várias versões sobre a origem da folia do Divino, sendo a mais consistente a de que a folia partiu da própria igreja como uma forma de estender as cerimônias religiosas, o culto ao Espírito Santo às casas, fazendas, chácaras e sítios da região num convite a todos para irem à cidade assistir às festas do Divino Espírito Santo, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

A partir de 1986, sendo imperador do Divino o Senhor Idelfonso Camargo, a comissão organizadora da festa resolveu levar essa folia até Goiânia para visitar os conterrâneos na capital, tendo como objetivo arrecadação de donativos, devoção, tradição e principalmente o congraçamento dos filhos jaraguenses que se encontravam há muito ausentes de nossas festas, reclusos na capital.

Essa festa despertou nos conterrâneos as lembranças dos tempos idos, reacendendo novamente neles o sentimento e amor à terra natal, até então perdido, mas agora reencontrados.

Não menos importantes são as cavalhadas, manifestação cultural de origem medieval, que consta de corridas especiais, e lutas disputadas entre mouros (pagãos, o mal) e cristãos (o bem).

A indumentária usada pelos guerreiros encanta pelas cores marcantes e pela riqueza dos bordados com miçangas, fitas, espelhos e pedrarias, versão dos trajes dos nobres coloniais.

A contradança ou dança das fitas é uma dança milenar européia e simboliza o ritual de consagração do renascimento das árvores. Incorporada ao folclore jaraguense é normalmente apresentada nas festas juninas e na festa do Divino, onde a riqueza de manifestação dessa natureza é notória.

As festas juninas ressuscitam as barraquinhas, as conversas das mulheres em volta das fogueiras dos santos, as ladainhas em latim, as receitas típicas que enchem nossos olhos e convidam ao excesso, nos tradicionais doces cristalizados, no quentão, no milho assado na brasa, no cheiro bom de caleidoscópio gastronômico, misturando gostos e sabores, no indefinível sabor das lembranças de cada um.

Jaraguá é terra de rezas em presépios, licores de frutas, choradas e serenatas ao som da Banda Santa Cecília, a mais antiga do Estado de Goiás; mãe de inúmeros talentos que ali se manifestaram, a Banda tem muitas histórias para contar, de gente que leva hoje, mundo afora, encantamento e sonho. Muitos destes, internacionalmente reconhecidos, retornam à casa que os viu nascer e são homenageados durante a realização da Festa do Canto e da Música, em novembro, na ocasião dos festejos de Santa Cecília.

Jaraguá é terra de gente religiosa, que vai à romaria de Nossa Senhora da Abadia, em Muquém; que guarda suas imagens em Museu Histórico; que vela por seu patrimônio histórico e cultural; que se preocupa em cultivar suas raízes porque sabe que são alicerce para as gerações vindouras. Gente que canta e reza novenas e faz dela sua tradição e seu folclore.

Jaraguá guarda tesouros em obras de arte feitas por artistas plásticos na boa terra. Na boca do povo prosa e verso jaraguenses são contados e cantados de uma geração à outra.

Jaraguá é terra de Tereza Bicuda, do Cavaleiro da rua das Flores, das Moças do Sobrado, da Procissão das Almas, lendários mitos nascidos ali, sabe Deus se da terra ou da imaginação desse povo vivido por histórias e estórias.

Jaraguá é terra de gente baírrista, de nobrezas decadentes e conhecidos ilustres, terra que carrega nomes de família como quem leva andores de santos, num zelo preservacionista de valores que não podem morrer, afinal, o que é um povo, senão seus nomes, suas histórias, suas paixões, seus mitos e verdades?

Jaraguá é um pouco de tudo isto, mas é, acima de tudo, um grande palco onde as manifestações folclóricas apresentam-se com gosto de raiz, durante todo o ano.

Mas Jaraguá, às vezes, se ensimesma, deseiosa de calar uma pergunta que teima em se fazer: quem levará adiante esta bandeira? Nossa geração envelhece. Resta-nos a esperança de que estas sementes encontrem solo fértil no coração dos jovens e ali germinem e continuem encantando nossa gente, como um benfazejo oásis em meio à aridez dos sentimentos, que congela os sonhos e zomba das crenças.

Somos ricos enquanto guardamos nossos tesouros inalienáveis em vasos confiáveis:

- a fé, de que uma geração levantará sucessores;
- a esperança de que cumpram seu papel;
- o amor, que vence dificuldades, zomba do impossível e caminha, apesar das adversidades.

CAPÍTULO II

O CAVALEIRO DA RUA DAS FLORES

Autora: Cecília Pereira de Souza
(in memoriam),
by Ione Maria de Oliveira Valadares
CECUP - UFG - 1983

Meu padrinho, de nome João, morava com minha avó, aqui na rua das Flores. Foi ela quem o criou. Quando ele ficou rapaz, quis se mudar da casa de minha avó, porque queria liberdade. Os meus velhos eram muito enérgicos. Não gostavam que ele ficasse até tarde na rua.

Em frente da casa de minha avó, tinha uma casa que era assombrada. Era de um pessoal que morava na roça. Então, ele resolveu alugar um cômodo, um quarto dessa casa e ficou dormindo lá.

O povo vivia falando pra ele assim:

- Você vai ver... Você ainda vai ver assombração nessa casa.

Ele falava:

- Não tem nada. Eu não acredito nessas coisas não.

Respondiam

- Tem um cavaleiro que vem e desce af na porta. O cavalo vem ferrado e tudo. Você ainda vai ficar assombrado.

- Não acredito nisso não. Não tem essa bobagem não.

E continuou lá nessa casa.

Quando foi um dia, durante quaresma, ele conta que chegou da rua, abriu a sala e entrou no seu quarto. Naquele tempo, não tinha luz aqui. Então, ele entrou no seu quarto e acendeu uma vela e pôs numa cadeira, na cabeceira da cama.

Ele estava sem sono e pegou um livro para ler. Ele era muito ativo, muito ladino. Era professor aqui em Jaraguá. Então, ele pegou

o romance e foi ler. Estava distraído com a leitura, nem estava lembrando de assombração... Nesse meio tempo, ele ouviu... O cavalo veio... "pá... pá... pá...", de ferradura. Subiu na calçada... Na porta da casa, tinha uma poltrona grande... O cavalo veio com aquele barulhão, bateu na calçada, fez "pla" na calçada. Nisso, ele escutou o cavaleiro descer, arrastando a espora. Ele tinha certeza de que a porta estava trancada. Ele tinha acabado de fechá-la. E o cavaleiro continuava a arrastar a espora indo pela casa adentro. Ele pensou: "Eivem aqui no meu quarto". Então ele abriu a janela e correu. Correu para a casa do meu pai, que ficava perto da casa do meu avô. Tudo na rua das Flores. Chegou lá só de cueca, chamando minha mãe e meu pai.

Minha mãe acordou meu pai. Ele sabia que João dormia lá nessa casa. Aí meu pai levantou na carreira, abriu a porta. João estava com olhos arregalados, com medo. Entrou e disse para minha mãe:

– O cavaleiro tá lá, tia. Entrou lá dentro da casa. Não chegou a entrar no meu quarto, mas eu ouvi o arrastar de espora dele. Ouvi o barulho, tudo, o cavalo até soprando na porta! Ouvi o barulho da ferradura batendo na pedra!

Contou, ainda, o que pensou na hora:

– Eu vou é sair daqui, porque se eu ficar aqui, ele vem cá no meu quarto.

A casa da mamãe era pequena. Não tinha lugar para ele dormir, não tinha mais uma cama para dar a ele. Nem uma rede tinha. Aí meu pai disse assim:

– Vamos lá, João.

Meu pai e ele saíram, foram lá pegar o colchão dele. Chegaram lá, a porta estava trancada, e a janela aberta. Abriram a porta, pegaram o colchão, fecharam a janela e a porta e vieram embora. Nesse dia ele dormiu lá na casa do meu pai.

Desse dia em diante, ele não quis pousar lá na casa nunca mais. Voltou para a casa do meu avô e largou de muita farra que ele fazia.

Muita gente andou vendo esse cavaleiro descendo lá nessa casa. Fizeram que era o marido da mulher que morava lá. Falam que esta mulher não era assim muito séria. O marido dela morava na fazenda e vinha à noite para ver se ela estava andando direito.

Então, quando ele morreu, ficou fazendo essa arte aí, fazendo assombração.

Mas isso tudo é coisa de tempo vencido, porque agora no tempo presente, ninguém fala mais nessas coisas. A casa onde aconteceu isso, ainda existe, no mesmo lugar.

Agora, mora outra família lá, que nunca contou nada.

TEREZA BICUDA

Autora: Roberta Silva Rosa
(Pedagoga Pós-Graduada em Língua Portuguesa)

Entre os rios, serras, escravos e ouro que compuseram a história da cidade de Jaraguá, ficaram muitos acontecimentos ou casos de que as pessoas mais antigas da cidade ainda têm lembranças, sem saber se foram realmente verdadeiros.

Uma das histórias mais conhecidas pela maioria dos moradores é a da Tereza Bicuda. Essa personagem foi criada e recriada de diferentes maneiras e chegou até nós em diferentes versões. Como disse um contador de histórias: "... cada um conta de um jeito". Uns contam que Tereza Bicuda era uma mulher rica e orgulhosa. Outros, que era pobre e infeliz. Mas todos a viam como pessoa malhita e "praguejada", que só encontrou sossego, após a morte, nas serras e rios que circundam a cidade. Os contadores de casos vão recriando as versões, conforme seu trabalho, suas crenças e seu modo de vida. Assim, essas histórias, inventadas e contadas por investigadores e contadores, conhecidos ou não, permaneceram através dos tempos, transmitidas dos mais velhos aos mais novos, como parte da história da própria cidade. Vejamos:

Tereza Bicuda

No meio religioso e de extrema moralidade da antiga Vila de Jaraguá, Tereza Bicuda, que morava ali, no Larginho Santana, com a mãe, era uma aberração social.



Era uma mulher de corpo bem feito – aparentemente bonita – que se oferecia à vida como ninguém, cuja protuberância esquisita de seus lábios malfeitos e o sobrenome “Bicudo”, valeu-lhe o apelido de Tereza Bicuda. Bêbada, diariamente obrigava sua mãe a pedir as coisas na rua e daí surgiam as brigas, pois a velha era uma mulher muito virtuosa – em quem Tereza batia toda vez que surgia um novo conflito. E, um certo dia, ela bateu demoreadamente a rua das Flores todinha montada na mãe, pôs freio de cavalo, esporas e ia para cima, depois para baixo, sobre as costas da mãe que gemia de dores.

Assim aconteceu muitas vezes, porém, nesta última, Tereza foi praguejada pela mãe.

Descrente, nunca visitava a igreja.

Quando era forçada a passar diante de alguma, virava o rosto e resmungava baixinho. Trabalhava aos domingos, para que o povo visse que não respeitava as tradições eclesiásticas.

“Era a ofensa à consciência das velhas beatas que, diariamente freqüentavam as igrejas e capelas de Jaraguá. O terror da menina vadia. Os homens, não a temendo, a adoravam.”

Passado muito tempo, Tereza Bicuda ficou louca, andava gritando pela rua.

Um dia, Tereza Bicuda morreu. “Nem uma lágrima surgiu de algum olho cristão. Não merecia lágrimas, nem piedade quem não soubera viver e não chamara o padre no seu último momento”. Ninguém foi ao seu velório e, como prostituta que era, só apareceram para carregar o seu caixão três homens – dizem que uma mulher muito sensata da Vila obrigou seu marido a ajudar no transporte do corpo, dizendo que quando era pra mexer com ela na rua, ele estava sempre pronto – uma vez que são necessários quatro homens para se carregar um caixão.

“Era costume colonial enterrar os defuntos no corpo das igrejas. Não havia ainda cemitérios em Jaraguá. A capelinha do Rosário, situada ao sopé de suave colina, sempre fora a depositária dos corpos pobres, que não podiam ter o luxo de serem enterrados dentro da matriz. Na capelinha do Rosário foi então enterrada Tereza Bicuda, sem cerimônia preliminar”.

“Por três noites consecutivas, ao soar da meia-noite, quando dava uma ventania medonha, a população ouvia medrosa os gritos que soltava Tereza Bicuda pedindo que retirassem o seu corpo de dentro da capelinha. Ali não era o seu lugar na morte, como não era em vida. Ao final do terceiro dia, à meia-noite em ponto, Tereza Bicuda saiu do seu túmulo e percorreu as ruas quietas da vila, gritando desesperadamente”.

“O terror gelava os que a ouviam. Daquela noite em diante, as pessoas que andavam na noite, viam sempre surgir lá no fim da rua um imenso vulto branco a correr, deixando cair das suas vestes suas línguas de fogo, que enchiam o ar do cheiro desagradável de enxofre. Por onde passava, iam ficando os vestígios de seus pecados”.

“A grama queimada, secava. Os animais traziam pêlos sapecados”.

“O povo quis pôr um término ao martírio que vinha sofrendo. E os homens mais corajosos da Vila exumaram Tereza Bicuda e levaram seu corpo, já em vermes, para a serra de Jaraguá”.

Ali, num lugar pedregoso a enterraram ao pé de uma cruz chamada “Cruz das Almas”, onde um forte cheiro de enxofre enchia

o ar. Nesse local nunca mais surgiu uma planta, e os marimbondos tomaram conta da cruz, espantando a todos que dela se aproximassem e também nunca mais Tereza Bicuda aterrorizou com seus gritos a pacata população jaraguense.

Referências

FITTIPALDI, Ciça. *Tereza Bicuda: versão de um conto popular*. São Paulo: Scipione, 1988. (Col. Histórias de encantamento.)

LACERDA, Maria Elzibeth de Oliveira. JESUS, Célia Moreira Gomes de. SIQUEIRA, Maria Ozana. *Tereza Bicuda – O imaginário de um povo*. Monografia de Pós-Graduação em Literetura Brasileira. UNIVERSO: 2004.

TEIXEIRA, José Aparecido. *Foldre goiano; cancionero, lendas, Superstições*. 3ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional; Brasília. Instituto Nacional do Livro, 1979, (Brasiliana, 306)

VALADARES, Ione Maria de Oliveira. NEI, Clara de Lima. Org. *Histórias Polulares de Jaraguá: Tereza Bicuda*. Goiânia: CECUP/ICHL, UFG: 1983.

CAPÍTULO IV

BRINCADEIRAS E CANTIGAS DE RODA NA RUA DAS FLORES

Autora: Roberta Silva Rosa
(Pedagoga Pós-Graduada em Língua Portuguesa)

Quem de nós não tem, guardadas lá no fundo da memória, a vontade de reviver e divertir nossas lembranças, as canções de nossa infância? Quem não se emociona ao recordar aquelas brincadeiras de criança movimentadas pelo ritmo das cantigas de roda?



"Ciranda, cirandinha, vamos todos..." É pena, mas, cada dia menos, as crianças conjugam, cantam e dançam o verbo cirandar – desta e de qualquer outra cantiga de roda. A lista de motivos que distanciaram a cantiga e a roda das brincadeiras infantis é grande.

Os edifícios e suas minúsculas áreas de lazer engoliram, literalmente, os quintais amplos nas grandes cidades, a insegurança afugentou das ruas as crianças. Ao mesmo tempo, com velocidade espantosa, a mídia transforma em modismo musical e comportamental a dança da garrafa e outras, que, no máximo, exigem da meninada capacidade de imitação. Longe do círculo, das lendas e das cantigas de roda, os baixinhos deixam de ganhar uma grande contribuição para seu desenvolvimento social, cultural e emocional.

Ao longo da História, esse passatempo transmitiu histórias, lendas, cultura. E consolidou o vínculo afetivo de muitas gerações, que se deram as mãos, cantaram e dançaram juntas, falando a mesma linguagem, apesar da mudança dos tempos. A cantiga e a roda sempre representaram uma das sólidas pontes entre as avós e seus netos, por exemplo. Senhoras e crianças recitaram o mesmo verso, cada uma em seu tempo e, mais tarde, na mesma roda – cúmplices, uma da outra. Brincando com símbolos, assumindo papéis diferentes na representação, ou simplesmente recitando um verso no centro da roda, os baixinhos “vestem” diferentes personalidades e experimentam distintas emoções – vivências que os ajudam a construir a própria identidade. No vaivém da roda, a criança vai descobrindo a harmonia dos movimentos do próprio corpo e a musicalidade de sua voz.

Arcas encantadas. De mãos dadas no círculo, ou dentro dele, as crianças têm a oportunidade de exercitar sua desenvoltura, de compartilhar alegria, afeto e aprovação dos amiguinhos. Também têm a chance de se projetar no grupo. Brincando, elas exercitam sua capacidade de socialização, habilidade necessária em qualquer ambiente que exija convivência e traquejo social. Ao longo da vida, a “roda” terá cenários bem mais amplos: a escola, o trabalho, a cidade, o país e a família que o adulto vier a formar. E, embora não seja o remédio para todos os males, as cantigas de roda podem até favorecer, nessa idade, a convivência dos clubes do Bolinha e da Luluzinha sem maiores desavenças.

De verso em verso, as músicas e as danças também mantêm vivas a história e a cultura de um determinado país o

região. É o que se vê, por exemplo, em o Peixe Vivo, canção que relembra a lenda amazônica do boto, que seduzia as jovens solteiras dos povoados ribeirinhos.

Engana-se quem imaginar que as qualidades dessas ricas baixinhas terminam por aí. Elas são fortes aliadas também na hora de ensinar a meninada a ler e a escrever. Os especialistas afirmam que a familiaridade com textos conhecidos e apreciados pelos baixinhos facilita a alfabetização. Perceber que a combinação de determinadas letrinhas resulta em cada uma das palavras do refrão de uma cantiga conhecida é muito mais gostoso e interessante do que aprender a ler e escrever palavras isoladas. Isso, dizem esses profissionais, aumenta a capacidade de compreensão da criança que, assim, tem mais possibilidades de interpretar e conhecer o mundo em que vive. As cantigas podem ser comparadas a baús que guardam diferentes tesouros. Por isso tem crescido o número de educadores e músicos que procuram recuperar a força e o brilho dessas arcas encantadas.

Resultado de uma composição rica como poucas, formada por jogos sonoros, jogos de palavras, rimas, ritmos e cadências variadas, poesias, versos, fonemas, repetição, narrativa, figuras de linguagem, musicalidade, linguagem corporal, canto e dança, a origem das cantigas de roda se confunde com a nossa própria história; está presente nas esquinas de cada região, cada país, cada continente; já se tornaram de domínio público, patrimônio da humanidade.

Mexendo e remexendo nossa imaginação, as cantigas aguçam a fantasia, levam-nos ao mundo do faz-de-conta, povoado por mitos, lendas, personagens, crenças, cores, influências, etnias e até fatos históricos; funcionam como importante ferramenta de entretenimento, informação e formação de um indivíduo e revelam a essência da alma de um povo.

Com essa convicção, o Colégio Mérito foi nas raízes da mistura de culturas, que formam a cultura brasileira, resgatar algumas dessas cantigas/brincadeiras enfocando a rua das Flores como marco na história de Jaraguá, oferecendo a este projeto o título “BRINCADEIRAS E CANTIGAS DE RODA NA RUA DAS FLORES”.

Vamos tentar aqui resgatar as velhas brincadeiras de infância cujas vantagens são imensas. Desenvolvimento da noção de espaço, da lateralidade, da coordenação motora, da interação com o grupo e tantas outras habilidades que podem ser desenvolvidas. Não podemos deixar que estas brincadeiras restrinjam-se ao pré-escolar. Devem perpetuar pelo ensino fundamental com brincadeiras adequadas à idade tentando diminuir o consumismo por brinquedos caros e solitários.

Lembranças de uma moradora
Prof. Jezaumar Luzia Caetano da Rocha
(Moradora da rua das Flores desde 1998)

“Tudo era muito simples, a gente se reunia nas portas das casas por volta das seis horas. Era uma animação só. Todo mundo juntos e muitas brincadeiras.”

Todos tinham suas obrigações, mas, as meninas, além de barrear o fogão com barro branco, pra ficar bonito, fazer sabão, manter a casa arrumada e o quintal limpo, ainda cuidavam dos irmãos menores. Eu não tinha irmãos menores, mas uma amiga minha dava banho em sete irmãozinhos antes de sair para brincar. Eu ia pra lá, lavava um, ela outro. Mais meninas apareciam e lavavam os outros. Enquanto um ficava limpo, os outros brigavam entre si conosco, mas a luta ia até tudo ficar pronto.

Nós não podíamos brincar todos os dias. Às vezes, um pai ou até mesmo uma avó dava o grito e tudo era interrompido, até o mundo ficava mais triste quando isso acontecia.

As brincadeiras eram o resumo da mais pura inocência. Meninos e meninas se misturavam para fazer a alegria da rua.

Samba crioula, Corre cutia, Esconde-esconde, Pular corda, Passar anel, Jogar finca e peão, Mostrar e guardar a margarida erguendo e baixando a saia – e até Atirar o pau no gato de verdade. Era tudo o que a gente fazia, enquanto um grupinho de adultos tecia desde comentários importantes até as mais picantes fofocas sobre a vida das mocinhas.

A gente catava pedrinhas e fazia bonecas de sabugo de milho. Era um jogo, mas, até falar, falavam. Tudo ali era um verdadeiro barulho.

Nossos encontros não passavam das oito horas da noite, pois a luz apagava. E com a luz apagada, tudo podia acontecer. O tal Cavaleiro da rua das Flores ou a Tereza Bicuda – que era muito perigosa – poderiam aparecer a qualquer momento e levar um de nós.

Todo mundo tinha muito medo. Os adultos enchiam nossas cabeceiras, e nossa imaginação fértil criava monstros de todos os tamanhos, formas e cores.

Nas noites de Lua cheia, nos reuníamos na frente de alguma casa para cantar as modas de viola que tocavam no rádio. Ah! Ouvir rádio era um dos nossos programas prediletos, mas quase não se podia ligar o rádio para ouvir música, pois gastava muita pilha, e os adultos tinham que ouvir o noticiário. “Em Brasília, 19 horas...”

A rua mudou muito, o jeito de brincar também está diferente, a luz não apaga mais às oito horas da noite, e a Tereza Bicuda, acho até que se mudou de Jaraguá. Não estou condenando a chegada do progresso, mas gostaria de fazê-los sentir um pouquinho do prazer que sinto sendo moradora da rua das Flores...”

Brincadeiras Antigas

Batata quente

Todos em roda, sentados no chão, com um objeto na mão vai passando e cantando a seguinte canção:

*Batata que passa quente,
batata que já passou,
quem ficar com a batata,
coitadinho se queimou!*

Quando disser queimou, a pessoa que estiver com o objeto na mão, sai da roda.

Chicotinho Queimado

Escolhe um objeto para ser o chicotinho queimado, pode ser um pedaço de corda ou corrente.

Todas as crianças tapam os olhos, enquanto uma outra criança esconde o chicotinho queimado. Todas as crianças saem à procura do chicotinho já com os olhos destampados. À medida que alguma criança estiver perto, a que escondeu o chicotinho dirá está quente. Se estiver longe diz está frio. Esquentando ou esfriando conforme a distância. Diz pelando, quando estiver muito perto do chicotinho. Aquela que achar pega o chicotinho e sai correndo atrás de outra criança. Aquela que for tocada levemente pelo chicotinho será a próxima a escondê-lo.

Corre, cutia

Os componentes deverão tirar a sorte para ver quem ficará com o lenço. Deverão sentar na roda com as pernas cruzadas. Quem estiver segurando o lenço corre ao redor da roda enquanto o grupo fala:

*Corre, cutia
Na casa da tia
Corre, cipó
Na casa da avó
Lencinho na mão
Caiu no chão
Moço bonito
Do meu coração.*

O dono do lenço então pergunta:

– Posso jogar?

E todos respondem:

– Pode!

Um, dois, três!

Deixa então o lenço cair atrás de alguém da roda. Este deverá correr, pegar o lenço e correr atrás de quem jogou antes que este volte ao seu lugar. Se conseguir pegar aquele que jogou, ele será o próximo a jogar o lenço, se não conseguir, quem jogou o lenço continuará segurando-o para jogar atrás de outra pessoa.

Para tirar a sorte:

*Um, duni, tê
Nahimé mingüê
Um sorvete colorê
Um, duni, tê
Quem saiu fora foi você!*

Passo anel

Sentado numa roda, o grupo tira a sorte para ver quem vai passar o anel. Todos devem unir as palmas das mãos e erguê-las na sua frente. Quem ganhou na sorte deve segurar o anel entre as palmas das mãos e passar as suas mãos pelas mãos dos componentes do grupo deixando o anel nas mãos de alguém que ele escolher, mas deve continuar fazendo de conta que continua passando o anel até o último do grupo.

Ao final pergunta a um dos participantes onde está o anel? Se este acertar ele será o próximo a passar o anel. Se errar, quem recebeu o anel é que passará, começando novamente a brincadeira.

Serra, Serra, Serrador

Brincam duas crianças, uma de frente para a outra, de pé, dando-se as mãos. Começam a balançar de trás para frente, indo e vindo e cantando:

*– Serra, serra, serrador!
Serra o papo do vovô!
Quantas tábuas já serrou?*

Uma diz um número, por exemplo, quatro. Elas então deverão dar quatro giros com os braços sem soltarem as mãos.

Seu lobo

Escolhe-se uma criança para ser o lobo que deverá se esconder perto. As outras crianças deverão ir até onde o lobo está escondido e então cantam:

*Vamos passear
enquanto o lobo não está,
pronto seu lobo?*

Então o lobo responde:

Não, estou tomando banho. As crianças dão outra volta cantando novamente até chegar perto da casa:

*Vamos passear na floresta
enquanto o lobo não está,
pronto seu lobo?*

O lobo responde outra coisa:

– Estou escovando os dentes, estou botando meu sapato e assim por diante. Cada vez o lobo dirá algo diferente que está fazendo, até quando estiver pronto. O lobo então sai sem falar nada atrás das crianças. A que ele conseguir agarrar será o próximo lobo.

Cantigas de Roda

A barata

*A barata diz que tem
Sete saias de filó
É mentira da barata
Que ela tem é uma só*

*Rá, rá, rá
Rô, rô, rô
Ela tem é uma só*

*A barata diz que tem
Um sapato de fivela
É mentira da barata
O sapato é da irmã dela*

*Rá, rá, rá
Rô, rô, rô
O sapato é da irmã dela*

*A barata diz que tem
um anel de formatura
É mentira da barata
Ela tem é casca dura*

*Rá, rá, rá
Rô, rô, rô
Ela tem é casca dura*

*A barata diz que usa
Um perfume muito bom
É mentira da barata
Ela usa é detefon*

*Rá, rá, rá
Rô, rô, rô
Ela usa é detefon.*

A Canoa Virou

A canoa virou,
Fui deixar ela virar,
Foi por causa de fulano (nome da criança)
Que não soube remar.

Siriri pra cá, siriri pra lá
Fulana é velha
E quer se casar

Siriri pra cá, siriri pra lá
Fulana é velha
E quer se casar
Se eu fosse um peixinho
E soubesse nadar,
Eu tirava fulano (nome da criança)
Do fundo do mar.

Siriri pra cá, siriri pra lá
Fulana é velha
E quer se casar
Siriri pra cá, siriri pra lá
Fulana é velha
E quer se casar

Ai, bota aqui, ai, bota ali o seu pezinho

Ai, bota aqui, ai, bota ali o seu pezinho
O seu pezinho bem juntinho com o meu (bis)

E depooois não vá dizer
Que vocêêê já me esqueceu (bis)

Ai, bota aqui, ai, bota ali o seu pezinho
O seu pezinho bem juntinho com o meu (bis)

E vou chegaaar nesse seu corpo
Um abraaaço quero eeu (bis)

Ai, bota aqui, ai, bota ali o seu pezinho
O seu pezinho bem juntinho com o meu (bis)

Agora queee estamos juntinhos
Me dá um abraaaço e um beijinho

Ciranda, Cirandinha

Ciranda, Cirandinha,
vamos todos cirandar,
vamos dar a meia-volta,
volta e meia vamos dar.

O anel que tu me destes,
era vidro e se quebrou,
o amor que tu me tinhas,
era pouco e se acabou.
Por isso menina
entre dentro desta roda,
diga um verso bem bonito,
Diga adeus e vá-se embora.

Todo mundo se admira
de macaca fazer renda,
eu já vi uma perua,
ser caixeira de uma venda.

Era uma casa

Era uma casa
muito engraçada,
não tinha teto,
não tinha nada.
Ninguém podia,
entrar nela não,
porque na casa,
não tinha chão.
Ninguém podia
dormir na rede,
porque na casa,
não tinha parede.
Ninguém podia
fazer pipi
porque penico,
não tinha ali.
Mas era feita
com muito esmero,
na rua das Flores,
número zero.

Escravos de Jó

Escravos de Jó
Jogavam caxangá.
Tira, bota
Deixa o Zamberê ficar.
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue, zigue, zá
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue, zigue, zá.

Esta rua

Esta rua, esta rua tem um bosque,
que se chama, que se chama Solidão.
Dentro dele, dentro dele mora um anjo,
que roubou, que roubou meu coração.

Se roubei, se roubei teu coração,
é porque tu roubaste o meu também.
Se roubei, se roubei teu coração,
é porque, é porque te quero bem.

Se esta rua, se esta rua fosse minha,
Eu mandava, eu mandava ladrilhar,
Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhante,
Para o meu, para o meu amor passar.

Marcha soldado

Marcha soldado, cabeça de papel
Se não marchar direito
Vai preso no quartel

O quartel pegou fogo
O bombeiro deu sinal
Acode, acode, acode,
A bandeira nacional

O cravo e a rosa

O cravo brigou com a rosa
Debaixo de uma sacada
O cravo saiu ferido
A rosa, despetalada.

O cravo ficou doente
A rosa foi visitar
O cravo teve um desmaio
A rosa pôs-se a chorar

O cravo tem vinte anos
A rosa tem vinte e um
A diferença que existe
É que a rosa tem mais um

Sambalê, lê

Sambalê, lê tá doente
Tá com a cabeça quebrada
Sambalê, lê precisava
É de umas boas palmadas

Samba, samba, samba ô lê, lê
Samba, samba, samba ô lá, lá

Olhe morena bonita
Como é que se namora
Põe-se um lencinho no bolso
Com as pontinhas de fora
Samba, samba, samba ô lê, lê
Samba, samba, samba ô lá, lá

Terezinha de Jesus

Terezinha de Jesus
De uma queda foi ao chão
Acudiram três cavalheiros
Todos três chapéu na mão

O primeiro foi seu pai
O segundo seu irmão
O terceiro foi aquele
Que a Tereza deu a mão

Terezinha de Jesus
Levantou-se lá do chão
E sorrindo disse ao noivo
Eu te dou meu coração

Tororó

Fui no Tororó
Beber água e não achei
Achei bela morena
Que no Tororó deixei
Aproveita minha gente
Que uma noite não é nada
Se não dormir agora
Dormirá de madrugada
Oh! Mariazinha
Oh! Mariazinha
Entrará na roda
Ficará sozinha
(Fulana responde):
Sozinha eu não fico
Nem hei de ficar
Porque tenho (fulana)
Para ser meu par
Deita aqui no meu colinho
Deita aqui no colo meu
E depois não vá dizer que você se arrependeu

Um, dois, feijão com arroz

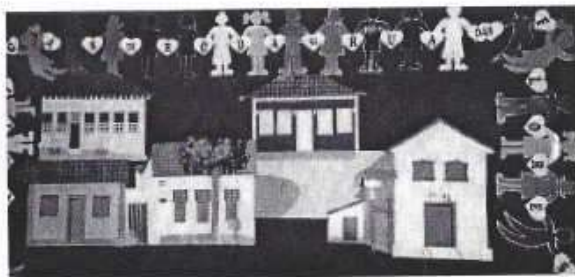
Um, dois,
Feijão com arroz.

Três, quatro,
Tenho um prato.

Cinco, seis,
Pulo uma vez.

Sete, oito,
Como um biscoito.

Nove, dez,
Olho meus pés.



Referências

PEIXOTO, Afrânio. *Miçangas Fama (Folclore) e História*. Rio de Janeiro, Livraria Editora Cátedra, 1977

RAITANI NETO, Felício. *Lendas e credices da minha infância*. Curitiba, Irmãos Raitani, 1944

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, 1987.

RODRIGUES, Ana Augusta. *Rodas brincadeiras e costumes*. Brasília, Editora Plurarte, 1984

ROMERO, Sílvio. *Folclore brasileiro; cantos e contos populares do Brasil*. 3 v. Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora, 1954.

CAPÍTULO V

VIVA SANTA CECÍLIA!!!

Fabiano Luiz de Castro.

Conforme o professor Mozart de Araújo, toda a música Popular Brasileira tem suas bases no Lundu e na Modinha. Argumenta que no primeiro o batuque “simples” e cheio de malemolência fora sugado para as casas da aristocracia burguesa, onde, pouco a pouco, se transforma em canção pelas mãos fidalgas das sinhás-moças ao som do cravo e do piano. A modinha aos poucos deixa o interior das residências para se banhar nos lares austrais. Desprezando o contraponto do cravo, pelo contracanto dos baixos melódicos de mestres violões.

Dai vem a inegável contribuição do indígena, do europeu e do negro na formação cultural brasileira. Dos indígenas, herdamos a musicalidade da fala, instrumentos, canto e dança como podemos observar nos Tapuios, um folguedo tradicional da Velha Capital onde misturam carajás e negros no Lundu do Marruá. Dos africanos, herdamos a tradição significativa da molemolência da fala bem carinhosa no diminutivo usado para tudim, como na tradição de manter a alegria com seus batuques de celebrar a Rainha Ginga através do seu cortejo na Entrada da Rainha, originária nas manifestações culturais de etnias Moçambique (sarandi) e Congo (congadas), aqui metamorfoseadas em outras entidades veneradas sob os signos católicos de N. Sra. do Rosário e São Benedito.

Para melhor mensurarmos a sua importância não podemos deixar de observar também a situação geopolítica em que está inserida a região de Jaraguá, nos encontramos privilegiadamente na linha da estrada real – com acesso à Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo – entre as cidades de Pirenópolis e Goiás.

Neste texto, despreziosamente tentamos resgatar um pouco da musicalidade desta “Lendária Terra”. É trabalho árduo, as fontes

históricas (documentais) são poucas e se encontram espalhadas pelos arquivos públicos: municipal e estadual, de particulares em sua grande maioria legatários desta "cultura musical" dos ermos goianos e eclesiásticos paroquiais e da cúria.

Ao falar de música, tem-se obrigatoriamente que tocar na questão educacional em nosso Estado. A professora Belkiss Carneiro de Mendonça, em sua *A Música em Goiás*, textualmente refere tanto à antiga capital quanto a cidade de Pirenópolis, onde, segundo ela, originou-se, ao que nos foi dado saber, uma cultura musical. Nesta última, em fins do século XVIII, foi instalada uma escola de primeiras letras onde estudaram figuras como Antônio Félix de Sousa, Joaquim Gomes de Siqueira, Joaquim Gomes Curado, que, juntos à sua prole, contribuíram significativamente para a evolução cultural de Jaraguá. Também são importantes as contribuições de figuras como o mineiro Bernardo Antônio da Silva, o paulista Baltazar de Camargo Britto, Alexandre Ribeiro de Freitas, Antônio Lemos dos Santos, Jerônimo Rodrigues de Moraes, Fernando Luiz Machado, Gabriel Raymundo de Lima, os Bicudo de Andrade, Manuel Amorim e muitos outros.

O jaraguense e professor Luciano Fonseca, é quem indicou três datas primordiais para melhor compreendermos a criação de instituições educacionais e posteriormente a criação de bandas de música. São elas: 1808, com a chegada da família real portuguesa ao Brasil; A independência de 1822 e 1831/2 ocasião em que se instalaram as Guardas Nacionais, os reflexos de tais iniciativas são notados em Goiás.

O ilustre Dr. Jerônimo Geraldo de Queiroz, em sua *Evolução Cultural em Goiás* dá notícia de que no Governo do Pernambucano Cel. Caetano Maria Lopes Gama, encontrando um Goiás anárquico e decadente, convoca o Prof. Cón. Luiz Antônio da Silva e Sousa para redigir uma memória Histórica da Província. Dela resultou o seu pedido ao Império, para criar vários estabelecimentos de ensino. É de se recordar que na Colônia, apenas os padres podiam ministrar o curso médio e, assim mesmo, só as matérias para o sacerdócio como: português, latim, retórica, apologética etc. Somente pe-

instauração do cônego Silva e Sousa, a partir de 1821, alguns alunos conseguiram licença do governador para cursarem aulas particulares de línguas, aritmética e geografia. Os pais, assim, teriam de enviar os filhos a Coimbra ou Mariana para estudarem nos seminários, línguas, aritmética, filosofia e ciências. Urgia, pois, a libertação do ensino secundário, no que, aliás, se destacaram Joaquim Alves de Almeida, o Pe. Silvestre Álvares da Silva e outros como: o Dr. Luiz de Assis Mascarenhas, Dr. João Machado Corumbá, José Marques de Azevedo, João Bueno Pitaluga Caiapó e João Batista Xavier Serra Mourada, na libertação do ensino secundário em Goiás, por volta de 1844.

Continua o professor Queiroz informando que:

Padre Silvestre a pouco chegou da Corte do Rio de Janeiro, onde teve contato com o que existia de mais moderno, logo após sua experiência como parlamentar constitucionalista, se vê envolvido, já em 1824, na campanha pela criação de vários estabelecimentos de ensino. Estes esforços resultaram na multiplicação de escolas primárias pelo sistema lancasteriano, na administração do Brigadeiro Miguel Lino de Moraes.

Na administração do 3º Presidente da Província de Goiás, o Coronel de Ordenanças José Rodrigues Jardim, são erigidas em Vilas os antigos arraiais de Meia-Ponte, Jaraguá¹ e Bonfim. E este grande incentivador da instrução primária vota especial interesse à educação. Sucedido por José de Assis Mascarenhas, ocasião em que foi reexaminado o ensino primário e secundário, quanto a professores, alunos e método pedagógico, deixou 27 escolas de instrução primária com 1.137 alunos, três aulas de gramática latina e, na cidade de Goiás, cadeiras de geometria, retórica, teologia moral e filosofia racional. O ensino secundário foi regulamentado em novembro de 1847, ano em que se deu a inauguração do Liceu de Goiás.

Sob o governo do vice-presidente, comendador Antônio de Pádua Fleury (1848), foi criada uma aula de música (posteriormente anexada ao Liceu). Na administração de Francisco Mariani, foram suprimidas as aulas de latim de

¹ Em condição de Vila em 1833, no ano seguinte é instalada em Jaraguá sua Casa de Escola sendo seu 1º Sargento-mor José Mariano de Vasconcelos (possivelmente o primeiro professor da Escola de primeiras letras de Jaraguá, aberta em 18 de agosto) pertencente à recém-criada Guarda Nacional.

várias vilas e reduzida à instrução secundária apenas no Liceu. Pouco mais de uma década após, o Dr. Francisco Januário da Gama Cerqueira, incentivou a instrução, efetivando a fundação do Seminário Episcopal, em 1860. Quando da instalação do Seminário, o Liceu quase foi fechado, mas o jaraguense Dr. João Bonifácio Gomes de Siqueira (1864) funda o Gabinete Literário Goiano, com mais de 4.000 volumes nacionais e estrangeiros com seus cem (100) sócios – estando entre eles Félix de Bulhões. Nesse Gabinete se consolidaram as ideologias abolicionista e republicana que após a Guerra do Paraguai criam corpo e transformam a face política do País (através do pensamento positivista Comte). No final da década de 1860, abre-se um colégio em Pirenópolis, dirigido pelo Pe. Henrique Raimundo de Genetes, que já se fecha em 15 de junho de 1870. O baiano Dr. Antero Cícero de Assis, dota a Capital de um teatro público, pela compra do S. Joaquim ao seu construtor, negociante Manoel das Chagas Artiaga.

A memória oral jaraguense, reza que os Padres Silvestre Álvares da Silva – primeiro irmão de mesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento, fundada na década de 30 do século XIX, e o Pe. Manoel Ribeiro de Freitas, seu coadjutor que desde o início dos anos 1840 já está presente em Jaraguá,

[...] Em Goiás, conforme nos dizem vários apontamentos feitos por esses vigários, era um religioso costume que cada vigário formasse o seu substituto, o qual, além de pároco, seria Padre-Mestre. Assim: Padre Silvestre, em Jaraguá, prepara o Pe. Ribeiro de Freitas [...] (Fonseca da Silva, fls. 182).

Segundo o professor Luciano Fonseca, conseguiram estabelecer na cidade alguns dos principais festejos que contribuiram para a integração social da comunidade jaraguense, como as festas de São Sebastião e do Divino Espírito Santo. Onde os santos mais ligados à agropecuária e lavoura começam a receber mais atenção dos fiéis, que os de outrora, quando do ciclo da economia mineratória.

Conforme relato da professora Belkiss S. Carneiro de Mendonça, em seu livro *A História da Música Goiana*, “[...] o Padre Freitas esteve de passagem em Pirenópolis, vindo de Traíras e fixou residência em Jaraguá onde, era conhecido como ‘Padre

dos Motetes’ [...]”, a obra oferece cópias de partituras supostamente compostas pelo Pe. Manoel. No entanto, aqui há um grande problema para a elucidação da tradição musical jaraguense.

Seria mesmo o Credo de São José do Tocantins também conhecida em Goiás, por Missa de Freitas, uma criação destes Freitas? E ainda, qual Manoel Ribeiro de Freitas seria o verdadeiro autor da Missa de Freitas?

Recentes publicações, principalmente as que são fruto de pesquisas realizadas pelo estudioso professor Marshal Gayoso Pinto, da vizinha Pirenópolis também apoiado em trabalhos do professor Paulo Bertran, nos dão conta, de pelo menos quatro figuras residentes em Traíras, num período de 60 anos, todos denominados Manoel Ribeiro de Freitas. O primeiro Cap. Manoel Ribeiro de Freitas c/c Silvina Maria de Jesus aparece no assentamento de casamento de seu filho: o segundo Manoel que foi casado com Isabel Francisca Carvalho; o terceiro é o Pe. Manoel Ribeiro de Freitas (provedor, em 1798, e procurador, em 1807, da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de São José do Tocantins e também, já em Traíras, como coadjutor do Padre Manoel da Silva Álvares, em 1819), e o quarto e último² que tomou destino de Jaraguá. O Padre-mestre formado pelo antecessor (Silvestre) de quem fora coadjutor a partir de 1840 em Jaraguá ficou na memória local como sendo “O pai dos músicos jaraguenses”, no entendimento do professor Luciano Fonseca.

Ao falar em memória é bom salientar que deveríamos reavaliar esta postura aqui em Jaraguá, vez que este é, pode-se dizer, um dos

² Pe. Manoel Ribeiro de Freitas, n. 25/08/1815, natural de Traíras. Filho do Cap. Joaquim Ribeiro de Freitas e de D. Laura Francisca Guedes Furtado. Recebeu Tonsura e Menores a 8 de julho de 1838. Subdiaconato e Diaconato a 8/12/, para os dias 18 do mesmo mês de 1838 ordenar-se presbítero na Capela Episcopal de D. Francisco Ferreira de Azevedo (o Bispo de Goiás). Por volta de 1840, chega a Jaraguá na condição de coadjutor do Pe. Silvestre Álvares da Silva, substituindo-o a partir de 28/01/1865, na condição de Vigário à frente da Paróquia de Nossa Senhora da Penha, até seu falecimento ocorrido em 28/10/1892, aos 76 anos e sepultado na Igreja Matriz de Jaraguá, sob a campa nº 08. Como viveram outros padres contemporâneos, o Pe. Manoel teve por companheira D. Joaquina da Silva Machado, natural de Jaraguá, filha do mineiro Bernardo Antonio da Silva e D. Francisca Luiza Machado – irmã de José Bernardo da Silva (1º marido de D. Maria Bárbara Félix de Sousa e Silva), de Delfina da Silva Machado, de Inácio Antônio da Silva, de João Antônio da Silva Machado e outros. Aqui faleceu a 14/02/1889. Deste companheirismo tiveram os filhos: Aíltes Manoel Ribeiro de Freitas Machado, Joaquim Antônio de Freitas Machado, Umbelina Sebastiana de Freitas Machado c/c Salvador Pedross de Campos Fonseca – filho do Pe. Luís Fonseca (Lulu) do antigo Curralinho (hoje Itaberai) – atuou em Jaraguá como Promotor Público, José Bernardo de Freitas Machado c/c Antônia Avelina da Conceição, Bernardo Antônio de Freitas Machado c/c D. Luiza Augusta de Campos Fonseca, Gualter Ribeiro de Freitas e outros.

carros chefes do nosso patrimônio cultural material e imaterial. Os arquivos eclesiásticos que nos foram disponíveis pouco informam sobre a cultura musical sacra - que foram as primeiras aqui executadas no interior das capelas e igrejas. Na sede da Coorporação Musical Santa Cecília também não localizamos documentos referentes à sua criação, tais como: os primeiros estatutos, relações de diretores, mestres e músicos.

O Dr. Suzano Rodrigues, por volta dos anos 80 do século passado, em seu *Breve Histórico sobre a Coorporação Musical "Santa Cecília"*, nos dá notícia de que a Banda de Música Santa Cecília existe há mais de cem anos e coincide com o que ficou na memória oral. Tal afirmação se baseia na existência de um documento (recibo) com data de 09/09/1869 - que não indica o nome da agremiação musical, ocasião em que foram festeiros de (padroeira da cidade) Nossa Senhora da Penha os distintos senhores: o MM. Juiz de Direito da Comarca Dr. Benedito Félix de Sousa³ (a família Bulhões foi muito importante nos movimentos culturais da velha capital, destacando-se na música) o Tenente Manoel Álvares da Silva⁴ - Promotor Público. Neste documento, encontra-se o rol de músicos que tocaram durante a novena onde se vê o nome dos senhores: Alferes João Pereira Villarinho, Alferes Gordiano Antônio do Espírito Santo, Miquelino Raymundo de Lima - Mestre Quilú⁵, Custódio Romão (Rodrigues) de Moraes Sobrinho, Gabriel Raymundo de Lima⁶ e

³ Desor. Benedito Félix de Sousa, natural de Jaraguá, filho do metapontense Tenente Coronel Antônio Félix de Sousa e da jaraguense Josepha Cândida Xavier. É irmão inteiro do Desor. Joaquim Félix de Sousa, também bacharel em ciências jurídicas e sociais, pela Faculdade de direito de S. Paulo. Professor de Latim, Francês e de música (piano). Foi Juiz de Direito da Comarca do Rio Maranhão (Pirenópolis), do Rio das Almas (Jaraguá). Em 26 de junho de 1889, foi peonomo do Tribunal da Relação do Estado de Goiás. Foi casado com sua sobrinha paterna Adelaide de Bulhões Jardim (filha de seu irmão Inácio Soares de Bulhões). Adelaide era irmã do político Leopoldo de Bulhões e do poeta, liberal e abolicionista Desor. Antônio Félix de Bulhões Jardim que também foi Juiz de Direito em Jaraguá. É bisavô paterno do Desor. João Waldeck Félix de Sousa, natural de Goiânia, que, seguindo a judicatura, nos brindou servindo nesta Comarca. Por ocasião da inauguração do novo Fórum de Jaraguá (2007), juntamente com Desembargadores e Juizes, foi o Desor. João Waldeck, homenageado com o título Honorífico de Cidadão Jaraguense, oferecido pela Câmara Municipal. A grande maioria dos juizes que passaram pela Comarca de Jaraguá, influíram bastante na cultura Jaraguense, inclusive indiretamente, como o avô materno do Dr. Fernando Ribeiro Montefusco, o músico João Ribeiro da Silva, natural da Cidade de Goiás, foi parceiro de Amintas de Freitas na música "Veneno". Antes havia tocado com Antônio de Paula Freitas em vários conjuntos musicais e bandas na Cidade de Goiás.

⁴ Sobrinho do Pe. Silvestre Álvares da Silva, filho de seu irmão Cel. Antônio Álvares da Silva (liderança política em Trairais). Seus descendentes sempre participaram da vida política, social e cultural de Jaraguá, como outras famílias oriundas da região do antigo julgado de Trairais: os Ribeiro de Freitas, Machado de Freitas, Ribeiro da Silva Aranha, Gonçalves de Almeida, Leite da Silva, Guedes Furtado, Thomás de Aquino, Teixeira Chaves e outras.

Hermenegildo Raymundo do Nascimento Lima⁷, todos pertencentes a elite local, às camadas de comando e que nada perceberam por estes trabalhos. Em seguida, os nomes dos dois músicos "Pedro Nunes Viana e Porfírio Teixeira Chaves" que exigiram pagamento por terem tocado em missas, procissões e novenas.

A professora Belkiss, encontramos relato do saudoso político jaraguense Clotário de Freitas⁸ informando que a primeira agremiação musical jaraguense foi "... A Banda de Música "União Jaraguense" fundada, em 1876, conhecida como a banda do Mestre Quilú - Miquelino Raymundo de Lima...". O professor Luciano Fonseca (historiador pela UCG), acredita que a fundação dessa agremiação musical se deu na década anterior. Alega que a instalação de Companhias Militares e da Guarda Nacional na Vila de Jaraguá, no início de 1830, foi significativa para a cultura musical local. No ano realizado pelo então Comandante das Armas, Cunha Matos, em 1823/4, - em 184 casas (zona urbana) e uma população de cerca

⁵ Miquelino (ou Miquelino) Raymundo de Lima, natural de Jaraguá, n. 19/06/1840, párdio livre, filho de Gabriel Raymundo de Lima e Matildes Caetana do Nascimento. Foi militar: Alferes Secretário do 3º Batalhão das Guardas Nacionais do Município de Jaraguá (1864), assumindo as funções de Delegado de Polícia e professor de música, carinhosamente chamado Mestre Quilú, foi um dos mais importantes músicos da Lendária Terra. Em 1876, funda a Banda de Música "União Jaraguense" e tem seu nome resgatado pela Professora Belkiss Spencer Carneiro de Mendonça, na obra *A Banda em Goiás*, fl. 378, onde consta um breve relato de Clotário de Freitas, que o denomina equivocadamente: *Miquelino Ribeiro de Lima*. Passadas mais de duas décadas, em janeiro de 1898, um dia após os festejos do Martírio São Sebastião, recebe os pagamentos pela execução e direção musical, conforme atestam documentos do acervo de Ordem de Serviço Ferreira Rios. Falece a 05/11/1902, aos 62 anos, em local ainda não identificado. In: *Genealogia da família Lima, um símbolo pelo competente e generoso Prof. Antônio César Caldas Pinheiro, mui digno Diretor do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central - Sociedade Goiana de Cultura e acervos: paroquial, cartorial civil e da Comarca de Jaraguá.*

⁶ Gabriel Raymundo de Lima, natural de Jaraguá, n. em 22-03-1798, e falecido no mesmo arraial a 01-05-1876. Filho de José Pedro de Lima e D. Francisca de Paula Xavier. Possuiu uma casa de comércio onde negociava fazenda seca. Casou-se com D. Matildes Caetana do Nascimento, párdia livre, filha de Francisco Manoel Borges e de Francisca Ferraz de Oliveira. Fonte: Idem. E acervos: paroquial, cartorial civil e da Comarca de Jaraguá.

⁷ Hermenegildo Raymundo do Nascimento Lima, natural de Jaraguá, n. a 19/09/1827. Filho do Alferes Gabriel Raymundo de Lima e Dona Matilde Caetana do Nascimento. Neto paterno de José Pedro de Lima e Francisca de Paula Xavier Muito influente, além de político (foi deputado por mais de uma legislatura) foi negociante, professor de instrução primária, político e militar: Alferes da 2ª Companhia do 3º Batalhão de Guarda Nacional, em 30 de dezembro de 1862, (ato posteriormente assinado pelo então vice-presidente da Província de Goiás, o conterrâneo Dr. João Bonifácio Gomes de Albuquerque). E em 02 de janeiro de 1872 (com ato assinado pelo Presidente ACA, em 23 de setembro do corrente ano), ou seja, nove anos após seu ingresso na Guarda Nacional, foi promovido ao posto de Tenente-Cirurgião. Foi Juiz Municipal, Advogado e Presidente da Câmara, Deputado Provincial (1883), Intendente Municipal. A poetisa Leondegária de Jesus, filha de Ana Furtado de Lima é sua neta materna. Fonte: Idem. E acervos: paroquial, cartorial civil e da Comarca de Jaraguá.

⁸ Clotário de Freitas, filho do Mestre Balthazar de Freitas e Maria Catarina (Marica) de Freitas Machado (o primeiro sobrinho e a segunda neta do Pe. Manoel Ribeiro de Freitas). Clotário foi Prefeito de Jaraguá (poucos dias), deputado estadual por três legislaturas, Secretário de Estado do Interior e Justiça. Na velha capital do Estado graduou-se em medicina, onde também estudou violino com o Mestre Joaquim Edson chegando a integrar a Orquestra do Cinema "Iris" em Jaraguá, participou como clarinetista da Coorporação Musical Santa Cecília. Foi casado com sua conterrânea a poetisa jaraguense Graziema Machado de Freitas (D. Grace).

Dr. Lírio Freitas

de 750 pessoas, onde 150 eram escravas - entre estes moradores encontramos quantidade considerável de militares, sendo: três capitães, cinco furriéis, dois sargentos-mór, um porta-bandeira, sete tenentes e mais de uma dezena de sargentos. O que originaria pelo menos uma Banda de formação mais militar. Mas o professor Luciano ressalta a influência dos padroados de Silvestre Álvares da Silva (que aqui assume as funções de coadjutor em 1803, pároco em 1833/1834) e Manoel Ribeiro de Freitas (vigário em 1840 e falecido em 1892), naturais de Traíras, que foram os grandes agregadores culturais de Jaraguá por ajudarem a moldar nosso jeito de ser em praticamente todo o século XIX. E, talvez por isso mesmo, salienta a conotação mais religiosa que militar na formação de nossos músicos, bem diferentes dos músicos de Pirenópolis, que são mais militares (levando-se em conta a influência da formação militar que a primeira banda de música formada no Estado teve, quando em 1830, 31 o Mecenaz Comendador Joaquim Alves de Oliveira, funda a banda que mais tarde é agregada à Guarda Nacional).

A professora Maria Helena R. Amorim, em sua *História de Jaraguá* informa sobre os festejos para a comemoração da promoção do Sr. Diógenes Gomes Pereira da Silva para o posto de tenente-coronel comandante do Batalhão da Guarda Nacional de Jaraguá, em janeiro de 1883. Nessa ocasião, seus amigos ofereceram-lhe uma noite inesquecível, um sarau, com direito a discursos do juiz municipal, tenente Francisco Policarpo de Amorim, do deputado provincial Hermenegildo Raymundo do Nascimento Lima e de sua filha Isolinda Furtado Lima. Em seguida, tiveram lugar os hinos executados pelas senhoras: D. Escolástica, D. Jovita e D. Brasilina e pela Banda de Música, logo após, deu-se início à quadrilha, onde dançaram 24 pares o sarau terminou às 4 horas da manhã).

Em janeiro de 1898, um dia após os festejos do Mártir São Sebastião, com patente de Tenente Coronel Miquelino Raimundo de Lima recebe os pagamentos pela execução e direção musical (mas de qual agremiação?), conforme atestam documentos do acervo do Ordener (Dêgo) Ferreira Rios.

Pesquisando no acervo do Mestre João Leite da Silva encontramos grande quantidade de partituras, que nos fazem ainda

mais perguntas, pois, os nomes constantes nas partituras, que são muitas, compreendendo o início dos 1800 até a década de 1950, podem muito bem indicar, tanto a autoria (composição), quanto a possibilidade de ser copista ou ainda proprietário. Nestas partituras aparecem os nomes de figuras como: Mestre Quilú, João Raymundo de Lima, Joaquim Vicente de Lima, João de Simão, Salomão Santiago, Balthazar de Freitas, José Pedro de Amorim, José Batista Mundim⁹, Cap. Diógenes Gomes Barbo de Siqueira (que no ano de 1909 aparece em partituras como Diretor, mas de qual agremiação musical?) e seu irmão Euclides Gomes Barbo de Siqueira - clarineta, Joaquim Antunes da Silva - clarineta, e outros.

Dr. Paulo Antônio Gonçalves¹⁰ conta que, por ocasião da criação de duas bandas em Jaraguá: Santa Cecília e Euterpe, também foram separadas as partituras do nosso acervo musical. Mestre João Leite da Silva ficou com o acervo de músicas sacras e, Balthazar de Freitas¹¹, com o acervo profano. O engraçado é que nos dois arquivos podemos encontrar composições idênticas. É sabido que na ausência de Balthazar, a Banda de Música ficava por conta do Mestre José Pedro de Amorim¹², exímio clarinetista, também fazia graça no piston. De suas composições, ressaltamos valsas como "Quebra Ferro" (Dr. Paulo se pergunta: - Valsa com esse nome? Geralmente o nome é suave. Dedo de Veludo e Kimpô, todas compostas para as séries cinematográficas norte-americanas, próprias para o fundo musical do cinema mudo, que funcionava na rua do teatro, hoje Pedro Rates da Conceição.

Ano de 1909 é muito importante para a musicalidade jaraguense. É sabido que Balthazar de Freitas teve problemas

⁹ Filho de João Batista Mundim e irmão de Benedito Batista Mundim.

¹⁰ Esta edição também consta a biografia do Dr. Paulo Antônio Gonçalves de Almeida, produzida por Maria Augusta Barbo de Siqueira.

¹¹ Balthazar Ribeiro de Freitas, n. a 07/12/1870, tinha apenas 05 anos quando do inventário de seu pai. Balthazar faleceu em 31/05/1936, foi c/c Maria Catharina de Freitas Machado (Márcia), sua parenta, n. a 25/11/1880, filha de sua mãe, irmã Umbelina; neta materna do Pe. Manoel Ribeiro de Freitas e Joaquina da Silva Machado, falecida a 09/09/1914, sepultada no Cemitério Santana, túmulo nº 70. Para saber mais sobre Balthazar, leia sua biografia confeccionada por sua bisneta Dulce M. Rios Pedroso, no capítulo X, primeira parte.

¹² Mestre João Pedro de Amorim, natural de Jaraguá, músico de fama, filho do Cel. Francisco Policarpo de Amorim e sua esposa D. Emerenciana Rodrigues de Moraes (Sá Xana). Foi casado com Maria (Lica) Nila de Almeida Amorim, filha materna de Sá Pacifica e sobrinha de Balthazar de Freitas). Quando de seu trágico passamento, foi homenageado por sua filha e magistrado Desor. Augusto Ferreira Rios, que lhe dedicou várias páginas do livro *Ramalhete*.

políticos em Jaraguá por ocasião da revolução dos lençóis vermelhos, que destituíram Rocha Lima da Presidência do Estado. Balthazar se dirigiu para a cidade de Bonfim (hoje Silvânia) e, no ano seguinte, o jornal *O Planalto* informa que em Silvânia Mestre Balthazar acabara de fundar uma escola de música bastante concorrida e, também havia iniciado a reorganização da banda de música daquela cidade. No ano seguinte, seu filho Clotário deu nota à professora Belkiss, informa que Mestre Balthazar havia refundido nova banda também em Jaraguá aproveitando os remanescentes da Santa Cecília a redenominando como Banda Euterpe Jaraguense. Vai aí outra pergunta: – Como poderia Balthazar se encontrar trabalhando no mesmo ano, dirigindo duas bandas em duas cidades não tão próximas assim?

Outra informação colhida junto a seu outro filho Deserto Geraldo Bonfim de Freitas indica que o mestre teria voltado para Jaraguá por volta de 1914.

Acervo do MESTRE JOÃO LEITE DA SILVA¹³

João Leite foi professor de primeiras letras e música, seu instrumento de preferência foi a clarineta, lecionando em sua residência, situada na rua Desor. João Bonifácio Gomes de Siqueira (antiga rua do Mercado) no centro velho e hoje com o nome de Manuel M. da S. Álvares.

Em Jaraguá foi coletor das Fazendas Estadual e Federal, também foi proprietário rural, fazenda Córrego Fundo.

Conforme informações obtidas em conversas com seu Joaquim Militão¹⁴, de saudosa memória, Mestre João Leite “[...] atuava com mais freqüência, na igreja, regendo o coro [...]”. É também mencionado por Clotário de Freitas, “[...] Clarinetista e regente deixou grande número de discípulos, que reverenciam sua memória como compositor e firme regente [...]”.

João de Freitas Queiroz (João Epaminondas), neto materno

¹³ Natural de Trairas, nascido por volta de 1860. Mestre João casou-se com Virgínia de Sousa Pimentel, não de descendência, mas adotaram e reconheceram como filha, Ana Leite da Silva, filha natural de Maria Cutabana – cujas palavras de seu neto João Epaminondas Queiroz, “... era uma “pretinha papuda” (em razão do bócio), carinhosa e chamada Dona Cula, cujos beijos faziam a alegria da meninada. Dona Cula residia na então rua do Teatro – hoje rua Pedro Rates da Conceição, no centro histórico, ligando a Pousada do Rosário ao Pelotão de Polícia Militar. Dona Cula casou-se com Epaminondas de Freitas Queiroz, de família proveniente de Trairas.

de Mestre João Leite, relata que, por volta de 1950, seu avô o chamou para ajudá-lo que pusesse fogo no acervo, mas, como João Epaminondas tocava trombone na banda, reservou-o a gaveta.

Tive a honra de apreciar algumas peças, no ano de 2006, na hospitalidade da residência de seu João Epaminondas. São, aproximadamente, dezessete quilos de partituras, acondicionados em caixas de plástico, tamanho médio. E, logo de cara, dentre as inúmeras peças, as primeiras que me vieram às mãos, foram partituras do Credo e da Missa de Freitas. Em seguida, o Moteto dos Passos e cópias de partituras e composições dos mestres: Quilú, Sô Zó – Balthazar de Freitas (segundo o Desor. Manuel Amorim Félix de Freitas, Baltazar foi um baluarte na vida cultural de Jaraguá), José Pedro de Amorim e João Leite da Silva. Nesse acervo é possível visualizar a origem e/ou local destas composições/cópias: de Piratópolis, Bonfim (hoje, Silvânia), Cidade de Goiás e Itaberaí (amigo Curralinho). Neste rol, é digno de nota o “Moteto dos Santos” de 1808, mas existem partituras que alcançam a primeira metade do século passado. Mestre João Leite faleceu em Jaraguá, entre os meses de agosto e setembro de 1960.

A Professora Lyz Elizabeth Amorim Melo Duarte¹⁹, conta que “[...] Muitas vezes, haviam disputas entre os chefes políticos locais para a condução das cerimônias [...]”. Em entrevista à autora, Clotário de Freitas contou que, por ocasião das festividades, havia duas bandas de música, durante as primeiras décadas do século passado. A banda “... Santa Cecília era formada por Balthazar de Freitas, descendente da família Freitas, oriunda de Trairas. Os integrantes da outra banda eram ligados ao chefe político local, Cel. Diógenes de Castro Ribeiro²⁰ [...]”. As rivalidades políticas se agravavam, por ocasião das festividades ou comemorações em Jaraguá. Cada uma das facções políticas queria se sobressair mais do

¹⁴ Joaquim Militão, nascido na rua das Flores, em 10/03/1911, falecido nonagenário em Goiânia a 04/02/2006, sepultado no lote nº 328, do Cemitério Parque da Serra, em Jaraguá. Foi um dos maiores guardiões de memória oral que esta cidade produziu. Músico nato tocou contrabaixo na Banda Santa Cecília sob a regência de Mestre Zé Pedro de Amorim. Também tocava violão – foi o primeiro a ensinar música a seu sobrinho, o violonista Raul Santiago –, cavaquinho, viola e violino. Também foi luthier (construtor de instrumentos) chegou a produzir um violino que vendeu para Inacinho Camargo (pai de Benedito, Beli e Ricarte Camargo), para que um seu empregado nortista tocasse (rabeca) em sua comunidade. Vibe em sua biografia no Cap. 3, primeira parte.

Nome	Compositor	Documento	Situação	Data
Missa de Freitas	?	09 partituras "Jaraguá"	bom estado	sem data
Motete dos Passos	?	03 fls. idem ¹³ ?	bom estado	/ /1890
Ladainha Battaglia ou Battaglia	José P. de Amorim	01 fl. idem Jaraguá	idem	28/11/1901
Saudade de Jaraguá	Joaquim M.?	Jaraguá	regular	sem data
Valsa Sinhá Moça	M.R.M.	Goiás	idem	07/02/1901
Do amigo Joaquim Antunes				
Novena p ^o 4 vozes ¹⁴ (Carolina)	Balthazar J. Martins	varias fls. ?	bom	30/ /1890
Benção de Palmas	T. Nascimento	01 fls. Meia Ponte	bom estado	05/11/1900
Liquidação de Amores	João Leite da Silva	- Jaraguá	idem	sem data
Caburé do Galvão ¹⁵	Idem	- Idem	idem	em 1872
Beata Maria	Miquelino R.Lima	- Idem	idem	21/05/1900
	Cópia de Balthazar de Freitas			
Lágrimas	Idem	- Idem	idem	23/05/1900
Nov. de S. Sebastião	João Leite da Silva	- Jaraguá	idem	31/05/1901

Nome	Copistas	Doc. Local	Situação	Data
Credo Brasileiro	Director Cap. Diógenes G. B.	- Jaraguá	idem	24/03/1901
Credo de S. Paulo	Luiz de Sá	- Jaraguá	idem	20/05/1901
Credo de S. Paulo	José Batista Mundim	- Idem	idem	23/09/00
Dob. Cel. Fernando M.	Diógenes G. B. S.	- Idem	idem	16/12/1900
Gratidão do Juvêncio	Balthazar de Freitas, p ^o requinta	- ?	bom estado	09/10/1901
Hino D. Eduardo Duarte da Silva	Idem	- Idem	idem	02/04/1900
(cópia do Cap. José Bernardo)				
Hino Divino E. Sanno	Idem	- Idem	idem	1909-1910
P ^o 2 ^o Baixo	João de Simão	- Curralinho	idem	17/11/1910
?	Salomão Santiago	- ?	idem	07/09/1910
Senhor Soldado não me prenda	?	- ?	regular	sem data
Missa segunda	José Batista Mundim	- Idem	idem	14/05/1900
Novena Baixo em #	M. Lima (Quilú)	- Idem	idem	29/02/1900
Nov. de Balthazar J. Martins - cópia de	Idem	- ?	regular	1902
João Raimundo de Lima				
?	Joaquim Vicente de Lima	- ?	2 regular	02/07/1890

que a outra. Era comum (nas palavras de Clotário), que uma banda se posicionasse no início de uma procissão e a outra no final. E cada uma tocava uma "retreta" diferente, ao mesmo tempo. Às vezes era necessário o sacerdote intervir, para dar continuidade à cerimônia religiosa...".

O compositor jaraguense Desor. Manuel Amorim Félix de Sousa, filho do último intendente e músico, Raul Félix de Sousa

¹³ Cinco referentes ao Credo: 1^o violino, bombardão e trompa em mi, trombone em dó e outra não identificada; e as partituras da Missa: 2^o violino sib, bombardão e trompete em mi, e novamente o trombone em dó.

¹⁴ Três folhas contendo 6 páginas, documento em ótimo estado de conservação, costurado a mão, levam o nome de seu tal Agostão de Siqueira.

¹⁵ Chamada Carolina, pela quantidade de cópias foi bastante executada.

¹⁶ Dizem que mestre João Leite gostava muito do Largo do Rosário, tanto que algumas de suas composições aí tiveram inspiração, como a polka "Lágrimas" e esta quadrilha: Caburé do Galvão. "...No final de uma tarde, estava lá o mestre observando a serra, contemplativo, e aí, ouviu-se o canto de um caburezinho - pequena coruja, logo ali, pelas bandas do córrego do Galvão (também denominado lava-pés), que inspirou-lhe a melodia..."

Caburé - Ave noturna, de canto agourento, piros tristes. Fls. 68 *Dicionário do Brasil Central*, Bariani Oriencio Valdome

que, nos anos vinte do século passado, "... A única coisa boa que tinha para fazer em Jaraguá era serenata...".

É muito difícil conseguir situar no tempo e espaço músicos contemporâneos e que também foram passando gerações, e ainda colocá-los na formação das quatro bandas de que até então temos notícia, ou seja, a formada anteriormente ao documento do século XIX (recibo de 1869), os componentes da Banda União Jaraguense do Mestre Quilú de 1876. A primeira formação da Banda Santa Cecília e sua possível data de fundação por volta de 1890? (já que sua refundada no primeiro decênio do século XX) e a Banda Euterpe Jaraguense. Dos acervos dos Mestres Balthazar de Freitas e João Leite da Silva, podemos extrair nomes como os dos músicos: Mestre Quilú, Hermenegildo R. do N. Lima, João Leite, Balthazar de Freitas, José Pedro de Amorim, Cap. Diógenes Gomes Barbo de Siqueira, Benedito Gomes Barbo de Siqueira, Manoel de Amorim, Sebastião Gonçalves de Almeida, J. C. A., Euclides Gomes Barbo de Siqueira, Luiz de Sá, Raul Félix de Sousa, Antônio Gonçalves de Almeida²¹, João Machado, Joaquim Antunes da Silva e Joaquim Antunes de Sá, João Bueno, Clotário de Freitas, Nadim (Manoel Bernardo de Amorim), Benedito Batista Mundim, Antônio de Paula Freitas, José Mundim, Benedito Fernandes Leal (leia sobre cop. 11, primeira parte), Almeida de S. Francisco das Chagas e Francisco (Chico) Bruno do Rosário²².

Até onde nos foi possível verificar, relacionamos os músicos que pertenceram às Bandas Santa Cecília e Euterpe Jaraguense:

Bocais: Manoel Marcelino da Silva Álvares²³ (Mané Frederico) - bombardino; Antônio de Paula Freitas²⁴ - bombardino; Adolfo Gomes Vivas²⁵ - trombone; Geraldo Amorim²⁶ (Pampa) - piston; Natal Soares

²¹ Natural de Jaraguá, filha do mineiro Elói de Faria Melo e Lina Amorim, jaraguense do pé-rachado, em sua tese O Poder da Estrutura nos Municípios de Ceres e Jaraguá-GO, uma análise comparativa. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 1999.

²² Cel. Castrinho, natural de Jaraguá, n. a 20/10/1878, filho do Cel. Antônio de Castro Ribeiro, mineiro de Ouro Preto, n. a 1/03/1840 e f. em 27/03/1900) e D. Josefa Gomes Pereira da Silva, (viúva do Alferes Manoel Ribeiro de Freitas (chicado) jaraguense (n. a 27/12/1855 f. em 04/12/1911), neto materno do Ten. Cel. Diógenes Gomes Pereira da Silva e da Maria Bárbara Félix de Sousa. Cel. Castrinho foi o maior líder político jaraguense que chegou pelo sufrágio universal ao cargo de 2^o vice-presidente do Estado (hoje vice-governador), sendo presidente Brasil Caiado, assumiu a condução do governo no ano de 1927. Faleceu em Goiânia no dia 23 de Julho de 1938, seu corpo foi sepultado no jazigo da família Castro Ribeiro, Cemitério de Santana, em Jaraguá-GO.

de Castro²⁷ (Tatá) – trombone; Sebastião (Licínio) de Carvalho²⁸ – trombone; Benedito Fernandes Leal (Sá Paula) – Tuba (também conhecido como baixo pequeno helicon); Antônio (Sá Joana) – baixo; Antônio Gonçalves de Almeida – trombone; Sebastião Gonçalves de Almeida – piston e, posteriormente, flauta; e Antônio Pitaluga e Bertoldo – trombone; Hermenegildo e João Antunes – trombone.

Percussão: Benedito Vaz – tarol e caixa; Joãozão – zabumba; Joaquim Sinhá – bumbo; Silvestre Álvares (marido de dona Rosinha de Pina) – caixa; Francisco Álvares da Silva (Chico irmão de Mané Frederico) – prato; e Sebastião Rates da Conceição²⁹ – prato e bumbo.

Palhetas: Pedro Rates – clarineta; Zé Pedro de Amorim – clarineta; Benedito Batista (Ditum) Mundim – requinta e clarineta.

Junto a Banda de Música também houve espaço para os conjuntos musicais (Reminiscências Orquestra de Dança) R.O.D. Ano 1945 (Dulce fala da existência na década de 1960).

Liderado por Sebastião (Nenzão) Siqueira – saxofone; Zé Paes – sax alto; Diodato – sax; Sebastião (Licínio) Carvalho, Mané Frederico – Bonbardino, Natal de Castro – trombone; Dito Sô Pêu – bateria; Paulo Baiano na bateria, e no bangô, Pedro Vaz. Eugênio (Roxo) – sax; Luís Pitaluga – violão; Pedro Rates – Clarineta; Geraldo Amorim e Hélcio Machado no piston.

²⁷ Antônio Gonçalves de Almeida, Jaraguense, filho de José (Zeco) Gonçalves de Almeida e D. Umbelina Ribeiro de Freitas Camargo, n. m. da Jaraguense Pacífica (Sá Pacífica) Soares de Camargo e Freitas e do Coronel Antônio Ribeiro de Freitas, natural de Traíras. Casado com D. Umbelina (Dubim) Pereira Villarinho, sua conterrânea, filha de Saturnino Pereira Villarinho e D. Maria Bárbara Rodrigues Ferreira, n. m. de Francisco Antônio Rodrigues Ferreira e Maria Ribeiro da Silva Aranha. Antônio Gonçalves estudou no Seminário Santa Cruz, onde também estudara seu tio Balthazar de Freitas, na década de 1890. Nos novecentos foi promotor público da lendária Terra. Participou ativamente da Banda Santa Cecília, exímio instrumentista influenciou sobremaneira seu sobrinho Geraldo Amorim, que também adotaria o piston e dele, dizem, tirava suas inimagináveis. O casal teve os seguintes filhos: Geraldo (Toró), Jubirá (Birá), Waterloo (Teló), Abigail (Teia), mãe do Ronaldo Cacique e José (Dubim) todos Gonçalves de Almeida. Alguns de seus descendentes fizeram parte e ainda podem ser vistos na formação atual da Banda Sta. Cecília, como, por exemplo, seus netos: José Carlos G. de Almeida (Juninho de Coimbra) e Jubirá Teodoro Gonçalves de Almeida.

²⁸ Natural de Corumbá de Goiás, Chico Bruno, é a maior expressão musical de sua terra, conforme o Dr. Benedito Odilon Rocha. Chico Bruno é autor de uma centena de músicas para a banda e corode igreja. Também, por problemas políticos advindos da nova configuração da revolução de 1909, foi obrigado a sair de Corumbá, passou por Aracaty (antiga Trairinha) fixando residência em São Francisco das Chagas onde muito colaborou com a cultura daquela cidade. Fonte: *A história da Música em Goiás*, da professora Belkiss, Danças para Banda – coleção de M. I. acervo do Maestro Balthazar de Freitas, Gaioso Pinto, Marshal. ICBC e entrevista com o Dr. José Roberto de Sousa – pesquisador da história de São Francisco de Goiás.

²⁹ Nesta obra vem publicada ótima biografia do Mestre Manoel de Frederico. Obra da professora Dulce M. Rios Pedrosa, por ocasião de sua homenagem realizada pela Associação dos Defensores do Pat. His. e Cult. de Jaraguá e Corporação Santa Cecília. Saiba mais Cap. 9, parte 5.

³⁰ Antônio de Paula Freitas, natural de Jaraguá, n. a 10/01/1896, filho do Cel. Joaquim Ribeiro de Freitas Camargo (Quinquim Freitas Camargo) e de D. Delfina filha de Sá Julia (escrava de sua mãe Sá Pacífica) foi vereador e procurador

Foi madrinha deste conjunto musical a Sra. Ilça Gonçalves de Almeida Machado (esposa de Hélcio Machado). Aqui, em Jaraguá, animavam as noites do “Clube Balança mais não Cai” que foi sede do Fórum municipal e abrigou: Biblioteca Ferreira Rios, Rádio Cidade de Jaraguá e a Academia Jaraguense de Letras. Apresentavam-se em todas as cidade próximas de Jaraguá.

A maior glória do conjunto se deu em meados dos anos 50, do século passado, ocasião em que se apresentaram no Jôquei Clube, em Goiânia.

³¹ Filha, e antes Conselheira da Intendência. Paula Freitas foi c/c Maria Hester Ramos Jubé, c/s. Músico, aos dez anos entrou em estudos em Jaraguá, com os Mestres Balthazar de Freitas (irmão de seu pai), José Pedro de Amorim e Joaquim Soares da Silva. Ainda menino, tocava baixo em si, já em 1914 integra a formação da 1ª Orquestra da Velha Capital, criada por Nhãnhã do Couto (avó da imortal professora Belkiss), responsável por um dos bombardinos, esta formação responsável pelo fundo musical do cinema “Luso Brasileiro”. Em 1918, ingressou na Banda do 6º Batalhão de Caçadores, onde sua participação na formação da Orquestra do Cine Iris, junto a seu primo Clotário de Freitas (violino). Integrou a Banda Ypiranga e, quando esta foi extinta, passou a regente da Banda da Catedral (1930). Posteriormente, Mossoró, compôs e vendeu os instrumentos para a Irmandade dos Passos, e Antônio de Paula Freitas passou a ser o regente da Banda local. Transferiu-se para a nova capital, chegando a dirigir as Bandas Santa Cecília e posteriormente a Banda do Espírito de Maria, sendo Maestro-regente da última. Compôs marchas fúnebres n. 01 e 02 e também a valsa “Volanda”, que foi tocada em Jaraguá quando das festas mais tradicionais da cidade e de S. Francisco de Goiás, Petrolina e Lagolândia.

³² Filho de Francisco (Chiquinho) de Freitas Vivas Mariquinha Gomes de Sousa.

³³ Geraldo Amorim, natural de Jaraguá, filho de Maria (Lica) Nila de Almeida Amorim (neta materna de Sá Pacífica) foi um dos conterrâneos. Mestre José Pedro de Amorim, músico de fama, filho do Cel. Francisco Policarpo de Amorim e sua segunda esposa D. Emerenciana Rodrigues de Moraes (Sá Xana). Geraldo herdou o dom de seu tio materno o célebre instrumentista Antônio Gonçalves de Almeida. Sua mãe também lia música, e muito bem (informação de Dr. Paulo Antônio). Geraldo foi criado por sua tia D. Olímpia Amorim Camargo e casou-se com Ana, sua prima, filha de sua tia Dolores (Cacique) de Almeida Andrade c/c Francisco Realino de Andrade. Geraldo e Ana são avós maternos de D. Elodoraz Teodoro Gonçalves, esposa de Dr. Paulo Antônio Gonçalves, seu primo, neto paterno de Antônio Gonçalves de Almeida, como mencionado.

³⁴ Manoel Soares de Castro, n. a 05/01/1905, natural de Jaraguá, filho de Anna Victória (Inhana Morenã) de Freitas (Castro) e Francisco Carneiro de Castro ou Soares de Castro, (Chico Moreno/Morenã), conforme outros documentos, natural de Jaraguá, n. a. a. tropelão, chegou a Jaraguá na virada dos 1900, falecido 1910 +/-, em Santa Rita do Paranaíba. Neto do Pe. João Carneiro de Castro – de São João D’El Rey – teve mais de 10 filhos com Francisca ?, conhecida como “Chiquinha maquieta” – que fazia a travessia do Rio Paranaíba para o Arraial de Santa Rita – Goiás, atualmente Itumbiara. Natal foi de Estelina Souto de Castro, natural do Distrito de Santo Antônio do Rio Verde, Município de Catalão-GO, filha de Manoel Rodrigues Souto e sua 2ª esposa, D. Maria dos Anjos Souto, n. a 2/08/1882, natural de Santo Antônio do Rio Verde, município de Catalão-Goiás, falecida em Goiânia (Campinas), a 17/05/1970. Natal e Natalina tiveram os filhos Manoel, José Soares de Castro, Manoel, Nilza, Chico Natal, Fabiano, Natércio, Neide, Nalva, Neusa e Natalzinho.

³⁵ Sebastião (Licínio) de Carvalho, natural de Jaraguá, n. a. 20/01/1912-13, f.a. 20-03-2003. Filho do mineiro de Uberaba, Cel. Licínio de Carvalho (também trombonista) e da Jaraguense D. Ana Eliza da Conceição. Casou-se com Ana da Costa (Dona Nita), filha de Deodato Teófilo Teixeira e Isaura Firmiana da Costa, natural de Goiás Velho. Foi Mestre e diretor da Banda Santa Cecília por inúmeras ocasiões e junto a Manoel Marcelino da Silva Álvares (Mané Frederico) passaram muitas dificuldades para dar seguimento à tradição de banda de música nesta cidade. Seu Sebastião Licínio, assim chamado para identificar a pessoa como é de costume no interior, foi um homem correto. Meio introspectivo, dava impressão de não conversar muito, mas os familiares e amigos dizem que era muito brincalhão, com quem tinha liberdade de expressão. Seus irmãos Amélio e Anicélio de Lima (irmãos de Joãozinho – Francisco de Lima – Cabeludo) o chamavam carinhosamente de “Paucho” sabe lá por que. Já Zezé Cuité, muito brincalhão, também sabia bular o mestre tratando-o por “Roberto Carlos”. Sua formação teve como alicerce o primário, único curso que frequentou, mas sua condição autodidata o moldou: autor de obras de ofício projetista, carpinteiro e exímio músico. Dizia-se “[...] um apaixonado pela música[...].” Habilitado, com facilidade executava: violão, trombone, clarineta e a flauta, que facilmente o levava para as serenatas, junto aos

Enquanto a ROD alegrava a classe alta da cidade, os barbeiros IRMÃOS FRANÇA na mesma época (1948) colaboravam.

Naturais de Itaúnas – MG, vieram para Jaraguá por volta de 1948. Logo após, montaram um conjunto musical denominado “Irmãos França”, cujos integrantes foram: Joaquim França – voz e cavaquinho; João França – voz e violão; José França – pandeiro; Zé Pereira (tio dos França) – sanfona; Mané Rosa no violino (RABECA), e, posteriormente, o baiano Irineu Pereira de Abreu – violão e voz. Apresentavam-se nos clubes da cidade. O primeiro funcionava quase em frente à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, onde hoje é a loja do Dum (Eletrozim); mais tarde, no “Balança mais não Cal” prédio que abrigou a Câmara, a Biblioteca Municipal e onde primeiro se instalou a Rádio Cidade 910 AM, na esquina da viela Pedro Rates da Conceição e rua Manoel Marcelino da Silva Álvares, no centro histórico, em frente ao Pelotão da Polícia Militar.

Joaquim França (barbeiro muito conhecido), conta que, quando foi candidato a vereador, em 1992, subia no palanque e falava “[...] tem 34 anos que eu faço a cabeça do povo [...]”.

Gabriel Camargo

José Carlos (Carlinho) França, filho de Joaquim França e D. Divina Abr(u)enhosa, influenciado pelos familiares: pais e tios, já mencionados. Carlinhos iniciou na viola aos oito anos. Pouco mais tarde, muda-se para Goiânia, onde conheceu outros músicos, alguns (hoje) de renome nacional, como: Zazá Brasil – antigo parceiro de Zezé de Camargo, que com o nosso Carlinho, formou a dupla Zazá e Zezé – 1985/1989. No dia 26 de novembro de 2006, a dupla se apresentou no quadro televisivo, “Se vira nos trinta”, no programa

companheiros Orlando Raimundo de Brito, no violão, Seu Neco Raimundo, Osvaldo Antunes, no trombone, Joaquim Militão, no cavaquinho e os cantores Zé Chagas e Galeno Amorim. Foi mestre de música da Banda Santa Cecília na primeira administração do Prefeito Sílvio de Castro Ribeiro, dando aulas (tinha hábito de usar o bocal como batuta) em sua residência na formosa rua do Rosário, onde ocorriam os ensaios da banda posteriormente levados para a Igreja da Conceição. Foram seus alunos: Sílvio Moreira – Baixo; Eugênio Álvares – Sax; Dirico (Frederico Álvares de Pina) – Piston; Paulo Antônio – Sax; Fernando Machado – Clarinete; Sub-Ten. Eurípedes José dos Santos – Sax horn – trompa; Joaquim do Couto (irmão de Agostinho Boca Roxa). No início da década de 1960, forma uma banda carinhosamente chamada de “Tião e seu Conjunto”. Seu sonho era formar um conjunto com suas filhas, todas cantoras cada uma com um timbre de voz diferente. Composições: Bolero – Sonhando, executado com frequência pela Banda Santa Cecília Valsas – Ilma, Ivana, Ione, Iony, Irani – em homenagem às filhas e a sua primeira neta (Kátia Maria). Nonagenário, faleceu no hospital maternidade de Jaraguá, cantando a música “O Destino Desfolhou” que seu filho Irani tanto gosta.

²⁹ Irmão do ourives Pedro Rates (também espia da cavalaria no tempo que corriam no Largo da Matriz) que morou na rua das Flores. Sebastião Rates é avô materno do Lindomar Oliveira do supermercado.

Domingão do Faustão, agradando o público. Com mais de 20 anos de estrada, Gabriel e Adriano seu parceiro, apresentam-se em festas agropecuárias, aniversários de municípios, ou mesmo festas do interior dos estados de Goiás e Tocantins.

Família Raymundo de Brito

Dos descendentes do Sr. Benedito Raymundo de Brito (Intendente Municipal,) destacam-se os filhos: Teobaldo c/c Dona Elisa Álvares da Silva e Reginaldo R. de Brito³⁰.

Disseram os irmãos França: — Que os filhos de Teobaldo e Elisa Álvares da Silva: Orlando no surdo; Seu Neco – voz e bumbo e Sinhô – voz e violão, faziam o carnaval dos pobres. No início dos anos dourados (1950), Fíca Gomes, tia de Celina, além de cantar nas serenatas, também emprestava sua voz para as marchinhas de carnaval. Outra que muito cantava nas festas de momo, era a mãe de Thula, Roni e Tia Neguinha, D. Avelina Ribeiro de Faria e Joaquim da Costa Teixeira, filho de Diodato da Costa Teixeira e D. Laura Firmino da Costa.

Sebastião Carvalho formou uma banda denominada “TIÃO E SEU CONJUNTO”, junto do Dirico. Quando este acabou, quase todos os componentes formaram outro conjunto OS IMPACTOS.

José Roberto da Rocha disse que, em 1971, Parreira formou um conjunto musical denominado “Os Impactos”. Apresentavam-se nas cidades de Uruana, Petrolina, São Francisco e aqui em Jaraguá, onde tocavam aos sábados no antigo salão paroquial, onde se realizavam os bailes carnavalescos e, também, na praça do Coreto e até mesmo no “Circo Lambari” – que aqui ficava uma temporada todo ano. Diz que os instrumentos estavam todos com o saudoso Frederico de Pina Álvares³¹ (Dirico de Dona Rosinha de Pina).

O conjunto era integrado por: Dirico – piston; Parreira – croner e guitarra; Zé de Moura – croner; Almir e Porfirão – contra-baixo; Zé Roberto da Rocha e Zezé Cuité (irmão de Tião Facão) – bateria.

Na última administração de Sílvio de Castro, Zé de Moura era o ZM2 (Zé de Moura 2).

José (Zezé Cuité)³² contou sobre a formação de Dirico e Seu Conjunto, por volta de 1970: bateria – Zezé Cuité; contra

baixo – Almiro, irmão da professora Mara; órgão – Chiquinho; piston – Dirico, vocal e guitarra – Vailton; viola, violão, guitarra e voz – Parreira (que também cantava em Inglês) e croner – Zé de Moura e/ou Zé Fatal.

Zeze conta que o conjunto tocou nas cidades de Porangatu, Gurupi, Formoso, Estrela do Norte, Goianésia, S. Francisco, Ururana, Petrolina etc.

Pela Banda de Música Sta. Cecília, tocou por quase uma década no Muquém, época em que se faziam bailes animados e concorrentes nas pontes de rios como Maranhão e Traíras, animando alvoradas, procissões e barracas no santuário da romaria.

Diferentes Períodos Musicais:

Medieval (séc. 12, 13 e 14)

Dividida entre sacra e secular, a música vivencia um grande avanço, sobretudo na concepção do ritmo. Principais autores: Léon, Péron, Mchaut.

Renascimento (1430-1600)

As missas e os motetos são as formas predominantes do renascimento ocasião em que as obras passam a ser ouvidas por um público maior. Principais autores: Palestrina, Josquin, Lassus, Byrd.

Barroco (1600-1750)

A fuga se converte em forma predominante; aumenta a intensidade emocional das composições. Principais autores: Monteverdi, Vivaldi, Händel, Bach.

²⁰ c.c. Florência (Pereira) Ramos de Brito, natural de Pilar de Goiás. Reginaldo era bêbado, gostava de violão e serenatas, suas filhas dona Diana, Dalva, Dulce e Dinalva cantam desde criança. A memória familiar nos dá conta, de que, certa ocasião, após uma "briguinha de namorados" com D. Florência na cidade de Pilar. Apaixonado, foi afogar as mágoas na venda mais próxima, com seu companheiro "violão", após várias doses de pinga, lá pelas tantas da noite, arriou o cavalo e prumou para a casa da namorada. Lá chegando, iniciou a serenata com música de sua autoria: "... acorda morena linda, vem ver seu amor cantar...". Ronaldo (Patão) David Cardoso, neto materno de Reginaldo, no início de 1990, participou de uma batucada, denominada Batucada do Pepen (Ivan Alves dos Santos) e do Adrianinho (Pantera, trombonista e cunhado do Zé da banda), ora tocando bumbo e/ou tarol, sempre animados.

²¹ Fred, Frederico de Pina Álvares, natural de Jaraguá, iniciou no mundo musical por intermédio de Sebastião Licínio, quando ainda trabalhava na sapataria de seu tio Mané Frederico. Ouvido formado na tradição musical de velhas famílias jaraguenses. Descende diretamente dos Srs. Manoel Álvares da Silva e João Pereira Villarinho presentes no rol de músicos do recibo de 1869, citado anteriormente. Foi em vida homenageado pela Coorporação Musical Sta. Cecília e Associação dos Defensores do Patrimônio Histórico e Cultural de Jaraguá no ano de 2006.

²² Celestino de Oliveira, filho de Geraldinho "Sapateiro", neto materno de Theobaldo Raymundo de Brito e D. Eliza Álvares da Silva, sobrinho de Zu, Orlando, Seu Mόço, Reginaldo. Família toda ligada à música. Também está presente seu primo Din de Magnólia. Iniciou no meio musical com Sebastião Carvalho, aos 15 anos, na bateria de "Dirico e seu Conjunto", dando seqüência no "Z" (Zé) "M" (de Moura) "2", e tarolista de fama na Banda Santa Cecília. De seus irmãos, sobressaíram: Aninha, que cantava muito bem e Albertino (falecido), este adorava músicas de Vicente Celestino, tinha um vozeirão. Dimas puxou ao pai, ofício de tocar "Matraca" nas Procissões e Missas, além de badalar os sinos da Conceição quando do falecimento dos nossos entes queridos.

Classicismo (1750-1800)

Florescimento das grandes formas instrumentais, como sinfonia. Principais autores: Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert.

Romantismo (1800-1910)

Predomínio da fantasia e da expressão individual sobre as formas herdadas do Classicismo. Principais autores: Chopin, Liszt, Schumann, Brahms, Wagner e o brasileiro Padre José Maurício Nomes Garcia.

Modernidade (1900-1950)

Ampliação ou questionamento das formas anteriores; a melodia passa a ser "indefinida". Principais autores: Stravinsky, Debussy, Bartók, Ravel, Schoenberg, Berg, Webern, Villa-Lobos.

Contemporaneidade (1950 até hoje)

Diversas tendências contraditórias e aumento da variedade estilística, num leque que vai da música eletroacústica ao Minimalismo. Principais autores: Boulez, Stockhausen, Berio, Glass, Messiaen, Penderecki, Ligeti.

Mestre José Gomes VIEGAS

Mestre Viegas, antes de vir para Jaraguá, ministrou aulas de música na cidade de Corumbá de Goiás e Anápolis. Aqui foi Coletor Federal e formou os músicos: Hélcio Machado, Zé Paes, Diodato da Costa Teixeira (homem de confiança de Zezinho Siqueira que faleceu afogado no rio das Almas) e outros.

Tenente João Gonçálio

Na administração do Dr. Felicíssimo do Espírito Santo Neto, ministrava aulas de música na casa do Sr. Geraldo de Amorim, era espírita. Bom músico, clarinetista, até hoje não se sabe o motivo que o fez abandonar a bandinha. Formou entre outros: subtenente Eurípedes, Mário de Bessa, Dreine Militão, Silvão Moreira.

JOSÉ MOACIR XAVIER FERREIRA

Antônio José de Castro Ribeiro (Zuca de Castro) informou que conheceu "Xavier" – seu nome de guerra no Quartel dos Bombeiros do Distrito Federal – no início de 1970, quando o maestro esteve em Jaraguá com Sívlio de Castro. Resultando dessa conversa aulas de música ministradas na Igreja do Rosário e particulares sendo um de seus alunos o professor Fernando Henrique Machado.

Dr. Suzano Rodrigues explica que, por ocasião da última reestruturação da Bandinha de Jaraguá, por volta de 1976/7, fez-se necessária revitalizar a música na cidade, que se deu pelo simples motivo natural, de que os antigos músicos estavam morrendo e como não havia renovação, estava fadada ao desaparecimento. O então prefeito do Dr. Tubertino Bráulio de Freitas (Dr. Inhô) abraçou a causa da banda de música e comprou novos instrumentos para a corporação. Dr. Paulo disse que condicionou aceitar a pasta municipal da saúde, comprometendo o prefeito a tocar adiante o projeto, dando-lhe carta branca para impulsionar a banda.

Novamente retorna à Lendária Terra, Jaraguá, o Mestre pernambucano Xavier, e inicia a aula de música, com fundamentos teóricos: divisão, solfejo e canto, enquanto aguardavam os novos instrumentos adquiridos pela prefeitura em São Paulo, na fábrica da Weril. As aulas foram ministradas no antigo Jardim de Infância e Escola de Corte e Costura – que, aliás, formou grande parte da mão-de-obra inicial que fora aproveitada pelas primeiras confecções – em frente ao salão paroquial, onde hoje está instalada a Casa da Lavoura, de propriedade do Sr. Joaquim Tavares dos Santos.

De 1976 ao início da década de 1980, é inconstante a presença do professor Xavier, que ainda assim, e com muito mérito, consegue formar os “Meninos da Banda”, músicos:

Percussão

Sgt. Ivan Camargo (Mocó), Sd. Ronaldo Braga (Pelé), Cb. Júlio César (Pantú ou Ferrugem), Júlio Ricardo (saudosos Padeiro), José Roberto da Rocha (Tarol).

Paletas:

Cap. Alan Matias³³ - clarineta; Ten. Ademar³⁴ J. Dos Santos - clarineta; Adriano Alves da Costa (Perereca Loira) - requinta; Sub-Ten. Eurípedes³⁵ - saxofone; Geraldo do Prado (Pampa) - sax tenor; Paschoal - sax.

Bocais:

Sub-Ten. Fernando³⁶ Leal (Goiaba) - trombone e bombardino; Derço (ourives) - trombone; Dr. Fabiano Nunes (Bileu) - trombone; Edmar J. Santos (Dilma) - piston; Prof. Luciano Fonseca

Genervino J. Dos Santos - trompa; Sgt. Rodolfo V. Bueno Pimentel - contrabaixo e trombone; Antonio de Oliveira (Toninho de Tão Zico) - contrabaixo e trompa, João (Coro) - contrabaixo, no trombone Fabiano Antônio Nunes de Barros.

Obs: Dessa turma fizeram parte nas aulas teóricas: Ronaldo D'Abadia Oliveira (Ronaldo de Juca Oliveira) - solfejo; Marco Juliano da Silva (Binha) - clarineta; e João Luiz Leite de Bessa (João de Domingos Leite de Bessa) - piston, mas não deram seguimento ao ofício.

Também formaram uma banda para animar bailes especialmente os de carnaval. Com o Fã Maior os meninos da banda: Ademar e Edimar José dos Santos, Julio Padeiro, Fernando Goiaba, Geraldo Pampa e outros ficaram muito conhecidos e fizeram a festa da moçada. Pena que durou tão pouco a sua formação.

MESTRE JOSÉ JOAQUIM DO NASCIMENTO

(Homenageado em 2007 pela Corporação Santa Cecília, pelos seus 40 anos de maestro de banda.)

Disco número 03, lado 'F', Cateretê, folclore de Jaraguá/Pirenópolis - GO.

As bandas de música Jaraguá, Pirenópolis e adjacências.

Tem no repertório, ao lado de dobrados, marchas, hinos, valsas e outras peças importantes ao seu patrimônio, este Cateretê, composto por autor desconhecido. A partitura que utilizamos nessa gravação procede de Jaraguá, recuperada pelo atual mestre José Joaquim do Nascimento, a partir dos velhos originais, provavelmente na virada dos 1900.

Após 1982 o mestre Zé da Banda formou cerca de 5000 músicos em mais de vinte e cinco anos, entre eles podemos citar: bocais José Natal, Sgt. Leomar Leal e Dr.º Jamir Trindade; clarineta Angela e Cléia filhas do Zequinha e Sandra do Silvão, na requinta Fernanda do Guri; piston - Anselmo e muitos outros.

Catira ou Cateretê é dança rural de provável origem indígena.

Realização da FENAB, apoio FBB, gravado na EMB - Escola de Música de Brasília. No período de 31/08/1990 há 06/09/90.

Formação da Banda Santa Cecília, por ocasião dos festejos de

Santa Cecília, novembro de 2002. Ocasão em que foi homenageado o professor Fernando Henrique Machado - o maior expoente hoje enquanto músico.

Maestro José Joaquim do Nascimento; Clarineta: Participação Especial do Prof. Fernando Henrique Machado, Luis Pereira Barbosa, Jubirá Teodoro Gonçalves de Almeida, Carla Patrícia Alves Marçal, Robson de Oliveira Félix, Adriano da Silva Belo; Sax Alto: Daniel Matias de Oliveira, Mario Rodrigues de Bessa; Sax Tenor: Rogério Borges de Carvalho, Flávio Gomides Moreira; Sax Barítono: Dr. Paulo Antônio Gonçalves; Flautim: Luciana M. A. da Silva; Piston: Rafael Rodrigues do Prado Lima, Wesley Eduardo da Silva, Cleiber Mamédio Mendes, Gilsimar Santana Paiva, Renato da Silva Pinto, Gesley Sousa Rosa dos Reis; José Renato Soares - Clarineta, Fábio Soares - sax; Trombone: Bruno Ribeiro dos Santos, Bruno da Silva Campos; Bombardino: Júnior Eduardo Leite; Baixo: Thiago Henrique Leal; Trompa: Renato Ramos Rocha; Bateria: João Paulo, Damiana Rosa Corrêa, Jackson Araújo da Silva; Percussão: Éder José da Silva, Mônica Ribeiro dos Santos, Ciro José Cordeiro Borges e Evandro de Freitas Queiroz (Luca).

Natal de Castro contava que: “[...] Desde meu tempo de menino, eu me lembro da festa de Santa Cecília.

Eu saía cedinho batendo nas janelas de todos os músicos.

Aí, nos reuníamos e tocava na cidade inteirinha. Cada valsinha e dobrados de arrepiar!!!

²² Natural de Jaraguá, filho de José (Zé da Tuta) Antônio de Araújo e D. Tarcila (Flinha) Matias de Araújo, curso de licenciatura em Música pela UFG, Comandante geral e regente das Bandas da Polícia Militar do Estado de Goiás. Homenageado pela Corporação Musical Santa Cecília, em 2004, por ocasião dos festejos de Santa Cecília.

²³ Ten. Ademar J. dos Santos, jaraguense, filho do pirenopolino Francisco (Chiquinho) José dos Santos - que tocou sanfona acordeom - e D. Maria, curso de regência no CEFET e está caminhando para substituir seu conterrâneo na regência geral. Homenageado em 2007.

²⁴ Também pé de serra, foi o primeiro a ingressar no militarismo através da música levado pelo Mestre Xavier para os Bombeiros do Distrito Federal. Os dois acabaram por influenciar a todos, abrindo a possibilidade de viverem sob o regime militar, fazendo o que mais gostam: MÚSICA. Em Brasília, cursou Harmonia e, mais tarde, via concurso ingressou na FAB/Anápolis. Está na reserva desde o início de 2007. Disse de ver tudo a Deus, seu pai e à música. Homenageado em 1986. Arranjador e compositor, de sua lavra temos o dobrado “Ten. Ademar” em admiração ao seu irmão acima mencionado.

²⁵ Sub-Ten. Leal, filho e neto de músicos - sua mãe D. Zefinha, voz conhecida e admirada pelas contribuições no Coral da Igreja e Hinos Sacros - seu avô materno, Benedito F. Leal (Dito Sá Paula). Foi por muitos anos regente da Banda da Polícia Militar de Anápolis, hoje se encontra em Goiânia, colaborando junto com o Cap. Alan e o Ten. Ademar.

Depois era aquela mesa farta de café, café com leite, chá e biscoitos, lá na casa do titio Sôzá (Balthazar de Freitas).

Depois do almoço, a banda tornava a sair nas casas de todos os músicos. Lá continuava a tocar e sempre serviam um conhaque, um licor, uns comes e bebes.

Era um dia de muita festança!!!”

Quase ao final desta pesquisa foi localizado o registro sobre um Estatuto da Corporação Musical Santa Cecília, em 31/05/1959.

Eugênio Álvares da Silva (Roxo) conta que, dos Diretores da Corporação Musical Santa Cecília, lembra-se de seu Natal (Soares) de Castro. Conta que, por certa ocasião, foi seu Natal comprar no Estado de São Paulo, novos instrumentos para a Banda. Fabiano S. de Castro, seu filho, também relembra; “[...] de 56 a 58, meu pai mediu a compra de novos instrumentos para a banda. Ocasão em que o Dr. Peixoto da Silveira estava Secretário de Estado da Fazenda.

Mudou-se para Goiânia, em 1960, ainda é seu filho Fabiano que nos conta que um ano após, retornando do Exército, no Rio de Janeiro, encontrou a casa vazia/fechada, e fizeram uma farra danada na residência, foram seus companheiros nessa noite: Dimas de Tôtô, Adão Serrote, Simão Preto e, claro, Zé Catita.

Amintas de Freitas e João Epaminondas, ao violão; na percussão Antônio Pitaluga e Adão Serrote, no pandeiro, junto com os vocalistas Angelo Amorim e Fabiano (de Natal de Castro), segundo João Epaminondas, eles cantaram em 106 casas em uma só noite no outono de 1958.

Dr. Paulo Antônio conta que, ainda menino, assistiu na sala da casa de seu Natal de Castro, aos ensaios da Missa “Calaôha”, onde Nenzão, as rezadeiras e a banda de música proporcionavam o espetáculo. O Dr. Paulo Antônio, quando dos preparativos para a Semana Santa de 2005, propiciou o mesmo, tanto para os atuais componentes da Banda, como também, para os membros do Coral Paroquial. Oferecendo ao final dos ensaios “[...] um cafezinho, biscoito. Como reza a tradição.”

No caderno tem algumas formações para o coro da Igreja: obtidas junto a Eugênio, são elas:

Primeira formação: João Leite, Pedro Rates da Conceição, Sebastião (Licínio) Carvalho e Benedito Sá Paula ou Sapóla;

Outra: Balthazar, Zé Pedro, Mané Frederico.

Algumas partes da missa formal foram e ainda são musicadas, apresentando a seguinte estrutura: Kyrie Eleison – Senhor tende piedade de nós, Glória, Credo, Sanctus – Santo, Benedictus – Bendito e Agnus Dei – Cordeiro de Deus.

Dr. Paulo Antônio também contou que, no início dos anos 80, por ocasião das comemorações de Bodas de Ouro, do casal Natal e Natalina, foi celebrada a missa na Catedral de Goiânia, dia que melhor cantaram a Missa de Santo Ambrósio – de Mestre Sô Zé.

*NOTAS DE PESQUISA

Durante a pesquisa foram localizados documentos: notas de compra e recibos, que informam sobre a mão de obra em auxílio à Coorporação Santa Cecília e outras instituições culturais.

Antes, no entanto, não podemos deixar de agradecer a contribuição deixada pelos cantadores de moda de viola e catireiros que nos legaram as folias de Reis. Existem hoje em Jaraguá mais de uma dezena de localidades na zona rural que dão continuidade às suas tradições (talvez as mais antigas). E também os indígenas (Tapuias) representada pela dança típica e mais ainda, os negros com suas congadas e a entrada da Rainha. Localizamos em assentamentos de batismos, casamentos e óbitos, algumas representantes de nações africanas: Joaquim Cabinda, Manoel Mina, Joaquim Nagô, João Carmundo, Nastácia Crioula, João Moçambique, Florência Arrida Cabô, José Cabra, Joaquina Congo etc. Os Congos cantavam e dançavam em todas as casas em que eram chamados, como ocorreu depois de 1920, com os Tapuias, cujo folguedo veio da Cidade de Goiás para Jaraguá. Os negros nos brindaram com o jongo – tambor que fala em festas juninas -, Umbanda, Quimbanda, Macumba, Candonblê emisturaram com o Xaxado, Ciranda e Carimbo (meio indígena), ainda com o Samba e o Choro.

Documentos dão notícia de aquisição de instrumentos, assessorios e pagamento ao professor de música e outros músicos que desempenhavam trabalhos para prefeitura de Jaraguá. Tais como: pagamento de salário ao músico e delegado do Distrito de Castrinópolis, Sr. Francisco Realino de Andrade, em 1936. Em 30 de abril do mesmo ano, por ocasião da inauguração do Grupo Escolar Ruy Barbosa (posteriormente denominado Grupo Manoel Ribeiro de Freitas Machado) realizado a 11/04 último, foram gastos com os membros da coorporação musical, duas dúzias de cerveja durante a festa de instalação do mesmo em Jaraguá.

Seu Diogo da Conceição Macedo, informa que nessa época, o carnaval era apresentado na rua, lembrando o entrudo. Saíam pouco abaixo à residência do Cel. Castrinho, hoje de D. Safia viúva de Nelson de Castro. Daí subia a Rua do Rosário onde passavam defronte ao Clube (funcionava na casa que hoje é de Ribetrinho) local onde brincavam os ricos. Seguíam até a esquina com a antiga Rua do Sacramento ou da Cadeia (Gur) e paravam em um salão de D. Diva de Freitas (onde hoje está instalada a Agência Rural). Durante todo o percurso, a companhia inseparável era a fragrância do Lança perfume, e devidamente vestidos de terno de linho branco (os homens) cantavam junto a moçada de seu tempo: Filca de Leontino, Nermi de Geraldo Gueroba, Domitília filha de Cândida, Mariá e Noêmia filhas de João Austríaco, Arinha de Joãozinho Cabelado, Ditinha de Militão, Jca de Teodoro Alves, Chica e Flora filhas de Nenê Carda, Diogo de Norata Joãozinho, Salomão de Bessa, João Massa, Tião de Afonso e Zé do Ô (irmão do mestre João do Ô – casado com Risoleta – autor do Dobrado nº 01, e quem formou os músicos: Adolfo Gomes Vivas no trombone, Orlando Raymundo de Brito no bumbo e Theobaldo Raymundo de Brito também na percussão), Bertholdo, Nenê de Míngua, Zé de Cecília, Laura Austríaco e Joaquim Militão.

Muitos dessa turma também gostavam de fazer serenatas com Natal de Castro, Mané Frederico, Benedito e Paulo Pereira da Rocha, Hélcio Machado, Diogo da Conceição Macedo, Afonso filho de Chico do Ô, Zé de Cecília, Silvéria e José Francisco de Lima.

Por volta de 1943 a prefeitura adquire um pequeno estúdio "Public Adrees" completo, para a instalação de aparelhos de rádio-amplificadores. Chegaram a trabalhar no Elite Bar de Dona Bili Camargo, Alfredo de tal e o posteriormente em sua Juarez Távora de Siqueira, que mais tarde foi em Goiânia locutor da Rádio Brasil Central. Vinte anos passados (1963) a prefeitura novamente investe no serviço de Auto-Falante, onde o executivo tinha um programa denominado - Município em Marcha - conforme "... Doc. L.057, indica o funcionamento do serviço de Auto-Falante "Voz Cultural de Jaraguá" cujo locutor Olegário de Camargo (jaraguense filho de Benedito Camargo), conta Paulo Antônio Gonçalves, que dois anos após, na histórica letra sobre o pletto municipal de 1965, ocasião em que Dr. Felicíssimo foi candidato único...". Se Deus não mandar Clotário e, tudo corre Olegário, Jaraguá vai de Felicíssimo.

No início da década de 50 despendeu a prefeitura com duzentos cruzeiros em auxílio à Banda, mesmo ano em que consta o pagamento de Cr\$ 375,00, por aluguel de uma sala na residência do Mestre Nenzão (Sebastião José de Siqueira) onde funcionava a Escola de Música. Ainda no início dos 50 conforme provimento 269 na cidade além de uma Banda de Música existe uma orquestra denominada "Reminiscências Orquestra de Dança", tendo como representante o seu Diretor Sebastião Carvalho que recebeu Cr\$ 1.500,00, para com o auxílio na compra de instrumentos e assessorios musicais.

O acervo da Prefeitura Municipal informa sobre a existência de considerável intercâmbio de músicos do estado com os locais. Durante a primeira metade do século passado é constante a presença músicos da Cidade de Goiás hospedados em pensões como a Mineira e os hotéis Freitas e Hotel Minas-Goiás (de propriedade da família Gómeides). Quatro anos após foram dispostos Cr\$ 7.800,00, na compra de uma clarinete, dois sax-horn, um trombone e uma requinta, assinou esse documento o Diretor Sebastião Carvalho. No ano seguinte, por ocasião das festas de fim de ano, já é Pedro Rates da Conceição quem assina os recibos de pagamento aos músicos: Pedro Rates, Sebastião Carvalho, Antônio (Cândido) Nunes de Barros - Cándido, em homenagem ao seu avô Cândido, assim também ficaram conhecidos seus irmãos: José Cândido e Doraci irmã de Ribeiro Barbosa, João de Lima, Manoel de Souza Brito e Boni Ribeiro - também Adolfo Pereira.

Em 1963, consta que a sede da Banda de Música funcionava na residência do Sr. Manoel Frederico. Em 1970 existia uma turma de serenata formada por: Roni - violão, Paulo Antônio - voz, saxofone e acordeom, Sebastião Pascoal - violão clássico, Zé Roberto da Rocha - violão e voz, Adão Serrote - pandeiro, João Epaminondas - violão e voz, Maria do Prado - voz, Jesaumar Rocha Caetano do Carmo - voz, Amintas de Freitas - voz e Fernando Machado - clarinete e sax.

Em 1976/1977 Paulo Antônio Gonçalves revitaliza a Banda e o Coral Santa Cecília (há uma década comandado por Flaviano Leandro, que a três anos vem resgatando a tradição de executar os antigos motetos em procissões da semana santa). Integram o coral: o regente Dr. Paulo Antônio Gonçalves, piano D. Eneida de Melo Freitas (uma das primeiras que influenciaram na formação de Fernando Henrique Machado), violão Luiz da Rocha - filho de Benedito Pereira da Rocha e D. Cândida Alves da Costa - que também ajudava no coro, cujos membros foram: Tentorino Amorim, Maria do Prado, Inez Ruzantinho e sua irmã D. Terezina (de Ribetrinho), Canhão - Edward Campos Amaral -, Marcia da Coca, Zezo de Zé Pass, Márcia, Bolivar e Beoulanger (irmãos do músico regionalista e compositor Osetirino Lacerda), Zé Roberto da Rocha, Valdira de Ornelo Machado, Iony Carvalho, Zefinha de Benedito Sapóla, Cici de D. Rosinha de Pias, Umbelina e Dr. Fabiano Bileu.

Na década de 70/80, conta o Sr. Benedito - Ditim - Matias dos Santos, que se firmaram no cancionero regional popular os jaraguenses: André e Andrade, e as irmãs Freitas, ambos filhos do casal João de Freitas e D. Maria Ferro, que residiam na fazenda Fazendinha ou Retiro próximo à Abelândia - que hoje pertence ao Dr. Gilson Barbo de Siqueira. Dona Maria Ferro (filha de Benedita Ferro) girou muitos anos na folia da Cachoeira, junto ao seu esposo João de Freitas, violão e voz, brincado de viola e catireiro, dizem que era muito alegre. Outros mencionam que Leandro de Sabino, já cantou com a dupla Silveira e Silverinha (e Braguinha), Joaquim do Prado e Ribeiro e hoje temos Israel e Rodolfo.

Em de junho de 1994, o então Presidência da Câmara Municipal, vereador Fábio Laureno de Amorim, conseguiu aprovar a Lei nº 592/94 que dispõe sobre a concessão de uso do imóvel de propriedade do Município situado na Rua do

Rosário, 258. Em seu artigo 1º autoriza o poder Executivo a outorgar o direito de uso, sem ônus, do imóvel acima mencionado, nesta cidade, à Coorporação Musical Santa Cecília; que em seu § 1º estabelece o prazo de vinte (20) anos. No Artigo 3º fica comprometida a Coorporação Musical, a fazer durante o mês, duas apresentações em praça pública da cidade, diversificando o local de apresentação. Sancionada no dia 30/06/1994, pelo Prefeito Nédio Leite de Assumpção.

A Turma do Clube Primavera da Melhor Idade, de 2000, formado por: Darci Cavalcante - pandeiro, Augusto - violão e voz, Dr. Paulo Ant. Gonçalves - Acordeom, Elias (Litinho) Carvalho - atabaque, Luiz da Rocha - violão e voz, Eli Catita - atabaque, Zezé de Toro - pandeiro e Jane Kafouri - maraca.

Em de Junho de 1994, o então Presidência da Câmara Municipal, vereador Fábio Laureno de Amorim, conseguiu aprovar a Lei nº 592/94 que dispõe sobre a concessão de uso do imóvel de propriedade do Município situado na Rua do Rosário, número 258. Em seu artigo 1º autoriza o poder Executivo a outorgar o direito de uso, sem ônus, do imóvel acima mencionado, nesta cidade, à Coorporação Musical Santa Cecília; que em seu § 1º estabelece o prazo de vinte (20) ano. No Artigo 3º fica comprometida a Coorporação musical, a fazer durante o mês, duas apresentações em praça pública da cidade, diversificando o local de apresentação. Sancionada no dia 30/06/1994, pelo Prefeito Nédio Leite de Assumpção.

Maria José Peixoto da Silveira, escritora jaraguense, em “Uma Cidade de Carne e Osso”, nos brinda com a informação de que ao observarmos a Bandinha da cidade ao longo do tempo, parece que seus componentes permanecem os mesmos, como que conseguissem se perpetuar. Sempre é possível encontrar na sua atual formação, músicos de boa qualidade, descendentes de muitos que neste apanhado tentamos resgatar. Na última festa de Santa Cecília, ocorrida em novembro último, foram admitidos pela Coorporação Sta. Cecília, cinco (05) novos membros, crianças, aqui homenageadas na pessoa do pueril de Pedro Ananias Caetano do Carmo, filho de José Geraldo Caetano do Carmo e de Patrícia da Conceição Macedo.

A música é o eco do impulso da criação Divina. Sete são os dias da semana, sete são as notas musicais, de sete em sete tudo muda, todas as cores emanam de um cor primordial (o mais sagrado), cada nota vibra em uma cor e é capaz de alterar a nossa percepção (nos religando a Deus) que se divide em sete cores correspondentes às sete notas musicais: Dó - vermelho ou rosa prateado, Ré - vermelho ou laranja, Mi - amarelo creme, Fá - verde ou preto, Sol - azul ou índigo, Lá - índigo ou amarelo e Si - branco ou violeta.

III Parte

Jaraguá - Arte

HISTÓRIA DA ARTE EM JARAGUÁ 1960 A 2008

João Luiz das Graças Soares
(Professor e escritor)

As modalidades de conhecimentos são a ciência, a filosofia, a arte e o conhecimento empírico, que são os saberes acumulados através do tempo. Entre estas modalidades de conhecimentos, a Arte se sobressai entre todas, por ser conceituada como sendo um saber inato, ou seja, é um saber fazer que nasce com as pessoas.

Atualmente a Arte é dividida em três partes, plásticas, rítmicas e cênicas.

As Artes plásticas são aquelas que trabalham com a matéria, como a pintura, a escultura, a arquitetura, a decoração, o desenho etc.

As Artes rítmicas são caracterizadas por aquelas que trabalham com o ritmo, a música, o canto, a dança e a literatura. Esta última possui ritmo na rima dos versos e também na cadência que damos às palavras em leituras de textos escritos em prosa.

Já as Artes cênicas são aquelas que operam com a representação: o cinema, o teatro e a telenovela.

Até onde a memória atual alcança, pode-se dizer com certeza que o jaraguense sempre transitou com desenvoltura por várias modalidades de artes.

Quem trabalha com pesquisa em Jaraguá vive a tatear no escuro, pois a história de nossa cidade parece agonizar por carência de registros e/ou acesso aos existentes.

AS ARTES PLÁSTICAS

A Pintura

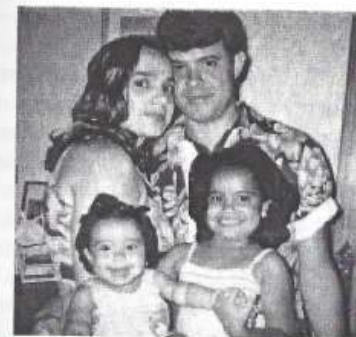
Não há registros, ainda, de que Jaraguá tenha tido no passado pintores que se destacaram além das fronteiras do nosso município. Este tipo de arte foi muito praticada nessa época nas aulas de educação Artística. Essas aulas eram importantíssimas, pois, através delas, muitas pessoas descobriram um dom até então desconhecido.

Em Jaraguá, a pintura sempre foi praticada mais como passatempo pelos seus praticantes. Lembro-me especialmente de Geraldo Álvares, Maria de Birá, Nelmy Rodrigues, Edith Corrêa e Janice Valverde. A pintura profissional apareceu em Jaraguá mais ou menos no final dos anos 70, através da professora Maria Helena de Amorim Romanchelli, escritora, professora, artista plástica que atualmente tem aliado com sucesso a pintura com a pesquisa histórica sobre Jaraguá, reacendendo, principalmente, os antigos casarões e personagens que existiram aqui um dia.

Hoje, Jaraguá possui muitos pintores, a maioria deles tem sido revelada através de cursos aqui ministrados. Adriana Naves, Claudia Barros, Adriana Gonçalves, Dete Machado e Aydê Balestra possuem verdadeiras obras-primas e Aydê se aventura não só no estilo impressionista, como também no expressionismo com perfeição.

Um jovem talento genuinamente inato que nunca frequentou nenhum curso de pintura mas tem exibido um cabedal de conhecimentos generalizados em artes chama-se Flaviano Leandro da Silva. Esse moço esbanja talento por todos os poros de seu corpo: é excelente pintor, desenhista, ator, cantor, músico, compositor e gente boa.

Flaviano é filho de Júlio Leandro da Silva e Ana Pereira de Sousa. Desde criança demonstrou talento generalizado por diversas modalidades de artes. Os cânticos nas missas da Igreja Matriz passaram a ter a sua marca e esse moço de gorjeio impressionante emociona, seja cantando Sertanejo, Ave-Maria, Pavarotti ou Verônica (a Maria Beú da Procissão de Nosso Senhor Morto).



Flaviano Leandro da Silva é casado com Roberta Rocha Cunha e possuem duas filhinhas chamadas Ana Elisa e Alice Maria.

A Escultura

A arte de esculpir também foi muito pouco praticada no passado em Jaraguá. A necessidade de um escultor fazia e faz o jaraguense até hoje se dirigir a Pirenópolis ou cidade de Goiás à procura desse profissional.

Nos anos 70 e 80, Jaraguá sofreu grande influência de um escultor chamado Jorivê. Esse artista, ao morar em Jaraguá, fez muitos trabalhos aqui e deixou dezenas de seguidores.

Na atualidade, três escultores se mostram mestres na categoria escultura em Jaraguá: Luiz Pereira da Rocha, Fernando de Assis Oliveira e José Fernando Soares Pereira, mas apenas o Fernando de Assis continua com esse tipo de Arte. O José Fernando, depois de tentar a pintura, optou pela pirogravura, onde parece ter se profissionalizado, tamanha é a perfeição de seus trabalhos. O Luiz da Rocha trocou a escultura pelo funcionalismo público, numa clara demonstração de que no Brasil é impossível ganhar a vida com a arte. Luiz, além de escultor, é músico, cantor e compositor.

A Arquitetura

A arquitetura foi um outro quadro que no passado, Jaraguá sofreu com a sua deficiência. Para construir casas mais arrojadas, era preciso importar mestres de obras. Foi assim que, em 1927, vieram da cidade de Goiás para Jaraguá o português Francisco Braga e seu amigo Luiz da Glória exclusivamente para construir casas (de moradia e de comércio) de Antônio Ferreira Rios. Foram eles os autores das construções da antiga escola Manoel Ribeiro de Freitas Machado, do prédio em frente à referida escola, da casa de dona Safia, viúva do ex-prefeito Nelson de Castro Ribeiro, todos na rua do Rosário e também da casa de dona Lyra Machado, na praça da matriz, em frente ao Banco Bradesco.

O português Francisco Braga e Luiz da Glória, natural de Goiás Velho permaneceram muitos anos em Jaraguá. Embora já fosse casado em Portugal, Chico Braga constituiu nova família aqui deixando grande descendência.

Hoje ainda não é muito diferente de antigamente, pois em 2006, ao ser restaurado o casarão onde viveu padre Silvestre em Jaraguá, justamente no dia 23 de junho de 2006, como Secretário da Associação do Patrimônio Histórico e Cultural da cidade, foi apresentado aos engenheiros responsáveis pela obra, e para espanto meu, um deles veio da cidade de Goiás e o outro de Pirenópolis.

No final da década de 90 até início deste novo milênio, Jaraguá tem recebido um número grande de jovens recém-formados em diversas áreas e entre eles há alguns engenheiros e arquitetos: Ramissés Soares, Gilmar de Freitas, Anderson Buntrock, Paulo Antônio Gonçalves Filho, Ivana Lúcia Rodrigues, Luíza Paulino de Oliveira e Lorena Sulino Assunção.

A Decoração

Se há um tipo de arte em que Jaraguá foi sempre auto-suficiente foi a decoração.

Em 1819, de passagem por Jaraguá, o francês August Saint-Hilaire elogiou a beleza da decoração das igrejas.

Num passado mais recente, há pessoas que ainda se lembram de um tal de João Pereira Vilarinho, que era "arrumador" de altar. De lá até aos nossos dias, é comum ouvir relatos do bom-gosto de um ou de outro antepassado.

Antes mesmo de conhecer a palavra decoração, Jaraguá já contava com excelentes "arrumadeiras" de altar, andor e bandeiras de santos para serem levantadas no mastro. Três destas decoradoras, que reinaram absolutas nos anos 60, foram dona Cecília Pereira de Souza, Abigail Gonçalves de Almeida (Téia) e dona Bárbara Batrocínio.



(De esquerda para a direita: Dona Bárbara e Dona Cecília) Nos anos 60, eram elas quem comandavam a decoração de igreja em Jaraguá.

Elas eram católicas fervorosas, comandavam a irmandade Coração de Jesus e eram líderes não só nos terços rezados nas missas mas também foram as principais rezadeiras de presépios e festas juninas. Era imprescindível a presença delas nos cânticos da folia do Divino Espírito Santo, da Alvorada e dos hinos de São Benedito, Divino Espírito Santo e Nossa Senhora do Rosário.

No final dos anos 60, Téia, Bárbara e Cecília abdicaram do trono a favor de dois amicíssimos delas que começavam a surgir no cenário da decoração em Jaraguá. Eram eles os irmãos Geraldo e Alvaro Álvares da Silva.

A reportagem que se segue abaixo é datada de 1974, de um jornal mensal anapolino chamado *Cidade em Revista*. A reportagem resume bem a performance destes dois irmãos.

Irmãos Álvares - A arte está no sangue



Geraldo e Alvinho eram figuras indispensáveis na decoração em Jaraguá nos anos de 1970 a 1980.

“Geraldo Álvares da Silva, de 26 anos de idade e Álvaro Álvares da Silva, de 27 anos são dois irmãos que têm a arte no sangue e embora nenhum deles tenha cursos de pintura, decoração ou desenho, artes que manejam com grande maestria, são figuras obrigatórias nas decorações ou ornamentações de igreja porque são, reconhecidamente, os melhores da região.

Geraldo tem 12 quadros pintados. Paisagista, sua melhor obra é o quadro “Rosinha minha canoa”, inspirado no livro do mesmo nome de José Mauro de Vasconcelos; além desses, tem vários outros quadros, entre os quais se incluem retratos de personagens da História do Brasil. É, além de pintor, restaurador de imagens e decorador. Seus planos incluem, ainda para este ano, uma exposição cultural em Jaraguá.

Álvaro é professor de Educação para o Lar e Desenho Profissional, no Ginásio local, estando cursando o terceiro ano de Direito na Faculdade de Uberlândia. Decoração, desenho e ornamentação de igrejas são suas preferências no terreno das artes. Seu grande sonho é montar uma boutique, para melhor atendimento à clientela.

Enquanto melhores oportunidades não surgem na vida de dois jovens artistas, vão eles distribuindo seus conhecimentos inatos ao povo de Jaraguá, que não dispensa as suas presenças nas ornamentações e decorações ou nos grandes acontecimentos sociais e religiosos.”

Álvaro e Geraldo reinaram até o final da década de 80. Em 1981, Geraldo casa-se e muda de cidade, indo morar em Uruaçu.

Sem a companhia do irmão, Álvaro começou, então, a requisitar a colaboração de outras pessoas nos trabalhos de decoração. Com isso, muitas destas pessoas acabavam tomando gosto pela decoração e algumas delas vieram a substituí-lo a partir de 15 de agosto de 1992, quando veio a falecer o gênio Álvaro Álvares da Silva, o Alvinho, como era carinhosamente chamado pelos amigos e parentes.

Na atualidade, há em Jaraguá um número significativo de decoradores mas apenas cinco deles vêm agora em minha mente: Zuleica Lobo de Castro Ribeiro, Silda da Mata, Eny de Araújo Martins, Edna Machado e Paulo Vítor Avelar.

Embora alguns destes decoradores neguem ter aprendido o ofício da decoração com Alvinho, a influência dele ainda é bastante vista em muitos trabalhos na atualidade.

Um dos colaboradores de Alvinho no passado foi Nelves Lopes. Menino pobre, de origem humilde, ele não negava a herança artística deixada por Álvaro.

Nelves foi colaborador de Alvinho até o ano de 1983, quando mudou-se para Goiânia. Lá optou pelo ramo de cabeleireiro, onde também fizera grande sucesso. Nelves tinha faro para as grandes oportunidades. De cabeleireiro passou a ser promotor de festas e desfiles de modas. O sucesso desta nova carreira levou-o até a Europa onde embrenhou-se no ramo do turismo e com isso adquiriu alguns bens móveis e imóveis na capital e também em Jaraguá.

Ao longo de toda esta mudança econômica e social, Nelves passava também por uma outra transformação. Dando vasão à sua veia homossexual, tornara-se travesti, fez várias cirurgias plásticas, trocou as mechas escuras por loiras e foi sem dúvida uma lady para a sociedade jaraguense que o tinha como a um patrimônio natural.

Esta mudança repentina do Nelves, de menino pobre a rico, de feio a bonito e de simples a ídolo, fez com que todas as atenções se voltassem para ele. Foi assim que o olho gordo do destemor a Deus, da ganância e da inveja o viu um dia e o matou aos 33 anos, juntamente com seu sobrinho e assessor Luís Júnior, de 21 anos de idade.

Foi um assassinato bárbaro. Pouca gente quis falar sobre estas mortes. Menos pessoas ainda quiseram ouvir sobre este crime.

Infelizmente, enquanto a justiça for obra dos homens, ela sempre será passível de erros.



Nelves e Júnior (Alguém pagará um dia por estes crimes)

As artes Rítmicas A Música

Nas artes rítmicas, o jaraguense parece transitar ainda melhor em todas as áreas desta modalidade artística.

Na música, o jaraguense teve sempre o privilégio de ter a banda de música Santa Cecília. Esta corporação musical tem sido a principal responsável pela formação de inúmeros músicos jaraguenses, hoje espalhados pelo Brasil afora.

Jaraguá possuiu muitos músicos famosos no passado. Um deles era chamado de "Benedito Sapola". Traduzindo esta linguagem, chamada arcaica, quer dizer que ele se chamava Benedito e era filho de Dona Paula. É que no passado as pessoas não estudadas não conseguiam articular certas palavras. "Sa" porque ainda não existia a palavra dona e "Pola" é uma mistura de Paula + Paola.

Benedito Sapola é pai da nossa contemporânea Josefa Leal (Zefinha) moradora da rua do Norte e figura indispensável nos cânticos da folia do Divino.

Outro jaraguense, músico famoso e pai exemplar, foi o Sr. Manoel Marcelino, conhecido Manoel Frederico. Tanto o Sr. Manoel Frederico como Benedito Sapola estão biografados nesta edição.

Benedito Sapola eu o conheci através de pesquisa mas, o Manoel Frederico, tive o prazer de conhecer pessoalmente, pois convivemos como vizinhos nos últimos anos de sua vida. Foi um pai exemplar, que soube passar para todos os seus filhos o amor pelas tradições da nossa terra.

Embora sua família tenha se mudado quase toda para Goiânia, eles nunca abandonaram o ninho familiar, sempre estiveram juntos e mesmo após a morte do pai, os filhos estão sempre em Jaraguá cuidando com amor da herança deixada por ele.

Sua casa na antiga rua do Mercado, depois Bonifácio Siqueira e que hoje leva o seu nome, mas é conhecida por rua do Pelotão de Polícia, está completamente restaurada pela sua filha Marlene, que cuida em preservar não somente os bens terrenos mas também as tradições deixadas pelo pai e todo ano reúne os irmãos, filhos, parentes e amigos para a fogueira de São João. Ela faz questão de preservar até mesmo um antigo costume do pai em distribuir sacolinhas aos convidados para levarem quitandas e doces para as suas casas.

Do passado até aos nossos dias, vê-se inúmeros filhos jaraguenses famosos: Manoel Amorim, Balthazar de Freitas, João Leite da Silva, Antônio de Sá Joana, Geraldo Amorim, Raul Santiago, Sebastião Carvalho, Roni, Frederico Álvares (Dirico), Fernando Machado, Jovano José dos Santos e os irmãos Ademar, Dilmar e Euripedes, Fernando Leal (neto de Sapola), Luiz da Banda (Barbosa), Rodolfo Bueno, Dr. Paulo Antônio Gonçalves e José Joaquim do Nascimento (Seu Zé), atual maestro da Banda Santa Cecília.

No campo da música popular, Jaraguá possuiu alguns conjuntos musicais no passado. Três deles ficaram na lembrança da geração que viveu a década de 60 até início dos anos 70: O conjunto do Parreira, a banda do Zé de Moura e o grupo musical do inesquecível Zé Maria Gontijo e seu amigo Joãozinho.

O Zé de Moura era cantor romântico, de serestas e serenatas. Ele era o queridinho da alta sociedade. O Zé Maria era roqueiro, numa época em que o Rock sofria terrível discriminação no Brasil. E além do mais, seu conjunto possuía um nome nada sugestivo: "Very Crazy" que em inglês significa muito louco. O Parreira insistia

no ritmo de baladas internacionais onde a pronúncia de certas palavras estrangeiras beirava o ridículo, tornando tudo muito engraçado.

Hoje os conjuntos musicais são chamados bandas e em Jaraguá há uma boa representante no gênero, chamada Jack Jow, comandada pelos irmãos Jader, Jales, Jackson e pelo amigo Wesley. Embora essa banda tenha feito um certo sucesso em 2005 e 2006, ela fecha 2007 sem muito glamour.

O Canto

O canto foi e é muito praticado em Jaraguá. No passado, em quase todas as ruas havia bons cantores.

No largo da Matriz, havia o Fabiano, filho de Tatá (Natal de Castro) e o Ângelo Amorim, filho do músico Geraldo Amorim. Na rua Direita havia dona Cutute e Celeste Machado. Na mesma rua havia as "meninas" de dona Rosinha Silvestre, Ica, Pico, Sissi, Neném e Vanilda. Como cantavam...

Na rua das Flores, na família do Sr. Júlio do Prado, havia Maria, Coraci e Joaquim. O Joaquim tem feito muito sucesso agora na atualidade e seus cânticos nas missas se constituem verdadeiros momentos de gozo, paz e fé. Ainda na rua das Flores, havia os filhos de Sebastião Machado, Edna, Edmê, Dina, Edward e Paulo Roberto e também os filhos de seu Geraldinho sapateiro, Albertino, Lecínia, Aninha e Dimas. Dimas cantava a música de um personagem de cinema mexicano da época chamado Joselito, filme que era rodado no saudoso Cine Íris, do amado e idolatrado Sr. José Chagas (saúde!).

Na rua do Rosário, as filhas de Sebastião Carvalho, Ione, Iony, Ilma e Jany cantam como cigarras... Iony, atualmente compõe músicas lembrando a maestria do pai, que também foi músico, maestro e compositor. Ali, na mesma rua, ainda havia Zulmira, Alice de Denço e Neguinha na Alvorada do divino. Quanta saudade!...

Quem ainda não conheceu "Dilouça", o rouxinol do Larginho Santana, tem ainda a oportunidade de ouvir o seu gorjeio nas boêmias noites nos bares do centro histórico jaraguense.

Como falar em cantores jaraguenses sem falar em Osetecrino, Marcia, Zezé e Bolívar Lacerda? Os irmãos Zito e Cláudio de Freitas e Carlinhos França, que no passado substituiu Zezé de Camargo quando desfez a sua primeira dupla com o ex-amigo Zazá.



Carlinhos França é jaraguense, filho do Sr. Joaquim França e Dona Divina Abrenhosa

O tempo vai passando e novas cotovias vão surgindo no cenário do canto em Jaraguá. Em 2005, no início das pesquisas para este trabalho, os donos das noites jaraguenses eram uma dupla chamada Israel e Rodolfo, Sara Muniely, Flaviano Leandro da Silva e a Banda Jack Jow. Já ao findar 2007, o cenário musical jaraguense é totalmente dominado por Israel e Rodolfo. São os degraus da fama.

Sara Muniely é filha do casal Zenivaldo de Paula e Ana Regina Moura. Sara canta desde menina e já fez dupla com a irmã Rafaela. Sara é versátil e caminha com tranquilidade por diversos estilos musicais.



Sara Muniely onde anda você?

Embora muitos pensem o contrário, Israel e Rodolfo não são irmãos. Rodolfo é filho do casal Juarez Dias e Vera Maria Rios, e Israel é filho de Antonio Oliveira e Maria das Graças Ribeiro. Eles também cantam desde pequenos. Já possuem um CD gravado e estão em franco sucesso no momento.

A fonte inspiradora desta dupla é o poeta Juarez Dias, pai do cantor Rodolfo. Conforme o próprio Juarez, ultimamente ele tem sido não só o compositor da dupla mas tem agido também como empresário, cozinheiro, motorista, enfermeiro, guarda-costa, amigo, irmão, camarada. Caba não mundão!...

*Fim de festa chegando
Ninguém vai me segurar
Vou botar o pé na estrada
Hoje mesmo eu chego lá
No coração de Goiás
Tem alguém a me esperá
Vou matar minha saudade
Tô indo pra Jaraguá*

*Ô trem bão
Hoje mesmo eu chego lá
Vou matar minha saudade
Tô indo pra Jaraguá*



Israel e Rodolfo

A Dança

Na década de 60, a juventude de Jaraguá usufruía de lazer saudável que começava com as peças de teatro do Nunes e os filmes de Zé Chagas, no saudoso Cine Íris, passando depois pelo bar de Salvador, pelas quitandas e doces do café de Dona Beatriz de Patrocínio e algum sarau no clube social, mas, a diversão mais esperada, principalmente pelos jovens, era quando Zezé de Toró e Dina Machado dançavam uma dança chamada Rumba.

Naquela época não havia televisão, e a diversão maior eram as festas realizadas no Clube Social, onde hoje é o Eletrozim, na praça da Matriz. Em frente ao Clube havia uma quadra de esportes que foi transformada em uma grande barraca para as festas populares.



Quadra que servia para esportes e bailes

Quadra de esportes em frente ao Clube Social

Era ali que Zezé e Dina, duas jovens à época, influenciadas pela sociality Terezinha Siqueira, dançavam a Rumba, que era a modeluche do momento.

Maria José Gonçalves de Almeida, a Zezé, é filha do Sr. Geraldo Gonçalves (Toró) e da saudosa e hilária D. Nica, ambos falecidos, já Edinéia Machado é filha do Sr. Sebastião Machado, e de D. Ilza Haimundo de Brito, ambos também, já falecidos.

Sem dúvida nenhuma, elas foram consideradas mitos da época, e Dina, portadora de uma beleza incomensurável, foi eleita Miss Jaraguá 1960, sendo sucessora de Oneida Catita, outra beleza da época.

Zezé e Dina representaram para a juventude daquele tempo o que representam as dançarinas de palco para os jovens de hoje. Elas não exploravam a nudez mas na época em que o ritmo mais quente era a música "Banho de Lua", a Rumba dançada por elas extrapolava os limites de comportamento da época e exibia um ritmo que impunha aos quadris um *jingle* especial, numa agilidade de combinações diferentes e ritmos alucinantes que causariam inveja hoje a qualquer dançarina de dança do ventre.

A dança em Jaraguá era assim. Ou era mostrada por dançarinas da época ou dançada por casais que exibiam os ritmos de tango, da valsa e do bolero.

Fora isso, existia a “Dança de Tapuias” e a contradança, esta última herança portuguesa que simbolizava o renascer das árvores. A contradança consiste numa dança feita por pares de jovens que no desenrolar da coreografia trançam várias fitas em um mastro de onde se despreendem as fitas coloridas.

Em recente descoberta de um filme datado em 1954, quando o imperador do Divino Espírito Santo foi o Sr. Zezinho Siqueira, vê-se esta dança sendo feita com homens usando máscaras.

Segundo o depoimento de ex-dançarinos desta dança, a máscara foi usada porque os rapazes tinham vergonha de dançar sem elas cobrindo o rosto.

Já a dança dos Tapuias, herança indígena, consiste na dança de um grupo de homens vestidos de tapuias. Durante o desenvolvimento da dança, eles travam uma batalha com um tal Japurunga que havia matado a filha do pajé.

Esta dança, segundo depoimento dos senhores Constâncio Freitas e Joaquim Militão, foi trazida para Jaraguá pelo senhor Luto da Glória, que veio da cidade de Goiás exclusivamente para construir um prédio para o comerciante Antônio Ferreira Rios. Este prédio existe até hoje com a data de sua construção (1927). Fica na rua do Rosário, em frente à Escola Manoel Ribeiro de Freitas Machado.

As entrevistas e pesquisas feitas mostram a dança dos Tapuias em 1950, sendo chefiada por um tal Josima e João Elias. Com a morte deles, na década de 60, o comando desta dança passou para o senhor Dito Carreiro e depois para José Soares dos Santos, que já participava do grupo de Tapuias desde meados de 1950.



Benedito Marcelino da Cruz - Dito Carreiro.

Com o falecimento do Sr. José Soares dos Santos, em 1970, esta dança desapareceu dos festejos até o final da década de 80, quando a Associação do Patrimônio Histórico e Cultural de Jaraguá resolveu resgatá-la, só que, com uma grande novidade, a dança era feita desta vez por crianças, em virtude de os jovens modernos terem vergonha de dançá-la. Desta vez coube ao senhor Dito Carreiro a organização deste grupo infantil.

Assim ela veio sendo apresentada e, no ano de 2006, a surpresa desta dança foi maior ainda, pois agora o número de Tapuias (mulheres) era maior que o de homens, num grande demonstrativo de que o folclore está morrendo embora insistamos tanto em preservá-lo, mesmo totalmente descaracterizado.

A partir dos anos 60, a dança em Jaraguá passou a ter endereço certo pois é fundada em nossa cidade a primeira escola de *ballet* do estado de Goiás: A Academia de Ballet Selene de Freitas.

Atualmente, Jaraguá conta com inúmeras academias, mas, somente as Academias Selene de Freitas e Tereza Raquel trabalham na dança clássica à popular.

A Literatura

A literatura é, sem sombra de dúvida, o tipo de arte mais praticado pelo jaraguense não só no passado como também no presente.

Nem todos os atuais escritores de Jaraguá são jaraguenses e a maioria deles tendem à escrita científica (pesquisa) que muito tem contribuído com a história e memória de nosso povo, mas alguns têm se aventurado com sucesso na construção de prosas e poemas. No primeiro caso, há Dulce Madalena Rios Pedroso, Lyz Elizabeth A. M Duarte, Maria Lícia dos Santos, Lúcia Gonçalves de Freitas, Cristiane Eunisse Fonseca, Maria Helena A. Romachele e Primo Peixoto. Já no ramo da imaginação em prosas ou poemas tipicamente literários, estão Lúcia Andrade, Eliodoraz Trindade, Belinha de Melo, Juarez Dias, Maria Augusta Barbo de Siqueira, Maurício Dorminger, Semi Gidrão, Nedy Margarida Pereira e muitos outros, mas, a maioria deles, vive no anonimato, com receio de mostrar seus

trabalhos e ainda outros que são discriminados.

Um artista anônimo chamado Mário Francisco, autodenominado Mário Francisco Tarrassaré, é sem dúvida um fenômeno do gênero. Ele é filho do finado Antônio Formiga e dona Cacilda França.

Mário dialoga numa fluência luso-brasileira e não é fácil acompanhar o seu raciocínio. Sua inteligência beira a loucura, exala sabedoria e elogia a solidão. Faz poema como quem come pão; para se alimentar.

A casa onde o poeta mora, fica na rua Tanque, Vila Brasilinha, em uma praça de nome Linha do Equador. Lá os degraus são versos, as construções que se alongam no quintal parecem declamar poemas e as paredes das casas e muros servem de rascunho, onde são registradas as abstrações poéticas deste escritor. Há ainda a reprodução do petroglifo existente na fazenda São Januário.

Muitos relutam em não conhecer este escritor, outros o ignoram. Quem porém se aventura, vai e o conhece, sai de lá com uma certeza de que a poesia em Jaraguá não morreu. Ela está apenas dormindo em berço esplêndido, esperando a sua hora chegar...

Jaraguá

Jaraguá, és para os teus
Saudosos filhos terno berço.
És também para os teus filhos
Pródigos o eterno endereço.
Na Geografia – Hidrografia.
Encontro de águas de rios:
Rio Pari, Rio das Almas.
Jaraguá, à sombra da sua
Serra imensa, imponente
Aflora bem lá do alto
Nas copas das matas:
Sua aura amarelo-rosa
Seus ipês no cio floral
Uma exuberante primavera.

Mário Francisco - escritor e poeta



No passado literário de Jaraguá falou-se muito em Grace Machado, que foi imortal da Academia de Letras do Estado de Goiás, em Augusto Rios, Afonso Félix de Souza, Peixoto da Silveira, Eloy Freitas, Nely Alves de Almeida e muitos outros, mas, em Jaraguá, os escritores quase não publicavam seus trabalhos e os poucos que foram publicados, hoje encontram-se em mãos de particulares, com edições esgotadas, dificultando a pesquisa sobre eles.

Atualmente, Jaraguá orgulha-se de ter a sua primeira Academia Jaraguense de Letras, fundada pelo jovem acadêmico Eliseu Crisóstomo Neto.

A Academia de Letras trabalha, atualmente, para receber não somente acadêmicos da arte literária mas também os portadores de conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos.

Na posse de membros dessa academia, registrou-se o nome das seguintes pessoas: Elizeu Crisóstomo Pereira Neto, Lúcia Rios Peixoto da Silveira, Colemar Elias Campos, Maria Augusta Barbo de Siqueira, Isabel Fátima Alves Silva Melo (Belinha), Ostecrino Lacerda, Diógenes de Castro Ribeiro, Jeane Mari Machado de Freitas, Maria Helena de Amorim Romacheli, Paulo Antonio Gonçalves, Dulce Madalena Rios Pedroso, Vera Lúcia Nogueira Brasileiro, Nilza Soares de Castro, Eliodoraz Trindade Gonçalves, Thomaz Álvares da Silva, Lúcia Andrade, José Maurício Dorninger, Francisco de Freitas Castro, Semi Gildrão Filho, João Batista Alves Filho e Joaquim Militão (*in memoriam*).

Joaquim Militão faleceu em 04/02/06, deixando assim a primeira vaga na Academia. Foi uma perda irreparável para a família, para a sociedade, para a cultura e, principalmente, para o mundo da pesquisa jaraguense. Lastimável!!!

Neste mesmo ano, no dia 18 de novembro, houve eleição na academia para preencher a vaga deixada pelo Sr. Joaquim. Fui um dos concorrentes à vaga e tive a felicidade de ser eleito, porém, reconheço com humildade, que tal vaga, na verdade, jamais será preenchida. Seu Joaquim era o nosso maior arquivo vivo que ainda existia em Jaraguá. Ele é insubstituível.

Os trabalhos que se seguem são trabalhos de três imortais da nossa Academia de Letras. O primeiro trabalho trata-se de uma

homenagem feita pelo casal Paulo Antonio Gonçalves e dona Eliodoraz ao clube da melhor idade, o poema musicado intitulado Clube Primavera – Um hino de Amor.

O segundo trabalho trata-se de uma biografia feita pela professora Maria Augusta Barbo de Siqueira sobre uma grande personagem que viveu em Jaraguá, chamada por todos da época de Maria Totô.

Clube Primavera – Um hino de amor

(Música: Paulo Antônio Gonçalves ; Letra: Eliodoraz Trindade Gonçalves)

Foi por tantas primaveras
Que ao longo dos anos vivi
Que hoje as canto mais belas
E por elas estou aqui

Nesse lindo jardim de amigos
Cada flor conta uma história,
Dos muitos anos vividos
De dores, lutas e glórias

Nós temos um grande ideal
E em nós mora a magia
Fazer dessa idade genial
Um hino de amor e alegria

Mostrando aos jovens e velhos
Que a vida não tem idade
Fazemos da hora um dia
Do dia, uma eternidade.

Maria Totô

Autora: Maria Augusta Barbo Siqueira
(Membro da Academia de Letras de Jaraguá)

Na cidade de Goiás, nasce Maria cheia de Graças, Rosário de risos, Cardoso e, mais tarde, Machado.

A prematura orfandade levou os irmãos Maria e Felicíssimo ao colo da avó Donana e da Tia Nem, que zelosas e amorosamente os fizeram crescer à sombra de cuidados, em padrões de vida que geraram nela a mulher valorosa que tantos tão bem conheceram. O tempo passando, estabeleceu rumos



e apontou outros caminhos.

Em 1922, a transferência do irmão de Goiás para Jaraguá trouxe a família unida. Aqui foram recepcionados pelo jovem Bernardo, o Totô. Amor à primeira vista!

Aos 22 anos, em 4 de setembro de 1924, casa-se Maria com Bernardo; passa então a ser Maria de Totô. Sem perder graça nem riso, acrescenta à sua vida companheirismo e lealdade do esposo que tão fielmente edificou com ela um lar harmonioso e feliz, gerando os filhos Luíza, Hercílio, José, Ivete, Glória, Felicíssimo, Anita, Geraldo, Dulce e ainda acolhendo, em seu coração de mãe, Edwirges e Clotildes, formando numerosa família hoje com 131 descendentes.

Alegre, caridosa e religiosa, dirigiu, enquanto viveu, o mês do Rosário, organizou festas do Divino, festas juninas, Natal para os pobres...

Sempre pronta a ajudar, contribuía na casa dos festeiros, com suas mãos hábeis, na construção de verônicas, dias a fio pelas madrugadas...

Inusitada, Maria de Totô tinha o dom de surpreender. Seu coração sem fronteiras media as distâncias e dificuldades com fios de amor, na hábil tessitura da benignidade e do altruísmo.

Amorosa, espalhou ao seu redor o calor do companheirismo, chama que jamais arrefeceu; ainda que tribulações e desafios lhe sobreviessem, Maria de Totô obstinadamente praticava a dura luta de servir desvalidos e amar marginalizados.

Semeando pão e suor, alento e refrigério, por onde passou fez brotar sonhos e esperanças na alma gretada dos ressequidos pelas ausências e descaso dos insensíveis.

Chorou com os que choravam, levantou os abatidos, fortaleceu os fracos, levou sobre os ombros os fardos dos trôpegos e enfermos, aos quais, particularmente, amou e serviu.

Maria de Totô, saudososa lembrança do riso alto, das conversas na porta da rua, ao redor das mesas de costura, na cozinha do fogão a lenha, entre confeitos e festins, adivinhando sonhos para prover alegrias.

Maria de Totô, que tão bem cumpriu a "ide", foi-se prematuramente da Jaraguá, aos 50 anos, em 20 de junho de 1953. O coração que a tantos abrigou, parou conjugando em todos os tempos mais-que-perfeitos os verbos amar e servir, para a saudade dos que com ela partilharam vida e sonhos.

Artes Cênicas

O Teatro

As artes cênicas exigem um aparato tecnológico para as suas realizações (luz, palco, cenário...) o que dificulta a execução desta modalidade de arte.

O teatro não foi de todo esquecido em Jaraguá. Fala-se muito ainda num teatro em Jaraguá que era comandado por dona Cutute Machado e Manoel Demóstenes. Em um tempo mais recente falou-se muito também no teatro do Nunes.

Alguns depoimentos atuais relatam que Inholita Gonçalves, mãe do doutor Paulo Antônio Gonçalves amava representar e que tal vocação era apoiada por sua mãe, dona Maria de Totô.

Na década de 60, o teatro era brincadeira diária de meninos e meninas. O palco era sempre no fundo do quintal, em meio às bananeiras que possibilitavam a arrumação do palco e camarim com

histórias feitas com lençóis e cobertores. Era o deleite da garotada. Em especial, lembro-me de um desses teatros feito no quintal da casa de "Seu Bindito Coutinho", na rua de Trás, feito por sua filha Inholita que adorava representar.

Com a chegada da televisão, no final da década de 60, o teatro foi banido totalmente da diversão da garotada e somente nos colégios se via uma ou outra tímida apresentação teatral.

No início da década de 70, dona Selene de Freitas e seu irmão Plauto Vieira montaram uma escola de teatro experimental que funcionou no Clube Uirapuru, hoje Clube do Lions Rio da Prata. Essa escola montou várias peças teatrais e chegou a excursionar por várias cidades vizinhas com a peça "O Boi Bumbá".

Com a volta de Plauto Vieira para o Rio de Janeiro, o cenário teatral jaraguense voltou a dormir longo sono. No final dos anos 70, Marcelo Machado escreveu e encenou uma peça chamada "O coronel bêbado", no cine Astral, da família Buntrok na praça do Coreto.

Agora, no limiar deste novo milênio, a arte cênica volta a ser praticada em nossa cidade pois surge no cenário teatral goiano uma estrela jaraguense chamada Liz Eliodoraz Trindade Gonçalves.

Embora esteja na flor da juventude, Liz já trilha caminhos nunca antes conquistados por nenhum jaraguense no cenário teatral goiano. Liz é formada em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, é diretora do grupo cênico "Teatro que roda", em Goiânia, e já viajou para Portugal em turnê teatral com o grupo o Brasileiro.

Nos últimos anos, Liz tem dirigido uma peça de teatro na Semana Santa em Jaraguá sobre a vida e morte de Cristo.

Para a realização desta peça, Liz conseguiu parceria com a Fundação Gracé Machado e com grupos de jovens da igreja católica de Jaraguá. O sucesso estrondoso que fizeram serviu não somente para revelar



Liz, atualmente, mora no Rio de Janeiro.

muitos atores e atrizes daqui, mas serviu, principalmente, para consolidar o dom desta jovem artista não só como atriz mas também como diretora de teatro.

Liz possui infinitas qualidades para uma bela biografia mas tudo isto diz muito pouco diante de sua própria genealogia: Liz é bisneta do lado materno do músico Geraldo Amorim, do lado paterno de Maria Totó; e filha de Dr. Paulo Antônio Gonçalves e Eliodoraz Trindade.

Ainda no campo da comunicação, Jaraguá possui uma outra estrela. Trata-se de Maria Lúcia do Carmo - Lúcia Moreno - é irmã do poeta Mário Francisco, citado neste encarte. Lúcia Moreno é merecedora das conquistas que a tornaram popular no meio da locução profissional em rádio-difusão. É membro, desde 1993, da (ABERT), Associação Brasileira de Rádio e Televisão. Trabalhou na Radio São Carlos FM, em Goianésia, foi locutora da 95 FM em Goiânia. Atualmente é apresentadora do telejornal na TV Caldas, filiada a TV record em Caldas Novas e comanda um programa diário na rádio Tropical Fm, também em Caldas.

Assim então fica registrado nestas simples páginas um pouco da vida dos artistas jaraguenses. Infelizmente, é impossível falar de todos mas aqueles que ousam e rompem a barreira do anonimato aqui foram exaltados. A arte, como disseram os irmãos Álvares, está mesmo no sangue...



Lúcia Moreno e o cantor Lobão

IV PARTE

Jaraguá – Política 1950 a 2008

PERFIL POLÍTICO DE JARAGUÁ

João Luiz das Graças Soares
Professor e Escritor



Juscelino Kubitschek de Oliveira visita Jaraguá em sua Campanha para Senador, em 1960, na foto ainda se vê em pé (da esquerda pra direita): Dr. Felcíssimo, Ari Guimarães, Clotário de Freitas, Dona Alfoncina (Tia Sina), Nena, Maria Leonor (Nê), Maria e Marica, todas da família Freitas. E sentados à mesa, na mesma ordem estão Dona Gracima, o ex-presidente Juscelino, e o ex-governador de Goiás José Feliciano Ferreira, candidato suplente ao cargo de Senador da República.

O jaraguense sofreu, como todos os brasileiros, as conseqüências advindas dos diversos regimes políticos autoritários vividos na história política do Brasil.

Em recente pesquisa feita para a elaboração deste trabalho dá para se ter um perfil do que era a organização política na ex-província dos Goyazes.

Mesmo depois de instituída a Nova República, o poderio dos coronéis continuou dominando a política brasileira, principalmente no interior do Brasil.

Em Goiás, a desordem, a bagunça e a rivalidade entre coronéis eram fatos corriqueiros.

Em se tratando de história política de Jaraguá, não é preciso aprofundar muito em pesquisas para perceber que o coronelismo aqui deixou fortes raízes que até hoje insistem em brotar.

Um dos autores pesquisados relata que, em 1900, houve uma invasão em Jaraguá onde um grupo de mais ou menos cem pessoas invadiu a prefeitura Municipal e ateou fogo em todos os documentos. Pode-se afirmar com isso que a partir daquele dia, Jaraguá ficou sem a sua identidade moral, política, histórica e cultural.

Na capital do Estado (a cidade de Goiás), o poderio político ficava nas mãos do coronel Xavier de Almeida e a sua filosofia política, considerada nada ortodoxa, era imitada não só em Jaraguá e Meia Ponte (Pirenópolis) mas em todo o estado de Goiás.

Em 1909, explode uma revolução na cidade de Goiás com a derrocada do poderio político de Xavier de Almeida. A partir daí, instaura-se a oligarquia de uma outra família: os Caiados, cujos aliados políticos em Jaraguá pertenciam à família Castro Ribeiro.

De 1910 a 1930, a política em Goiás foi dominada pela família Caiado. Na verdade, só mudara os chefes, porque o coronelismo praticado por Xavier de Almeida era o mesmo exercido pelos Caiados.

Em suas memórias, Pedro Ludovico Teixeira diz que as eleições eram um escárnio, uma brincadeira. Colocavam-se nas seções eleitorais, um tenente da polícia e dois soldados. Ao entrar, o eleitor recebia um envelope fechado, que continha o seu voto e o colocava na urna. Era o escandaloso regime das atas falsas. Pouca gente tinha coragem de combater o caiadismo em Goiás, e somente em Rio Verde e em Goiabeira (Inhumas), o povo punha as "mangas de fora."

Com a revolução de 1930, o caiadismo foi deposto e um dos líderes deste movimento, Dr. Pedro Ludovico Teixeira foi nomeado interventor em Goiás.

Em Jaraguá, a política não sofreu nenhum abalo com a revolução de 1930, pois as famílias que já se revezavam no poder continuaram as mesmas: Freitas e Castro Ribeiro.

Os Freitas eram aliados de Pedro Ludovico sob a sigla do PSD (Partido Social Democrático) e os Castro Ribeiro eram partidários dos Caiados e pertenciam à UDN (União Democrática Nacional).

Pesquisar sobre a política em Jaraguá é uma verdadeira via crucis, pois, não há em Jaraguá nenhum trabalho ou documentário biográfico dos políticos e ex-prefeitos de Jaraguá. O único documento gráfico existente é um painel de fotos de ex-prefeitos na sala de espera da prefeitura que, se bem analisado, nota-se muitas falhas em suas datas.

Na ausência de documentação escrita que possibilite uma pesquisa mais abrangente, este trabalho tenciona traçar um perfil da política em Jaraguá, de 1950 a 2006, justamente porque na ausência de documentação, esta faixa oferece ainda muita informação oral do povo de Jaraguá. Devido a isto, tal trabalho foi elaborado em sua totalidade por depoimentos gravados ou não de vários cidadãos jaraguenses.

Quanto às datas de mandatos dos prefeitos eleitos a partir de 1950, esclareço que as eleições eram em novembro, mas o prefeito só tomava posse em março. Agora, as eleições são em outubro e a posse em 1º de janeiro.

Este trabalho não conta o ano de eleição, e sim, a partir do ano da posse dos prefeitos. A fonte principal que fundamenta os mandatos de prefeitos aqui relatados são os livros de decretos-leis existentes na secretaria de administração da Prefeitura de Jaraguá.

INTENDENTES E PREFEITOS ANTERIORES A 1950

- 1882 Alferes Theobaldo Raymundo do Nascimento Lima;
- 1884 Cel. Joaquim Ribeiro de Freitas Camargo;
- 1888 Cel. Diógenes Gomes Pereira da Silva
- 1890 Hermenegildo Raymundo do Nascimento Lima, Intendente Municipal;
- 1893 Hermenegildo Raymundo do Nascimento Lima, preparou as eleições de 1893, sendo eleitos: Manoel Gomes Pereira da Silva – Presidente do Conselho de Intendentes;
- 1898 Major Riguzino de Carvalho – Intendente Municipal;
- 1901 04 de novembro – Intendente Municipal Capitão (Dudu) Manoel Ribeiro de Freitas Machado;
- 1903 1º de novembro – Posse do Intendente Municipal Major Manoel Gomes Pereira da Silva;
- 1906 31 de junho – 2º Vice-Intendente Tenente João Pereira Villarinho, assume o executivo jaraguense;
- 1907 02 de dezembro – Cel. Tubertino Ferreira Rios é o Intendente Municipal;
- 1909 23 de outubro – Volta à condição de Intendente Cel. Manoel Ribeiro de Freitas Machado (Dudu);
- 1911 dezembro – Major Benedito Raymundo de Britto (Dito Raimundo), na condição de 1º Vice-Intendente de Jaraguá em exercício;
- 1912 1º de dezembro – Cidadão Mário Félix de Sousa, Intendente Municipal;
- 1919 29 de novembro – Assume o exercício da Intendência Municipal o seu 1º Vice Sr. Creso Gomes Pereira da Silva;
- 1922 29 de novembro – Intendente Municipal Cel. Manoel Ribeiro de Freitas Machado – Dudu;
- 1926 Intendente Municipal Raul Félix de Sousa;

178

- 1930 20 de setembro – Eleições para Intendente, vice-Intendente e Conselheiros da Intendência Municipal. Raul Félix de Sousa é reconduzido ao executivo jaraguense;
- 1930 Nicanor Ferreira Rios – conforme tradição oral, o 1º prefeito eleito de Jaraguá;
- 1933 05 de agosto - Ofício nº 68, Cel. Tubertino Ferreira Rios, comunica o Conselho Consultivo Municipal, que assumiu a direção do município;
- 1934 14 de maio - Cel. Elias da Fonseca se encontra à frente do executivo municipal;
- 1935 Prefeito Interino de Jaraguá, Cel. Tubertino Ferreira Rios (alguns meses);
- 1936 Prefeito de Jaraguá, Sr. Antônio de Castro Ribeiro – até 1947;
- 1943 Prefeito de Jaraguá, Dr. Peixoto da Silveira;
- 1947 Prefeito de Jaraguá, Nelson de Castro Ribeiro (1951);

Conforme a Professora Maria Helena A. Romanchelli, Fabiano Luiz de Castro, Drº Felicíssimo do Espito Santo Neto e Dulce Madalena Rios Pedroso.

**Veja Contra Capa
Interna**

179

CLODOALDO BARBO DE SIQUEIRA

1951 A 1954

O Brasil vive a euforia Getúlio Vargas, que é eleito presidente do Brasil, cria a Petrobrás – Companhia de Petróleo Brasileiro mas suicida-se anos mais tarde, em 24/08/54.

Em Goiás, a política é comandada por Pedro Ludovico Teixeira.

Em Jaraguá, o PSD de Pedro Ludovico é derrotado pela UDN dos Castro Ribeiro, e Clodoaldo Barbo de Siqueira é eleito prefeito de Jaraguá.

Clodoaldo Barbo de Siqueira era filho de Euclides Gomes Barbo de Siqueira e

Francisca Gomes Barbo, nascido em 21/05/1914, em Jaraguá – GO.

Dr. Clodoaldo Barbo era casado com dona Maria Augusta Barbo de Siqueira, e tiveram 6 filhos: Tereza Cristina, Clodoaldo Jr., Maria Olívia, Antônio Fernando, Euclides e Maria Betânia, a caçula, já falecida. Clodoaldo era o candidato representante da família Castro Ribeiro e ainda tinha a vantagem de ter sido o presidente da câmara no governo de Nelson de Castro, que ora findava. Embora tivesse tais trunfos, Clodoaldo não era o favorito ao cargo de prefeito pois o



candidato adversário, representante da família Freitas, era o então deputado estadual por Jaraguá e médico conceituadíssimo na cidade chamado Dr. José Peixoto da Silveira.

Há relatos de que esta foi uma campanha acirradíssima, onde as arbitrariedades corriam soltas, rasgando cédulas, queimando urnas e até muitos defuntos votaram.

No frígir dos ovos, Clodoaldo foi eleito com uma diferença de 7 votos.

Conta Dona Maria Augusta, viúva de Dr. Clodoaldo, que, na esperança de reverter a situação, o PSD pressionou para que fosse aberta uma urna que havia sido impugnada mas o tiro saiu pela culatra e a vantagem de Clodoaldo foi ampliada de 7 para 11 votos.

Foi no governo de Clodoaldo que surgiu a intenção de trazer água potável da fazenda São Januário para Jaraguá. As cisternas de Jaraguá possuíam água salobra imprópria para beber, e o povo se servia nas várias fontes existentes àquela época: Campinho, onde hoje é a Vila Izaura, Clemência, popularmente conhecida como Quelemência, onde fica hoje a Vila Natalina e a fonte do Galvão, até hoje existente, com entrada na confluência das ruas das Flores e praça do Rosário.

Clodoaldo governou Jaraguá por 4 anos e logo após o término de seu mandato, mudou-se com a família para Goiânia, onde atuou em alto escalão nas Centrais Elétricas de Goiás - Celg, vindo a falecer em 25 de maio de 1996.

Um fato engraçado no governo de Clodoaldo tratava-se de dona Maria Augusta, a primeira-dama. Ela era filha de dona Ana Andréia Almeida Augusta, conhecida como Dona Nanéia. Clodoaldo era candidato representante da família Castro Ribeiro, pertencente à UDN, e dona Nanéia era militante ferrenha do partido da família Freitas, o PSD.

Conta dona Maria Augusta que, em época de política, era impossível a convivência com os pais dela, dona Nanéia e "Seu Sizi" porque eles eram fanáticos por política e em todos os encontros entre ela e os pais, eles a colocavam para correr. Era um deus-nos-acuda...

NELSON DE CASTRO RIBEIRO 1955 A 1958

O Brasil elege Juscelino Kubitschek de Oliveira para presidente.

Guimarães Rosa é sucesso no lançamento de *Grande Sertão - Veredas*.

Em Goiás, José (Juca) Ludovico de Almeida é eleito governador pelo PSD.

Em Jaraguá, a família Castro Ribeiro completa 3 mandatos consecutivos no poder, pois Nelson de Castro Ribeiro, foi outra vez eleito ao cargo de prefeito municipal.

Antônio José de Castro Ribeiro, o popular Zuca de Castro, conta que Nelson ganhou de Brandão, representante do PSD, complementando, assim, 11 anos de poder consecutivo da família Castro Ribeiro no poder em Jaraguá. Brandão era moço jovem, vindo do Rio de Janeiro. Casou-se com a jaraguense Ieda Rios, filha do comerciante Antônio Ferreira Rios e Diva de Freitas.

Dona Safia, apelido carinhoso dado à simpática viúva do ex-prefeito Nelson de Castro, diz que, naquela época, mulher não intrometia em coisas de política. Conta, também, ela, que as prefeituras daquele tempo não recebiam grandes somas em dinheiro



NELSON DE CASTRO RIBEIRO
1955-1958

como acontece hoje. Não havia nem mesmo uma cobrança sistemática de impostos e que a prefeitura tinha pouquíssimos funcionários e não possuía nenhum carro.

Dona Safia disse, ainda, que o trabalho do prefeito era mais fácil, sem tantas cobranças como agora. Ela lembra que o marido tinha um cuidado especial com a limpeza das fontes de água potável, onde o povo jaraguense se servia de água e que estas limpezas eram pagas com gorjetas dadas pelo prefeito, pois não havia verbas.

Quanto à limpeza das poucas ruas, dona Safia ri e diz que, naquele tempo, cada um varria a sua porta e que, felizmente, não havia tanto lixo como agora, pois não existia produtos descartáveis, nem papel, nem sacolinhas de plásticos e que até a carne ao ser comprada no açougue era levada para casa amarrada em um laço de cordão chamado barbante enfiado na carne com o auxílio de uma grande agulha de costurar sacos de arroz. O freguês enfiava o dedo indicador no lacinho do cordão e saía com a carne dependurada. Isso, segundo ela, era uma tentação para os cachorros, e muitos viventes daquele época ficavam sem a mistura, traídos às vezes pelo seu melhor amigo, ou seja, o seu próprio cão.

Nelson de Castro está biografado por sua filha Juliana nesta edição no encarte "Nossos Patronos", onde a vida política e social deste ilustre jaraguense é registrada.

SOLON BATISTA – 1959 A 1960

Em Goiás há nova vitória do PSD, e José Feliciano Ferreira foi eleito governador de Goiás.

Goiás viveu nesta época a euforia do rodoviarismo e da construção de Brasília, inaugurada em 21 de abril de 1960.

Jaraguá muda de chefe político e Solon Batista é eleito pelo PSD, retomando o poder político dos Castro Ribeiro.

Solon da Silva Batista nasceu na cidade de Mineiros, estado de Goiás, em 17 de fevereiro de 1895. Era filho de Sebastião da Silva Batista



e Angelina Silva Batista. Foi casado com Ninfa da Silva Batista, sua prima, com quem teve 3 filhos: Olinda, Nilson e Otacílio.

Solon era fazendeiro, mas, na vida pública, exerceu os cargos de delegado de Polícia em Anápolis e de Prefeito Municipal em Jaraguá. Segundo depoimentos de Nair e Benedita Soares (contemporâneas de Solon), ele era um perfeito rabo-de-saia, pois, apesar de ser casado com dona Ninfa, quando veio para Jaraguá trouxe a tiracolo uma linda paulista de nome Lourdes, que apresentava como sua segunda esposa. Ela pouco freqüentava a cidade e quase não saía da fazenda Sucuri, neste município.

Mais tarde, ele se casou novamente com a jovem Ateofanes Rodrigues e não tiveram filhos. Ateofanes é apelidada por Fiica de Solon. Fiica mora com a irmã Nely, apelidada de Lene, moradoras do lendário bar que foi do pai delas, Antônio Sá Joana na praça da matriz.

Solon veio quebrar quase quinze anos consecutivos de poder político dos Castro Ribeiro, em Jaraguá. Candidatou-se num mandato tampão de apenas dois anos e seu adversário foi o irmão do poderoso coronel Castrinho; Antônio de Castro Ribeiro.

Naquela época os distritos de Jaraguá eram muito prósperos e havia muitos moradores nestes povoados por causa das lavouras e então, tanto Antônio de Castro como Solon Batista foram buscados seus candidatos a vice-prefeito nestes vilarejos.

O vice de Antônio de Castro era um farmacêutico apelidado por Cazuzza e morava no distrito de Santa Izabel. Já o vice de Solon era muito mais conhecido, também farmacêutico prático, homeopata e apelidado de Chico Pedro, o fundador do povoado de Mirilândia.

Embora Solon fosse de fora, Chico Pedro elegeu Solon e o PSD saiu vitorioso com uma revanche histórica apelidada de Solon/Chico Pedro.

Isto porque a contagem de votos, naquela época, foi feita através de auto-falante e tornou-se motivo de piadas a forma de como a maioria de Solon e Chico Pedro sobre Castro e Cazuzza era narrada, pois o narrador contava dez votos Solon/Chico Pedro, para vir um voto Castro/Cazuzza.

Conforme depoimento de Dr. Paulo Antônio Gonçalves, a vitória de Solon se deveu a dois fatores: primeiro, ele escolheu um bom vice e depois por ter prometido a emancipação do município de Itaguaru, até então distrito de Jaraguá. Esse acordo, firmado em Itaguaru com os fazendeiros Benedito Ferreira de Castro, Joaquim Moreira Damasceno, Antônio Lourenço de Sá, Napoleão Pires de Barros e Urgélio Teixeira, fez com que a votação de Solon naquele distrito fosse expressiva.

Embora Solon tenha governado apenas dois anos, deixou um marco histórico em Jaraguá: a construção do 1º prédio destinado a ser prefeitura, onde hoje abrigou o fórum de Jaraguá até o ano de 2007. Conforme depoimento colhido em 1 de março de 2008, de um sobrinho de Solon, o engenheiro civil, Drº Juvenal Amaral, a verba vinda do governo estadual não dera para a construção da prefeitura e seu tio Solon teve que completar o restante com recursos do próprio bolso.



Solon é considerado até hoje por muitos jaraguenses como sendo um homem extremamente simpático e muito caridoso.

Solon foi sepultado em Jaraguá no túmulo nº 260, no Cemitério Santana. Embora o epitáfio de seu túmulo esteja ilegível, ao passar o olhar sobre a lápide, aparece no presente a seguinte legenda:

Solon Batista
* 17 - 2 - 1896
+ 17 - 5 - 1967
Vida simples
Vocação de servir
Exemplo de bondade
Saudades de sua família

Os adjetivos usados no túmulo de Solon são os mesmos ainda ditos hoje pela boca do povo que teve o privilégio de conviver com personagem tão singular de nossa simples história.

SÍLVIO DE CASTRO RIBEIRO 1961 A 1965 E 1970 A 1972

O presidente do Brasil, Jânio Quadros, renuncia, e seu sucessor, João Goulart muito colaborou para a implantação do regime militar no Brasil. Em Goiás, é eleito Mauro Borges Teixeira, filho de Pedro Ludovico para governador do Estado.

A capital do Brasil – Brasília – é inaugurada em 21/04/1960.

Nesse pleito eleitoral de 1960, os Freitas e os Castro Ribeiro resolveram apostar em candidatos chamados "puro-sangue". Representando os Freitas estava o jovem médico Manoel Machado de Freitas, apelidado Dudu, filho do ex-prefeito Clotário de Freitas.



SÍLVIO DE CASTRO RIBEIRO

A família Castro Ribeiro tinha como representante o também jovem Sílvio de Castro Ribeiro, filho do famoso coronel Castrinho e sobrinho do ex-prefeito, Antônio de Castro Ribeiro, e irmão do também ex-prefeito, Nelson de Castro Ribeiro.

Sílvio de Castro ganhou a eleição e governou Jaraguá levado já por uma onda de modernidade, de uma melhor visão sobre a política. Concluiu a motorização da prefeitura, iniciada no governo do irmão Nelson, instalou a 1ª rede telefônica de Jaraguá e viabilizou a vinda para Jaraguá das agências bancárias do ex-BEG (Banco do Estado de Goiás) e Banco do Brasil.

Tinha atenção especial pela 1ª torre de transmissão de TV, aliada na serrinha e conhecida como torrinha.

Em 1970, Sílvio de Castro aproveita o vácuo provocado pelo regime militar e se reelege com candidatura única ao cargo de prefeito, tendo como vice o fazendeiro Luiz Pinto. Foram três anos de governo que possibilitaram ao prefeito sacramentar as obras da torre de transmissão de TV, incrementar o serviço de água encanada e asfaltar as primeiras ruas da cidade.

Nas duas vezes em que foi prefeito, Sílvio de Castro demonstrou ser um homem além de seu tempo. Procurava sempre trazer para Jaraguá uma certa modernidade e conforto para os jaraguenses.

O patriarca dos Castro Ribeiro em Jaraguá chamava-se Antônio de Castro Ribeiro (o filho), tropeiro, vindo da fazenda Granjeiras, na região de Ouro Preto - MG, filho de Antônio de Castro Ribeiro e Purcina Eufrásia de Oliveira. Desta união nasceram 13 filhos: Firmiana, Francisco, Ana, José, Antônio, Maria, Joaquim, Rosa, Rita, Eulália, Teolinda, Francisca e Tereza.

Antônio de Castro Ribeiro veio para Jaraguá por volta de 1860 à procura de terras para comprar e, chegando a Jaraguá, casou-se com Josefa Gomes Pereira da Silva. Ela era viúva do Alferes Manoel Ribeiro de Freitas Machado e já possuía dois filhos: Manoel, que levou o nome do pai, e Evaristo.

Em seu casamento com Antônio de Castro, Josefa deu a Luz mais seis filhos: Diógenes, Antônio, Porcina, Maria, Ana e Teolinda.

O filho Diógenes era apelidado Castrinho e desde muito cedo embrenhou-se na política de Jaraguá.

Assim que se tornou rapaz, Castrinho casou-se com uma linda jovem chamada Izaura Rios apelidada de dona Inhola e tiveram nove filhos: Josefa, Lila, Hélia, Nelson, Sílvio, Marconi, Elza, Helena e José Antônio (Zuca).

Os filhos Sílvio e Nelson exerceram ativamente a política em Jaraguá, sendo reeleitos ao cargo de prefeito.

Sílvio nasceu em 2 de agosto de 1923. Apresentava-se sempre romântico, dinâmico, jovem e voluptuoso. A história oral de Jaraguá o aponta como um verdadeiro Dom Juan, um *play-boy*, à sua época, muito assediado e, em relação às mulheres, era uma brasa coberta de cinzas.

Sílvio de Castro casou-se com a bela Irtes Alves da Costa e tiveram 4 filhos: Sílvia, Silvana, Diógenes e José Ronaldo.

O filho Diógenes, levou o mesmo nome e apelido do avô, Castrinho, é médico, vereador e foi presidente da Câmara Municipal de Jaraguá em 2005/2006.

Sílvio era apelidado "pai" dos pobres e com ele não havia rancor político. Hoje, muitas pessoas são categóricas em afirmar que Sílvio de Castro acabou com a herança deixada pelo pai, ajudando os amigos.

Um dia, um jovem tratorista de uma de suas fazendas (a Boa Vista) disse a Sílvio de Castro e D. Irtes que tinha muita vontade em estudar mas não tinha recursos financeiros.

Na mesma hora, Sílvio disse ao motorista que se ele passasse no concurso de admissão, ao ginásio, eles (Sílvio e Irtes) garantiriam o estudo dele até se formar para o curso que quisesse.

Este juvenzinho não passou somente no exame de admissão mas fez o 1º grau no Ginásio Arquidiocesano de Jaraguá, o ensino médio no Liceu de Goiânia e o curso de Medicina na Universidade Federal do Pará. Sílvio e Irtes cumpriram a palavra, fazendo deste tratorista o nosso muito amado Dr. Crizalton que reciprocamente nutria por Sílvio e nutre até hoje por dona Irtes, verdadeiro amor filial.

Sílvio de Castro amava a vida, era bom pai, bom marido e morria de ciúmes da família.

Exaltava a beleza feminina a ponto de gastar rios de dinheiro para eleger as suas misses, garotas e rainhas preferidas nos inúmeros concursos de beleza pelos quais era convidado para padrinho, pois, naquela época, a candidata que tivesse maior soma em dinheiro era a vencedora. Daí, o convite a Sílvio era juntar a fome com a vontade de comer...

Sílvio de Castro foi secretário de ação social do Estado, no governo de Otávio Lage, de 1966 a 1969.

O guerreiro Sílvio de Castro faleceu em plena campanha eleitoral para prefeito, em 11 de setembro de 1976.

FELICÍSSIMO DO ESPÍRITO SANTO NETO 1966 A 1969

Autor: Dr. Benjamim Segismundo de
Jesus Roriz
(genro de Dr. Felicíssimo)

O Regime Militar é implantado no Brasil a partir de 1964.

Em Goiás, o regime militar escolheu o Marechal Emílio Ribas Jr. como coordenador de novas eleições. Com o apoio de Ribas Jr., Otávio Lage de Siqueira é eleito governador de Goiás.

Em Jaraguá, o regime militar escolheu para prefeito um velho conhecido dos jaraguenses: Dr. Felicíssimo do Espírito Santo Neto.

Nasceu na cidade de Goiás, antiga capital do Estado de Goiás em 13/01/1898. Era filho de Manoel Pereira Cardoso Júnior e Ana Benedita do Espírito Santo Cardoso.

Pelo lado materno, era neto do Brigadeiro Felicíssimo do Espírito Santo, que, por duas vezes, foi Presidente da Província de Goiás, durante o Império (2º reinado) e fez parte da Comissão Cruls, encarregada da demarcação do território da futura Capital do Brasil, no Planalto Central de Goiás.



FELICÍSSIMO DO ESPÍRITO S. NETO
1966-1969



Dr. Felicíssimo, D. Moema, D. Irtes e Sílvio de Castro Ribeiro.

Foi casado com Moema Machado do Espírito Santo, de tradicional família política de Jaraguá. Com ela, teve a filha Olga Machado do Espírito Santo Roriz, casada com o advogado Benjamim Segismundo de Jesus Roriz, que foi Secretário de Governo do Estado de Goiás e do Distrito Federal. Teve também o filho Engenheiro Ciro Machado do Espírito Santo, falecido. Era casado com Maria Olívia Godoy do Espírito Santo, de tradicional família paulista. Foi presidente das Centrais Elétricas de Brasília e Secretário de Planejamento do Estado de Goiás.



Dr. Felicíssimo e sua amada Moema Machado que carinhosamente o chamava de Hilário

Dr. Felicíssimo teve os netos:

Cláudio Fábio do Espírito Santo Roriz, bancário, residente no Rio de Janeiro;

Eliane Roriz Macedo, assessora do Tribunal de Contas do Distrito Federal, residente em Brasília.

Liliane do E. Santo Roriz de Almeida, juíza federal, no Rio de Janeiro.

Leopoldo Godoy do E. Santo, engenheiro, residente em São Paulo.

Reynaldo Godoy do E. Santo, engenheiro, residente em São Paulo.

Isabel Godoy do E. Santo, bancária, residente em São Paulo.

De bisnetos teve 6, todos homens: três residentes no Rio de Janeiro, e três, em Brasília.

Curso o primário no Colégio Santana, da antiga capital de Goiás; o secundário no Seminário Santa Cruz, também na cidade de Goiás; e o curso superior na Escola de Direito "Agenor Alves de Castro", na cidade de Goiás, reconhecida pelo Governo Federal. Conclusão: 1932.

Exerceu as funções públicas de professor primário em Santa Luzia, hoje Luziânia, de 1916 a 1918; telegrafista, por poucos meses na cidade de Goiás, depois em Santa Luzia de 1918 a 1920 e em Jaraguá, de 1920, até sua aposentadoria em 1944, e em Jaraguá foi também professor primário.

Cargos Políticos

1) Deputado à Assembléia Constituinte do Estado de Goiás, tomou posse em 4 de abril de 1935, tendo assinado a Constituição Estadual em 4 de agosto do mesmo ano. Particularidade: Nessa época ainda não se usavam máquinas de escrever em Goiás. Como a letra mais bonita na Assembléia era a de Felicíssimo, ele foi encarregado de escrever o texto oficial da Constituição do Estado de Goiás em 1935.

A Assembléia Constituinte foi convertida em ordinária e seu mandato deveria se estender até 15 de abril de 1939. Foi interrompido com o golpe de Estado de Getúlio Vargas que extinguiu o Congresso Nacional, todas as Assembléias Legislativas e Câmaras Municipais, em 10/11/1937.

O fato marcante dessa legislatura foi a mudança da Capital do Estado da antiga cidade de Goiás para Goiânia, cidade construída pela tenacidade de Pedro Ludovico, então governador do Estado. Felicíssimo compunha a bancada do Partido Social Republicano que

apoiava e elegeu Pedro Ludovico, no final da Constituinte e, depois em 1936, aprovou a mudança da capital, numa votação histórica.

Nesse período, integrou as Comissões de Constituição e Justiça e de Orçamento e Finanças.

2) Secretário de Estado do Interior, Justiça e Segurança Pública, no período de Governo do Estado de Goiás, do Governador Hozannah de Campos Guimarães – 1950/1951.

Período difícil da vida política de Goiás, especialmente pela turbulência das eleições gerais de 1950, quando ocorreu o assassinato do Cel. da Polícia Militar e Deputado Estadual Getulino Artiaga.

Sua atuação enérgica, mas ponderada, na apuração dos fatos, restabeleceu a tranquilidade e a confiança do povo na atuação das autoridades públicas, transcorrendo as eleições em clima de normalidade.

3) Deputado à Assembléia Legislativa do Estado de Goiás, no quadriênio 1955 a 1959, eleito pela legenda do Partido Social Progressista (PSP) em coligação com a União Democrática Nacional (UDN).

Os fatos marcantes dessa legislatura foram as providências para a construção de Brasília, repercutindo na Assembléia Legislativa do Estado de Goiás, onde as medidas necessárias foram sempre votadas por unanimidade. Governistas e oposicionistas estiveram juntos nas votações em favor da mudança da capital da República.

4) Prefeito de Jaraguá de 1966 a 1969, eleito, mais uma vez, pela coligação PSP/UDN.

Principais obras realizadas em sua administração:

- construção do 1º posto de resfriamento de leite.
- implantação do abastecimento de água potável em toda a cidade, serviço completado pela Caesgo;
- construção de 150 casas populares, na "Vila Rio Vermelho", destinadas a famílias de baixa renda;
- construção de 3 pontes de acesso à "Vila Rio Vermelho";

- criação e instalação da "Biblioteca Municipal Desembargador Augusto Ferreira Rios", com mais de 1.000 volumes;

- construção de grupos escolares, escolas rurais, estradas, calçamento e passeio público;

- construção de um jardim na praça principal da cidade.

- fundou o Grupo Escolar São José, hoje Colégio Estadual São José.

Atividade profissional

Depois de aposentado, no Serviço Público Federal, dedicou-se à advocacia, profissão que exerceu, em Jaraguá, até sua eleição a Prefeito Municipal. Sua esposa, D. Moema, exercia atividade comercial, em sociedade com o pai, Manoel Ribeiro de Freitas Machado, depois, com seu primo, Diony Gomes Pereira da Silva. A firma Gomes & E. Santo, com a participação de Felicíssimo, criou a Empresa de Força e Luz de Jaraguá, que construiu a usina do Rio Pari, tendo sido Jaraguá uma das primeiras cidades do interior do Estado de Goiás a ser iluminada com luz elétrica, trazendo à população o conforto daí decorrente.

Instalou, na cidade, uma máquina de beneficiar arroz, uma das primeiras do Estado de Goiás.

Condecorações

- Título de Cidadão Jaraguense, conferido pela Câmara Municipal de Jaraguá, por votação unânime de seus vereadores.

- Comenda da Ordem do Mérito Anhangüera, conferida pelo Governador Irapuan Costa Júnior.

Atividades Políticas

Desde que chegou a Jaraguá, em 1922, integrou-se à corrente política que era chefiada pelo tio de sua esposa, Cel. Diógenes de Castro Ribeiro, o Cel. Castrinho, como era carinhosamente conhecido.

A essa corrente política ficou unido até o fim de sua vida sempre ao lado e prestigiando os sucessores do Cel. Castrinho, seu irmão Antônio de Castro Ribeiro e, depois, seus filhos Sílvio de Castro Ribeiro e Nelson de Castro Ribeiro e, ainda seu sobrinho e genro Dr. José Fleury.

- Membro do Diretório Municipal de Jaraguá do Partido Social Republicano, de 1934 a 1937, partido que, no Estado, era chefiado por Pedro Ludovico.

- Membro do Diretório Municipal do Partido Social Democrático, em 1945.

- Membro e Presidente do Diretório Municipal de Jaraguá do Partido Social Progressista (PSP), que, no plano nacional, era chefiada por Ademar de Barros e, no plano estadual, por Alfredo Nasser, de 1947 a 1967, época da extinção dos Partidos Políticos no Brasil.

Em Jaraguá e no Estado, o PSP sempre esteve coligado com a UDN.

- Membro do Diretório Estadual do PSP.

- Presidente do Diretório Municipal da ARENA, de 1971 a 1975, partido do qual foi membro desde a fundação, em 1967.

Atividades cívicas

- Felicíssimo participou de todas as atividades cívicas, culturais, esportivas, religiosas e artísticas de Jaraguá.

- Ainda jovem, integrou o time de futebol da cidade e organizou, mais tarde, uma corrida de bicicletas.

- Reorganizou as festas de Nossa Senhora do Rosário, do Divino Espírito Santo e São Benedito.

- Incentivou a reorganização da Banda de Música Santa Cecília, comprando-lhe instrumentos novos em sua gestão como Prefeito.

- Por muitos anos, Presidente da Conferência de São Vicente de Paulo, construtora do Hospital Maternidade de Jaraguá, inaugurado no final de sua gestão, em 1951.

- Presidente, durante 2 anos, do Aeroclub de Jaraguá.

- Diretor local do MOBREAL, que alfabetizou inúmeros adultos.

- Compôs vários cânticos para a Folia do Divino Espírito Santo e o Hino de São Benedito, que são cantados até hoje nas festividades próprias.

- Organizava desfiles nas datas cívicas.

- Orador primoroso, foi paraninfo de inúmeras turmas de formandos nos grupos escolares e ginásios locais, bem como era sempre escolhido para saudar visitantes e conferencistas que vinham a Jaraguá.

- Quando Prefeito, sancionou lei, de sua iniciativa, instituindo o dia 29 de julho como data natalícia de Jaraguá, por ser essa data, em 1882, a de seu desmembramento do Município de Meia Ponte, hoje, Pirenópolis, para se transformar em município independente.

Faleceu em 21 de março de 1984.

JOSÉ ALVES DE MELO – 1973 A 1976

O PSD – Partido Democrático Social se transforma em MDB – Movimento Democrático Brasileiro.

A UDN – União Democrática Nacional muda para ARENA – Aliança Renovadora Nacional.

Em Jaraguá, José Alves de Melo e Wilson Rios Barbo de Siqueira são eleitos com candidaturas únicas numa aliança partidária um tanto confusa, resultando em muitas complicações que duraram todo o governo do Sr. José Alves de Melo.

Zé de Melo como era chamado pelo povo de Jaraguá foi um prefeito que ficou literalmente entre o espeto e a brasa.

Ele possuía trânsito livre entre os Freitas e os Castro Ribeiro e isso fazia com que ele, às vezes, desse mais ouvido a uma ou a outra família.

Há quem afirme que Zé de Melo só não foi melhor prefeito porque estas duas famílias não o deixaram ter voz própria, sofrendo influências sempre de ambas.

Os jaraguenses pesquisados foram unânimes em atestar que Zé de Melo tenha sido talvez um dos prefeitos mais honestos de Jaraguá.

Dizem que a administração José Alves de Melo foi pautada na



*JOSÉ ALVES DE MELO
1973-1976*

ponta do lápis e a humildade dele foi fator relevante no trato com os pobres e os mais simples...

Foi um bom filho, bom pai, funcionário exemplar, responsável e amigo "do peito". Sua passagem por aqui está sacramentada e registrada.

Biografia

Isabel Fátima A. Silva Melo (Belinha)

Nora de Zé de Melo

José Alves de Melo, filho de Avelino Alves de Melo e Antonieta Soares de Melo, nasceu em 05 de setembro de 1930.

Natural de Piumhi (MG), veio para Jaraguá, na companhia de seus pais, na década de 40.

Naquele tempo, ajudava seu pai nas lidas e venda de tourinhos.

Casou-se, em 27 de março de 1951, com a Sra. Genoveva de Brito Melo, com quem teve 09 (nove) filhos, 27 (vinte e sete) netos e 03 (três) bisnetos:

- Messias, casado com Geralda. Netos: Dinajara, Messias Júnior e José de Melo Neto. Bisnetos: George e Patrick.

- Tadeu, casado com Ana, falecido em 01/07/2004. Netos: Fernanda, Ana Paula (falecida), Bartolomeu, Bartimeu, Mateus e Lara. Bisneto: Ernando Filho.

- Luiz, casado com Isabel. Netas: Adriana, Aline, Andréia e Amanda.

- Sebastião, casado com Maria. Netos: Antonieta Viviane, Gisele e Carlos Henrique.

- Jorge, casado com Divina. Netas: Josiele, Heloísa e Jordana.

- Rosana. Neta: Andressa

- Maria Virgínia, casada com Raimundo. Netos: Raísa e Renan.

- Gláucia, casada com Flávio. Netos: Glauco, Flávia e Glauber.

- Fátima, casada com Adauto. Netos: Frederico e Felipe

Em Jaraguá, participou de eventos esportivos, principalmente, sobre futebol, como comentarista e técnico, por longos anos, recebendo o apelido de "Zé Local".

Na política, foi eleito vereador, em 1968, com expressiva votação.

Devido à sua exclusiva dedicação à causa social de Jaraguá, foi eleito prefeito municipal, em 1972, para o mandato de 1973/1976, em candidatura única, sendo vice o Dr. Wilson Rios Barbo de Siqueira, que também ocupou a chefia do Poder Executivo, interinamente.

Com seu carisma, fina educação e comportamento simples, conquistou cerca de 100 (cem) afilhados e compadres.

Recebeu o Título de Cidadão Jaraguense.

Ao término do mandato como prefeito, cuja administração foi limpa, responsável e fiel aos princípios de bem servir a sua comunidade, recolheu-se à sua vida simples e familiar.

Faleceu em 15 de janeiro de 1999.

Como homenagem da Câmara Municipal de Vereadores de Jaraguá, em 07/12/2000, o edifício daquela Casa foi denominado "José Alves de Melo", projeto de autoria da vereadora Mírian Rios Fayad.



Em pé: Toró, Ari Guimarães, Pitaluga, Paulo Gedeon, os irmãos Bi e Dema da Matta, Zé Lair e Renato Basílio, Pedro Piauf e o técnico Zé de Melo - o Zé Local; Agachados: Zé Catita, Vani Camargo, Loro de Toró, Geraldinho, Thomaz Álvares e Ismael Ricardo.

TUBERTINO BRÁULIO DE FREITAS 1977 A 1982

Neste período de 77 a 82, Goiás passou por dois governadores, Irapuan Costa Júnior e Ary Valadão.

No final do governo indireto de Ary Valadão, o Brasil volta a ter eleições diretas para governadores.

Em Jaraguá, em regime de eleições diretas, foi eleito para prefeito um legítimo Freitas: Dr. Tubertino Bráulio de Freitas, filho de Salvador de Freitas e de Dona Carmelita Rios. Dr. Tubertino recebeu desde menino o apelido do avô Nhô, popular Inhô.

A campanha eleitoral envolvendo Dr. Inhô e Sílvio de Castro foi marcada por vários incidentes. Com o passar do tempo, as eleições iam, cada vez mais, mesmo que timidamente, aproximando-se de seu real valor moral e cívico. O povo ia aos poucos perdendo o medo frente ao declínio de forças daquele resquício de coronelismo que ainda insiste em aparecer, principalmente, em época de eleições e já se pronunciava fazendo denúncias, investigando fraudes, denunciando subornos e houve até algumas prisões.

No auge da campanha, Sílvio de Castro adoece gravemente, vindo a falecer. Em seu lugar foi colocado o seu filho José Ronaldo de Castro Ribeiro que, mesmo sob forte comoção popular por causa



TUBERTINO BRÁULIO DE FREITAS
1977-1982

da morte do pai, não conseguiu ser eleito e Dr. Inhô elegeu-se numa eleição comemorada com um banho de lama que ficou na história do MDB jaraguense. É que os correligionários de Dr. Inhô foram surpreendidos por uma forte chuva durante as comemorações da vitória. Como os comitês àquela época eram feitos em barracas com chão batido e coberto com folhas de coqueiro, foi inevitável o banho de chuva e lama dosados à euforia da vitória.

Um fato inesquecível acontecido nesta campanha se referia à prisão de Militino, presidente do MDB local, detido pela polícia para prestar informações de denúncias contra o MDB. É que, no agravamento da doença de Sílvio de Castro, seus correligionários levaram a imagem de São Sebastião da Igreja até o leito de Sílvio. Nisto, a oposição não titubeou e criou um versinho que dizia: "O povo da ARENA é um povo sem destino, roubaram São Sebastião e prenderam Militino".

Dr. Inhô ganhou mais 2 anos de acréscimo aos 4 a que tinha direito e governou por seis anos.

Em *Fragmentos da História de Jaraguá*, de minha autoria, há um equívoco ao afirmar que a Associação Comercial e Industrial de Jaraguá - ACIJA foi fundada no governo de Alano de Freitas.

Tal equívoco se deveu, principalmente, ao fato de o Poder Público e Privado de Jaraguá não possuírem o bom costume de guardar e zelar dos documentos referentes à história e memória de seu povo.

Isto faz com que os historiadores, cronistas e escritores, enfim, acabem cometendo injustiças, tirando de César, o que de direito lhe pertence.

A primeira Associação Comercial e Industrial de Jaraguá foi fundada em 16 de abril de 1977, assim que Dr. Inhô assumiu o poder.

A 1ª diretoria desta Associação foi assim constituída.

Presidente: Tentorino Julião de Amorim

Vice: Ismael Ricardo

Séc. Comércio: Geová de Oliveira e Souza

Séc. Indústria: Manoel Riolando M. Oliveira

Tesoureiros: José Cícero de Freitas e Ipolônio Avelar Vilela

Dir. Comercial: José de Moraes Preto



Pose de Tentorino como 1º presidente da ACIJA - Associação Comercial e Industrial de Jaraguá.

Dir. Industrial: Marivone Pelegrini

Rel. Públicas: Neves Alves Ferreira

Dir. Social: Álvaro Álvares da Silva

Conselheiros: Raulindo Naves, Carlos Antônio Paim, Marcelino Olímpio de Souza, Renato Silva Cunha, Sônia Cordeiro Cavalcante e José Siqueira de Amorim (Zé Catita).

Conselheiro Fiscal: Elias Antônio de Souza, Litinho, Antônio Pinto Sulino, Antônio Batista Pinto, Francisco Rodrigues, José de Oliveira Campos e Albatênio da Silva Serra.

Segundo o seu presidente, Tentorino Julião de Amorim, o principal entrave para o sucesso desta gestão foi a já comentada interferência do resquício coronelístico ainda existente na época, principalmente, advindo dos políticos mais velhos de Jaraguá,

Tentorino argumenta que muitas vezes a Associação chocou-se de frente com desmandos destes senhores que insistiam em ignorar determinações da Associação e impunham uma segunda determinação numa alusão de que quem mandava e detinha o poder ainda eram eles. Temiam o progresso e assim lutavam contra a modernidade que a Associação já começava a despertar na sociedade.

Foi nesta diretoria que Jaraguá tentou alçar vôo no campo da industrialização. Primeiro tentou-se a indústria de calçados e de

farinha, mas somente anos mais tarde, através da máquina e do tecido, é que esta Associação realmente alcançou o seu apogeu, mudando como um Deus, o curso da história.

Biografia

Por

Bráulio Theodoro Vieira de Freitas

Nascimento: 26 de março de 1933.

Filiação: Salvador Theodoro de Freitas e Carmelita Rios de Freitas.

Religião: Católica.

Iniciou seus estudos no Grupo Escolar Manoel Ribeiro de Freitas Machado, onde fez o curso primário.

O curso ginásial (hoje curso fundamental) fez em Silvânia, no Colégio Diocesano Anchieta. Nesse educandário fez umas incursões pelo mundo das artes cênicas, tomando parte em um grupo de teatro amador do Colégio, saindo-se muito bem!

Os 1º e 2º anos do científico (hoje curso médio) fez no Colégio Arquidiocesano de Uberaba (MG) (Colégio Marista).

O 3º ano do científico, ele já cursou no Rio de Janeiro no Instituto "La Fayette".

Logo em seguida, prestou vestibular e ingressou na Escola de Medicina e cirurgia do Rio de Janeiro (hoje UNIRIO), onde especializou-se em Cirurgia e Clínica Geral.

Ainda no Rio de Janeiro, fez vários cursos de pós-graduação:

- Otorrinolaringologia na Clínica do Dr. Koz, na época a mais famosa de todo o Brasil;

- Trabalhou no Serviço de Cirurgia Geral do Professor Josias de Freitas no Hospital Souza Aguiar;

- Trabalhou como obstetra e ginecologista na "Casa da Mãe Pobre", hospital padrão no Rio de Janeiro;

- Trabalhou no Serviço de Cirurgia Plástica nas Clínicas do Dr. Ivo Pitanguy e do Dr. Tácito Marcolini. Como cirurgião plástico participou de congressos no Brasil e em Paris.

Em 1961, casou-se com D. Selene de Abreu Vieira de Freitas, professora e coreógrafa de *ballet*, natural do Amazonas e residente no Rio de Janeiro, na época em que se conheceram. Têm dois filhos: Bráulio Theodoro e Marcelo Bráulio Vieira de Freitas.

Desde solteiro e até alguns anos já casado, meu pai gostava de jogar futebol, chegando a atuar como goleiro, aliás, um grande goleiro do Jaraguá Esporte Clube!

Como gostava de vida social, e, para agradar minha mãe, ele construiu, com dinheiro próprio e de alguns poucos amigos, um clube, o "Uirapuru" (hoje, depois de vendido para o LIONS, o "Clube Rio da Prata"). Nesse clube, havia bailes, inclusive de debutantes. Havia um palco onde eram encenadas peças de teatro, dirigidas por sua esposa.

Em 1976, Dr. Tubertino foi eleito prefeito de Jaraguá. Exerceu seu mandato até 1982. Como prefeito, empreendeu importantes obras:

- Asfaltou e iluminou muitas ruas do centro e das vilas;

- Construiu várias praças, inclusive a Praça do Coreto;

- Construiu o prédio da prefeitura;

- Implantou as primeiras creches em Jaraguá e outras mais.

Devido ao grande valor que dá à vida, seja ela em que forma for, tanto à dos seres humanos, dos vegetais como as dos animais, Dr. Tubertino, paralelamente ao exercício da medicina, nunca deixou de administrar, ele próprio, suas fazendas, levado pelo grande amor que nutre pela terra e por tudo o que ela lhe dá.

Introduziu aos festejos de aniversário da cidade, a chamada "Festa do Peão de Boiadeiro!", que é comemorada até hoje e embora tenha se modificado bastante, atendendo as exigências da modernidade, ela nunca alcançou tamanho glamour como na época de sua criação.

Hoje, o seu lazer preferido é reunir-se nos fins de semana com os familiares e alguns grandes amigos, de preferência em uma de suas fazendas, na qual mandou construir uma represa que serve de diversão para os seus netos e para os netos de seus amigos.



*Gretchen e Elke Maravilha pisaram em solo jaraguense nas primeiras festas do peão, no governo de meu pai. O anfitrião dessas beldades era sempre meu irmão, o fogoso Marcelo de Freitas, que adolescente na época, não perdeu a oportunidade de tirar uma casquinha das também fogosas artistas



CAPÍTULO IX

EUGÊNIO ALANO MACHADO DE FREITAS 1983 A 1988

O regime militar no Brasil experimenta seu último governo – João Baptista de Oliveira Figueiredo. O presidente promove o fim da censura.

O MDB acrescenta um P de partido à sua sigla – PMDB, e a ARENA se transforma em PDS. - Partido Democrático Social.

Em Goiás, uma cápsula de Césio-137 ameaça contaminar Goiânia numa escala apocalíptica. Para se ter a dimensão do caso, basta dizer que o cimento usado para o depósito de rejeitos do Césio, daria para construir mil salas de aula.

Iris Rezende volta triunfante do exílio e se elege governador de Goiás, tomando posse no dia 15 de março de 1983.

O estado de Goiás é dividido em dois e nasce o estado do Tocantins.

A música brasileira perde Cazuza.

Em Jaraguá, Freitas e Castro Ribeiro se digladiavam mais uma vez pelo poder político de Jaraguá.

Os Freitas lançaram o Dr. Alano de Freitas e os Castro Ribeiro, na ausência de candidatos próprios, lançaram dois amigos e fiéis correligionários: O empresário Sílvio Augusto Luz e o professor Jahudehir Lobo.



EUGÊNIO ALANO M. DE FREITAS
1983-1988

Alano ganhou a eleição e foi inovador, soube romper com a preservação da mesmice, à qual muitos políticos ainda têm se apegado. Ele soube criar caminhos para que a Associação Comercial andasse com suas próprias pernas, ampliou a praça do Coreto, construiu a praça do Rosário, tirou o carnaval elitizado dos clubes e o levou às ruas, incrementou o concurso do Zé Pereira e promoveu uma série de eventos que projetaram Jaraguá no Estado e no País.

Ao seu lado, a primeira-dama Naia Kolling despertava a atenção de todos ao criar a Fundação Grace Machado, entidade totalmente voltada para a assistência social às classes baixas da sociedade.

Alano não foi o melhor prefeito de Jaraguá, quando, na verdade, fica difícil apontar o melhor, tamanha são as suas semelhanças em governar, mas, como foi dito, ele soube ousar, romper os padrões até então existentes e em seu governo a cultura de um modo geral foi muito valorizada.

Um fator que se tornou hilário neste pleito eleitoral foi que os correligionários de Alano comemoraram a vitória ouvindo a música da campanha de Sílvio Augusto e Jahudehir, onde o famoso cantor jaraguense, Parreira, cantava em ritmo de moda de viola: "Não tem jeito não, não tem jeito não, Sílvio Augusto e Jahudehir já ganhou a eleição". Na paródia deles, eles "caipiraram" certas palavras, de modo que ficava mais engraçado ainda, pois Sílvio Augusto virou Sirvo Augusto e Jahudehir - Jardeir. Trocaram o já ganhou por já perdeu e eleição por inleição. Foi o deleite da noite.

Em sua monografia de conclusão de curso, o professor de história, Rodrigo Sulino, diz que a campanha de Dr. Alano e Sílvio Augusto deixou um marco na história política de Jaraguá pois de lá para cá, o povo deixou de ver os candidatos como sendo dos Freitas e dos Castro por duas siglas populares que passaram a representar estas duas famílias: BHC e PDS.

O candidato dos Freitas passou a ser conhecido pela sigla BHC, e os Castro Ribeiro se tornaram para sempre PDS (BHC, simbolizava veneno forte e fedido, que era batido nas casas para matar o terrível barbeiro, inseto que provoca a doença de Chagas).

Hoje, quem é BHC são os herdeiros do PSD e quem é PDS são os herdeiros dos UDN. Sofrível é reconhecer que PDS e PSD, são uma coisa só, só inverteram os termos.

Em 1987, Alano se afasta da prefeitura para assumir uma diretoria da Caixa Econômica Federal, em Brasília, e em seu lugar assume o seu primo e vice-prefeito, Hércio Machado.

No ano seguinte, quando quis retornar à prefeitura, Alano sofre grande resistência por parte do primo Hércio mas consegue retornar e terminar o seu governo, embora tenha deixado de usufruir da simpatia do primo que tornou-se eterno opositor ao BHC.

Dr. Alano é engenheiro, ex-deputado federal, filho do ex-prefeito Clotário de Freitas e Dona Graciema Machado. Foi casado com Naia Kolling (*in memoriam*), e tiveram duas filhas: Ilana e Floriana que já lhe deram dois netos: Sacha, hoje com 15 anos, filho de Ilana; e Liza, de Floriana, com 3 aninhos.

Dr. Alano vive até hoje em Jaraguá e no atual momento, para amenizar a solidão da viuvez, ele ensaia um velho novo namoro...

PAULO ANTÔNIO GONÇALVES 1989 A 1992

O Brasil passa por uma crise econômica sem precedentes, e o brasileiro conhece na pele a palavra hiperinflação.

Fernando Collor é o 1º Presidente eleito após restabelecimento da democracia mas, infelizmente, foi também o 1º presidente brasileiro cassado por corrupção no governo.

Em Jaraguá, os Castros Ribeiro resolveram lançar Nelson de Castro Ribeiro na disputa eleitoral contra o Dr. Paulo Antônio Gonçalves.

O pleito eleitoral envolvendo o Dr. Paulo Antônio e o ex-prefeito Nelson de Castro era visto por muitos como desigual, pois Nelson de Castro era homem experiente, prefeito por 2 vezes e possuía um colegiado forte.

Dr. Paulo, por sua vez, não tinha expressão política, era inexperiente mas contava, principalmente, com o apoio dos Freitas e com o grande número de amigos que possuía. Além disso, contava também com um passado brilhante de homem honesto, humilde, bom filho, bom médico e muito querido da sociedade.

Leigos e especialistas apontavam a vitória de Nelson de Castro e a contagem dos votos também confirmava isto, mas a abertura



PAULO ANTÔNIO GONÇALVES
1989-1992

das últimas urnas, deu a vitória a Dr. Paulo Antônio, com 181 votos de frente.

Dr. Paulo Antônio fez obras simples, mas necessárias, pois conhecia muito bem as dificuldades do povo jaraguense e contribuiu muito construindo escolas, postos de saúde e telefônicos nos povoados.

O que diferenciou muito o governo Paulo Antônio dos demais foi a ferrenha perseguição política sofrida por ele antes, durante e depois do seu governo. Nenhum outro prefeito de Jaraguá foi tão investigado quanto foi doutor Paulo Antônio.

Mesmo depois de deixar o governo, ele continuou um longo tempo rebatendo críticas e enfrentando denúncias. Dr. Paulo sentiu na pele o que significava em Jaraguá ganhar a eleição de um legítimo Castro Ribeiro.

Atualmente, segundo alguns entrevistados, toda esta avalanche fiscal no governo do Dr. Paulo Antônio trouxe muitos aborrecimentos a ele, seus parentes e amigos, mas o próprio Dr. Paulo Antônio, atualmente, reconhece o fato passado como positivo, pois, sendo o seu governo visto e revisto, não ficando pedra sobre pedra, serviu não somente para que ele provasse o que devia ou não, consolidando não só a sua imagem de homem honesto, mas serviu, principalmente, para permitir que hoje ele consiga colocar a cabeça no travesseiro e dormir tranqüilo.

Um fato muito engraçado neste pleito eleitoral foi que os correligionários de Dr. Paulo Antônio alugaram um helicóptero para jogar uns panfletos sobre Jaraguá, alertando o povo contra os adversários. Escolheram um conhecido jaraguense, legítimo BHC, de dentro da cozinha dos Freitas para a função de jogar os panfletos no ar.

Acontece que o tal fulano nunca tinha entrado em um avião e na hora, sentiu-se enjoado e segundo ele, não sabia o que mais jogou fora, se panfletos ou seu próprio vômito. Coisas de política...

Biografia

Autora: Maria Augusta Barbo de Siqueira

Nasceu Paulo Antônio Gonçalves, 62 anos, de Walterloo Gonçalves (Telô) e Luíza Machado Gonçalves (Inholita) único irmão de Maria Luíza, Maria Paula, Ana Maria, Maria do Rosário, Maria Olívia e Maria Kristina.

Casado com Eliodoraz Trindade Gonçalves – nossa doce e querida Ely – é pai de Paulo Antônio Gonçalves Filho e Liz Eliodoraz Gonçalves de Almeida, que neles tem tido farto manancial de alegrias e inspiração.

Músico pródigo, autodidata, revelou-se desde a meninice um virtuoso, integrando-se à Banda Santa Cecília aos 10 anos de idade. Como o bom vinho, foi depurado pelo tempo, revelando-se compositor de extrema habilidade e inigualável sensibilidade. São composições suas: “A Folia do Divino”, “O Hino dos Encontristas”, “Hino do Clube da Melhor Idade Primavera”, as valsas “Eliodoraz”, “Abigail”, “Ana Andréia”, “Larissa”, “Cleusa”, o bolero “Tributo a Zaro”. Seus chorinhos “Geraldo Amorim”, “Jubirá”, “Fábio”... encantavam pela leveza dos acordes semitonais cheios de vida e sutileza.

Maestro, luta com bravura e dedicação para que a voz de nossa banda Santa Cecília tantas vezes debilitada pelas crônicas impossíveis da difícil arte de fazer arte, não seja silenciada.

Em 1977, no governo do Dr. Inhô, reorganizou a Banda Santa Cecília, criando também a Escola de Música, então Corporação Musical Santa Cecília.

Graças a essa iniciativa, a Banda Santa Cecília tornou-se berço de incontestáveis talentos que honram mundo afora, nossa amada terra e nossa guerreira gente.

Instrumentalista inigualável, toca sax, clarineta, órgão, violão, viola e acordeom, aos quais empresta sua sensibilidade e uma inusitada ingenuidade do viver emoções.

Médico, humanista por excelência, formou-se em 1972, especializando-se posteriormente em endoscopia e oftalmologia. Totalmente desapegado de bens materiais, tem sido socorro e refrigério para quantos os buscam, a qualquer tempo e hora.

Sua solicitude como cidadão e pilar social, fez com que se elegesse prefeito de Jaraguá, em 1988, função que abraçou e exerceu com dedicação e amor.

O nome, herdou do apóstolo Paulo, por haver nascido em seu dia – 25 de janeiro – e dos avós Bernardo Antônio e Antônio Gonçalves.

Dinha Inhana, amiga de sua avó Maria Totô e da mãe Inholita, embalou-lhe a infância, envolvendo-o com seu amor, sua extrema dedicação e seu carinho.

Afortunado e bem-humorado, Paulo Antônio recebeu de Deus inigualáveis tesouros que no berço de tantos amorosos braços afloraram, cresceram e multiplicaram, sutil magia que transforma homens comuns, em pessoas inigualáveis para a eternidade e insubstituíveis enquanto vivas.

A Paulo Antonio nosso carinho, nossa homenagem, nossa gratidão.

NÉDIO LEITE ASSUNÇÃO 1993 A 1996

Com a morte de Sílvio de Castro e a derrota de Nelson para Paulo Antônio, os Castro Ribeiro se sentiram enfraquecidos e estava difícil arrumar um candidato para o pleito de 1993 pois os Freitas já haviam lançado um candidato de peso: O ex-prefeito, Dr. Alano de Freitas, tendo como vice o jovem engenheiro Lineu Olímpio de Souza.

Depois de muita especulação, o PDS resolveu lançar um jovem fazendeiro chamado Nédio Leite de Assunção. Isto foi considerado por muitos como um suicídio, pois Nédio não tinha nenhuma experiência política e ainda por cima não era um doutor, como seu adversário e por isso muitas pessoas disseram que o BHC já estava com a "inhambu na capanga".

Na tentativa de decrescer o candidato Nédio Leite, seus adversários o apelidaram de chapéu atolado, pois Nédio tinha o hábito de usar chapéu. Ao invés de humilhado, Nédio passou a fazer do chapéu um símbolo de sua campanha ganhando a simpatia de 100% de toda a zona rural de Jaraguá.

O feitiço virou contra o feiticeiro, e Nédio usou todos os apelidos que colocavam nele como arma. Foram muitos e alguns dizeres ficaram na história: Chapéu atolado e Jaraguá abafado.



NÉDIO LEITE DE ASSUNÇÃO
1993-1996

Ao contrário do que pensavam seus adversários, Nédio não se envergonhava de ser chamado de analfabeto e roceiro e até disse em alguns comícios que a sua caneta era a enxada.

Na última carreta de sua campanha, Nédio Leite trouxe literalmente a roça para Jaraguá. Um número incontável de cavalos, bois, vacas, tratores, colheitadeiras, carroças, carros e isto era prenúncio de uma vitória folgada de Nédio sobre Alano. Esta carreta ficou na história e nunca mais houve uma igual em Jaraguá.

Nédio foi eleito e muitos arriscaram palpites de que ele não iria longe, pois a sua inexperiência política o apontava como candidato de um só mandato, mas enganou-se redondamente quem pensou daquela forma, porque aquele roceiro, analfabeto e chapéu atolado, ganhou a eleição, elegeu dois de seus sucessores, foi reeleito deputado estadual e, em 2006, foi novamente eleito deputado com uma votação expressiva mas foi cassado pelo Tribunal Superior Eleitoral, acusado de irregularidades na prestação de contas de quando foi prefeito em 1993.

Com mandato cassado, o ex-prefeito e ex-deputado é consolado pelo governador Alcides Rodrigues com uma secretaria extraordinária no governo estadual e em sua fala de posse, o novo secretário disse que seu trabalho na secretaria será o de assessorar politicamente o governo de Goiás nas regiões centro e norte de Goiás...

JOVANO VIEIRA MANSO 1997 A 2000



JOVANO VIEIRA MANSO
1997-2000

A disputa eleitoral entre Dr. Jovano e Dr. Inhô pareceu muito com a eleição entre Dr. Paulo Antônio e Nelson de Castro.

Desta vez, embora os dois candidatos fossem médicos, a experiência política de Inhô foi um obstáculo para Dr. Jovano.

Todo mundo contava certeza com a vitória de Dr. Inhô, pois a sua militância era visivelmente melhor, mas, no dia da eleição, os aliados de Dr. Jovano usaram um adesivo em forma de coração, bem vermelho, que se tornou a coqueluche de todos. Crianças, jovens e adultos achavam aquele adesivo lindo, pois fazia uma alusão a Dr. Jovano por ser ele cardiologista e no final da tarde, nos lugares de votação, de longe se via o mar de corações.

Não se pode dizer que o adesivo "coração" tenha ganhado a eleição, mas ele influenciou, principalmente, aquelas pessoas que escolhem os candidatos mediante o alvoroço da militância.

O adesivo coração foi, sem dúvida, uma idéia brilhante pois rimava muito também com a própria pessoa do candidato, já tido por todos que o conheciam como um cidadão de bom coração.

Dr. Jovano atuou com humildade e nunca soube dizer não aos que realmente necessitavam de sua colaboração. Ele

governou sem rancor político e talvez por isso continua sendo uma pessoa a quem a nossa sociedade dedica muito carinho, consideração e respeito.

Jovano Vieira Manso é filho de Benedito Vieira Manso e Umbelina Pimentel de Moraes. Nascido em 11 de março de 1941 em Jaraguá-GO.

Dr. Jovano vem de uma família de lavradores humildes, composta por 12 irmãos. Todos, filhos e pais, ainda vivem atualmente gozando de bem-estar e tranquilidade.

Dr. Jovano cursou o ensino primário na Escola Balthazar de Freitas e o curso ginásial no saudoso Ginásio Arquidiocesano de Jaraguá.

Como em Jaraguá não havia sido implantado ainda o ensino médio, ele foi para Goiânia, onde fez o 2º grau no Liceu de Goiânia e Colégio Ateneu Dom Bosco.

Terminado o ensino médio, fez vestibular e foi aprovado em Medicina na Universidade Federal do Pará.

Assim que terminou o curso de Medicina, o recém-formado médico iniciou cursos de especialização no hospital da Beneficência Portuguesa, em São Paulo, onde especializou-se em cardiologia e terapia intensiva. Terminada a sua especialização, trabalhou como cardiologista na Clínica do Coração, também em São Paulo e anos depois transferiu-se para Goiás, onde trabalhou 13 anos no Instituto Neurológico de Goiânia.

Na década de 90, transfere-se para Jaraguá e começa a trabalhar no hospital Municipal e na Maternidade de Jaraguá.

Em 1997, Dr. Jovano lançou candidatura ao cargo de prefeito municipal de Jaraguá apoiado pelo então prefeito Nédio Leite e, eleito, governou o nosso município até o ano de 2000.

Em 1998, casou-se com Eliane Gonçalves com quem tem 4 filhos: Ariadna, Júlio César, Jovana e Jordana.

Como o uso do cachimbo é que entorta a boca, doutor Jovano, como prefeito (e médico), deu prioridade em seu governo a projetos voltados para a área de saúde como o aterro sanitário, limpeza pública, saneamento e galerias pluviais. Segundo o próprio Dr. Jovano, suas obras não são monumentos vistos acima da terra, a olho nu, mas elas são vitais para o desenvolvimento e bem-estar do povo jaraguense.

MÁRCIA MARIA FONSECA ASSUNÇÃO 2001 A 2004

O Brasil elege um candidato de esquerda, o metalúrgico Luís Inácio Lula da Silva.

Em Jaraguá, o deputado Nédio Leite elege o seu segundo sucessor, a sua própria esposa, Márcia Maria Fonseca Assunção.

Márcia é filha de Manoel da Fonseca e Emília da Mota Pedreira. Nasceu em 28 de maio de 1951 nesta cidade. Em 1973 casou-se com Nédio Leite de Assunção, e tiveram 3 filhos: Márcio, Nélio e Nádia. Nédio e Márcia são avós de Anna Luíza, filha de Márcio, e Maria Giovanna e João Gabriel, de Nélio.

Márcia é filha de família tradicional de Jaraguá. Seus pais eram pessoas conhecidas e admiradas em nosso meio. Seu pai era apelidado Neco de Juca e a mãe era a conhecida boa professora dona Emília.

A eleição de Márcia parecia fato consumado. Tinha a prefeitura nas mãos, o seu marido, deputado estadual e ainda por cima, contava com a vantagem de ser a 1ª mulher a candidatar-se para tal cargo em Jaraguá.

Mesmo sabendo da tamanha fortaleza que iria enfrentar, a oposição à dona Márcia se uniu ao ex-deputado Eduardo Rios - Li, e deu tanto trabalho aos situacionistas que a maioria das pessoas após a votação, davam a vitória a Eduardo Rios.



Alguns conhecidos opositoristas, hoje contam que após a votação, com a certeza da vitória de Li, eles se reuniram no famoso bar da Limpeza (reduto de BHC), na rua Crespo Gomes e já haviam pedido a primeira cerveja para comemorar.

Nisso, desce o deputado Nédio Leite em sua camionete falando ao celular e sorrindo muito. Como todos conheciam muito bem o deputado, viram naquele sorriso, o sabor da vitória e uma das componentes do grupo, desconfiada, pede ao filho que vá até a esquina da avenida Coronel Tubertino e veja qual caminhão de som estava sendo preparado para a festa da vitória; se o caminhão de dona Márcia ou do Li. O garoto foi num pé lá e outro cá, e na volta antes mesmo de chegar onde o estavam aguardando, soltou um berro:

- É o caminhão da dona Márcia, mãe!!!

Dispensaram a cerveja e pernas pra te quero...

Um outro conhecido, colunista social, também militante e confiante na vitória de Li, conta: "Quando deu a hora de terminar a votação, eu peguei minha bandeira e sentei-me na porta de casa esperando a carreta de Li passar, mas, quando veio, não era Li e sim Márcia". Colocou a viola, digo, a bandeira no saco e foi chorar o voto perdido...

Márcia foi a segunda sucessora de Nédio e entrou para a história política de Jaraguá como sendo a 1ª mulher a ocupar o cargo de prefeita municipal em Jaraguá.

Embora dona Márcia demonstrasse o contrário, o deputado Nédio Leite não permitiu oferta de maiores dados biográficos deles para este trabalho. Assim houve a impossibilidade de relatar os seus feitos pessoais, profissionais e políticos...

LINEU OLÍMPIO DE SOUZA 2005 A 2008

Os quase 15 anos consecutivos de poder absoluto do deputado Nédio Leite, em Jaraguá, é abalado pela eleição do jovem engenheiro Lineu Olímpio de Souza.

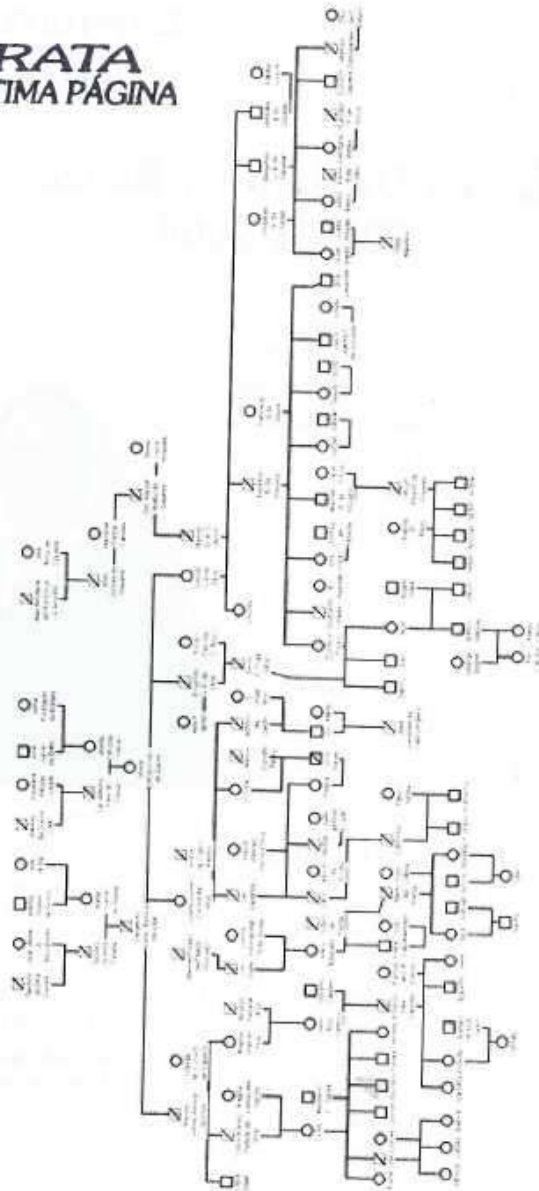
Nesta eleição, muitos disseram que Lineu não tinha chance, pois era desconhecido na política. Grande e compreensível engano quando se vive em um país em que, quando chega as eleições, o indivíduo não se lembra mais em quem foi que votou na eleição passada, porque Lineu além de ter sido o vice na chapa de Dr. Alano na derrota para Nédio Leite, foi também presidente da Associação Comercial e Industrial de Jaraguá e, além disso, vem de uma família tradicional jaraguense que sempre esteve na mídia política de Jaraguá desde o início do antigo povoado do Córrego de Jaraguá: os Gomes Pereira da Silva.

Para melhor entender este legado político de Lineu, fica mais fácil observando parte da sua árvore genealógica materna, onde se constata grande número de políticos nestas três famílias que uniram os Gomes Pereira da Silva, os Ribeiro de Freitas Machado e os Castro Ribeiro.



ERRATA
VEJA ULTIMA PÁGINA

Árvore genealógica de parte da família Gomes Pereira da Silva



Portanto, o elo responsável pela miscigenação das famílias Gomes Pereira da Silva, Ribeiro Freitas Machado e Castro Ribeiro, em Jaraguá, chamava-se Josefa Gomes Pereira da Silva, que, ao casar-se de Manoel Ribeiro de Freitas Machado, casa-se anos mais tarde com Antônio de Castro Ribeiro.

Estas famílias estão no poder político em Jaraguá desde a fundação da cidade e hoje os seus representantes naturais são os primos, o prefeito Lineu Olímpio de Sousa e o vereador Diógenes de Castro Ribeiro, o Dr. Castrinho.

O jaraguense é um povo humilde, hospitaleiro e amigo, mas, quando a época de política chega, o lema é sempre o mesmo: amigos, amigos, política à parte. As amizades, o parentesco, os laços de estima, consideração e as relações de boa vizinhança são esquecidos. Amigos, irmãos, compadres e comadres se agredem verbal e fisicamente, se apelidam mutuamente, fazem juras de vinganças malignas e prometem bater, matar e ou transferir o adversário para onde o Judas perdeu as botas.

A campanha eleitoral entre Lineu e Márcia fora disputada num corpo a corpo tão grande que ninguém se arriscava a apostar na vitória de um ou de outro.

O comando político de Lineu procurou inovar, e a abertura de todos os comícios era feita por um grupo de dança de uma academia chamada Eclética, em que dançavam um ritmo embalados por versos que terminavam no refrão de campanha: Lineu, você e eu.

No dia da contagem de votos, havia no centro histórico jaraguense dois grupos distintos. Um ficou na porta do Sr. Salvador de Freitas. Eram os correligionários de Lineu e, na esquina, na porta da farmácia, ficou um grupo de pessoas correligionárias de dona Márcia.

Os nervos das pessoas de ambos os grupos estavam em pandarecos e, a cada hora, descia um carro buzinando, ora era da campanha de dona Márcia, ora era de Lineu.

Nisto, um celular toca no grupo BHC. Era o ex-deputado Francisco de Castro mandando a seguinte mensagem à filha Ana

Carla que fazia parte do grupo e fez questão de ler a mensagem em voz alta: "É a voz das urnas. Lineu é o próximo prefeito de Jaraguá".

O urro produzido em unísono pelo grupo foi o bastante para que o grupo da esquina e rival, colocasse sebo nas canelas...

Muitas pessoas disseram que a vitória de Lineu se deveu às adesões de vários ex-companheiros do deputado Nédio Leite, mas a história política de Jaraguá está repleta de exemplos concretos de que a adesão político-partidária não dá retorno eleitoral a quem a recebe.

Na verdade, o que mais prejudicou a candidata Márcia foram dois fatores: o primeiro, porque, sendo ela prefeita e o marido deputado reeleito, já deixava um ar de "panelinha" que já derrubou alguns mitos políticos em Goiás. O segundo fator, e que muito prejudicou a prefeita Márcia foram os boatos de pendengas dela juntamente ao Tribunal de Contas do Estado.

O quadro político 2005/2008 definiu o jovem Lineu como prefeito, mas, com minoria na câmara, que tinha Dr. Diógenes de Castro Ribeiro (Castrinho) do PSDB como presidente da Câmara, e a maioria dos vereadores era também da oposição. João Nunes, Sebastiana Carlos, Irmã Dirce, Marquinhos, Werlon Coró, Vicentinho e Gaspar.

Já no final de 2006, o quadro encontrava-se revertido, pois a maioria dos vereadores já era da situação. Coisas de política...

Biografia

Autora: Isabel Fátima A. Silva Melo

O Prefeito Lineu Olímpio de Souza, filho de Marcelino Olímpio de Souza e Lyzes Gomes Pereira da Silva, natural de Jaraguá, nascido aos 23/12/61, engenheiro civil graduado pela Universidade Católica de Goiás e também empresário do setor imobiliário. Casado com Glades Maria de Oliveira Souza, é pai de Gabriela, Isabela e Isadora.

Após concluir seus estudos, retornou a Jaraguá, ocupando as funções de Secretário Municipal de Desenvolvimento Urbano e Secretário de Comunicação da Prefeitura Municipal de Jaraguá, de 1986 a 1991. Foi também Assessor Parlamentar, Superintendente do Ministério da Agricultura e Diretor da Secretaria Estadual de Habitação.

Em 2003, assumiu a Presidência da Associação Comercial e Industrial de Jaraguá (ACIJ), no biênio 2003/2004 e, na sua gestão, consolidou-se o Arranjo Produtivo Local de Confecções do Vestuário, fato este que contribuiu, significativamente, para o fortalecimento do setor, gerando mais empregos, renda e divisas para o município.

Possuidor de um vasto conhecimento sobre Empreendedorismo e Arranjos Produtivos, o prefeito Lineu ministra palestras em diversas Instituições de Ensino Superior.

Em 2005, foi eleito prefeito de Jaraguá pela Coligação "Coragem para mudar", obtendo mais de 10.000 (dez mil) votos.

Como Prefeito, Lineu Olímpio primeiramente organizou a parte administrativa do município, que se encontrava sucateada e sem a história documental e contábil. Implantou ações estruturantes, visando assegurar o desenvolvimento integral do município, desde o fortalecimento da agricultura às melhorias na saúde, educação, apoio ao esporte e à cultura. Dentre elas, destacam-se: Apoio à implantação de indústria alimentícia; Asfaltamento; Construção de rede de esgoto e meios-fios; Ampliação e Reforma de Escolas; Construção de Creche; Canalização do Rio Vermelho; Revitalização de Praças; Construção de Praças de Esportes e Campos Gramados; Aquisição de Equipamentos Agrícolas; Aquisição de Veículos para a Saúde; Ampliação dos Postos de Saúde (PSF's); Construção do Centro Tecnológico da Moda (CETEMJ); Incentivo à cultura e valorização de nossas tradições, com a realização do "Viva e Reviva Jaraguá", "Encenação da Paixão de Cristo", dentre outras.

Hoje, além de prefeito de Jaraguá, é presidente da Associação Sampa-triciense de Municípios (ASM), entidade que agrega 32 municípios do Vale do São Patrício. Já no início desta gestão, numa visão moderna, realizou o *Workshop* "Conhecer para

Crescer", com o objetivo de orientar os prefeitos, que fazem parte dessa associação, sobre como conseguir recursos federais para seus municípios, trazendo representantes da Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil, do Ministério da Integração Nacional e da Presidência da República.

O prefeito Lineu Olímpio de Souza é católico, possuidor de uma refinada educação, defensor do diálogo como instrumento principal de superação dos desafios. Acredita que a união da família é o caminho para a construção de uma cidade mais humana e feliz.

Referências

- Goianos Ilustres* – Lobo, José
- Literatura e sentimento* – Almeida, Nely Alves de
- O coronelismo em Goiás* – Borges, Humberto Crispim
- Os inquilinos da Casa Verde* – Rocha, Hélio
- Minhas memórias* – Teixeira, Pedro Ludovico
- Fragmentos do meu tempo* – Silveira, José Peixoto da
- No convívio com as traças* – Brasil, Americano do
- Nossas Raízes* – Castro, Ruth de
- Memórias Goianas* – UCG (Universidade Católica de Goiás)

Pesquisas

- Dr. Diógenes de Castro Ribeiro
- Dr. Crizalton da Silva
- Dr. Paulo Antônio Gonçalves
- Conselheiro Cultural Fabiano Luiz de Castro
- D. Safia de Castro
- D. Maria Augusta Barbo de Siqueira
- Nair (Ide) e Benedita Soares dos Santos

V Parte

Jaraguá – Patronos, vultos ilustres

DIÓGENES DE CASTRO RIBEIRO, NA TRILHA DOS MITOS

Autor: João Luiz das Graças Soares
Professor e escritor

Foto: Rafael Stédile

O tronco da família Castro Ribeiro tem início em uma fazenda chamada Granjeiras, na região de Ouro Preto, Minas Gerais.

Nesta fazenda, por volta de 1790 a 1836 viveu um casal que deu origem a toda família Castro Ribeiro de Jaraguá.

Este casal era formado pelo senhor Antônio de Castro Ribeiro e pela senhora Purcina Eufrásia de Oliveira. Eles tiveram 13 filhos: Firmina, Francisco, Ana, José, Antônio, Maria, Joaquim, Rosa, Rita, Eulália, Teolinda, Francisca e Tereza.

O 4º filho do casal, também chamado Antônio de Castro Ribeiro, deixa a família em Minas Gerais e vem para o estado de Goiás à procura de terras para comprar.

Chegando a Goiás, calcula-se mais ou menos entre 1860 e 1870, Antônio de Castro Ribeiro escolheu o antigo arraial do Córrego do Jaraguá para morar e constituir a sua família.

Não demorou muito e logo o mineiro Antônio de Castro se enamorou de uma bela e jovem viúva chamada Josefa Gomes Pereira da Silva.



Josefa era filha de Diógenes Gomes Pereira da Silva e Maria Bárbara Félix de Souza, família pirenopolina que se transferiu para Jaraguá e aqui tiveram grande influência política. Ela era viúva do Alferes Manoel Ribeiro de Freitas Machado, e tinha dois filhos, um recebeu o nome do pai, Manoel, e o outro chamava-se Evaristo.

Antônio de Castro Ribeiro casou-se com Josefa Gomes e tiveram 6 filhos: Diógenes, Porcina, Ana (Sazinha), Teolinda, Antônio e Maria.

O filho Diógenes nasceu em 20 de outubro de 1878 e, desde pequeno, recebeu o apelido de Castrinho.

Castrinho se enveredou pelos caminhos da política e ainda muito jovem já era conhecido como o popular "coronel Castrim".

Um dia, Diógenes de Castro Ribeiro conheceu, namorou, noivou e casou-se com uma linda jovem chamada Izaura Rios.

Izaura era carinhosamente apelidada por Inhola e era filha de uma outra tradicional família jaraguense, o também coronel Tubertino Ferreira Rios e dona Lili.

Castrim e Inhola tiveram nove filhos: Helena, Elza, Sílvio, Nelson, Hélia, Josefa, Lila, Antônio e Gil Marconi.

O coronel Castrim manteve grande influência política em Jaraguá nos anos de 1910 a 1930.

Goiás, a capital, era sede do poder, cidade administrativa em que se localizava a quase totalidade da burocracia estadual. Nela residia a maioria dos bacharéis, professores, liberais e onde se localizavam as únicas escolas superiores do Estado.

Castrim era aliado da família Caiado e o intercâmbio entre ele e esta família era feito pelo seu irmão por parte de mãe, Evaristo, que residia na cidade de Goiás, era bacharel e mantinha grande prestígio na capital.

O coronel Castrim não chegou a exercer cargos políticos em Jaraguá, mas era através dele que a política era sempre decidida.

Conseguiu proeza jamais alcançada por um outro político jaraguense, foi eleito vice-presidente da província de Goiás, cargo semelhante ao de Vice-governador hoje e, em 1927, chegou a assumir o Palácio Conde dos Arcos na cidade de Goiás, como

governador interino do estado de Goiás na ausência do então governador Brasil Caiado.

A palavra 'coronel' àquela época soava como sendo um homem valente, corajoso, de grande brabeza física e podia ser fazendeiro, comerciante mais abastado ou chefe político incontestado do município, normalmente com poderes reconhecidos pelos dirigentes estaduais.

Em Jaraguá, havia muitos coronéis mas certos fatores indicam a supremacia de Castrim sobre os demais. Primeiro porque somente ele conseguiu arraigar à sua figura, as maldades praticadas pelos coronéis da época. Segundo, porque mesmo depois de passados tantos anos do coronelismo, só ele entre tantos outros, permanece ainda vivo na memória do povo jaraguense, tornando-o uma verdadeira lenda, passada literalmente de pai para filho, fazendo dele um personagem muito mais fictício do que real. Um mito.

Diógenes de Castro Ribeiro, o Cel. Castrinho, faleceu no dia 23 de Julho de 1938 e seu corpo foi enterrado no jazigo da família Castro Ribeiro, no cemitério de Santana, em Jaraguá-GO.

Já os restos mortais de Antônio de Castro Ribeiro e Josefa Gomes Pereira da Silva estão enterrados no jardim da Igreja N. Sra. da Conceição, e o túmulo se encontra em bom estado de conservação.

Referências

Nossas Raízes – Castro, Ruth de
Minhas Memórias – Teixeira, Pedro Ludovico

BERNARDO SAYÃO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DE JARAGUÁ

Autora: Lílian Cristiane Alves da Silva Oliveira
(Pós graduação em Ciências Sociais - UFG)



Antônio de Castro Ribeiro



Josefa Gomes Pereira da Silva

*Fotos: Rafael Stédile

Sou jaraguense de coração, cresci correndo e brincando na praça do coreto e ruas do centro da cidade. Morei durante dez anos em Goiânia, onde concluí o Ensino Médio e Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Goiás. Mesmo morando fora, sempre valorizei minhas raízes, minha querida cidade, tão acolhedora e tão acolhedora. Senti-me honrada quando meu querido amigo João Luiz convidou-me para que eu relatasse sobre uma pessoa que tivesse contribuído para o desenvolvimento de Jaraguá.



Bernardo Sayão

A personalidade escolhida por mim tem muito a ver com as minhas origens. Quando criança, gostava de ouvir as prosas dos mais velhos. Naquela época, as pessoas tinham tempo de sentar-se nas portas de suas casas para contar casos e, entre as conversas dos meus pais, a que mais me chamava a atenção era sobre a construção da BR Belém - Brasília.

Ficava a imaginar: como era antes da construção da estrada. Como as pessoas chegavam até as outras cidades? Quanto tempo elas gastavam durante as viagens? Enfim, essas curiosidades de crianças.

Outra curiosidade que sempre tive foi saber quem era Bernardo Sayão. Esse desejo também partiu das conversas que eu ouvi dos meus pais, tios e avó. Mas, o que mais aguçava a minha curiosidade, era porque sempre que viajava para casa da minha avó materna, em Estrela do Norte, no norte do Estado, ia lendo as placas com nomes de ruas, creio que eu estava no processo de alfabetização. Na fase em que a criança quer ler tudo, e sempre fazia a mesma indagação, será por que todas as cidades que o ônibus encosta tem uma rua com o nome Bernardo Sayão? O que será que fez ele para ser tão importante? Por que meus pais, meus tios e minha avó falaram tanto dessa pessoa?

Hoje, através da elaboração dessa breve biografia de Bernardo Sayão, pude realizar um desejo de criança. De forma simplista, utilizando alguns dados bibliográficos e especialmente a memória como um recurso, procurei fazer uma interpretação através dos resgates de histórias contadas pelos meus próprios familiares que tiveram um contato muito próximo com ele. Meu pai, Leontino Alves de Sousa trabalhou na companhia de Sayão como motorista, meu tio José da Silva foi chefe de frente de serviço, naquela época chamados de feitores; minha avó materna, Luzia Gonçalves de Oliveira acompanhava meu tio na companhia, era ela quem tomava frente aos serviços domésticos; e minha mãe, que sempre foi uma companheira incansável ao lado do meu pai, nas labutas do dia-a-dia, além dos afazeres domésticos, tocava uma venda às margens da estrada, onde vendia de quase tudo para os trabalhadores da companhia, chamados de turmeiros, inclusive pelo chefe da obra, Bernardo Sayão.



Minha avó Luzia, tios Lorica e Geraldo - na antiga casa da rua Boa Vista (rua de Trás)

Por meio desses recursos, memória e dados bibliográficos, pude levantar alguns dados sobre Bernardo Sayão, também conhecido como "O último Bandeirante do Século XX". Sem dúvida esse bandeirante contribuiu para o desenvolvimento da nossa cidade, como também para todo o norte goiano, com a abertura de estradas, trazendo desenvolvimento a várias cidades goianas, que até então eram esquecidas, isoladas dos grandes centros.

Segundo meu pai, o único meio de transporte em algumas regiões do município era o cavalo, devido à precariedade das estradas. As vias que ligavam Jaraguá até Anápolis, cidade que possuía melhor infra-estrutura nas proximidades, eram péssimas, gastavam em média dois dias de viagem para percorrer em torno de 87km.

As primeiras mudanças em nossa região ocorreram a partir de 1941, quando Getúlio Vargas nomeou Bernardo Sayão para dirigir a implantação de uma Colônia Agrícola no interior de Goiás. Era um cargo sem mesa, nem cadeira ou teto sequer. A Colônia Agrícola Nacional (CANG) pretendia fundar grandes fazendas para atrair famílias que iriam habitar o sertão goiano. A última cidade daquela região era Anápolis com menos de 50 mil habitantes. Sayão instalou-se com suas barracas e ferramentas nesse mesmo ano, às margens

do rio das Almas, afluente do Tocantins, a 142km de Anápolis, para construir uma estrada que ligasse a Colônia Agrícola, hoje município de Ceres, até Anápolis. Em apenas dois anos Sayão concluiu a estrada.

Durante a construção da estrada, Sayão escolheu a região do Vale São Patrício para viver com sua família. Teve seis filhos, Leôncio, Laís, do primeiro casamento com dona Lygia Mendes Pimentel, que faleceu em 1935, e Fernando, Bernardo, Lia e Lílian do segundo casamento com dona Hilda Fontenelle Cabral. O seu primogênito nasceu aqui, período em que residiu em um casarão na praça da Matriz onde hoje é o (Banco do Brasil) e o Cartório de Ana Maria Félix de Souza.

Na política goiana, Sayão também merece destaque, uma vez que, em 1954, foi eleito vice-governador de Goiás com votação superior à do próprio governador eleito, pois, naquela época, governador e vice tinham votos desvinculados um do outro.

Chegou a governar interinamente o Estado por três meses. Em 1956 foi nomeado Diretor da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil NOVACAP. Um ano depois, 1955, o governo federal nomeou uma comissão, dentre os participantes, Bernardo Sayão, para desapropriar as fazendas onde seria construída a nova capital do País. Um dos primeiros encargos a serem executados no Distrito Federal, foi à construção de dois campos de pouso para aviões pequenos, liderada por Bernardo Sayão.

Sayão não era goiano, nasceu em 18 de junho de 1901 no Rio de Janeiro, mas, sem dúvida, tornou-se um cidadão goiano devido a sua contribuição para o progresso do Estado. Era um homem simples, trabalhador e muito profissional. Segundo minha mãe,

Dr. Sayão era simples e trabalhador, inclusive gostava de salientar que trabalhava incansavelmente. Ele pessoalmente dirigia os tratores, segurava no cabo do machado para devastar as madeiras e outros serviços. Meu pai relatava que Dr. Sayão mantinha uma forte liderança frente à companhia, sem usar do autoritarismo e que jamais presenciou Sayão dirigir a um de seus subalternos com palavras humilhantes.

Devido ao seu espírito aventureiro, idealista e de muito trabalho, em 1958, foi encarregado por Juscelino Kubitschek de construir a estrada Transbrasiliana (Belém – Brasília). Entusiasmado, conseguiu cinco equipes de máquinas e partiu para a arrancada, a qual seria, talvez, o maior desafio de sua vida e fonte de riqueza e progresso do norte goiano. Em sua homenagem, a Belém – Brasília recebeu o nome oficial de rodovia Bernardo Sayão. Com extensão de 2.169 km, a estrada ligou definitivamente o Sul ao Norte do Brasil, compreendendo o Distrito Federal e os estados de Goiás, Tocantins, Maranhão e Pará.

O sonho de ver a estrada construída não pôde se realizar, pois, na data de 15 de janeiro de 1959, um trágico acidente interrompeu uma longa caminhada. Faltando apenas 50km para concluir a tão sonhada BR Belém – Brasília, um galho de árvore caiu sobre a barraca em que Sayão se encontrava, pondo fim à vida, talvez, do último e mais importante bandeirante que trouxe estrada e progresso para o longínquo e esquecido norte goiano.

Sayão, além de se destacar no cenário político, econômico e social do estado de Goiás, tornou-se um mito. Por não terem visto seu corpo, durante o velório, muitos caboclos e trabalhadores no sertão goiano não acreditavam em sua morte, devido ao seu espírito tão aventureiro e destemido, preferiram acreditar que havia sido preso pelos índios que habitavam as matas.

Sayão, através de sua perseverança, espírito aventureiro e empreendedor, fez com que o progresso chegasse até nós. Hoje o nosso município está ligado a todas as cidades circunvizinhas. Jaraguá é uma das cidades que mais se desenvolve no Estado graças ao progresso industrial no ramo de confecção que além da expressiva produção encontra-se em um local estratégico, às margens da BR Belém – Brasília ou BR Bernardo Sayão, que liga a região Norte à Sul, facilitando o escoamento de sua produção. É esta, a grande herança que devemos a este grande homem chamado Bernardo Sayão.

CEL. TUBERTINO FERREIRA RIOS

Autora: Dulce Madalena Rios Pedroso
(Professora e Pesquisadora da UCG)



Foto: Rafael Stédile
D. Lili, a filha Izaura (Inhola) e o Cel. Tubertino Rios.

Esta breve biografia do Coronel Tubertino Ferreira Rios baseia-se, principalmente, nos relatos apresentados através da memória de seus descendentes e parentes afins.

Tubertino Ferreira Rios nasceu em 26 de novembro de 1855. Viveu o início de sua vida em Uberaba, foi criado pelo avô e, por volta dos 18 anos, ele seguiu a comitiva do rico comerciante e dono de tropas, Manuel Rodrigues Suzano, em direção a Jaraguá. Uberaba era um entreposto de gado naquela época e se localizava ao longo da estrada que liga São Paulo a Goiás.



Local onde morreu Bernardo Sayão.
FOTO: A Saga de Rialma (NEPOMUCENO)



Juscelino Kubitschek e Sayão - Um grande encontro.
FOTO: A Saga de Rialma (NEPOMUCENO)

Ele foi camarada (empregado) de Suzano, possuía parentesco em Goiás Velho e, às vezes, passava temporadas por lá antes de casar. Era primo do poeta vilaboense Augusto Ferreira Rios.

Tubertino casou-se jovem com Maria Ignácia de Macedo, filha do próspero comerciante Manuel Rodrigues Suzano. Suzano, como era mais conhecido, foi o homem mais rico de Jaraguá, naquele tempo. Era filho de migrantes provenientes de Pilar o casal Maria Aranha e tenente-coronel Francisco Antônio Rodrigues.

A memória da família Ferreira Rios apresenta Tubertino como um homem muito trabalhador. Suzano, seu cunhado, admirava muito essa virtude dele e o ajudou financeiramente no início de seu casamento. No mesmo dia em que Tubertino e Maria Ignácia (apelido "Lili") se casaram, outra irmã de Suzano, Bárbara, casou-se com Saturnino Pereira Vilarinho.

Tubertino e D. Lili construíram suas vidas através do trabalho, tiveram muitos filhos e chegou a ser um rico fazendeiro. Tiveram uma vida longa, chegaram a fazer bodas de ouro.

Foi chefe político em Jaraguá, participou da Revolução Rubra, quando comandou a Legião do Norte. Esse movimento que ficou conhecido como revolução de 1909, era uma luta contra o poderio do ex-governador Xavier de Almeida que foi deposto, sendo vitoriosa a facção dirigida pelos Bulhões, Eugênio Jardim e Antônio Caiado. Tempos depois Antônio Caiado, Totó Caiado, se despontou como o coronel mais poderoso do Estado, foi líder político de Goiás até a revolução de 1930. No livro do sociólogo Itami Campos, *Coronelismo de Goiás*, Tubertino figura na lista dos políticos do Estado, em 1924, como Senador Estadual, cuja profissão era de fazendeiro e possuía domicílio em Jaraguá.

O coronel Tubertino e D. Lili tiveram vários filhos: Carmelinda, casada com Sinhô Fonseca, de Itaberaí; Etelvina, apelidada "Sinhá" casou-se com o viúvo Diógenes Gomes Pereira da Silva, Tubertino Jr. casou-se com D. Zita Leite Borges; Otávio casou-se com Anita de Freitas Machado e não tiveram filhos; Antônio casou-se com Diva de Freitas; Nicanor com Regina Gomes Pereira da Silva, ele enviuvou-se e casou-se com a vilaboense Ana Edith Fleury, e o bairro Ana Edith é em homenagem a ela. Rosa casou-se

com o primo e figura notável Augusto Ferreira Rios. Isaura (apelido "Isotila") casou-se com o Coronel Diógenes de Castro Ribeiro, e Buldino casou-se com a vilaboense Zara Santana e passou a viver na cidade de Goiás.

Tubertino foi chefe político em Jaraguá; com o tempo disputou a liderança com seu genro Castrinho. Ora fazia aliança política com Castrinho, ora com os Freitas, seus opositores, porém, estavam também ligados a eles pelos laços de matrimônio que contraíram com seus filhos e neta.

O casal Tubertino e D. Lili gostavam de acampar no rio das Almas, ocasião em que convidavam parentes e amigos para empreenderem caçadas e pescarias, bem como, conviver com a natureza. Isso pode ser comprovado através de fotos e também esses passeios constam na memória de outros jaraguenses que viveram naquele tempo. O casal e sua comitiva também acamparam várias vezes no Araguaia, na região de Aruanã. Sua filha Rosa, que era seu braço dierito é quem organizava essas viagens.

Contam que ela era muito apegada ao pai.

As fazendas que o casal tinha mais afeição eram "Sitinho" próxima ao rio das Almas e "Taboa", hoje de propriedade de sua neta D. Helena de Castro Fleury. A casa do coronel Tubertino localizava-se na Rua do Rosário, onde vive hoje sua neta D. Carmem Rios Baiocchi e família.

Em 1945, quando era prefeito, Dr. José Peixoto da Silveira e Nicanor Ferreira Rios que era dono das terras atrás da igreja matriz, abrem a avenida Coronel Tubertino Ferreira Rios, que se estende por um longo percurso.

Tubertino adotou Jaraguá como sua terra, foi aí que fez toda sua vida; faleceu em 17 de fevereiro de 1936, aos 80 anos de idade, deixando grande descendência.

FALANDO EM CRESO GOMES PEREIRA DA SILVA

João Luiz das Graças Soares
(professor e escritor)

Creso Gomes Pereira da Silva era filho de Manoel Gomes Pereira da Silva, ex-Intendente Municipal em Jaraguá e de dona Maria Luiza, carinhosamente apelidada de Inhorita.

Manoel e Inhorita tiveram 5 filhos: Creso, César, Eunice, Regina e Jandira.

Creso Gomes Pereira da Silva era farmacêutico prático muito querido do povo jaraguense. Além disso, ainda cuidava de um cartório e nunca esquecia dos cuidados com a sua chácara "Tanque" que ainda existe até hoje, entre a BR-153 e a Vila Brasilinha.

De acordo com o professor Manequinho (Manoel G. Pereira da Silva), filho de César Gomes e sobrinho de Creso, a avenida Creso Gomes levou o seu nome porque era ali o trício por onde ele passava todos os dias em direção à sua chácara.

Creso Gomes Pereira da Silva foi prefeito interino em 1919 em Jaraguá, e sua família é repleta de políticos ilustres desde o passado até os nossos dias.



Creso Gomes e sua 1ª esposa, Regina Lemes dos Santos

Creso Gomes casou-se duas vezes: o primeiro casamento foi com dona Regina e tiveram cinco filhos: Manoel, Régio, Pirene, Lizete e Lyzes. No segundo casamento, com dona Maria Gomes de Amorim, vieram mais dois filhos: Hélio e Iole.

A família de Creso Gomes tem a política no sangue, pois, além de seu pai (Manoel), o tio (Diógenes) e os primos Diony e Manoel Ribeiro de Freitas Machado que foram Intendentes Municipais, hoje o atual prefeito de Jaraguá, Lincú Olímpio de Souza é seu neto. O filho de Marcelino Olímpio de Souza e Lyzes Gomes Pereira da Silva é filha de Creso.

Isto sem falar no outro lado da família que são os Castro Ribeiro, família repleta de políticos, pois são Josefa Gomes Pereira da Silva, tia de Creso, e Antônio de Castro Ribeiro, a raiz jaraguense de toda a família Castro Ribeiro de Jaraguá.

Atualmente, as pesquisas sobre Creso Gomes o apontam como sendo um homem de alma pura, que estava sempre pronto a ajudar, principalmente, os mais humildes. Os viventes de hoje que dão depoimento sobre a pessoa de Creso Gomes o descrevem como sendo um grande irmão de todos os jaraguenses.

Creso Gomes Pereira da Silva faleceu em 03 de março de 1950, deixando grande descendência.



D^a Lyzes Gomes Perreira da Silva é a única filha de Creso Gomes que reside em Jaraguá. É casada com Marcelino Olímpio de Souza e são pais do atual prefeito, Lincú Olímpio de Souza.

CAPÍTULO V

DR. PAULO ALVES DA COSTA, UM AMOR DE COMUNISTA

João Luiz das Graças Soares
Professor e Escritor



Dr. Clotário de Freitas e Dr. Paulo Alves da Costa

O final dos anos de 1800, em Goiás, foi marcado por inúmeros grupos de mineiros, baianos e paulistas que vinham para Goiás à procura de terras para a plantação de lavoura e criação de gado.

Estes forasteiros, aqui chegando, iam constituindo família com as pessoas moradoras do arraial, dando origem a inúmeras famílias que hoje ainda residem em Jaraguá.

Assim que iam chegando, estas famílias adquiriam terras ao redor da cidade e construíam suas fazendas.

Uma destas famílias, liderada pelo casal Alexandre Alves da Costa e Joana de Bastos, veio se estabelecer no município de Jaraguá numa região chamada Bananal.

Interessante notar é que estas famílias mesmo morando na zona rural, viviam em constantes preocupações com os filhos em relação aos estudos e sempre que notavam o interesse de um ou outro filho em relação aos livros, não hesitavam em gastar grandes fortunas para manter os filhos estudando nas grandes escolas já existentes no Brasil.

Ao todo, eles eram dez irmãos. Paulo, Diva, Chica, Manoelzinho e Nely (a futura escritora) eram filhos do 1º casamento de dona Joana. Helena, Oliveiros, João, Geralda e Rosete eram filhos do 2º casamento.

O filho Paulo, nascido em Jaraguá aos 6 de Junho de 1907 formou-se em Medicina aos 27 anos de idade pela Faculdade Nacional do Rio de Janeiro, no ano de 1934.

Dr. Paulo Alves foi deputado federal constituinte em 1947, pelo partido comunista e tinha como principal admiradora a sua irmã, a escritora Nely Alves de Almeida. Segundo Nely, em seu livro *Literatura e Sentimento*, ela descreve o irmão Paulo da seguinte forma:

Ele era o chefe, a cabeça pensante, o programador dos folguedos inesquecíveis que animavam e preenchiam os festejos. Era sem dúvida um herói que enfrentava vaca brava, atravessava o rio a nado, era terno ao ouvir música, mas demonstrava tristeza e amargura ao ouvir injustiças. A vida de Paulo Alves alicerçou-se profundamente entre as classes mais humildes a quem sempre procurou amparar, dando-lhes o seu mais vivo apoio. Tinha por religião a caridade. Nele os pobres sempre tinham esperanças de cura e, além da receita, infalivelmente levavam os medicamentos de que precisavam. Em sua clínica ambulante pelos lares pobres, pronto e inesquecível foi seu trabalho de ajuda e amor ao próximo.

Dr. Paulo era casado com dona Celuta Barbo de Siqueira e tiveram dois filhos: Hugo Alexandre Alves da Costa e Urbano Maurício Alves da Costa. O filho Urbano é médico, seguiu a carreira do pai. Numa ironia do destino, Dr. Paulo Alves veio a falecer ainda muito jovem (40 anos) vitimado por periclite causada pela infecção de apendicite em 04 de setembro de 1947. Em 12 de dezembro de 1947, portanto três meses após a morte de Dr. Paulo, a Câmara dos Vereadores de Jaraguá sob a presidência de Clodoaldo Barbo de Siqueira, acolhe sugestão do então vereador Elói de Faria sugerindo a troca de nomes da Avenida Ferreira Rios, para a Avenida Paulo Alves, numa homenagem a esse vulto ilustre que em vida residiu nesta avenida.

Dr. Paulo Alves foi muito paparicado em Jaraguá, e este trabalho de pesquisa feito para a elaboração de sua biografia só vem corroborar não somente com tudo o que sua irmã Nelly disse mas vem também reviver a saudade de personagem tão singular que faz com que ainda hoje, ao reviver suas lembranças, são impossíveis segurar as lágrimas e impedir suspiros em tantos admiradores desse vulto, ainda vivendo em nosso meio.

Referências

Fragmentos do meu tempo – Silveira, Peixoto de
Literatura e Sentimento - Almeida, Nelly Alves de
Médicos e Medicina em Goiás – Godinho, Iuri Rincon
Dr. Urbano Maurício Alves da Costa (entrevista)

CRISTÓVAM COLOMBO É MEU PAI

Autora: Rinalba de Freitas
Analista de assuntos sociais

Filho do Senhor Baltazar de Freitas, e de Dona Maria Catarina de Freitas, Cristóvam nasceu no dia 12 de outubro de 1900, na fazenda Mariquita, local onde viveu até 1948. Casou-se no dia 19 de maio de 1927, com Isabel de Camargo Freitas e desta união nasceram: Amaury de Camargo Freitas (ex-funcionário do Banco do Brasil), Maura de Freitas Machado (fazendeira), Dr. Amintas de Freitas (ex-serventuário da Justiça e ex-Presidente da Câmara Municipal de Jaraguá), Dr. Urquiza Álvaro de Freitas (advogado, fazendeiro, tendo ocupado vários cargos nos governos anteriores), Rinalba de Freitas (analista em assuntos sociais da Prefeitura Municipal de Goiânia).



Como se vê, nossos pais tiveram raça e coragem na formação da família.

Na vida profissional, como proprietário da saudosa fazenda Mariquita, desenvolveu um trabalho digno e respeitoso diante das dificuldades da época, fez seus primeiros estudos em Goiás, onde foi seminarista e de lá saiu preparado para enfrentar as adversidades.

Era admirável o talento de Cristóvam, pois, mesmo não possuindo curso superior, aos 22 anos, mantinha correspondência com Ruy Barbosa.

Quando deixou a fazenda Mariquita, 1948, mudou-se para Jaraguá, aqui permanecendo até 1950, quando foi designado para exercer o cargo de Agente Fiscal em Goianésia, com portaria datada de 17/02/1951.

Ali ele exercia a função de Promotor, fazendo belíssimas defesas, organizou o Estatuto da Sociedade Recreativa Cultural e Esportiva de Goiânia.

Cristóvam nunca teve atrito político com adversários, era feliz, tinha vários amigos, sempre esteve ao lado dos necessitados, organizava festa junina, realizava a Queima do Judas, fazia Zé Pereira e sempre era solicitado por todos setores da sua comunidade artística em todos acontecimentos. A vila Colombo, em Jaraguá, é uma homenagem a Cristóvam Colombo, que era dono de toda aquela região.

Trabalhou honestamente todo tempo que exerceu a função de Fiscal. Em 1959, por motivo de doença, foi aposentado e voltou para sua terra natal, onde, com alegria e abnegação, soube edificar outra etapa de sua vida, gostava de jogar e tocar violão, cantando as modinhas de sua época.

Assim, ele viveu até que Deus necessitou dos seus ensinamentos do outro lado da vida. Adoeceu dia 20/06/1961 e veio a falecer no dia 23/06 do mesmo ano.

Sua vida ficou resumida nos dizeres do seu túmulo, no cemitério Santana, em Jaraguá:

“Vivi a vida inteira ensinado a todos e a cada um a arte de ser feliz.”

NELSON DE CASTRO RIBEIRO, A POLÍTICA NO SANGUE

Autora: Juliana de Castro Ribeiro
(Filha e admiradora)

Nelson de Castro Ribeiro nasceu na cidade de Jaraguá, estado de Goiás, em 02 de janeiro de 1922. Filho do coronel Diogênes de Castro e Isaura Rios de Castro Ribeiro.

Foi casado com dona Albertina R. Pina de Castro com quem teve os filhos: Juliana, Nelson Henrique, Ricardo, Adriana e Laura, oito netos e uma bisneta.

Estudou no Grupo Escolar de Jaraguá até o primário e o ginásio em Bonfim, hoje Luziânia, no estado de Goiás.

Em Belo Horizonte, Minas Gerais, fez o segundo grau e se tornou tenente do Exército Brasileiro.

Com a morte de seu pai, coronel Castrinho, passou ao comando político de Jaraguá, pela UDN, da qual foi um dos fundadores e se tornou fazendeiro, assumindo o legado paterno.

Prefeito de Jaraguá, eleito por duas legislaturas, a primeira de 1947 a 1950 com apenas 24 anos de idade, a segunda de 1954 a 1958.

Foi líder do Vale de São Patrício, Meio Norte e parte do mato grosso goiano por décadas.

Por Jaraguá, foi eleito quatro vezes deputado estadual. Sendo a primeira legislatura pela UDN de 1959 a 1963, a segunda de 1971 a 1975 e a terceira de 1975 a 1979, ambas pela Arena e a última de 1979 a 1983, pelo PDS.

Levou para Jaraguá desenvolvimento nas áreas de Educação, construindo os colégios Sílvio de Castro Ribeiro e Diógenes de Castro Ribeiro, esporte e infra-estrutura, como abertura das primeiras estradas rurais, quando comprou a primeira patrula no Rio de Janeiro.

Com a sua influência e articulação no meio político, levou também à região o então Banco do Estado de Goiás e o Banco do Brasil.

Foram suas as leis de emancipação de vários municípios, como Goianésia, Minaçu, Prolina, São Francisco, dentre outros.

Exerceu os cargos de Presidente da Comissão de Finanças e Agricultura e da Comissão de Constituição e Justiça da Assembléia Legislativa, durante sua atuação como deputado estadual.

Durante sua vida política e parlamentar, atuou como Secretário do Interior e Justiça no governo do Marechal Ribas Júnior, na época, considerado o cargo de maior importância política do Estado.

No governo do presidente Jânio Quadros, foi convidado e assumiu a Diretoria da Carteira de Administração do Banco da Amazônia, no período de 31/05/1960 a 18/07/1962.

Na linha de frente da política de Jaraguá, junto com seu irmão Sílvio de Castro e seu primo Ornelo Machado, manteve uma liderança democrática por trinta anos, ganhando sempre as eleições no município. Com sua influência e respaldo, apoiou candidatos às eleições de vários outros municípios do Vale de São Patrício, sempre obtendo muitas vitórias.

Nelson de Castro foi considerado um político astuto pela sua argúcia no entender os fatos políticos, sendo chamado de Raposa Velha. Foi considerado um dos grandes articuladores políticos da sua época, sendo sempre requisitado para participar de negociações políticas do Estado, tendo angariado o respeito e a admiração das diversas lideranças.

Convidado pelo então governador Irapuã Costa Júnior, tornou-se Conselheiro do Tribunal do Município, em maio de 1970, aposentando-se em 1983.

Faleceu em 06 de agosto de 1995.

PADRE SILVESTRE ÁLVARES DA SILVA

João Luiz das Graças Soares
(Professor e escritor)

Silvestre Álvares da Silva é fruto de um dos muitos cruzamentos raciais ocorridos no interior do Brasil no decorrer do ciclo do ouro.

Naquele tempo, mesmo que muitos bandeirantes tivessem vindo em companhia das esposas, um número incontável de homens vieram desacompanhados de mulheres e isto contribuiu muito para o aumento da miscigenação racial nos arraiais auríferos.

Por volta de 1765, um rico português chamado Manoel Álvares da Silva, negociante, nascido na freguesia de Alvarenga, bispado de Braga (Portugal), veio morar em Goiás, no julgado de Traíras, na região de São José do Tocantins, hoje Niquelândia. Este potentado senhor veio de tão longe à procura de ouro para aumentar a sua fortuna e com o passar do tempo acabou se envolvendo com uma de suas escravas, chamada Francisca Machado Ferreira, negra de uma certa nação "Mina", e tiveram um filho de nome Silvestre, nascido em 31 de dezembro de 1773.

Desde criança, Silvestre demonstrou grande inteligência e interesse pela carreira eclesiástica.

Como filho ilegítimo, morava com a mãe mas, aos sete anos de idade, é reconhecido e trazido para viver na companhia do pai e, aos vinte anos de idade, mudou-se para o arraial do Córrego de Jaraguá, onde a história oral aponta o jovem Silvestre ainda rapazola trabalhando como ajudante nas missas e, mesmo não sendo padre, todos o tinham como tal.

Mais tarde, seguindo orientação paterna, Silvestre foi para o Rio de Janeiro e matriculou-se no seminário São José.

No seminário, dedicou-se de tal maneira aos estudos, que, ao longo dos anos, não se deu conta de que sua saúde se encontrava por demais debilitada por problemas pulmonares.

Em 1800, a conselho médico, Silvestre volta já formado para Jaraguá, passando a morar novamente com a família.

Em 1803, Silvestre Álvares da Silva é contratado pelo padre de Meia Ponte (Pirenópolis) para atuar como capelão na igreja Nossa Senhora da Penha, de Jaraguá, onde atuou até ser efetivado como vigário definitivo da paróquia jaraguense, em 3 de abril de 1834.

No ano de 1819, o cronista e naturalista francês Saint-Hilaire, em passagem por Jaraguá, foi hóspede de padre Silvestre, e saiu de Jaraguá impressionado com o grande conhecimento que o padre possuía no campo das ciências, principalmente, a matemática, além de saber profundamente sobre filosofia.

J. Emmanuel Pohl, cronista austríaco também foi hóspede no casarão de padre Silvestre, em 1821, e em seu livro *Viagem ao interior do Brasil*, descreveu com detalhes a hospitalidade deste padre.

Conta ele que "na casa do mulato havia um aposento bastante cômodo. O quarto era separado da sala por uma cortina. Havia mesa, cadeiras e o lençol, a fronha e o forro da mesa eram bordados de flores e guarnecidos de largas rendas.

Os talheres de prata, usados nas refeições diárias do padre geravam comentários que vasavam fronteiras.

Em 1822, padre Silvestre começa a investir o seu prestígio na política e, já no ano seguinte, retornava ao Rio de Janeiro como deputado eleito para representar Goiás na Primeira Constituição do Brasil, dissolvida por D. Pedro I.

Voltando para Jaraguá, padre Silvestre tinha agora que desempenhar não somente as funções de pároco, mas, também, atuar como político e há registros que mostram a participação dele em várias causas, principalmente, na construção de pontes como a do rio Uru, ligando Jaraguá a Uruana, e a do rio das Almas, no Bom Jesus, que liga os municípios de Jaraguá ao de Pirenópolis.

Padre Silvestre foi um homem rico. Além da herança deixada pelo pai, ainda adquiriu posse de toda a área da serra de Jaraguá, à qual ele se referia sempre como sendo um presente de Deus para os olhos dos jaraguenses.

Em 1840, padre Silvestre teve como coadjutor o padre Manoel Ribeiro de Freitas e juntos organizaram as festas religiosas de Jaraguá, como os festejos do Divino Espírito Santo e São Sebastião.

Silvestre Álvares da Silva teve vários irmãos paternos. Manoel e Antônio ficaram mais conhecidos porque Manoel também foi padre, e Antônio por ter sido o único herdeiro de padre Silvestre (especula-se que ele tenha sido o único herdeiro porque os outros já haviam morrido).

O casarão onde morou padre Silvestre, situado na antiga rua Direita, hoje rua Vigário Álvares da Silva, ainda conserva sua característica colonial e atualmente se encontra em um processo longo de restauração (iniciada em 2006 e até hoje 2008, inacabada).

Os últimos parentes do padre a viverem no casarão foi o seu sobrinho-bisneto também chamado Silvestre, sua esposa, dona Rosa Moreira de Pina, a saudosa dona Rosinha e os filhos até hoje muito conhecidos e queridos na sociedade jaraguense: Manoel, apelidado Sinhô, Vanilda, Frederico (Dirico), de saudosa memória, Maria, conhecida apenas como Pico de Eugênio e Elci, a popular Sissi, além de Ica, e Neném, já falecidas.

Vários causos são levantados quando se fala em padre Silvestre. Contam de uma luneta que ele usava para observar da janela de seu casarão na rua Direita, se seus escravos lá no pé da serra estavam trabalhando bem.

A história de uma vaca que assistia às missas, servia de transporte ao padre e mesmo depois de morta voltou e acompanhou o enterro dele, transformou-se em um conto intitulado "A vaca misteriosa de Padre Silvestre" – trabalho do Centro de Estudos da Cultura Popular (CECUP-1982).

A figura do padre Silvestre saiu da realidade e entrou de vez no imaginário popular jaraguense fazendo histórias e estórias sobre ele.

Alguns escritores, historiadores e cronistas que conheceram o padre Silvestre, atribuíam a ele um certo autopreconceito motivado pela questão de cor, e que isto o impedia de ser um líder como os outros da época.

Conforme estes estudiosos, mesmo sendo rico, culto e prestigiado, o vigário não conseguia abandonar hábitos de humildade, inferioridade e servilismo. Ainda segundo estes analistas, este comportamento devia ser consequência da verve "Mina" herdada da mãe ou seriam hábitos adquiridos nos anos difíceis da infância pobre em que viveu até aos sete anos de idade em companhia materna.

Curioso é que não é difícil entender que são estes laivos de humildade que tornaram a figura do padre maior que os outros. Afinal, ele era um padre, um servo de Deus que lutava contra a iniquidade e as injustiças, tornando-se, assim, personagem santo da história de sua vida.

Padre Silvestre Álvares da Silva faleceu no dia 20 de maio de 1864, e seu corpo foi sepultado na igreja Nossa Senhora da Penha, de Jaraguá.

Bibliografia:

- Lobo, José – *Goianos ilustres* – 1974
Hamú, Daura Rios Pedroso – *O lugar de padre Silvestre na memória de Jaraguá – Cenário da memória e identidade goiana – O caso Jaraguá* – Agepel – 2004
Castro – José Fabrício Soares de – *Monografia de conclusão de curso – U.C.G. – 1998.*

CAPÍTULO IX

MANOEL MARCELINO ÁLVARES DA SILVA

Autora: Dulce Madalena Rios Pedroso
(Professora e Pesquisadora da UCG)



Da esquerda para a direita: Manoel Frederico, Natal de Castro e Geraldo Amorim. Saudades!

Traíras foi o berço cultural de Goiás, no período em que o Brasil era colônia de Portugal. No momento crítico de sua economia, várias famílias que lá se estabeleceram e que constituíam o sustentáculo cultural desta vila, transferiram-se para outros centros urbanos. A família Álvares da Silva foi uma delas, além dos Ribeiro de Freitas, Gonçalves de Almeida, apenas para citar algumas.

O português Manuel Álvares da Silva, nascido em Portugal, na freguesia de Alvarenga, Bispado de Braga, fora buscar no Arraial de Cocal, freguesia de Traíras, riquezas advindas do ouro, que se afluíam naquele solo. Este português lá instalou-se um pouco antes

de 1770. Sentindo-se só naqueles sertões, procurou uma companheira. Como era de costume naquela época, um homem branco e de posição não se casava com mulheres de outra raça e classe social inferior. Contudo, havia carência de mulheres brancas em todo Goiás nos começos da exploração aurífera e, não restando outra alternativa, ele amasiou-se com uma de suas escravas da nação Mina, Francisca Machado e teve com ela vários filhos. Entre eles havia dois que tornaram bem conhecidos no cenário político e cultural de Goiás daquele tempo – eram os Padres Silvestre Álvares da Silva, vigário de Jaraguá, e Manuel Álvares da Silva, vigário em Traíras e Barra. O português Manuel Álvares possuía outros filhos, sabe-se que também havia Antônio, Félix, Bento e Pedro, porém não se conhece, ao certo, quantos filhos ele gerou durante sua vida.

No final do século XVIII, Manuel Álvares transferiu-se para o Arraial do Córrego de Jaraguá. Era próspero comerciante, deixou várias posses para seus filhos. Entre eles, o que mais se sobressaiu foi o padre Silvestre. Ele foi deputado, eleito pela província de Goiás para elaborar, juntamente com outros, a primeira constituição brasileira. Era um homem culto, rico e de espírito superior.

Um dos irmãos do padre Silvestre era o Capitão Antônio Álvares da Silva, que viveu muitos anos em Jaraguá, deixando af grande descendência, contudo, retornou para Traíras, para tomar conta de suas propriedades, anos depois. Antônio teve quatro filhos, entre eles Manuel, repetindo o nome do pai. Manuel gerou Frederico, que casou-se com Maria Abadia Pereira Vilarinho, cujo primeiro filho recebeu o nome de Manoel Marcelino da Silva Álvares, mais conhecido por Manoel Frederico.

Manoel Frederico nasceu em 6 de abril de 1896. Iniciou seus estudos de música com o mestre José Pedro de Amorim. Ao servir o exército aperfeiçoou-se participando da banda militar e, a partir daí, nunca mais se separou da música.

No seu tempo de mocidade, ele era muito apegado a seus tios Maria Inácia (D. Lili) e Cel. Tubertino Rios. Sempre os acompanhava em caçadas, pescarias e até mesmo em mutirões. Naquela ocasião, década de 1920 e início de 1930, Jaraguá era

circundada por grossas matas, não precisavam ir muito longe para buscar animais silvestres como o veado, a anta e a capivara. Por gostar dessa vida campestre e de tocar em festas, ele casou-se bem mais tarde, aos 39 anos de idade.

Casou-se a primeira vez com D. Olívia Alves da Costa e com ela teve apenas um filho, Petrônio da Silva Álvares. Ficou viúvo pela primeira vez, logo depois do nascimento do filho.

Sua segunda união foi com D. Rosa da Costa Freire e, em 1937, nasce seu segundo filho, Eugênio, seguido por Jerônima (falecida aos 5 anos de idade), Thomás, Tubertino, em homenagem ao seu grande amigo e tio Cel. Tubertino Rios e por último, Germano. Com o nascimento de Germano, D. Rosa teve complicações no parto, vindo a falecer nos braços de sua irmã Ubaldina, 21 horas depois.

Manoel Frederico se viu em apuros. Perdera sua esposa e tinha quatro filhos para criar, além disso, um deles era recém-nascido. Como a família era unida, logo os parentes vieram em seu socorro. Sua cunhada Rosinha amamentou Germano por um bom tempo e, meses depois, as tias do lado materno se ofereceram para criar o menino. Manoel sofreu muito nesta ocasião, pois era necessário trabalhar para o sustento da família e ainda deveria encontrar alguém para tomar conta dos filhos. Passaram-se alguns anos e esta situação tornara-se insustentável. Nenhuma empregada parava em sua casa e, assim, ele resolveu chamar sua cunhada Ubaldina para ajudá-lo a cuidar da família. Petrônio, seu filho mais velho, estava sendo criado pela família da mãe. Manoel Frederico, pediu então a seu cunhado, Theobaldo Raimundo de Brito, para ir a Goiânia onde vivia Ubaldina, a fim de buscá-la para tomar conta das crianças.

De volta a Jaraguá, Ubaldina passou a cuidar dos filhos de sua irmã Rosa, com o tempo e a convivência, nasceu em seus corações o interesse de um pelo outro. Assim, Ubaldina tornou-se a terceira esposa de Manoel Frederico. Entre os anos de 1947 e 1965 eles tiveram os seguintes filhos: Elenir, Carlos, José Augusto, Marlene, Luiz, Ana Maria, Maria do Rosário, Maria de Lourdes, Maria das Graças, Manoel Jr. e Deise.

Manoel Frederico exerceu ao longo de sua vida a profissão de sapateiro e ainda foi convidado para exercer cargos públicos. Foi

vereador, eleito em 1936, bem como delegado e Juiz de Paz. Neste último cargo, ele se orgulhava por ter realizado o casamento de Arrênios Fábio Machado de Freitas com Dalila Machado, pois este jaraguense tornou-se mais tarde um diplomata.

A música foi a máxima de sua vida. Tocava trombone e bombardino. Gostava de tocar peças sacras, valsas, dobrados e outras, próprias para a banda. Dedicou-se muito à banda Santa Cecília de Jaraguá, sendo músico, maestro e também seu diretor. A banda, naquele tempo, era muito participativa. Tocava em várias ocasiões, nas festas de São Sebastião, do Divino Espírito Santo, de N. Sra. da Conceição, que eram festividades importantes em Jaraguá. Na Semana Santa a música da banda podia ser ouvida em procissões e via sacras. Por volta dos anos sessenta e durante vários anos, a banda Santa Cecília participava da festa do Muquém, em louvor a N. Sra. da Abadia, tocando nas missas e procissões. Segundo sua filha Elenir, era a banda Santa Cecília que fazia a festa.

Além das festas religiosas, a banda participava do carnaval e de festas em geral, não apenas em Jaraguá, mas também em outras localidades, tais como Lagolândia, Mirilândia, Goianésia, Uruana, Santa Rosa, entre outras.

Conta D. Ubaldina que em determinada época de sua vida, Manoel Frederico deixava a sapataria e o armazém por conta de seus filhos mais velhos, dedicando-se quase que exclusivamente à música. Partia ora com a banda, ora com o grupo de músicos para as cidades vizinhas na sexta-feira, retornando apenas na segunda, promovendo com a música a alegria das festas.

Nos anos sessenta, juntamente com outros músicos, participou do grupo "Reminiscências", liderado pelo pirenopolino, Sebastião Nenzão Siqueira, e ainda contava com outros músicos como Eugênio, seu filho, Pedro Vaz, Geraldo Amorim, Natal de Castro, Élcio Machado, Paulo Baiano, José Paes e Dito Sopéu.

Seus amigos eram músicos em sua maioria. A lembrança de seus filhos apontam José Pedro de Amorim, Geraldo Amorim, Natal de Castro, Adolfo Gomes, Zé Baiano (José de Paula Rocha), Sebastião Rates, Pedro Vaz, Sebastião Carvalho, Antônio de Paula

Freitas, Benedito Mundim, Antônio de Sá Joana e Antônio Pitaluga, entre os mais velhos. Os músicos e amigos mais jovens eram seu sobrinho Frederico, e os irmãos Paulo Baiano e Zico, Adão Serrote e Paulo Antônio Gonçalves.

Quando ele era o maestro da banda Santa Cecília e por não haver um local apropriado para ensaiar, abriu as portas de sua casa, onde eram realizados os ensaios. O barracão nos fundos era o local onde se guardavam os instrumentos. Ele também chegou a ser professor de música, ensinando a muitos jaraguenses as primeiras notas musicais.

Conta sua filha Elenir, que a sonoridade estava entranhada na alma de seu pai. Havia um certo programa no rádio, do qual ele gostava muito, denominado "banda do Chocotó", levado ao ar uma vez por semana. Nesse programa, tocavam-se dobrados e outros estilos de música do gênero. Então, ele sentava-se ao lado do rádio de pernas cruzadas, ouvindo as músicas, balançando uma perna no ritmo delas, observando as minúcias – as notas e os instrumentos – explicando os compassos aos seus filhos mais atentos.

Manoel Frederico viveu sua longa vida intencionalmente. Entre as caçadas e pescarias realizadas durante sua juventude, entre seu trabalho e sua responsabilidade com a família, a música estava presente. Era um homem que prezava as amizades, gostava de conversar e contar causos, sempre bem-humorado. Ainda foi um homem religioso e humilde na sua maneira de ser. Sentia-se aliviado por não ter feito inimigos, pois dizia que, se morresse deixando algum inimigo, ele se sentiria muito infeliz. Ele era muito delicado com os amigos e com a família, um pai muito amoroso.

Com o passar do tempo e a idade avançando, aposentou-se. Fechou a sapataria, mas ainda tocava. Quando completou 82 anos, parou de tocar, pois sentia os instrumentos machucar sua boca. Manoel Frederico adquiria sabedoria, ao longo de sua vida, sabendo envelhecer. Quando a idade o limitava em algumas atividades, ele criava outras para não ficar parado. Procurou viver bem em todas as etapas de sua vida. Quando não podia mais trabalhar nem tocar, passou a visitar os amigos com mais frequência, ouvia música no

rádio, lia deitado na rede, além de aproveitar a convivência diária com alguns dos filhos que permaneceram em Jaraguá e com os netos. Como valorizava suas raízes tradicionais, conservou e até mesmo ampliou a chácara que herdara de seus ancestrais, do bisavô Antônio Álvares da Silva, num dos locais mais bonitos de Jaraguá, ao pé da serra. Este era o local que freqüentou a vida inteira. Era um homem de hábitos saudáveis, tanto assim, que viveu bem e com saúde até os 88 anos de idade.

Ele gostava de dizer que o que mais prezava na vida era ter criado os filhos e não ter feito nenhum inimigo.

No ano 1984, Manoel Frederico pintou sua casa para esperar suas filhas, que viviam em Goiânia, para assistirem à festa do Divino Espírito Santo. No domingo do Divino – dia 11 de junho – após a missa, quando retornaram para casa e estavam sentados à mesa, ele comentou pegando na orelha – Está bem perto da minha morte porque minha orelha está ficando fininha, e quando a ponta da orelha está afinando é porque está próxima a hora da partida. E esta profecia, tirada da crença popular, se cumpriu. Justamente um mês depois ele faleceu, amparado pela presença confortante e carinhosa de sua família, deixando saudades aos amigos e o lamento da banda Santa Cecília.

CRIADOR DO EXÉRCITO BRASILEIRO ERA GOIANO DE JARAGUÁ

Maria Helena de Amorim Romachelli
Historiadora

Origem do criador do Exército Nacional

Tentando fazer justiça à memória do mais notável goiano, esclarecendo sua origem natal, tento neste texto, alinhar fatos.

Joaquim Xavier Curado, criador do Exército Brasileiro, nasceu em Jaraguá, no dia 02.12.1746. Naquela época, com a falta de um reverendo na capela de São José, do Córrego do Jaraguá, o povoado, na condição de distrito religioso integrante da Freguesia de Meia Ponte, hoje, Pirenópolis, era costume as famílias da região levarem as crianças para o sacramento religioso à matriz, onde foi realizado o batismo de Joaquim, (ou esperavam um padre chegar na sua comunidade), dez dias após seu nascimento, tendo como padrinhos os avós maternos.

O batistério reporta esse evento religioso com a seguinte anotação:

Aos doze de dezembro de mil sette centos e quarenta e seis, nesta matriz de N. S. do Rosário de Meia Ponte, comarca de Goyaz, baptizou e poz os santos óleos o reverendo coadjutor Manoel Pereira de Souza a Joachim, innocente tendo nascido a dous do mesmo mez, filho legítimo de José Gomes Curado e D. Maria de Serqueira da Assunção moradores nesta freguesia [...].

Naquele tempo, o termo “freguesia”, pela sua abrangência, costumeiramente, utilizado pela igreja, englobava os distritos religiosos hierarquicamente a ela ligados, como no caso do povoado

Córrego do Jaraguá. Sem dúvida, a "freguesia" traduzia a obediência das comunidades a ela pertencentes, e, no caso em foco, os remanescentes que formaram o atual município de Jaraguá, onde nasceu e viveu até sua adolescência, Joaquim Xavier Curado, o criador do Exército Brasileiro.

O avô materno Clemente Costa Abreu, era português e tinha a patente de tenente-coronel morador na fazenda Santa Rita, situada entre os dois arraiais, Córrego do Jaraguá e Meia Ponte. O pai, tenente José Gomes Curado, era casado com Maria de Serqueira de Assunção, com quem teve cinco filhos, dois homens e três mulheres. Joaquim era o segundo da prole e a família morava e cultivava suas terras ao pé da Serra de Jaraguá, localidade onde os filhos nasceram e foram criados e ficou conhecida por muito tempo como "fazenda do Conde", posteriormente comprada pelo senhor de engenho, Batista José da Rocha, que colocou o nome de fazenda São Januário, como mostram as notas de venda de suas aguardentes guardadas no Museu das Bandeiras.

Joaquim ficou ali órfão do pai. Uma das irmãs, Maria Josefa, nascida em 1754, casou-se em 1775, com o comendador português Luís Alves de Amorim, capitão da cavalaria da companhia do Córrego do Jaraguá, posteriormente, transferido para Meia Ponte. Feliciano, outra irmã, casa-se com Gregório Pereira Farinha e continuou sempre em Jaraguá. Ana Timótea, a mais velha, casa-se com o sargento Antônio José de Campos e deixa grande geração em Corumbá, arraial do mesmo distrito religioso.

Sua mãe, viúva desde aproximadamente 1756, casa-se com o capitão Francisco Soares Bulhões, o bandeirante que a pedido do governador Antônio Carlos Furtado saiu de Jaraguá com comitiva, à procura de ouro, em 1771. Achou, mas em uma região do sertão já reservado à Coroa portuguesa, fiel vassalo que era, retorna a Jaraguá sem tê-lo explorado e como reconhecimento recebe do rei, o título de capitão da Cavalaria do Córrego do Jaraguá. Nessa mesma Companhia já estava como furriel, seu irmão Matias Soares de Bulhões. (Cópia da patente encontra-se no livro *História de Jaraguá*).

Dessa união com Maria Serqueira, nasceu Inácio Soares de Bulhões.

O padraсто de Joaquim possuía forte influência com os políticos ligados à Província e deve ter concorrido, também, com o enteado na sua carreira militar, uma tradição familiar, pois, ao completar 18 anos, Joaquim Xavier Curado teve seu ingresso no Exército Real.

Carreira vitoriosa

Da brilhante carreira militar, na condição de general e amigo do imperador D. Pedro I, em 1800, pela sua fluente liderança, assume o governo da Província de Santa Catarina. Em 1811, a mando de D. João VI, comanda a invasão do Uruguai e, nessa ocasião, funda a cidade de Livramento, no Rio Grande do Sul, onde instala seu quartel general. Recebe títulos meritosos: Tenente General, Conde de São João das duas Barras, do Conselho de S. Majestade e da Guerra, Cavaleiro da Casa Imperial, da ordem da Torre e Espada, da Grã Cruz da O.I. do Cruzeiro, Comendador de São Bento de Aviz.

O Exército Nacional

Em 1822, para defender o imperador D. Pedro I, de seqüestro planejado pelo general Avilez que comandava as tropas portuguesas no Brasil, o General Joaquim Xavier Curado, reunindo apenas soldados brasileiros, dá início à formação de um exército puramente nacional. Foi condecorado com o título de Barão pelo próprio D. Pedro I, além do de Conde que também recebeu em 1826. Joaquim Xavier Curado faleceu aos 84 anos, em 1830, sendo enterrado com honras na igreja São Francisco de Paula, no Rio de Janeiro.

Documentos pesquisados

Eliminando as eventuais controvérsias sobre a naturalidade do General Joaquim Xavier Curado que desde a antiguidade sabia-se que ele era jaraguense mas que ao depararem com o seu batistério, a confusão se estabeleceu, eis mais alguns fatos relevantes:

1) Bernardo Élis, em seu livro *General Curado - Criador do Exército Brasileiro*, faz o comentário: "Eu sempre soube que o general

Curado era de Jaraguá, mas Jarbas Jaime apresenta provas [...] Provas essas infundadas, baseada no fato de seu batizado ter sido realizado em Meia Ponte. O respeitado e meu mestre escritor Jarbas Jaime (1973), bem como anteriormente Americano do Brasil, cometeram equívocos em suas avaliações.

2) Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, no seu texto do ANUARIO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E DESCRIPTIVO DO ESTADO DE GOYAS, publicado em 1910, escreve: "Jaraguá ufana-se de haver sido o berço de goianos ilustres... dentre os filhos deste abençoado recanto da nobre terra goyana, destaca-se no azul da história, a figura homérica de Joaquim Xavier Curado [...]"

3) O sobrinho neto do general Curado, que leva o nome de seu irmão, Inácio Soares de Bulhões, nascido em Jaraguá em 1819, (o tio famoso ainda vivo), completou seus estudos na capital Goiás (antiga Vila Boa), sendo, inclusive, presidente do seu partido político, apelidado de bulhonismo, fundou o segundo jornal goiano *A Província de Goyaz*. No dia 25/08/1870, publicou: "Jaraguá deu à luz o primeiro general goiano, Marquês de S. João das Duas Barras, Joaquim Xavier Curado [...] e de quem o General Raimundo José da Cunha Mattos, visitava sempre a sua casa, e recorda em preciosa memória [...]". Portanto, o General Raimundo, colega, contemporâneo é amigo íntimo de Joaquim. Vejam o que ele escreve:

4) O General Raimundo José da Cunha Mattos, português, foi transferido para esta província como governador das armas, homem culto e de visão, promoveu em 1823-1824, o primeiro censo da região, cuja parte se referindo a Jaraguá, consta na página 123 do livro *História de Jaraguá*. Esse general havia narrado em livros, o cotidiano da província e, na publicação intitulada "Itinerário", à página 321, do segundo tomo, escreveu: "[...] Homens ilustres de cada arraial: [...] General Joaquim Xavier Curado [...] natural do Córrego do Jaraguá". À página 148 do primeiro tomo, repete, com a seguinte citação: "Jaraguá [...] onde também nasceu o Exmo. Tenente General Joaquim Xavier Curado."

5) Do pároco de Corumbá, em 1827: escreve sobre o cunhado do General e seu filho, ao mandar um atestado ao imperador:

"Atesto com juramento [...] que Antônio José Abrunhosa Campos [...] que foram os primeiros moradores dos arraiais de Meia Ponte e Jaraguá o seu bisavô, Tenente General Clemente da Costa Abreu e seu avô José Gomes Curado [...]", portanto ele era bisneto do primeiro morador de Meia Ponte e neto do primeiro morador de Jaraguá.

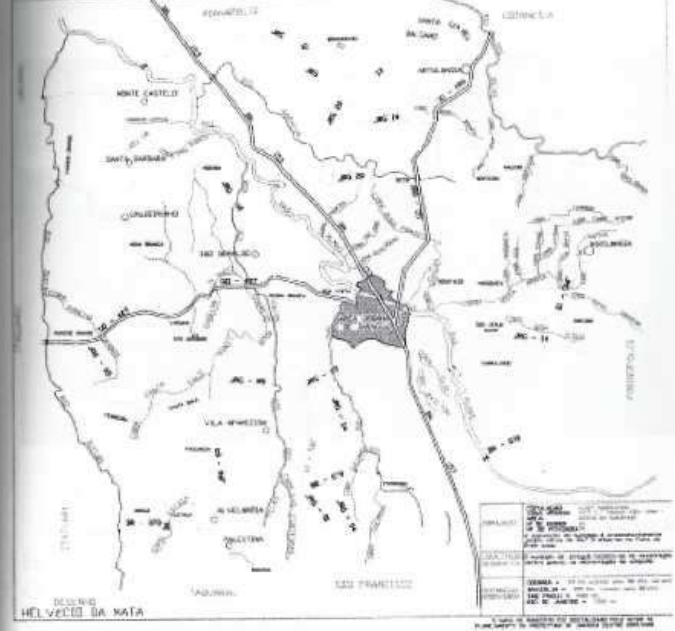
Diante de tantas evidências documentais, para orgulho dos goianos seus conterrâneos, certo está, que, Joaquim Xavier Curado, nasceu em Jaraguá e foi o criador do Exército Brasileiro. É, portanto, um grande goiano que merece ter sua história bem contada e ser ainda reverenciado e conhecido por todos.

VI Parte

**JARAGUÁ - PATRIMÔNIO, NOS-
SOS DISTRITOS**

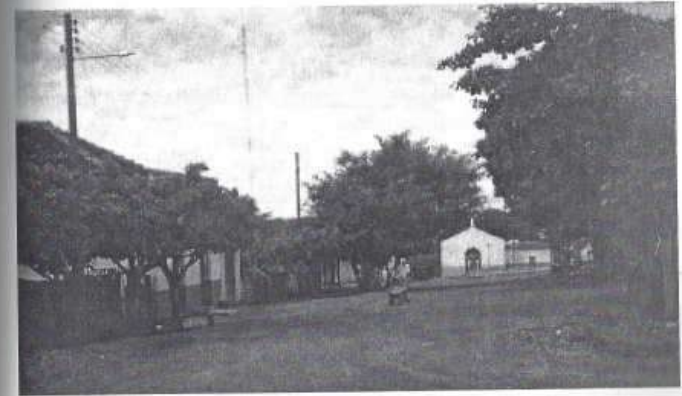
MAPA DE JARAGUÁ

MAPA - MUNICIPIO DE JARAGUÁ



HISTÓRIA DO POVOADO DE ALVELÂNDIA

Autora: Wanderlécia Maria de Freitas.
(Pedagoga Pós-graduada em Administração Educacional)



Alvelândia é um povoado que se situa a 30km de Jaraguá. A história oral de lá diz que o nome Alvelândia se deve ao fato de as fazendas vizinhas pertencerem às famílias Alves da Costa. O fundador do povoado é o Sr. Otávio Alves da Costa, pois foi ele quem doou as terras para iniciar o povoado. Alvelândia foi fundada nos meados de 1950.

Alvelândia iniciou-se com a farmácia da dona Fiinha, a loja do Vanderley, a máquina de arroz do José Pescar, do cerealista Negrinho Reis, do João Cearence e do Afonso que era dono do comércio que

hoje é do José Porfírio, sendo este o de destaque no povoado. Existia, também, uma pensão do Sr. Manoel, onde abrigava muitos viajantes.

No povoado, morava o Sr. Clarindo que era uma espécie de delegado. Ele resolvia todos os conflitos que aconteciam no povoado.

O Natal Bicudo era o açougueiro, tinha também o Nenê Gato, que era um curador espírita e muito procurado pela sociedade.

Os fazendeiros que se destacavam na época eram: Salvador Vieira, Teodoro Alves, José Alves da Costa (Zé Tunico).

As fazendas circunvizinhas possuíam solo fértil, onde empregava boa parte da população e cultivavam arroz, feijão e milho em grande quantidade.

Isso atraía maior número de pessoas para o povoado e, ao chegarem, achavam-se no direito de construir casas e assim passavam a ser o dono do lote.

A vida dos moradores era calma e tranqüila. Os primeiros moradores do povoado foram: Florentina Oliveira Costa, Wanderlei Alves Ferreira, Antonio Clemente da Silva, Virgínio Pereira dos Santos, José Lupercínio, Arciel Oliveira da Silva, Clorindo Martins Arruda, Sr. Gentil Francisco Pinto, Sr. Nazareno (fazia fumo), Sr. Gerônimo (mecânico).

O Sr. José Lupercínio era o maior fabricante de fumo da região.

No povoado existia a D. Alexandrina que era parteira muito generosa, atendia todo o povoado e região; sem medir esforços para atender a população.

Na época, quase não existia meio de transportes, havia somente a Rural do Sr. Américo, que transportava as pessoas para onde elas queriam ir.

O primeiro ônibus a circular no povoado foi a viação VALIN, com destino Inhumas – Jaraguá. Com a circulação do ônibus, a vida dos moradores ficou mais favorecida.

Construíram também uma igreja católica e, devido ao aumento do povoado, os moradores sentiram a necessidade de construir uma escola. A escola foi construída pelo Estado, a qual recebeu o nome de Escola Estadual de Alvelândia em homenagem ao povoado. Na escola era ministrado o Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série.

A escola atendia a faixa de 500 alunos nos períodos matutino e vespertino. Os primeiros professores foram: Florentina Oliveira Costa, Francisca Bueno de Freitas, Asnor Martins Arruda.

Alvelândia nunca foi um povoado com grande número de pessoas, mas muito movimentada nos fins de semanas pois nas fazendas existiam um número grande de moradores.

A religiosidade no povoado sempre foi forte, e os santos homenageados no povoado são: São Sebastião e Nossa Senhora da Abadia, com grandiosa festa que acontece no período de maio a julho.

As festas da igreja eram muito movimentadas pois atraíam grande número de pessoas para o povoado.

Nas festas havia circo, rodeio, artistas famosos como: Vieira e Vierinha, Léo Canhoto e Robertinho, Belmonte e Amaral.

Construíam barraca de dança a qual recebia o nome de Ranchão, onde a população se divertia.

No povoado, havia missa uma vez por mês. Após a missa a população ia para o campo de futebol assistir aos jogos de campeonato entre as regiões.

O organizador dos campeonatos era o Jahudehir Lôbo, pois ele sempre foi amigo da comunidade.

Nos meados de 1980, houve a inauguração da luz elétrica no povoado. Com a eletricidade, os moradores passaram a ter uma vida mais fácil e confortável.

Graças aos avanços tecnológicos, em 1994 foi inaugurado o posto telefônico do povoado onde as primeiras telefonistas foram: Luciene Maria Caetano e Maria Marta Gregório.

Foi inaugurado, também, o posto de saúde, tendo como primeira enfermeira: Nair dos Anjos Santos.

Percebia-se que Alvelândia estava evoluindo cada dia mais, porém, os moradores das fazendas começaram a mudar-se, devido aos fazendeiros não investirem mais na agricultura. Os moradores do povoado e das fazendas circunvizinhas foram para Jaraguá à procura de melhoria, com isso, foi reduzindo, cada vez mais, o número da população.

O número de alunos caiu muito e, em consequência disso, desde 1994 o Estado não quis manter a segunda fase de ensino. Há um ônibus de transporte de estudantes para Jaraguá. O atual motorista chama-se Ronan Caetano. A primeira fase, de 1ª a 4ª séries continua funcionando em Alvelândia, mas desta vez administrada pelo município.

A Escola Municipal de Alvelândia teve como gestores: Joaquim Antunes da Silva, Vilma Fernandes Campos, Benedito da Silva Filho, Leony Abadia Xavier, Wanderléia Maria de Freitas, Patrícia Rodrinny Vidal dos Reis, Sílvia Lupercino.

Hoje, o povoado conta com a escola, uma máquina de arroz, sete pontos comerciais, telefone público, água encanada, praça pública, uma igreja católica, duas igrejas evangélicas, um laticínio onde os fazendeiros entregam o leite de seu rebanho e dois campos de futebol. Alvelândia tem, aproximadamente, 196 moradores.

Percebe-se que a evolução no povoado foi grande, porém, a falta de emprego fez com que os moradores se mudassem com muito pesar. Deixam a vida calma e tranqüila e mudam para a vida agitada da cidade à procura de um futuro mais digno.

Referências

Depoimentos de ex-moradores do povoado
Arquivo da escola.

CAPÍTULO III

HISTÓRIA E MEMÓRIA DE ARTULÂNDIA

Autora: Ângela Divina Camargo Silva
(Professora Pós-graduada em Língua Portuguesa)



Quando o ouro das minas de Jaraguá acabou, o povoado começou a receber um outro tipo de migrantes que vinham, principalmente, da Bahia e Minas Gerais à procura de terras para criação de gado e plantação de lavouras. Estes mineiros e baianos compravam terras e se instalavam ao redor de Jaraguá formando vários povoados.

Entre o povoado de Jaraguá e Calção de Couro (Goianésia), havia uma fazenda às margens do rio do Peixe. Esta fazenda se

chamava Alvío, e seus donos, Artur José Feliciano e Justina Gonçalves de Oliveira eram descendentes de migrantes vindos da Bahia por volta de 1870.

Um dos filhos deste casal, José Feliciano da Silva, apelidado Zé do Artu, casou-se em 1928 com uma moça chamada Josefa Pinto da Silva, com quem teve dois filhos: João Sabino da Silva e Maria José Matias. Aos 24 anos de idade e já casado, Zé do Artu incorporou-se ao Exército Brasileiro, em São Paulo, no dia 5 de julho de 1929. Após um ano e dois meses, ele é liberado pelo seu comportamento exemplar, amor ao trabalho e perfeita educação civil e militar demonstrados durante o período em que serviu o Exército. Merecedor da estima e consideração de seus superiores, Zé do Artu retornou para a fazenda Alvío, em 1930, e resolveu deixar a casa dos pais, construindo uma nova casa para a sua família. Essa casa era um pouco afastada da sede e ficava mais próxima da passagem de viajantes, num ponto à beira do rio, onde eles paravam para matular, descansar e até pernoitar.

Uma antiga moradora do lugar, dona Francisca Maria de Andrade, conta que em 1950 a picada que ligava Goianésia a Jaraguá passava dentro da fazenda Alvío e o seu trajeto era feito pelo gengibril. Disse ela que a viagem da fazenda Alvío até Jaraguá, às vezes, levava um dia inteiro, pois tudo era feito no lombo de cavalo.

Outra moradora, dona Rosário Gomes, disse que assim que Zé do Artu construiu a sua casa perto da passagem do Rio do Peixe, logo surgiram mais moradores. Ela faz um esforço de expressão ao puxar a memória e disse acreditar que, por volta de 1950, já havia umas casinhas: O seu Antônio Francisco, Cecílio Baiano, Fião, Rafael Andrade e a família de dona Benedita Benzedeira que também era parteira da região.

Um dia, os moradores e fazendeiros se reuniram e resolveram fazer um ranchinho para as orações e um cemitério porque era muito difícil o transporte de cadáver para Jaraguá. Por ironia do destino, a primeira pessoa a ser enterrada neste cemitério foi a esposa do seu Zé do Artu, dona Josefa Pinto da Silva.

Poucos anos depois, Zé do Artu casou-se novamente com uma jovem chamada Maria da Silva, com quem não teve filhos. Viveu alguns anos com a nova esposa mas voltou a ficar viúvo.

Em volta da fazenda Alvío já havia um vilarejo. No rancho da igreja já funcionava uma escolinha e, conforme o relato de dona Francisca Andrade, a primeira professora do povoado foi sua filha, Maria Francisca de Andrade Oliveira.

Mais ou menos nos anos de 1957, o prefeito de Jaraguá Nelson de Castro Ribeiro constrói uma nova escola no povoado e oferece mão-de-obra para a construção de uma nova igreja, sendo construída um pouco acima de onde ficava a velha igreja.

Com um número cada vez maior de pessoas morando no arraial, Zé do Artu resolveu lotear um pedaço de sua herança deixada por seu pai e, em 2 de junho de 1966, os lotes do povoado começaram a ser vendidos.

O nome Artulândia é em homenagem a seu fundador: Zé do Artu.

Em 1971, com 67 anos de idade, Zé do Artu casou-se pela terceira vez com a senhorita Maria das Graças Vilela, descendente de família de mineiros que havia se radicado em Jaraguá e tiveram apenas uma filha, Ângela Divina da Silva Camargo, esta que agora vos escreve.

Hoje, Artulândia é, sem dúvida, o distrito mais desenvolvido de Jaraguá e através da colaboração de ilustres moradores, políticos e amigos, conta com serviços de água encanada, posto de saúde, de telefone, é toda asfaltada e possui um comércio capaz de contribuir com a fixação de seus moradores naquele local.

O povoado de Artulândia lembra com gratidão de Zé do Artu, Nelson e Sílvio de Castro Ribeiro, Dr. Paulo Antônio Gonçalves, dos ex-veredores Negão Pinto e Eronária e também do deputado Nédio Leite.

Artulândia está se transformando devido às belezas naturais do local, atraindo turistas dos municípios vizinhos, principalmente, no verão, quando o povoado recebe maior número de visitantes às margens do rio do Peixe.

O fundador de Artulândia mudou-se para Jaraguá, onde viveu muito tempo e arrebanhou um número infinito de amigos. Faleceu no dia 30 junho de 1999, com 94 anos de idade. Era um homem simples, de pequenas atividades, honesto e trabalhador. Deixou 15 netos, 32 bisnetos e vários tataranetos.



O Sr. Zé do Artu, fundador de Artulândia e a sua 3ª esposa; dona Maria das Graças Vilela

Referências

Francisca Maria de Andrade – entrevista
Dona Rosário Gomes – entrevista
Benedito Gomes de Souza – entrevista

CAPÍTULO IV

HISTÓRIA DO POVOADO DO CRUZEIRINHO

Autora: Joana D'arc Soares Ribeiro
Pós-graduada em língua portuguesa - UEG.



Há muitos anos, no município de Jaraguá, surgiu um povoado por nome de Cruzeiroinho. Esse nome foi dado por causa de uma pequena cruz que havia no lugar.

É que, naquela época, não havia cemitérios na região e o transporte de cadáver para Jaraguá era muito difícil. Por isso, um dos fazendeiros da região, chamado Antônio Arruda resolveu doar um pedaço de terra para a construção de um cemitério, colocando lá a tal cruz. Essa cruz deu origem ao nome do povoado Cruzeiroinho. Outras pessoas dizem que Cruzeiroinho vem de um outro nome Cruzeiroão, povoado próximo, no município de Uruana.

Não sei ao certo a data, mas acredito que foi por volta de 1945. O fazendeiro Antônio Arruda resolveu doar dois alqueires de

terra às pessoas mais carentes para construírem suas casas, com a condição de não plantar mantimentos, somente para morar. A partir daí, começou o povoado.

Os primeiros moradores do povoado de Cruzeirinho foram o Sr. Ranulfo e sua esposa Luzia. Eles eram paulistas, mas vieram da região de Anápolis. Chegando ali, resolveram colocar uma vendinha, o que era também muito difícil encontrar na época.

Anos mais tarde, juntaram-se à vizinhança, dona Leonita, Sr. Antônio Arruda, Seu Cassimiro, Iracino Martins Arruda, Manuel Silvério e José Martins Arruda e construíram uma pequena capela a São Sebastião e Nossa Senhora Aparecida, que são festejados até hoje no mês de julho. O Senhor Ranulfo e dona Luzia já possuíam filhos grandes e estudados e uma das filhas do casal, chamada Euderce Maria de Carvalho se interessou por um moço da região e resolveu ficar. Logo ela começou a lecionar em sua própria casa para crianças e jovens da região. Como os alunos começaram a aumentar, ela passou a lecionar na pequena capela local.

Os pais se interessaram pela vocação da filha e pediram a construção de uma escolinha e, na gestão do prefeito Nelson de Castro, foi construída a Escola Isolada de Cruzeirinho.

Alguns anos depois, a escola passou a ser chamada Escola Municipal de Cruzeirinho e, no governo do prefeito Silvío de Castro Ribeiro, ela foi reformada.

Os primeiros professores de Cruzeirinho foram Euderce Carvalho, Neusa, Samuel, Bárbara Francisca, Vicência, Joana D'arc Soares, Berenice e Maria Cruz Ferreira. Hoje a escola possui o nome do fundador de Cruzeirinho, Sr. Antônio Arruda.

Cruzeirinho hoje tem poucos moradores mas é um bom lugar de se viver, tem um povo amigo e hospitaleiro e ainda vivem da lavoura, plantando melancia, abacaxi, arroz e feijão. Existem também muitos criadores de gado.

Referências

Pesquisa de campo
Professora Sebastiana Maria Carvalho

CAPÍTULO V

ESTIVA MIRILÂNDIA

Autores: Luciana da Silva Oliveira Castro
(Pedagoga)
Fabiano Lufz de Castro
(Conselheiro Cultural)



O saudoso professor Paulo Bertran, em suas magistrais contribuições: *A História da Terra e do Homem no Planalto Central* e *Estrada Colonial no Planalto Central*, generosamente nos apresenta a cultura dos homens que nos ensinaram a sobreviver no sertão, ou seja, o "Homo Serraiensis". Elencando as condições que nos fizeram radicar nestes ermos pelas entradas (ao norte) e bandeiras (sul), Bertran nos fala sobre as condições que, no início do século XVIII, formaram os antigos arraiais auríferos goianos. Assim, surgidos ao longo de uma via posteriormente chamada: "Picada de Goiás/Estrada Real/do Sal/do Gado/Colonial"¹.

Por volta de 1733, Martinho de Mendonça de Pina e Proença, Governador General das Minas Gerais, surgem uns afoitos

aventureiros que, sob licença régia, “abrirão huma picada para Goyaz, a qual assim se ficou chamado”, donde um bandeirante denominado Urbano do Couto e Menezes², foi contratado pelo Capitão Matias Barbosa³ – o Testa e/ou Cabeça de Ferro – idealizador desse caminho para o Oeste, para abrir uma picada “mais tarde denominada Picada para Goiás” ligando os antigos Campos dos Goitacases em Minas Gerais mais tarde Campo Grande da Picada para os Goayazes – e acesso aos currais do rio São Francisco – para as minas de Goiás. Esse novo caminho de Goiás era justamente um atalho novo que abriram de Saçuf (hoje João Ribeiro) a Pium-í, passando por Oliveira, diminuindo a volta por Itapecerica [...] paragem do certan da Casa do Casco de Tamandú [...] que permitiu desde aquela época a chegada a Goiás de inúmeros mineiros provenientes desta região: Pium-í, Itapecerica, Araújos, Divinópolis, Oliveira etc.

Estes caminhos ligados à estrada real permitiram a entrada de diversos bandeirantes e primeiros colonizadores para estas terras, por isto, não é surpreendente encontrarmos famílias oriundas da região dos Goitacases, como por exemplo, na cidade de Pirenópolis

¹ A estrada Real do Norte, proveniente da cidade de São Salvador na Bahia a ligava às Minas de Goiás¹, mais tarde Capitania e posteriormente Província no regime monárquico, tinha muita ligação com os arraiais do norte de Goiás: São José do Tocantins, Traíras, Santa Maria de Tapatinga, Cavalcante etc. A outra proveniente do Rio de Janeiro: Paraty, subia a serra passando por São Paulo: Vila de Piratininga, e quando adentrava o território das Minas Gerais se constituía em uma picada (principal) tabicada de pequenos outros caminhos que surgiam e desapareciam de acordo com as necessidades: prezar fúndios e descobrir minas de pedras preciosas, abrir novos caminhos etc. Seguindo: Oliveira, Itapecerica, Pium-í, até Araxá rumo a Paracatu e Formosa (parque nacional Grande Sertão Veredas), daí seguiam para as minas de Goiás: Formosa, Planaltino, Corombá, Pirenópolis, Jaraguá, Cidade de Goiás. In: *A História da Terra e do Homem ... e a Estrada Colonial ...*, imagens do Paulo Bertran. História de Jaraguá, de Maria Helena R. Amorim e História de Oliveira, do professor L. Gonzaga da Fonseca.

² Urbano do Couto, nascido em 1702 nas Ilhas Canárias, se alistou na Bandeira do Anhanguera Filho (1722) e se tornou um dos homens de sua castra confiança. Profundo conhecedor dos ermos goianos viveu por cinco décadas, vida de bandeirante, é autor do célebre “Roteiro do Outro dos Martírios de Cristo” – espécie de Eldorado (minas dos Araxés) Sul-americano - onde posteriormente houve demarcação do famoso quadrilátero diamantino, às margens do rio Pálões, reservados à Coroa portuguesa. Urbano está ligado ao achado (negros falcadores de nação Mina – 1731/2), surgimento – 1736 - e fundação – 1737 - do Arraial do Córrego de Nossa Senhora da Penha de Jaraguá, onde faleceu aos 70 anos em 1772/3, sendo sepultado no adro da Igreja Matriz. In: *A História da Terra e do Homem [...] e Estrada Colonial [...]*, de Paulo Bertran. História de Jaraguá de Maria Helena R. Amorim e História de Oliveira, do professor L. Gonzaga da Fonseca.

³ O Cel. Matias Barbosa da Silva “o Cabeça de Ferro”, junto aos companheiros: Cel. Caetano Alves Rodrigues Horta, o Guarda-mor Maximiano de Oliveira Pais, o Capitão-mor Manuel da Costa Gouveia, o Sargento-mor Manuel Alves de Melo, o Capitão Francisco Bueno da Fonseca (fundador de Lavras) e o contratador João Gomes de Mira pagaram a gratificação de três mil cruzados. In: *História de Oliveira*, do professor L. Gonzaga da Fonseca e *Revista do Arquivo Público Mineiro*, ano IX, fls. III e IV, fls. 875-879. “Requerimento dos moradores de S. Domingos do Araxá, etc. em 1815”.

⁴ Fundada em 1736, pelo Capitão Estanislau de Toledo Pisa e seu primo Guarda-mor Feliciano Cardoso de Camargos, foragidos de seus credores em Goiás. Em 1790, eleva-se à categoria de Vila de São Bento do Tamandú.

onde se encontram os Ribeiros, os José de Oliveira, os Barbosas etc. Jarbas Jaime, maior linhagista goiano, em grande parte de suas obras sobre a memória e história goiana, dá notícia da grande contribuição que estas famílias aqui exerceram. Fornecendo quadros administrativos: eletivos e por delegação, como também, na cultura chegando a serem eleitos Imperadores do Divino.

Durante o processo de ocupação, com o declínio da extração aurífera e a transição econômica para consolidar a agricultura e o gado, se faz necessário mudar a estrutura de ocupação – vigorava até então (1820) o sistema de concessão de sesmarias de terras pela Coroa Portuguesa – que, em 1850 (28 anos após a independência), foi substituída pela “nova” legislação fundiária denominada: Lei das Terras. Que permitiu ao Estado a possibilidade de reaver – terras devolutas – e vendê-las aos colonos que se aventurassem nestes ermos, que compreendiam a região do mato grosso goiano⁵.

A Professora Doutora em História Econômica Lyz Elizabeth, em sua tese de Doutorado pela USP “*O Poder e a Estrutura Agrária nos Municípios de Ceres e Jaraguá-GO: Uma Análise Comparativa*” esclarece que ocorreram grandes migrações da região de Minas Gerais para nosso estado no terceiro quarto do século XIX, principalmente, a partir das décadas de 1870/80. Tal migração foi posteriormente acentuada com a criação da CANG (Colônia Agrícola Nacional de Goiás – município de Ceres) até os anos 60 do século passado. Ocasão em que o vizinho município de Anápolis, representava o início de uma possível prosperidade, já que, com a chegada da linha/ estrada de ferro, se transformou em distribuidor de cereais para os grandes centros. Daí até Jaraguá, considerando os meios de locomoção: a pé, lombo de burro, carro de boi e posteriormente a jardineira, poderiam levar de dois a três dias de viagem para chegarem à antiga região do mato grosso goiano.

Não foi diferente o que aconteceu com os mineiros pioneiros que aqui chegaram e ocuparam a região da Estiva⁶ – compreendida

⁵ Assim, em 1857 se encontra a primeira denominação do então Arraial de Couros (Goianésia), que após 1920, inicia seu desenvolvimento. Às margens do córrego Água Clara, em 1892, tem início o Arraial religioso de Nossa Senhora Santa Maria Eterna, que em 1911 é elevado à categoria de Distrito Municipal de Jaraguá, mais tarde denominada Goiânia, e posteriormente Petrófina de Goiás.

entre as regiões do Tamandá, Bom Jesus, Fundão, Bananeira, Conceição do Rio do Peixe, Campo Alegre, Monteiro etc... – a memória oral dos descendentes, nutrida pelo famoso fubá tonto ou fubá gordo – espécie de polenta do interior mineiro – informa que os primeiros moradores são provenientes do Distrito de Pedra do Indaiá, município de



Maria América de Jesus, esposa de Chico Pedro.

Itapeverica (antigo Tamandá), localizado a oeste de Divinópolis⁷. Os senhores Sebastião Pedro de Oliveira e seu cunhado José Antônio de Oliveira, após convencerem seus familiares e amigos próximos a venderem suas terras ao Cel. Pedro Silva (Pedro José Celestino da Silva)⁸ no ano de 1926/7, vieram a cavalo, conheceram e adquiriram as terras na região⁹ da Estiva e adjacências. Após fecharem os negócios, voltaram a Minas Gerais e conduziram os seus para os ermos sertões goianos, que, desta vez vieram no trem de ferro (mulheres e crianças) até Leopoldo de Bulhões, daí seguiram em caminhão a querosene, a cavalo e na butina

⁷ Estiva – cobertura de varas grossas feitas sobre os atoleiros e passagem de córregos para permitir o tráfego. Fonte: Bariani Otencio, Valdomiro – In: Dicionário do Brasil Central subsídios à filologia/linguagem, usos e costumes. Folclore, Toponímia dos Municípios Goianos. Fls. 174, Ed. Ática, 1993/SP. Referente às denominações da região do Tamandá e do ribeirão Rosa Maria, encontramos relato do naturalista Joan Emanuel Pohl, por ocasião de uma passagem em 1821 "... Depois de três léguas de caminho, avistamos o Arriçal do Jaraguá, a igual distância de nós, *Alaçagem e São Tamandá, perto do Córrego Rosa Maria, onde pretendamos pernoitar, porém o morador afirmou que não dispunha de espaço e que devíamos tentar na margem oposta. Mas por ser a margem muito íngreme, era impossível passar, e depois de andarmos errando por mais de uma hora, resolvemos ir ainda ao Córrego de Jaraguá...*" Fls. 285. In: POHL, Joan Emanuel – Viagem ao interior do Brasil, Ed. Itatiaia B.H São Paulo Ed. USP.

⁸ Devemos aqui fazer justiça às demais famílias – que já estavam estabelecidas e se estabeleceram ao redor do povoado – que no decorrer do século passado, mediante inúmeros casamentos ajudaram a formar comunidade do Distrito Municipal de Mirilândia, dentre elas, podemos citar: os Galdino, Lacerda e Ribeiro (também mineiros), os Aecioly Assunção, Francisco e Batista Pinto, Alves de Fontes, Bernardo, Antonio da Silva, Monteiro, Camargo de Brito e Soares de Camargo, Sardinha, Ribeiro de Freitas, Gomes de Sousa, Costa e Silva, Batista Mundim, Pereira da Silva, Costa e Silva, Gomes Pereira da Silva, Cipriano Gomes, Tavares dos Santos, Silva Serra e outros.

⁹ Chefe político de Pedra do Indaiá adquiriu as terras de praticamente todas as famílias que vieram para Goiás desde 1926/7. Foi casado com D. Ana Rosa de Jesus, única filha de Pedro José de Oliveira que ficou em Pedra. Essa memória oral local (Mirilândia) confirmada por seu bisneto Joel da Silva Coelho – neto da Afonsoina – comerciante em Pedra do Indaiá que esteve em Mirilândia/Jaraguá no início do mês de outubro/2007.

¹⁰ Sebastião Pedro de Oliveira adquiriu terras na região da Estiva, compradas da herança de Benedito Gomes de Sousa deixadas à viúva Mathilde Rodrigues Cruz, conforme assento nº 1.973, fls. 297^o, Livro 3-A – Transcrição de Imóveis, em data de 19/09/1927. CRI – Jaraguá; Adquiriu ainda, terras nas regiões da Capinzal ou Capinã, Matado (hoje Gotanópolis), Capão e Bonfim, onde era mal-assombrado. Contam que do rio do Peixe até o Fundão era tudo este, mais de 600 alqueires de terra. Foi vereador em Pirenópolis, tinha boas relações políticas com os Mendonça, Jayme, Curado e Pina, mais tarde, transferiu-se para Anápolis onde comerciou por muitos anos e faleceu longevo.

¹¹ José Antônio de Oliveira, também natural de Pedra do Indaiá, casou-se c/ M^{te} Alcina Lacerda e tiveram os filhos: Mário, João da Mans, Vital, Antônio (Vê do Zé Antônio), Ursulino e Francisquinho (pai do seu Batina), comprou terras em regiões do município de Pirenópolis, tais como: Taborna, Fundão e Conceição do Rio do Peixe.

para a velha Meia Ponte. Em Pirenópolis, fizeram pouso na fazenda "Mar e Guerra"¹⁰, de propriedade de Francisco (Chiquinho) Antônio de Oliveira, irmão de José Antônio de Oliveira.

Os filhos de Pedro José de Oliveira¹¹ – *patriarca da família Pedro e José de Oliveira*, juntamente com a família de Américo Lacerda¹², se instalaram na região, em terras compradas por Sebastião Pedro, que as revendeu aos demais irmãos e conterrâncos, dando origem a inúmeras propriedades rurais. Neste processo, ainda em 1927, o Sr. José Pedro de Oliveira¹³, comprou de seu irmão Sebastião, 227 alqueires de terras em duas glebas, sendo uma na Fazenda Estiva e outra com 40 alqueires situados no imóvel denominado Santana de Campo Alegre.

¹⁰ O nome deriva de um ribeirão homônimo, que primeiro pertencera ao lusitano Capitão de Mar e Guerra Manoel do Sepúlveda, natural da Freguesia de Sampaio, Arcebispado de Braga, Portugal. Seus herdeiros a venderam ao contendor João Luiz Teixeira Brandão, este a repassou no ano de 1880 a João Floriano de Mendonça que, por sua vez, a vendeu para o mineiro (de Tamandá, hoje Itapeverica – MG) João Mendes Ribeiro e D. Bárbara Alves Peixoto. Após seis anos, foi adquirida pelo Capitão Jerônimo José de Siqueira, depois por Guilherme Pio Lopes que, em 25/07/1913 a traspassou a seu irmão Sansão Mamede Lopes, de quem a houve Francisco (Chiquinho) Antônio de Oliveira que a vendeu para seu irmão José Antônio de Oliveira. Fonte: Jayme, Jarbas. Esboço Histórico de Pirenópolis, Goiânia 1971. Ed. UFG. Entrevista com Guido de Oliveira Lacerda.

¹¹ Pedro José de Oliveira, n. a 23/08/1855 em Pedra do Indaiá, f. a 14/02/1937 em Mirilândia. Aqui esteve pela 1^a vez quando da leva de 1927, seu primeiro consórcio se deu com Dona Rosa Lemos dos Santos (falecida ainda em Itapeverica), e tiveram os filhos: João, Joaquim, Sebastião, Antônio, Mizael, José Pedro de Oliveira, Otaviano e Francisco José de Oliveira mais Pedro Júnior, também as filhas: Maria, Rita (parceira), Ana e Sofia Rosa de Jesus. Se casou pela 2^a vez com Dona Izolinda de tal, e tiveram os filhos: Maria (Lia do Vitalino) e Brasilino José de Oliveira, se vendeu vivo pela segunda vez, convolveu novas núpcias com sua 3^a esposa: Dona Alexandrina Tavares, que criou seus dois últimos filhos, Alexandrina faleceu em Mirilândia. Pedro José residiu em uma casa alta, muito boa para a época situada do outro lado do córrego Gabriel, fundos do sobrado de Chico Pedro. Esta construção já existia antes da Mirilândia sendo edificada ainda em 1927.

Segundo a tradição de formar povoados, um neto de Pedro José de Oliveira, Sr. Jesus José de Oliveira – filho de Otaviano Pedro de Oliveira e Anna Pereira Vasconcelos – se casou com D. Nair Galdino dos Santos – sua parenta afim filha de José Pedro de Lemos "Pedro Chico" e Dona Maria Galdino. Nair é neta materna de D. Julieta Lacerda: irmã de Rodolfo, Américo e Olimpio Lacerda, e de José Galdino da Silva. Os senhores: Antônio Machado – c/c Geralda de Mizael – e Jesus foram os principais incentivadores da criação do Distrito de "Brasilinha", região do Bom Jesus de cima que pertence ao município de Pirenópolis. A terra foi doada por Antônio Machado e os irmãos Jesus e José de Otaviano arrecataram todo o material para a construção da Capelinha com orago ao Bom Jesus, cuja imagem foi doação do Sr. Jesus José de Oliveira, ocasião em que escolheram o dia 12 de setembro para a celebração da primeira missa. A festa em louvor ao Bom Jesus ocorre anualmente a 06 de agosto.

¹² Américo Lacerda, natural Pedra do Indaiá – MG, casado com sua conterrânea D. Alexandrina Gomes, residiram na Fazenda Paol, onde nasceram seus filhos: Alcina, Norvinda, Raymunda, Zita, Maria, Odete, Segunda América de Jesus e Maria do Carmo de Jesus, e um varão: Elpidio Lacerda. Chegando à região da estiva Américo adquiriu 15 alqueires de terras às margens do córrego Gabriel.

Américo tinha mais irmãos que também vieram para as regiões da estiva e entorno: Maria Alcina Lacerda c/c José Antônio de Oliveira; Olimpio Lacerda c/c D. Maria Rosa de Jesus; Rodolfo Lacerda c/c Maria ?, - foram proprietários das fazendas Inferno e Capinza - bem próximos à Lagolândia e D. Julieta Lacerda c/c José Galdino da Silva, todos de Pedra do Indaiá – MG.

¹³ José Pedro de Oliveira, n. a 11/06/1883, em Pedra do Indaiá, f. a 11/06 de 1974 na Mirilândia. Casou-se com Maria Angélica de (Jesus) Oliveira, e tiveram os filhos: Joaquim (Pedro) José de Oliveira (Biquinha) foi eleito vereador em 1930 vencendo seu pai também candidato, Antonio J. De Oliveira, José – faleceu novo picado por cascavel, João de Zé Pedro, Amador José de Oliveira, Maria do Ribeiro, Afonsoina, Aurora do Vantuir, Iracema e Auxíria. Terras adquiridas conforme fls. 43 e 44, assento nº 2.145, Livro 3-A, CRI de Jaraguá.

Quando os primeiros moradores chegaram à região, já existiam duas casas (taperas velhas), uma na barra do Córrego Gabriel, possivelmente de propriedade de uma beata de nome Joaquina e outra mais acima, do outro lado do mesmo córrego, nos fundos do Sobrado de Chico Pedro¹⁴.

A formação do núcleo urbano do povoado da Fazenda Estiva, tem seu início por volta de 1929, no primeiro ano da década de 30, quando os irmãos **José, Sebastião, João e Chico Pedro** (filhos de Pedro José de Oliveira), adquiriram (10) dez alqueires de terras e as doaram – o primeiro em terras, e os seguintes em dinheiro¹⁵ – exclusivamente para patrimônio da capela do Divino Pai Eterno da Estiva, “independente do patrimônio da Paróquia”. A comunidade movida pelo entusiasmo dos “Pedro” primeiro construiu um rancho de palha



e, na década de 50, edificaram a primeira igreja do patrimônio, onde hoje esta edificada a Casa Paroquial. Bem ali se deram as primeiras novenas e missas, inicialmente destinadas à glória do Divino Pai Eterno, ocasião que agregaram as comemorações em louvor a São Pedro, São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário. A animação musical destes

¹⁴ Francisco José de Oliveira, popularmente conhecido como “Chico Pedro”, n. a 15/08/1900, em Pedro do Indaítá, onde possuía uma pequena parte de terras na Fazenda Taperas, onde plantava milho e produzia alguns sacos de farinha para vender na zona urbana. Também veio para Jaraguá em 1927, já casado com sua conterrânea Maria América de Jesus, nascida em 1901, filha de Américo Lacerda e Alexandrina Gomes, e falecida em Mirilândia a 26/06/1989. Tiveram os filhos: Acrísio de Oliveira Lacerda (foi carneiro, caminhoneiro e vereador), Clarismundo de Oliveira Lacerda (Professor), Maria Lacerda de Oliveira, Aristocleina de Oliveira Lacerda, Guido de Oliveira Lacerda (comerciante) e Margarida Lacerda de Oliveira. Teve outros filhos naturais: com dona Luzia teve o Tão do ônibus – Antônio José de Oliveira, e com Dona Juventina, mais quatro: Azelísio, Berenice, Elza e Pedro. Autodidata, Chico Pedro foi o primeiro professor e farmacêutico do povoado, tido como grande incentivador da comunidade, naturalmente acabou por aventurar-se na política chegando a ser eleito vice-prefeito de Jaraguá.

¹⁵ Adriano Tubertino de Oliveira – filho do Vilmar da Biquinha e neto paterno de Joaquim Pedro de Oliveira e D. Maria Madalena de Oliveira – forneceu documentos com data de 07 de julho de 1931, donde consta a doação de terras, feita pelo Sr. José Pedro de Oliveira e dona Maria Angélica de Jesus à Paróquia N. Sra. da Penha – representada pelos reverendos: Santiago Uchua e Domingos de Moraes Sarmento. Outros irmãos de Joaquim Pedro pagaram a ele ¼ do valor do imóvel, estimado em duzentos mil réis (200.000,00). Procedência Registro nº 2.145, Livro 3-C, CRI de Jaraguá.

festejos ficava por conta do grande repertório da Bandinha (Banda Santa Cecília) de Jaraguá e da tradição mineira dos “Congos”. Em algumas festas e apresentações circenses cantaram na Mirilândia nada menos que Tunico e Tinoco.

Tão logo iniciaram a construção do Patrimônio, continuaram a chegar grande quantidade de pessoas ocupando terras, dando certo incremento ao comércio e desenvolvimento da região. Essas atividades econômicas fomentaram a edificação de moradas e casas de comércio. Algumas conservam traços de outrora, como a que hoje pertence ao Zé Omar, onde está instada a borracharia situada no largo da igreja, sua fachada é original e foi edificada por Zé Pedro, que somente a ocupava quando das festividades no Patrimônio; A casa da Marta – avó do Tão do ônibus (Antônio José de Oliveira), construída na beira do córrego, hoje existe outra casa em seu lugar. E a casa do Josima, onde o (carinhosamente conhecido) “João Doido” morou, em frente à casinha ao lado da venda do Lori, que abrigou a famosa farmácia¹⁶ e o sobrado do Chico Pedro, cuja construção se deu em meados dos anos 30, local onde também funcionou o primeiro estabelecimento escolar da região¹⁷.

Também se destacaram: o Armazém do Paulino (secos e molhados), de propriedade do Sr. Paulino de Oliveira; Armazém de cereais de Pedro Pacífico; na casa que Zé Pedro construiu (onde hoje é a borracharia) funcionou uma loja de Secos e Molhados de propriedade de Ozório Baeta, depois vendida para Jorge Maximiliano

¹⁶ A farmácia de Chico Pedro tem início oficialmente em 23/12/1932, conforme atestam documentos do arquivo municipal (Doc. nº 125), onde o então prefeito Cel. Elias da Fonseca, deferiu um requerimento de Alvará de Licença de uma farmácia na fazenda Estiva, e não no povoado. Funcionou primeiro no sobrado onde a estabeleceu, diagnosticando moléstias e conseguindo obter curas quase impossíveis pela época, como atestam depoimentos orais de parentes e pessoas que por ele foram tratadas, chegando a cuidar de moléstias como a epilepsia, vitiligo e meningite. Dona Benedita Soares, conhecida como Dita de seu Zé Soares, informar que: “[...] Minha irmã (Lilá) não andava, foi Chico Pedro que curou ela...”. Maria Dalila, afirma que: “... Eu em criança quando ele achou uma mancha de vitiligo em minhas costas, e ele me curou...”. Mais tarde, funcionou no local onde foi a venda do Sô Quim (Joaquim Neto) e posteriormente foi transferida para onde hoje é o armazém do Lucas, filho do saudoso Lori.

¹⁷ Conforme documentação do mesmo arquivo municipal, por volta de 1935, existia uma escola de primeiras letras – inicialmente denominada Escola Reunida conforme texto do professor Adão (?), na fazenda Estiva, sendo seu primeiro professor o Sr. Francisco José de Oliveira (Chico Pedro). Por volta dos anos 50 foi transferida para o povoado com a nomenclatura “Escola Estadual Clarismundo Lacerda” homenagem póstuma ao professor e filho mais velho de Chico Pedro – que fora assassinado no então Distrito de Santa Isabel. Com o processo de municipalização de escolas estaduais de ensino fundamental e médio na última década do século XX, ocasião em que a escola passa a ser chamada Escola Municipal Clarismundo Lacerda.

¹⁸ As informações sobre as famílias de Pedro José de Oliveira e Lacerda, foram fornecidas pelo Sr. Guido José de Oliveira e sua esposa, dona Lília – Maria Secunda.

Baeta; também tinha uma pequena loja de tecido, seu proprietário Eudócio Pereira Bravo – Tio do saudoso Ladico Pereira Bravo da região do Gengibril – transferiu residência para Anápolis, obtendo destaque no setor hoteleiro e, a “Casa da Sogra” loja de armarinhos de propriedade de Guido de Oliveira Lacerda¹⁸.

Dentre várias festas religiosas também comemoradas, destaca-se a festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, “A Festa de Maio”, onde as crianças coroam Nossa Senhora durante 30 dias. As responsáveis pelo incremento desta festa foram às senhoras: Secunda (Tuta) e Zita América de Jesus, Maria Madalena de Oliveira (Lia do Acrísio) e Olívia (irmã de Antônio José de Oliveira).

O imortal jaraguense Ostecrino Lacerda (natural de Mirilândia) guia de carro de boi, músico regionalista, jornalista e poeta conta que, por ocasião da realização da primeira missa no povoado – que ainda conservava o nome da região “Fazenda Estiva” – o padre deu idéia de um nome, fazendo alusão a uma cidade norte-americana, denominada Maryland – algo como terra de Maria – que, ao ser pronunciado pelos membros da comunidade, ao longo do tempo, ocorreu uma transformação regional, donde se deu o nome “Mirilândia”. Outra versão para a denominação do povoado, retirada da memória dos seus mais antigos residentes, diz que Mirilândia é uma homenagem a Sra. Maria Angélica de Jesus, esposa de José Pedro de Oliveira.

A comunidade local considera Chico Pedro o líder nato, que ajudou na fundação do Distrito, pelas contribuições em todos os setores, por exemplo: na educação, religião, saúde e claro na política. Respeitado e querido, emprestava seu carisma a todos os candidatos que apoiou. Sua irmã carinhosamente chamada por Tia Rita (Rita Rosa de Jesus), foi uma das grandes figuras do povoado, junto a Chico Pedro naturalmente desenvolveram atividades humanitárias. As mãos da velha parteira deram as boas-vindas a praticamente todos os descendentes dos pioneiros mineiros de Pedra do Indaiá.

Chico Pedro também esteve presente na edificação do campo santo do povoado. Contratou um carreiro experiente, tio dos

¹⁸ Proprietário de terras e professor na região, conforme informação de seu afilhado, Geraldo Alves de Fontes, Ditim também era músico – clarinetista da Banda Santa Cecília – e irmão de mesa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Foi casado com D. Maria Ferreira Rios Mundim, irmã do poeta e Desor. Augusto Ferreira Rios.

senhores Antônio e Onofre Braz Gomides, em seguida, adquiriu um carro de boi que foi imediatamente empregado na obra. Daí carrearam pedras retiradas da fazenda do Mansueto (Mansur), que pertencia a Ditim Mundim¹⁹. Por mais de ano trabalharam na empreitada com mais dois companheiros, os pedreiros: Antônio Pacífico²⁰ (seu cunhado) e Mizael Pedro (seu irmão inteiro) e, pedra sobre pedra, construíram o muro do cemitério cuja altura é proporcional à base.

No ano de 1958, concorreram para Prefeito de Jaraguá os Srs. Antônio de Castro Ribeiro (pela facção política Castro Ribeiro) e Solom Batista²¹ apoiado pelos Ribeiro de Freitas, Fonseca e outros. Para vice, Chico Pedro (que fora vereador por duas legislaturas municipais) disputou com o seu colega farmacêutico conhecido por “Cazuza”, representando o Distrito de Santa Isabel/Cirilândia e Castrinópolis. Nessa época, as eleições para os dois cargos eram independentes, isto é, o vice não era vinculado ao prefeito, e dizem que Chico Pedro obteve mais votos que Solom Batista.

A figura mais ilustre que esteve em Mirilândia foi o ex-presidente e candidato a Senador por Goiás Juscelino Kubitschek de Oliveira, junto ao ex-governador goiano José Feliciano Ferreira, onde o mineiro JK arrebanhou todos os votos de seus conterrâneos.

Após exercer a liderança comunitária, educacional e política, faleceu Chico Pedro, a 14/08/1975, em uma modesta casa situada na Rua Deocleciano da Fonseca, logo abaixo da esquina com a Av. Presidente Kennedy, Brasilinha/Vila Jorcelina, nesta cidade. No entanto, o patrimônio que ajudou a construir é o grande orgulho de seus parentes, conterrâneos e amigos, que se vangloriam de serem descendentes dessa gente alegre e trabalhadora que chegou para ficar e muito vem contribuindo para o jeito jaraguense de ser.

O maior defensor do nome Mirilândia para o povoado foi Benedito Batista Mundim. Quando alguém mencionava o nome “Estiva” para denominar o patrimônio, Ditinho Mundim respondia rispidamente: “... Estiva não! Dobre a língua – Mirilândia!”.

¹⁹ Casado com sua irmã Sofia Rosa de Jesus, Tio do Celino Pacífico, proprietário do jornal *O Regional*.

²⁰ Solom Batista – natural de Mineiros - GO, nascido em 19/02/1895, foi Delegado de Polícia na cidade de Anápolis, posteriormente veio para Jaraguá onde exerceu atividade agropastoril, falecido a 17/05/1967, sepultado no Cemitério Santana, túmulo 268. Fonte: entrevista com o Dr. Paulo Antônio Gonçalves em 18/07/2006 e, Crispim Borges, 1 humberto. In: História de Anápolis

A HISTÓRIA DE MONTE CASTELO

Breve explicação para leitura do texto sobre Monte Castelo.

O fundador de Monte Castelo, ex-vereador jaraguense, Lourenço Félix de Abreu, foi um homem que pensava alto.

Em 1967, enquanto o povo pouco atinava para a leitura e a escrita, este homem teve um impulso de criatividade em registrar a história daquele povoado que ele mesmo fundara havia mais de 20 anos.

Lourenço Félix narrou a história em 3ª pessoa, usando linguagem simples mas extremamente instigante e os textos paralelos foram feitos apenas por almejar ao leitor maior entedimento e rapidez na leitura.

A viúva de Lourenço Félix, dona Sebastiana, apelidada por dona Fiica, e a neta, profª Márcia, muito contribuíram para a publicação desta história que era um sonho do velho Lourenço. Agora, com a publicação deste *Parceiros...*, foi possível fazer esta homenagem a ele.

Hoje, todo aquele que ama a história e preserva suas memórias, pode tranqüilamente pedir licença a São Pedro, entrar no céu e levantar um brinde com Lourenço Félix de Abreu. Ele deve estar radiante...

Lourenço Félix faleceu em 19/10/2002, e sua viúva reside até hoje na casa onde sempre moraram na Vila Colombo, em uma praça que leva o nome dele, Lourenço Félix de Abreu.

O Organizador

Servirá este livro para serem nele registradas todas as entradas e saídas de dinheiro da capela do Divino Pai Eterno na fazenda Capão Grande, paróquia de Jaraguá, tem 100 folhas que vão por mim rubricadas.


Capão Grande, 9 de julho de 1944
O Vigário Rodolfo Ferreira da Cunha

Servirá este livro para serem
neste registradas todas as entradas
e saídas de dinheiro da
capela do Divino Pai Eterno na
fazenda Capão Grande paróquia
de Jaraguá. Tem 100 folhas, que
vão por mim rubricadas,
Capão Grande, 9 de julho de 1944
O Vigário Rodolfo Ferreira da Cunha

A Festa

Aqui está a história de Monte Castelo, da antiga capelinha. Como e por quem ela foi começada.

No dia 4 de agosto de 1962, o Sr. Bispo Dom Antônio Ribeiro de Oliveira veio à nossa romaria do Divino Pai Eterno. Celebrou uma missa e abençoou a imagem do Divino Pai Eterno e fez diversas crismas e ficou muito satisfeito e nos agradeceu muito.

Deve	Caixa do mês	11 de
	Aqui está a história de Monte Castelo, da antiga capelinha. Como e por quem ela foi começada.	1915
Levamos tudo de alturas	No dia 4 de agosto de 1962 o Sr. Bispo Dom Antônio Ribeiro de Oliveira celebrou a missa abençoou a imagem do Divino Pai Eterno e fez diversas crismas e ficou muito satisfeito e nos agradeceu muito.	

... e rastaram no pescoço de carneiros que era do seu tio Antônio Cassiano de Siqueira.

Tiraram madeira e folha de bacuri. Fizeram uma barraca e convidaram seus vizinhos para rezar um terço e levantar um cruzeiro no dia 7 de julho de 1940.

Quando foi no outro ano, em 1941, ele fez uma capelinha quatro metro por três, e ele foi a Jaraguá. Lá ele tinha um padrinho por nome de Major Mário Félix de Souza. Então ele disse ao seu padrinho que trocasse¹ para ele uma imagem do Divino Pai Eterno. Quando foi no dia 28 de julho de 1941 o senhor Natal de Castro vinha assistir à festa e trazer mercadoria de...

Relatório 15
Flavet

1. Rastaram no pescoço de carneiros que era do seu tio Antônio Cassiano de Siqueira.
2. Tiraram madeira e folha de bacuri e fizeram uma barraca e convidaram seus vizinhos para rezar um terço e levantar um cruzeiro no dia 7 de julho de 1940.
3. Quando foi no outro ano, em 1941, ele fez uma capelinha quatro metro por três, e ele foi a Jaraguá. Lá ele tinha um padrinho por nome de Major Mário Félix de Souza. Então ele disse ao seu padrinho que trocasse¹ para ele uma imagem do Divino Pai Eterno. Quando foi no dia 28 de julho de 1941 o senhor Natal de Castro vinha assistir à festa e trazer mercadoria de...

¹naquele tempo não se falava comprar imagem. Era pecado. Então usavam trocar.

... butiquinho e também trouxe a imagem do Divino Pai Eterno nas costas de um burro. Veio também 2 vigários da paróquia de Jaraguá, padre Rodolfo Ferreira da Cunha que celebrou a primeira missa dia 2/07/1941 neste lugar chamado Capelinha. Então ele celebrou a missa e pôs o nome de Monte Castelo.

Lourenço Félix de Abreu continuou fazendo a festa, aí não tinha sino. Ele ia a Jaraguá, tomava sino emprestado e trazia este sino nas costas da estrada até aqui: balão, balão, até chegar.

Em 1942, o Sr. Baltazar Gomes Pereira pegou esta igreja para fazer.

Deve Caixa do mês

Butiquinho e também trouxe a imagem do Divino Pai Eterno nas costas de um burro. Veio também 2 vigários da paróquia de Jaraguá, padre Rodolfo Ferreira da Cunha que celebrou a primeira missa dia 2/07/1941 neste lugar chamado Capelinha. Então ele celebrou a missa e pôs o nome de Monte Castelo.

Lourenço Félix de Abreu continuou fazendo a festa, aí não tinha sino. Ele ia a Jaraguá, tomava sino emprestado e trazia este sino nas costas da estrada até aqui: balão, balão, até chegar.

Em 1942, o Sr. Baltazar Gomes Pereira pegou esta igreja para fazer.

VII

Em 1943 ele estava construindo a igreja e no dia da festa ela estava só coberta.

Quando foi em 1944 ele entregou a igreja pronta. Esta festa foi celebrada no 1º domingo de julho. Então como a festa da Trindade é no 1º domingo de julho, o Sr. Lourenço Félix de Abreu mudou-a para o 1º domingo de agosto.

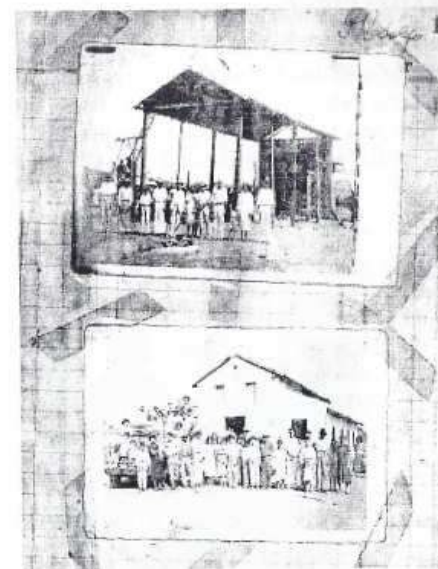
Então esta festa continua sendo realizada todo ano nesta mesma data. Tornou-se uma festa tradicional.

Haver 19

de de 19.....

em 1943 ele estava construindo a igreja no dia da festa ela estava só coberta quando foi 1944 ele entregou a igreja pronta esta festa era celebrada no dia do primeiro domingo de julho então como a festa da Trindade é no primeiro domingo de julho o Sr. Lourenço Félix de Abreu mudou a festa para o primeiro domingo de agosto então esta festa continua sendo realizada todo ano nesta mesma data tornou-se uma festa tradicional

Em Edmar, Gomes de Almeida a pedido do meu tio Lourenço Felix de Abreu, estou escrevendo alguns parágrafos que estão na história de Monte Castelo, por favor não mudar e muito



Lourenço Félix de Abreu foi casado com D. Sebastiana. tiveram um filho, Pedro, casado com Maria Kristina Gonçalves de Almeida e pais de Gabriela e Pedro Filho. Lourenço e Sebastiana ainda acolheram no bondoso lar mais dois filhos, Elson e Sebastiana, que lhe renderam os netos Márcia Lane, Cleidilene, Elson Junior e Júlia Vitória, filhos de Elson com Ana Maria e ainda João Paulo e Júlio César, filhos de Sebastiana com Horácio Luiz da Silva.



Lourenço Félix e D. Sebastiana

CAPÍTULO VII

O POVOADO DE PALESTINA

Autoras: Cenir Maria
(Normalista)
e Edilânia Leila Santos
(Pedagoga)

Não somente o povoado de Palestina, mas todos os outros distritos de nosso município foram fundados por pessoas que vieram de fora, principalmente, de São Paulo, Bahia e Minas Gerais.

Todo este povo vinha na esperança de comprar terras, constituírem suas famílias e, principalmente, plantar grandes extensões de lavouras de café, cana de açúcar, arroz, feijão e também para a criação de gado.

Em meados de 1964, em uma região de Jaraguá chamada Bananal, chega uma família de tropeiros vinda de Minas Gerais chefiada por José Pereira Madalena, apelidado por Zezico.

Após observar a região, o Sr. Zezico escolheu o lugar adequado para fixar sua morada, pois aquele lugar se parecia muito com uma região de Minas Gerais, chamada Palestina e foi por causa desta semelhança que ele passou a chamar o local de fazenda Palestina.

Como a Comitiva de "Seu" Zezico era muito grande, assim que eles terminaram de construir suas casas, o lugar já parecia um pequeno arraial.

Os primeiros moradores de Palestina, além dos familiares dos Sr. Zezico, foram Osvaldo Moreira, João Mineiro, João Lindolfo, Benedito Moreira, Dalton Pereira, Antônio Gomes e José Ferreira.



O povoado ia crescendo cada vez mais levado pelo crescente número de pessoas que procuravam serviço nas lavouras e também na criação de gado.

Fizeram um rancho para fazer as orações, pois o povo de lá era muito católico e também construíram um pequeno cemitério.

Os fazendeiros de destaque da época eram o "Seu" Zezico, Bernardo Carneiro, Lico Braga, Osvaldo Neto e Patrício Alves da Costa.

Como o povoado ia crescendo, as necessidades iam aparecendo, então o Sr. Baltazar Elias montou o 1º armazém do povoado, seguido pela loja do Sr. Edward Moreira, o café do Osvaldo e a pensão Nª Sª Aparecida, do Sr. Benedito Moreira da Silva que abrigava viajantes que passavam pela região.

Mais tarde, com a dificuldade de locomoção até Jaraguá para tratamento dentário, chegou ao povoado um dentista prático chamado Sr. Alaor Gontijo.

Assim, o povoado foi ficando cada vez mais independente, pois já havia o açougue do João Pernambucano, a serralheria do Télio Moreira, a padaria do Sr. Floripe, a olaria do Sr. Antônio Inácio e a máquina de beneficiar arroz do "Seu" Zezé.

Como no povoado não havia médico, o povo se satisfazia com os benzimentos do Sr. Nelson Baiano e de dona Abadia, o Sr. Bete, curador espírita e dona Coleta, a parteira do lugar.

Com o aumento da população, houve a necessidade de fundar no arraial uma escola e, inicialmente, foi construído um prédio simples e rústico.

A escola recebeu o nome de "Escola da Palestina", em homenagem ao povoado, e os primeiros professores foram Eurico Merciano, Jorge Corretor, Genésio F. de Lima, Ana Maria do Prado e Lúcio Vieira. A escola funcionava atendendo a uma clientela de 1ª a 4ª série do ensino primário e somente em 1985 é que ela foi autorizada a ministrar o ensino de 5ª a 8ª séries.

Com o aumento de alunos, outros professores chegaram para Palestina: Osvaldo Moreira, João Mineiro, João Lindolfo, Benedito Mineiro e Dalton Pereira.

A diversão em Palestina contava apenas com jogos de futebol aos domingos, com movimentados campeonatos entre os times da região. Outra diversão imperdível eram os festejos em louvor a Nossa Senhora de Fátima e São Sebastião, que aconteciam sempre nos meses de maio (Nª Sra. de Fátima) e junho (São Sebastião).



A 1ª formatura de 8ª série, em Palestina, aconteceu em dezembro de 1989. O ensino era considerado de ótima qualidade, e muitos alunos destes formandos, hoje são professores na própria escola ou trabalham em escolas de Jaraguá.

Em 1990, a então diretora Cenir Maria dos Santos juntamente com a comunidade local conseguiu que a escola recebesse reforma e ampliação.

Com o passar do tempo, os habitantes de Palestina foram se mudando para a cidade à procura de emprego e estudo superior para os filhos. Hoje o prédio da Escola Municipal de Palestina encontra-se em estado precário, e o que sobrou do povoado são algumas casas, poucos moradores e a grande saudade de todos que ali moraram, trabalharam ou conviveram com as pessoas de lá.

As pessoas que trabalharam ou dirigiram aquela querida e saudosa escolinha, hoje ao serem entrevistados para a elaboração deste trabalho não se furtam ao deixarem vir à tona profundos suspiros de saudade de um tempo que jamais voltará.

Saudades e homenagens a Luiz Ferreira, Salice da Silva Guimarães, Márcia Maria Gontijo, Sebastiana Eurides de Oliveira, Vanderley José de Freitas, Zalmir Salviano Gonçalves e Rosângela Maria dos Reis.

Dedicação de amor a Benedito Mineiro, um dos primeiros moradores do lugar e um dos personagens desta linda história que um dia foi realidade...

Referências

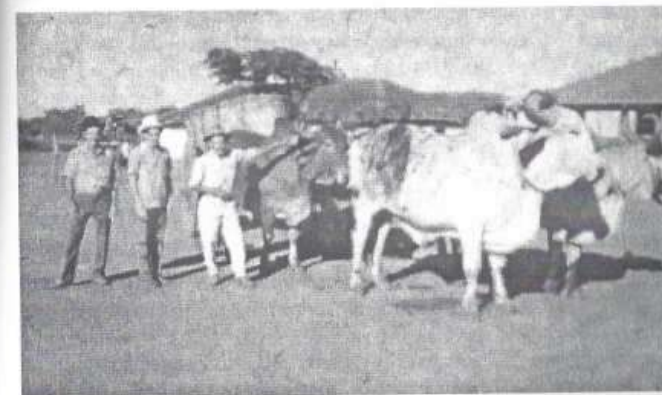
Benedito Mineiro (ex-diretor da escola)
Vanderlécia Maria de Freitas (ex-diretora da escola)

CAPÍTULO VIII

O SURGIMENTO DO POVOADO DE SANTA BÁRBARA

Autora: Rosária Nogueira
Formada e pós-graduada em Ciências Sociais

A história do Povoado de Santa Bárbara está diretamente ligada a um personagem marcado pela fé, trabalho e empreendedorismo. Um homem solidário, humilde e simples, porém, extraordinário, porque era correto em tudo o que fazia, muito dinâmico, e de uma fineza invejável para tratar a todas as pessoas. Salvador Pereira da Silva casado com Senhorinha Maria da Silva com quem viveu durante toda a vida e teve catorze filhos.



Da direita para a esquerda: o senhor Salvador Pereira da Silva com a mão na canga do boi carreiro, no centro, seu 13º filho, Jorvalino Pereira, e à esquerda seu irmão Miguel Pereira da Silva. A foto retrata, ainda, o antigo campinho de futebol e as primeiras casas de Santa Bárbara.

De acordo com os relatos dos senhores Joaquim Pereira da Silva e Vicente Pereira da Silva, filhos do fundador; hoje já falecido, o surgimento do Povoado tem em sua origem as marcas da fé e da religiosidade desta família, bem como a preocupação em criar uma unidade de ensino com perspectivas mais amplas com vistas ao ensino público e sistematizado que pudesse atender a uma clientela sempre maior. Conforme entrevista, o senhor Joaquim Pereira, filho mais velho, disse:

[...] meu pai e nós trabalhávamos, como todos da época, na lavoura, trabalho duro, enfrentando o sol escaldante bem como os dias tristes e sombrios de inverno e de tempestade. Naquele tempo sofríamos muito com o furor dos ventos fortes que arrasavam com as nossas lavouras de milho. Isto acontecia todos os anos e nosso prejuízo era enorme. Sentíamos uma profunda tristeza ao vermos as lavouras arrasadas pelos ventos... Não sabíamos a razão deste fenômeno, se pela localização espacial ou pela posição do relevo. O fato é que naquela época não tínhamos nenhum conhecimento técnico e nem científico para encontrar respostas para um problema tão grave... Um dia meu pai esteve conversando com um amigo dele, não me lembro o nome agora, que disse: "você é uma pessoa de muita fé em Deus, não é? Então vou te ensinar uma coisa, preste bastante atenção: Faça uma cruz bem grande e a coloque na cabeceira da roça de milho. Antes de começar o dia de trabalho, reúna seus filhos aos pés desta cruz e reze a oração do Pai Nosso e três Ave-Marias e ofereça para Santa Bárbara. Ela é protetora do tempo, contra ventos fortes e todo tipo de tempestade. Ela irá proteger suas plantas destes vendavais".

Segundo o senhor Joaquim Pereira esta prática de fé salvou as lavouras do seu pai que cada dia mais se tornava num testemunho da fé em Santa Bárbara, ao mesmo tempo em que propagava a todos aquela graça.

Bom, seguindo os relatos, até os anos cinquenta basicamente não existia escola rural e quando os pais tinham uma posição econômica mais privilegiada, e maior conhecimento cultural, levava para suas fazendas um professor ou professora que ficava dias, meses, anos na propriedade para ensinar seus filhos as primeiras letras, matemática, meio ambiente, valores de higiene e valores religiosos, sendo pagas e custeadas todas as despesas domésticas pelo dono da fazenda. Seu Joaquim lembra: "A primeira professora paga por meu pai para nos ensinar foi a Sra. Antônia Batista de Oliveira".

Outro filho do senhor Salvador, o senhor Vicente Pereira, relembra:

[...] no final dos anos 50, havia na fazenda uma escolinha em que a professora já era paga pela prefeitura de Jaraguá, e as coisas estavam um tanto quanto difícil para meu pai, devido o gasto geral para proporcionar o ensino.

No início dos anos 60 meu pai teve a belíssima idéia de vir a Jaraguá explicar o problema para o prefeito da época, o saudoso Sílvio de Castro Ribeiro. Bom, após longas conversas acertaram: meu pai doaria um terreno para onde seria transferida a escolinha da fazenda, mas a responsabilidade de construção da escola ficaria a cargo da Prefeitura.

Assim, conforme o combinado, foi feito, o povoadinho foi demarcado bem num local onde havia sido construída uma cisterna (poço d'água) pelo senhor Bento Leandro da Costa, e onde também desde o limiar dos anos 60 já havia um campinho de futebol, para a diversão da moçada, que desde tempos distantes constitui uma paixão nacional.

No dia 04 de dezembro de 1961 (dia de Santa Bárbara), foi erguido no lugar primeiramente um cruzeiro de madeira rústica, bem alto e forte. Anos depois o senhor Salvador construiu naquele local uma capelinha (no início, um rancho coberto de palha), em homenagem a Santa Bárbara. Aproximadamente no ano de 1965, foi construída em bases sólidas a tão sonhada capelinha, santuário

em que os fiéis louvariam aquela que soube servir ao Cristo, a serva Santa Bárbara. Claro que tudo isso foi realizado com a ajuda de toda a comunidade local. Tudo era feito com muito amor e a tecnologia mais avançada da época era o trabalho dos braços e a força motriz de cavalos e carros de bois que puxavam madeira, pedra, telha, etc, até concluir tal projeto. Depois de tudo terminado, o senhor Salvador marcou com o Pároco de Jaraguá, o Padre João, uma solenidade religiosa na igreja, que na oportunidade colocaram uma imagem da Santa venerada no altar sagrado batizando o povoado com o nome de Santa Bárbara.

Por volta do mês de junho do ano de 1968, foi realizada a primeira visita episcopal em Santa Bárbara, na pessoa de Vossa Eminência, Dom Epaminondas, para ministrar o santo sacramento do crisma.



chegada da Procissão de Santa Bárbara

O primeiro tesoureiro da capelinha foi o senhor Salvador Pereira da Silva que ficou no cargo até 1981 passando o ofício para o senhor Benedito Leite de Souza, mais tarde o senhor Benedito passou para o senhor Antônio Elias Barbosa. Em fins de 1987, o senhor Antônio Elias entrega o cargo para o senhor David Luís Rodrigues que fica apenas seis meses e repassa-o para uma mulher, religiosa

autêntica, chamada Maria Rita dos Santos, conhecida por dona Santa, que permanece até 1991 passando a função para o senhor Santana Nogueira da Abadia que assume até aproximadamente os anos de 2000.

Seu Salvador também lutou muito para legalizar a doação do terreno junto aos órgãos competentes da época, mas por interrupções na conclusão de alguns documentos, faleceu sem efetivar tal intento. Seus filhos até quiseram de fato e de direito documentar a legalização do povoado, entretanto, o máximo que conseguiram foi o consentimento verbal e de fato de todos os herdeiros.

A comunidade local sempre fora bastante participativa e as festas na igreja constituíam num momento de harmonia e união de todas as pessoas. Tudo era muito bem planejado e organizado desde a catequese, a preparação para o crisma, a coroação de Nossa Senhora Aparecida, a Conferência de São Vicente de Paulo, o grupo de jovens, o grupo mirim, o grupo de casais com Cristo, o coral de cantos, e a equipe de liturgia, etc. Vale ainda destacar o empenho de algumas pessoas como: a senhora Bárbara Francisca da Abadia, a senhora Maria Rita dos Santos, o senhor Otaviano, o senhor Benício Pereira e o senhor Santana Nogueira da Abadia que dedicaram grande parte de suas vidas incentivando a fé do povo nas missas, novenas, vigílias, Via Sacra e pregações bíblicas.



Dia da Primeira Eucaristia

Contudo, desde o início do povoado algumas mudanças e adequações foram sendo articuladas como a construção da escola bem no local onde se encontrava o campo de futebol. Bem, mas a escola de Santa Bárbara só foi construída, em 1966, já na gestão do prefeito Dr. Felicíssimo do Espírito Santo Neto, com duas salas de aula. As primeiras professoras a lecionarem nesta escola foram a senhora Alta Pereira da Silva e a senhora Josefá Matos. Na época, começaram com aproximadamente cinquenta alunos regularmente matriculados que eram atendidos em sala multisseriada e ensino de 1ª a 4ª séries.

Dáí, várias intermediações foram necessárias fazer na comunidade como relata o senhor Santana Nogueira da Abadia:

As pessoas do lugar estavam todas dispostas a ajudar para que o Povoado crescesse e se desenvolvesse. Foi aí que os filhos do finado José Francisco de Sá, Paulo Francisco de Sá e Antônio Benjamim Francisco de Sá, herdeiros da Fazenda Minas de Campos, confrontante com as terras do povoado, resolveram doar parte de suas terras para a construção do novo campo de futebol e para a edificação do novíssimo cemitério. Um fato notório e que não pode ficar esquecido é que o cemitério foi todo fechado com madeira de aroeira doada pela comunidade, bem como sua mão-de-obra.

Outro sonho do senhor Salvador Pereira e da vizinhança toda era a construção de uma estrada ligando Santa Bárbara a Jaraguá, atravessando um grande obstáculo da época, o Morro da Puaia. Na época era preciso dar uma volta imensa para realizar o trajeto. E sem a ajuda do poder público, reuniu os companheiros com suas ferramentas rústicas como enxadão, machado, enxada, pá, carro de boi e construíram a estrada de chão batido, respeitando as divisas de terras de todos os confrontantes. Mais tarde, no governo do senhor Nelson de Castro Ribeiro o senhor Salvador pede para aplinar a estrada, com máquinas apropriadas, e alerta para respeitar as antigas fronteiras dos terrenos vizinhos.

Os primeiros moradores do recém-povoado, conforme os entrevistados citados acima, foram o senhor Divino Marcílio, o senhor Benvindo Luiz, o senhor Benedito Pereira de Souza etc. Um pouco mais tarde, um filho do senhor Salvador, o senhor Benício Pereira se casa e muda para o povoado aproveitando para construir sua casa junto da antiga cisterna passando a fazer uso da mesma.

Caso interessante ocorreu e segundo relatos de moradores da região, e de acordo com os entrevistados, este povoado andou perto de ser chamado de JILÓ. Ou melhor, até hoje não é novidade deparar com alguém referindo-se ao apelido 'JILÓ' como sendo esse lugarejo. Segundo informações isto aconteceu devido a um episódio um tanto quanto pitoresco, conforme conta o senhor Joaquim Pereira:

Quando foram construir a primeira casa do povoado, a casa do senhor Divino Marcílio, no almoço a mistura foi jiló, na janta foi jiló, no outro dia a mesma coisa e assim sucessivamente até terminar a construção. E a conversa rolou entre os companheiros que trabalharam na construção que aproveitavam o episódio para tirar 'gaitadas' nas rodas de causos e piadas.

Não foi difícil para a notícia se expandir e inaugurar um novo espaço na consciência das pessoas, e isto vem atravessando gerações. Quase que o tal apelido vira o nome do lugar, pois cotidianamente ainda é lembrado porque está vivo no imaginário das pessoas que fizeram e fazem parte desta história.

Outra história paralela a esta e de grande importância para a comunidade vizinha foi a criação de uma escola na fazenda Minas de Campos, confrontante com o povoado. Conforme entrevista com a criadora desta escola, a professora Bárbara Francisca da Abadia,

a escola foi criada em 1964 por necessidade da própria comunidade local. Nesta época existia muita gente morando no campo. As fazendas eram repletas de famílias herdeiras ou outros que trabalhavam como meeiros, agregados etc. Havia uma grande necessidade de ter uma escola na região, e eu toda a vida fui apaixonada pelo ensino. Foi aí que resolvi começar

a ensinar as crianças num cômodo de minha casa (a sala). Iniciei as aulas no dia 23 de fevereiro de 1964, com 25 alunos. Tempos depois, construímos outra casa para nós morarmos, e a prefeitura de Jaraguá se encarregou de reformar o prédio da escola que passou a chamar Escola Reunida de Minas de Campos. Com o passar dos anos, comecei a atender os alunos em dois períodos, (matutino e vespertino) sala multisseriada, ensino de 1ª a 4ª séries, sendo matriculados regularmente cerca de setenta e cinco alunos. Quando surgiu a escola de Santa Bárbara, povoado há cerca de três quilômetros de distância, aproveitávamos as festividades cívicas, sociais e religiosas para integrarmos nossos educandos. Era para nós, professores e comunidade, momentos de muita expectativa e alegria as comemorações do sete de setembro, de final de ano, conclusão da 4ª série, dos festejos juninos e das festas na Capela de Santa Bárbara.



Teatro As Forças Armadas Brasileiras

Bem, mas a escola de Santa Bárbara nasceu um pouco tímida e foi crescendo aos poucos, através da ajuda da comunidade e de ampliações que cada prefeito foi realizando ao longo dos anos. A primeira ampliação da escola aconteceu no governo do prefeito Nelson de Castro Ribeiro.

Uma das professoras que passou grande parte de sua vida nesta escola e que merece ser lembrada é a senhora Maurília dos Santos, que realizou um brilhante trabalho e acabou por implantar maior respeito, solidez e qualidade ao ensino, recebendo por isso, a confiança dos pais e de toda a comunidade. Nessa época, os alunos das duas escolas mencionadas apresentavam grandes números artísticos, e dentre eles, merecem destaque os teatros, as danças, as poesias e recitações de poemas de poetas consagrados na literatura brasileira.



Comemoração do 7 de setembro

Aos poucos, o povoado foi crescendo, resultado do avanço do comércio de grãos e da produção do gado leiteiro, do serviço de beneficiamento de arroz, da energia elétrica por meio de geradores, do transporte coletivo para Jaraguá e para Uruana etc. Entretanto, a luta do povo pela ampliação do Ensino Fundamental continuou.

Santa Bárbara floresceu rapidamente porque o comércio alçava vãos sempre maiores. A região é contemplada com uma vegetação típica de cerrado e de várzeas, solos férteis, drenados por grande quantidade de córregos e lajeados, ótimos para a plantação de milho, arroz, feijão, entre outras. A criação da pecuária girava em torno da criação do gado leiteiro.



Vila Santa Bárbara chegou a ter uma população de aproximadamente 250 pessoas e cerca de 60 casas. Assim, com tanto movimento, o atrativo maior eram as festas na igreja, as queimas de fogos, as imensas fogueiras, os levantamentos de mastros, as iluminadas procissões à luz de velas, os festivais de músicas, os concursos de rainhas, os campeonatos de futebol, eram festejos que motivavam um aglomerado de pessoas tão grande para lá, que a pequena vila transformava-se em uma cidadezinha com tanto

movimento. Chegava a atrair, aproximadamente, três mil pessoas ou mais, como também barraqueiros, parque de diversão, circo de espetáculo de touradas e cavalos, ranchos de danças, entre outros.

Um fato inusitado e que não poderia deixar de contar é que artistas sertanejos, hoje consagrados como Galvão e Galvãozinho, André e Andrade, passavam dias por lá, e eram hospedados na residência do senhor Vicente Pereira e dona Terezinha, filho e nora de senhor Salvador.

O tempo passou, e muita coisa mudou. Uma das grandes conquistas para o povoado foi a aquisição da rede de energia elétrica, o serviço de encanamento de água a todas as residências, a construção de uma igreja maior para melhor receber os fiéis e a construção do salão da igreja para a realização de reuniões. Vale destacar que esta obra é fruto do trabalho da comunidade e, especialmente, do empenho do senhor Santana Nogueira e de sua esposa dona Bárbara.

Para lá também foi uma unidade de laticínio que facilitou muito a vida dos pecuaristas.

Santa Bárbara ganhou também um Posto de Saúde que fora intitulado Senhorinha Maria da Silva e um Posto de telefone público, ambos construídos no final do governo do prefeito Dr. Alano de Freitas, ambos inaugurados pelo prefeito Nédio Leite de Assunção. Foi presenteada, ainda, com uma Igreja Pentecostal Assembléia de Deus que cada dia arrebanha mais fiéis.

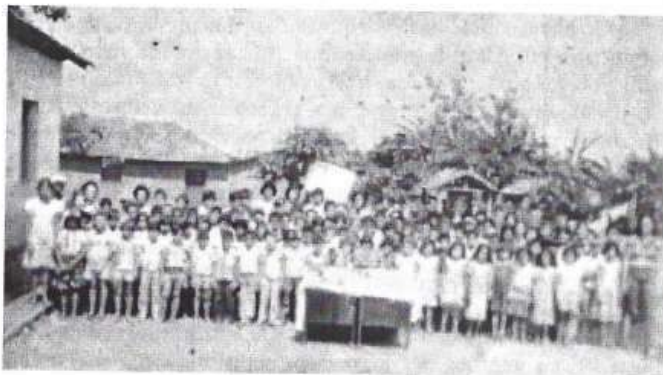
No plano educacional, conquistou a maior ampliação da escola, com quatro salas de aula, uma cantina, uma secretaria, uma sala de professores e dois banheiros. Isto aconteceu na gestão do prefeito Dr. Jovano, em 1999. Nessa época, a Escola Municipal de Santa Bárbara tornou-se Pólo. Para lá aglutinaram as professoras e alunos das escolas: Antônio Arruda (Cruzeirinho), 29 de julho (fazenda Engenho de São João), Monjolinho (Fazenda Mutuca) Pau d'Arco (fazenda Pau d'Arco) e Escola Antônio de Castro (próximo ao rio dos Patos e São Geraldo). Isto representou um avanço para o ensino e para a aprendizagem. Mas a principal luta do povo da região pela extensão do Ensino Fundamental até a 8ª série continuou. Nos anos 80, conseguiram um supletivo que funcionava à noite e, devido às dificuldades e precariedades do ensino, acabou sendo fechado. Porém, a luta dos pais pelo Ensino Fundamental completo continuou viva

porque não concordavam em tirar de perto de si seus filhos para estudar na cidade ou mesmo para enfrentar tão cedo os deficientes transportes coletivos.

No entanto, a luta dos pais continuou firme rumo à meta de conseguir efetivar o Ensino Fundamental completo. Todavia, este sonho de mais de meio século só foi possível ser realizado em 2006, na gestão do prefeito Lineu Olímpio de Souza, cumprindo suas promessas de campanha. Esta foi e é, sem dúvida, a maior conquista dentre tantas, porque poderá eliminar de vez o desânimo que acabava levando grande parte dos educandos ao abandono bem cedo dos bancos escolares. Hoje a população está feliz porque sabe o quanto significa esta conquista.

Santa Bárbara é um lugar belíssimo, situada em meio ao cerrado, busca ainda preservar algumas espécies vegetais nativas como o ipê roxo, o ipê amarelo, o pequi, o murici, o gravatá, a sucupira, a quina, o tingui, o jatobá etc, e animais como o veado, o tatu-galinha, o tatu-bola, a seriema etc.

Santa Bárbara se encontra num planalto, bem próxima a uma linda serra azul, revela ser um lugar de fé, paz e tranquilidade. Quem passa por ali não esquece jamais essa gente humilde, hospitaleira, e alegre e pode contemplar uma comunidade que trabalha unida para o progresso e para o bem de todos.



Da esquerda para a direita, vê-se a professora Maurília com seus alunos e colegas de trabalho



Saída com a bandeira para o Levantamento do Mastro em louvor a Santa Bárbara



Coroação de Nossa Senhora Aparecida. Vendo-se à esquerda esta a autora deste texto



Conclamação do 4º série, em Santa Bárbara

A FUNDAÇÃO DO POVOADO DE SÃO GERALDO

Autor: João Luiz das Graças Soares
(Professor e escritor)

Nos anos de 1700 e 1800, o estado de Goiás recebeu um fluxo grande de paulistas e portugueses à procura de pedras preciosas e índios para o trabalho escravo.

Já no século XIX (1900), Goiás recebeu novo fluxo de pessoas, mas, desta vez, não vieram à procura de ouro. Eram mineiros vindos do estado de Minas Gerais à procura de terras para o plantio de lavouras e a criação de gado.

Uma porção dessas famílias veio morar nas redondezas do povoado de Santo Antônio, divisa dos municípios de Jaraguá e Pirenópolis.

Esses mineiros sabiam lavar a terra como ninguém, conheciam e sabiam da influência das fases da Lua nas plantações, e eram católicos fervorosos.

Em 1942, chega de Alpinópolis, Minas Gerais, uma viúva por nome de Maria Augusta da Conceição e um casal de filhos. O filho mais velho de dona Maria Augusta, um garoto de doze anos, era muito devoto de São Geraldo. O nome dele é Job Augusto Ribeiro.

Dona Maria Augusta e seus filhos vieram se instalar também na região de Santo Antônio, a convite de uma irmã dela que já morava na região.



Sr. Job - o fundador de São Geraldo

Ali, entre o povoado de Santo Antônio e o famoso rio das Almas, dona Maria criou seus filhos e, em 1950, aos 20 anos de idade, Job casa-se com a jovem Maria Augusta Ribeiro (Lia).

Em 1955, o então senhor Job compra terras de um senhor chamado Paulo Otávio, no município de Jaraguá, em uma região chamada "minador" e muda-se com sua família.

Assim que chegou à região de minador, "seu Job" expôs o seu jeito de mineiro e foi conquistando amigos. Logo veio o Lu (seu cunhado), o Fiote, o Durval, o Getúlio, o Antônio Loredo, Antônio Sulino e muitos outros.

Nesta época o "seu Job" era assinante de uma revista mensal chamada São Geraldo e discutia muito as notícias desta revista com os seus amigos.

Um dia, numa dessas conversas eles resolveram construir um rancho para que os amigos pudessem fazer as orações. Para a construção deste rancho foi preciso que "seu Job" e "seu Lu" doassem as terras, pois o lugar escolhido ficava numa divisa de terrenos. E assim foi feito o rancho, que beirava uma estrada que estava sendo aberta para o outro povoado. O povoado de Santa Bárbara.

Logo que o rancho ficou pronto, todos concordaram de que São Geraldo fosse o padroeiro do local que logo começou a ser povoado.

O Sr. Job e dona Maria Augusta tiveram sete filhos: Antônio, Maria das Graças, Lourdes, Benedita, Geralda, José Augusto e Aparecida.



A primeira escola de São Geraldo funcionou dentro do rancho de orações, e as primeiras professoras foram Ana Francisca de Sá, Sebastiana, Irani e Gláucia.

Em 1974, no governo do prefeito José Alves de Melo, a escola foi reformada e, para a realização deste sonho, o "seu Job" contou com os amigos Sebastião Carvalho que doou a planta do prédio e Daniel Aranha que construiu a igreja com material doado pela prefeitura. A primeira missa foi rezada pelo saudoso padre João, da paróquia de Jaraguá.



"Seu Job" se preocupava com os moradores de São Geraldo. Tanto que chegou a montar no povoado uma máquina de beneficiar arroz, porque naquele tempo era muito difícil transporte para Jaraguá.

O Sr. Job Augusto Ribeiro manteve a coordenação do povoado de São Geraldo até o ano de 1979, quando passou os poderes para um casal de amigos que morava no lugar: Ovídio Antônio da Silva e sua esposa, dona Maria Moraes.

O Sr. Ovídio e dona Maria cuidaram das tradições de São Geraldo e as rezas, missas e festas continuaram acontecendo normalmente, durante 20 anos, até que no ano de 1999, o Sr. Ovídio vem a falecer e sua esposa muda-se para Jaraguá.

Hoje "seu Job", o fundador do povoado de São Geraldo é viúvo, mora com um de seus filhos (o José Augusto) em Jaraguá e, aos 76 anos de idade, possui uma memória de causar inveja a muitos jovens.

Fiquei surpreso ao entrevistar o "Seu Job" para montar a história do povoado de São Geraldo. Às vezes, ele se mostrava com um olhar triste e melancólico ao se lembrar do passado. Se não me engano, em algumas passagens, vi seus olhos marejarem de lágrimas mas também durante as entrevistas, ouvi dele gostosas gargalhadas que me trouxeram uma certeza: "Seu Job" é um homem muito feliz... porque é forte pois mesmo não estando gozando de boa saúde, ele ainda prega a paciência, a esperança e se refere às doenças como sendo horas extras em nossas vidas...

São Geraldo vive hoje a mesma situação da maioria dos povoados de Jaraguá: êxodo rural generalizado. Abandono total...

Referências

- Job Augusto Ribeiro (entrevista)
- Maria Moraes (entrevista)
- Lucimeire de Sá (pesquisa de campo)

MEMORIAL DE VILA APARECIDA

Autor: João Luiz das Graças Soares
(Professor e escritor)

Oswaldo Pimentel e Ines de Oliveira – os fundadores de Vila Aparecida



Mais ou menos no ano de 1965, alguns fazendeiros da região da cachoeira resolveram fazer um campo de futebol à beira da estrada que ligava Jaraguá a Santa Rosa. Havia na redondeza uma porção de rapazes que gostava de jogar bola e aquilo parecia ser uma boa idéia, pois por aquelas bandas não havia nenhum entretenimento, ou diversão para os jovens.

O campo foi construído e passou a ser o passeio preferido dos moradores daquela região. Não levou muito tempo e

logo quase todas as fazendas possuíam times de futebol que aos domingos se encontravam no campo para torneios disputadíssimos!

O local ficou conhecido inicialmente como Jatobá, por causa de um frondoso jatobazeiro que havia na cabeceira direita do campo, perto do gol.

Nesse mesmo ano, um jovem chamado Osvaldo de Souza Pimentel, morador da região de Canta Galo, foi assistir a uma decisão entre o time do Jatobá Esporte Clube e um outro time vindo da região da Paciência.

No dia do jogo, no meio da torcida do Jatobá, Osvaldo conheceu uma jovem chamada Inês de Oliveira. Foi amor à primeira vista, e eles logo se casaram.

A mãe de Inês, dona Benedita de Oliveira Cardoso deu de presente aos noivos um pedaço de terra da fazenda dela, para que eles construíssem uma casa para morar.

Osvaldo derrubou parte de uma densa mata que havia ao lado do campo de futebol e construiu a sua primeira casa.

A casa de Osvaldo passou a ser referência do local onde o povo se reunia aos domingos na hora do jogo. Ali a gente ficava sabendo das notícias de Jaraguá, conversava sobre os campeonatos e bebia-se uma aguinha de pote deliciosa.

Como o movimento foi crescendo, Osvaldo resolveu então montar uma vendinha, coisa muito difícil nas redondezas naquela época.

Não levou muito tempo, Osvaldo e Inês ganharam um vizinho do lado de baixo da estrada, um senhor chamado Gerson Fernandes.

Com o passar do tempo, foram surgindo pessoas interessadas em morar no local e então dona Benedita de Oliveira resolveu vender alguns lotes em volta do campo. Assim foi fundada a Vila Jatobá.

A vila viveu muito tempo com o nome de Jatobá, mas um dia este nome foi trocado por outro: Chapeulândia.

Conforme alguns relatos de moradores do local, o nome Chapeulândia veio de um fato curioso: "Dizem que a torcida do jatobá era infernal e atazanava a vida dos jogadores rivais, principalmente a vida dos goleiros, pois um dos gols ficava próximo a um enorme jatobazeiro onde a torcida se escondia do Sol."

Em um destes jogos, o goleiro do time visitante ficou tão furioso com a torcida do Jatobá que ao sair às pressas do campo, observando que a maioria do povo usava chapéu, ele quis provocar e à arrancada do caminhão que levava o time, ele gritou para a torcida: "Isso aqui é uma chapeulândia".

O nome jatobá foi esquecido e todos passaram a chamar o local de Chapeulândia.

Com o crescimento da vila, os moradores se viram na necessidade de uma escola.



Um morador do lugar, chamado Augusto André Corsino, apelidado Tico, construiu uma casinha de tábuas para o funcionamento da primeira escola da vila, e os moradores fizeram um rancho que servia de lugar para orações e novenas em terrenos doados por dona Benedita de Oliveira.

As primeiras professoras foram: Ivani, Cleonice, Aildes, Nirandir, Sílvia, Ilda e dona Marlene.

Em 1974, no governo José Alves de Melo, a escolinha de tábuas e o rancho de orações foram demolidos e em seus lugares, construídas uma nova escola e uma nova igreja.

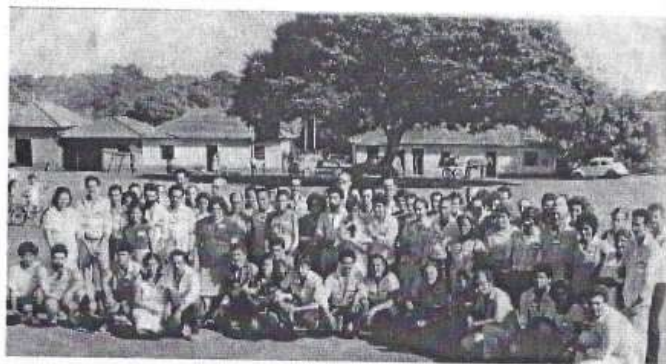
Desde a época do rancho de orações, os moradores já faziam novenas em homenagem a Nossa Senhora Aparecida e, na inauguração da nova igreja, escolheram esta santa como padroeira da Vila. Assim nasceu Vila Aparecida e com nome tão forte, o apelido Chapeulândia desapareceu.

Vila Aparecida foi um vilarejo próspero, a escola possuía o ensino fundamental completo, existia algumas vendinhas, o bar do Sr. Osvaldo e no domingo o encontro dos times de futebol era muito freqüentado.

O Sr. Osvaldo, o fundador de Vila Aparecida e dona Inês criaram seis filhos: Ordenir, José Nivaldo, Valdirene, Isvênia, Geraldo, Valdenice e hoje moram na fazenda que foi de dona Benedita, mãe de Inês, próximo à Vila Aparecida.

Conforme os próprios moradores de Vila Aparecida, a transformação de Jaraguá em Capital Goiana das confecções, fez com que a juventude do povoado se mudasse toda para Jaraguá à procura de estudo e emprego.

Quem visita Vila Aparecida hoje, é como se visitasse um sítio arqueológico. É um lugar bucólico, solitário e quase não se vê ninguém transitando, mas que exala um certo fluído de que ali viveu um grande povo e que na memória dos que lá ficaram resta ainda uma enorme saudade...



Encontro de Casas de Vila Aparecida, vendo-se ao fundo o famoso Jatobazeiro

Referências

- Profª Divina A. M. Corsino (pesquisa de campo)
Profª Maria Fátima O. F. Brito (pesquisa de campo)

VII PARTE

UMA FAMÍLIA PRÁ LÁ DE REAL

MANOEL RIBEIRO DE FREITAS MACHADO.

TAL PAI, TAIS FILHOS...

João Luiz das Graças Soares
Professor e escritor



Por volta de 1840, o arraial do Córrego de Jaraguá recebeu um ilustre morador; o Padre Manoel Ribeiro de Freitas, vindo do arraial de Traíras, hoje, distrito de Niquelândia – Norte de Goiás. Aqui chegando, tornou-se coadjutor do pároco local, Silvestre Álvares da Silva.

Nessa época, era muito comum aos padres, o hábito de possuírem esposas e mesmo não sendo oficialmente casados, muitos deles mantinham relações amorosas duradouras e do conhecimento de todos.

Não demorou muito, e logo, o Padre Manoel Ribeiro enamorou-se de uma jovem chamada Joaquina da Silva Machado, mantendo com ela uma relação de concubinato que rendeu vários filhos ao casal.

Entre os filhos do Padre Manoel e Joaquina, havia um com o nome do pai, Manoel, que se tornou mais conhecido entre os irmãos, por ter se casado com uma linda jovem chamada Josefa Gomes Pereira da Silva, filha de Diógenes Gomes Pereira da Silva e Maria Bárbara Félix de Souza, família de grande influência política não só em Jaraguá, como também, em Meia-Ponte, Pirenópolis.

Josefa Gomes Pereira da Silva e Manoel Ribeiro de Freitas Machado tiveram dois filhos: Evaristo e Manoel (o 3º Manoel). O filho Evaristo, ainda muito moço, passou a viver em Vila Boa, onde formou-se em direito e chegou a ser eleito deputado estadual pelo estado de Goiás, no ano de 1900.

O filho Manoel, o caçula, desde cedo era chamado de Dudu. Nascera no mesmo ano de falecimento de seu pai. Dudu Machado, como era chamado, manteve, a exemplo do pai, grande influência política em Jaraguá, sendo intendente municipal por três vezes (1901-1909 e 1922). É o fundador em Jaraguá, da escola que leva o seu nome, antes chamada escola Rui Barbosa.

Este ano, em visita a esta escola, as professoras Debee Cabral e Claudete Silva respectivamente diretora e vice, exibiam a foto de Rui Barbosa, antigo patrono da escola, da época de 1927.

Manoel Ribeiro de Freitas Machado, o Dudu, casou-se com dona Leonor Gomes de Souza e tiveram 8 filhos: 1 – Manoel, 2 – Josefa, 3 – Celso, 4 – Ornelo, 5 – Moema, 6 – Zita, 7 – Graciema e 8 – Lyra.

1 – O filho Manoel (o 4º), foi casado com Áurea Gonçalves de Almeida e viveu maior parte de sua vida em Anápolis, onde criou vários filhos. Apenas um, chamado Roosevelt, apelidado Delano, era médico, tornou-se muito conhecido em Jaraguá e foi casado duas vezes. A 1ª vez com uma paranaense chamada Berenice e tiveram 3 filhos. Débora, Cristhian e Patrícia (In memoriam). Do 2º casamento, com a pirenopolina Sonita Rodrigues, vieram mais dois filhos: Lianco (Tuta) e Bianca, que presenteou o pai ainda em vida com uma neta – Isa. Dr. Delano era muito querido em Pirenópolis, onde viveu grande parte de sua vida, vindo a falecer no ano de 1998.

2 – A filha Josefa herdou o nome da avó. Casou-se com o itaberino Valdemar da Silva Caldas e tiveram 6 filhos. Dos descendentes de Josefa, apenas uma bisneta dela, chamada Maria Valéria, é conhecida na comunidade Jaraguense, pois é assídua frequentadora de nossa cidade, sempre se hospedando em companhia da prima-amiga, Dulce Rios.

3 – O filho Celso, caçula do clã Dudu Machado, sempre foi considerado o embaixador de Goiás no Distrito Federal, onde possuía trânsito livre no Governo de Brasília. Celso era uma espécie de Dom Juan, solteirão inveterado, mantinha a fama de conquistador, aparecendo sempre na mídia brasiliense rodeado por misses, artistas famosas ou socialites conhecidas. Embora se dissesse solteiro, em

Jaraguá Celso manteve sempre uma relação estável com a senhora Bernadete Costa, união esta que veio a ser oficializada nos últimos anos da vida dele, pois “Celsinho Machado”, como era carinhosamente chamado, veio a falecer no ano de 2007.

4 – O filho Ornelo sempre viveu em Jaraguá e só se ausentou para estudar, mas, assim que se formou, voltou para Jaraguá, onde exerceu a carreira de médico. Era paparicado pela esposa Vera e pelos filhos Ângela, Jorge (in memoriam), Júnior e Verinha. Era muito querido na sociedade jaraguense, devoto do Divino Espírito Santo e foi eleito deputado estadual no ano de 1968. É patrono da escola que leva o seu nome, na Vila Brasilinha, em Jaraguá, e conforme relato da secretária desta escola, professora Sueli Pereira, há uma outra escola com o nome Ornelo Machado na vizinha Petrolina de Goiás, onde Dr. Ornelo também atuou como médico e deputado estadual.

5 – A filha Moema também permaneceu em Jaraguá. Foi casada com o ex-prefeito Dr. Felicíssimo do Espírito Santo e ambos, juntamente com os filhos Olga e Ciro estão bem lembrados nesta obra em biografia feita pelo genro (esposo de Olga) Dr. Benjamim Roriz; no encarte Perfil Político de Jaraguá.

6 – A filha Zita, desde menina, optou pela vida religiosa. Enclausurou-se em um convento de uma congregação de Irmãs Dominicanas e faleceu aos 27 anos de idade, na cidade de Monteil, na França.

7 – Grace, pseudônimo literário da filha Graciema, também escolheu Jaraguá para criar a sua prole. Foi casada com o primo Clotário de Freitas e tiveram nove filhos: Manoel (Dudu), Jane, Fábio, Katy, Maria (Nena), Leonor (Nô), Alano, Galeno e Grace. O filho Fábio foi embaixador do Brasil em vários países do mundo. Era casado com a prima Lila Machado. O filho Manoel manteve a



herança do nome e do apelido Dudu. Foi casado também com uma prima, a senhorita Cacilda de Freitas, filha de Salvador de Freitas (irmão de Clotário) e dona Carmelita Rios. Tiveram Bruno, Breno, Berta e... Manoel! Dr. Dudu faleceu em 2005.

O filho Galeno é falecido; sempre viveu fora de Jaraguá, ao contrário do irmão Alano que foi eleito prefeito e deputado federal por Jaraguá, onde optou criar a sua família. Como ex-prefeito de Jaraguá, sua passagem pela política está devidamente registrada nesta obra, no encarte Perfil Político de Jaraguá.

Das filhas de dona Grace, apenas Leonor (Nô), permaneceu algum tempo em Jaraguá. Seguiu o exemplo da mãe e dos irmãos Fábio e Dudu ao casar-se com o primo Tubertino Ferreira Rios (Cuna), filho do comerciante Antônio Ferreira Rios e Diva de Freitas, irmã de Salvador e Clotário de Freitas. Nô e Tubertino tiveram Maria Leonor (Nozinha), em homenagem à mãe e à bisavó, dona Nonozinha; Isabela, hoje médica em Jaraguá, casada com Eduardo dos Santos; Antônio, também casado com a prima Renata Caldas, e Úrsula (Lula), casada com Normani Pellegrini.

8 – A filha Lyra nasceu professora e, em 29/02/2008, ela foi homenageada como patronesse de uma escola municipal, situada na zona norte da cidade, no setor Morada Nova. Nesse dia, foi apresentada a biografia de Lyra Machado, feita por sua filha Márcia e lida na cerimônia pelo genro Juvenal Amaral.

Biografia

Lyra Machado Gomes e Souza

Biografia

Lyra Machado Gomes e Sousa, nascida em 18 de dezembro de 1916, era filha de Leonor Gomes Machado e Manoel Ribeiro de Freitas Machado, que foi um dos primeiros prefeitos desta cidade.

Casou-se, em 03 de janeiro de 1942, com Carlos Gomes de Souza, conhecido como “Negrinho”, seu primo e grande paixão de



Dona Lyra com o filho caçula Marcelo

sua vida. Dessa união nasceram: Paulo Marcos, já falecido, Márcia Terezinha e Carlos Marcelo Machado Gomes.

Fez o curso primário em Jaraguá e o secundário (curso normal) no Colégio Santana, em Vila Boa, antiga capital do Estado de Goiás, onde conquistou, com distinção o diploma para o magistério público do estado de Goiás, em 02 de dezembro de 1933, com apenas 17 anos de idade e por tal façanha foi nomeada para o cargo de professora do Grupo Escolar Rui Barbosa de Jaraguá, em 11 de julho de 1934, pelo então governador do Estado, Dr. Pedro Ludovico Teixeira.

Durante cinquenta anos exerceu o cargo de magistério com entusiasmo e competência. De 1934 a 1962, como professora do Curso Primário. E a partir de 1963, passou a exercer o cargo de professora do Ensino Médio no Ginásio Arquidiocesano de Jaraguá.

Posteriormente, foi designada a primeira diretora do colégio estadual, batizado por ela de Colégio Estadual Diógenes de Castro Ribeiro. Em 14 de dezembro de 1978, concluiu o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, na Faculdade de Filosofia Bernardo Sayão, em Anápolis.

D. Lyra foi uma mulher à frente de seu tempo, pois, enquanto a maioria das mulheres somente se dedicava às tarefas domésticas, ela desempenhava com muita desenvoltura e vocação a atividade de professora. Como se isso não bastasse, foi uma mãe e avó afetuosa e dedicada.

Apassionada pela língua portuguesa, jamais se cansava de repetir as lições que preparava com carinho e dedicação, o que é motivo de reconhecimento por muitos ex-alunos, principalmente aqueles que se destacaram na vida pública, galgando altos postos no Executivo, no Legislativo, no Judiciário, e no cenário artístico, literário e profissional jaraguense.

Lyra Machado Gomes e Souza, faleceu no dia 30/06/2004, deixando além dos filhos, genro e noras, os netos: Leonardo, Luciano e Paulo Marcos, do Filho Marcos com Dalva Amorim; Isabelle, André, Caroline e Marianne, da filha Márcia com Juvenal Amaral; e Marafsa, Luanda de relacionamentos amorosos de Marcelo no passado e ainda Marina, do Filho Marcelo com Cida Machado.

Juvenal Batista Amaral
Engenheiro Civil

Márcia Terezinha Gomes
Juíza de Direito

Ao lembrar dona Lyra, lembramos também de certos lugares e outros saudosos conterrâneos que nasceram, viveram ou simplesmente passaram por esta lendária terra.



Lila, Yara e Dete Machado



Otilia Tavares da Rocha



Dona Emicênia



Terezinha de Salomão Camargo



D. Sinhá, Venância Mundim Azevedo



Dona Nina, Ana Azevedo Cordeiro



Dona Maura de Freitas.



Dona Ilça Machado.



Professoras, Neusa Amaral, Cecília Camargo, Nina, Fica, Maria Moraes, Elizabeth, Ana Cecília e Elza Mendes.



Ginásio Arquidiocesano



Emanuel Gomes de Oliveira



Fayad Neto



Padre Cleto



Padre José Belloti



João Ferreira de Aquino



Ana Tomé - Filhinha



Maria Brasília de Aquino



Maria Patrocínio



Dr. Felicíssimo e Silvio de Castro Ribeiro



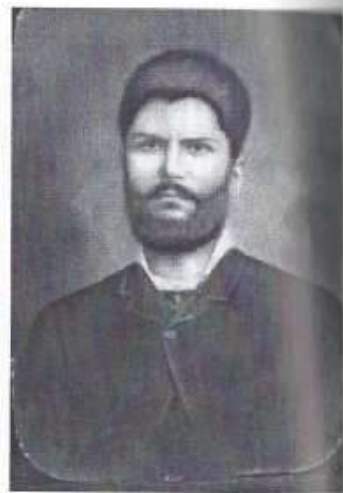
Em pé: Litinho, Dr. Nhô, Nilo de Castro, Paulo Bock, Tião Amadeu, Zé Lair, Renato e Amilton.
Agachados: Dr. Thomás, Vani, Célio, Gledson e Jaudeir.



Em pé: Zelói, Jamil, Adão Juarez, Iron, Paulo Bock, Quim, Tião Miguel, Fabiano, Napoleão,
Helisio, Duba, Marquinho Cacique, Dirico e Dim Maguinôlia.
Agachados: Edward, Zeca Frederico, Paim, Bá, Adão Serrote, Zé Roberto, Zezé Celestino e
Cabeção



Nize Gomes Pereira da Silva



Diógenes Gomes Pereira da Silva



Natal de Castro e D. Natalina

Iça Gonçalves de Almeida



Hélcio Machado



Dona Nhola



C^o Castrinho





Rua Vigário Álvares da Silva



Rua Vigário Álvares da Silva



Grupo Escolar Rui Barbosa - 1927 a 1935



Viagem à romaria de Muquém -romeiro Lauro Gonçalves e família - década de 50.



Quadra de esportes - 1950



Igreja Matriz de Jaraguá - 1960

Família de Manoel Gomes Pereira da Silva



Em pé, esquerda para a direita: Eunice Gomes, Iracema Félix, César e Creso Gomes.
Sentados na mesma ordem:
Manoel (Neco) Gomes e Geny Rios no colo - Leonor sogra e irmã de Neco com Neusa no colo e Inhorita, esposa de Neco Gomes, com Irene.
O outro filho de Neco Gomes, César, foi comerciante em Jaraguá. Tinha uma loja chamada Casa Nova Senhora das Graças. Foi casado com Evangelina Gomes Costa e pais dos conhecidos professor Manequinho e seu irmão Justino.



Manequinho, Piaba, Gaspar, Mauro da Mata (in memoriam), Hernane, Castrinho e Nenê (in memoriam).



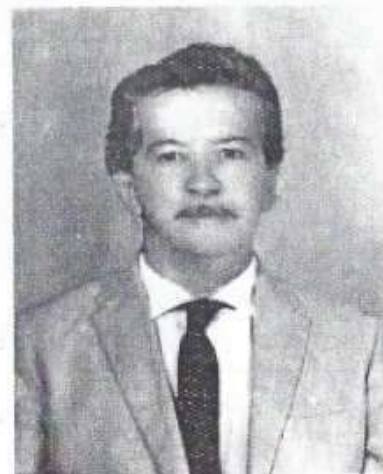
Casa do Coronel Castrinho



Primeira investida para se levar água para Jaraguá



José Soares dos Santos - organizador dos grupos de Tapuias nos anos de 1960.



Ordener Ferreira Rios (Dego).
Um novo - velho ermitão do Muquém?



Altar de N. S. do Rosário



Padre Francisco.



Da esquerda para direita: Aida Marise, Fabiano, José Francisco(Zecão-Lions), Irai Guerra, Maria Lícia, Eny Araújo, Teo, Leila, Tati, Selmi, Bazu, Luís Joaquim, Luciane(in memoriam) e Silvestre Álvares(Vestim). Em representação da peça Hair no teatro Experimental "O Uirapuru" sob direção de Plauto Vieira, irmão de Selene de Freitas.



Família Soares de Castro.



Frederico - Dórico



Grupo de teatro Uiarapru, vendo-se ao centro a professora Isoldina.



Pensão mineira -1960

Doce Lyra

Lírio?
Lírico?
Lira?

Em Lírio foi flor
Que ornou, perfumou
E fecundou

Em Lírica foi a luz na escuridão
foi machado sem cabo
ferindo cedro, exalando ébano
mostrando o caminho a percorrer

conjugava o verbo ser
intercalado ao amar
falava em prosa lusitana
no poema brasileiro
e na fala popular

Em Lyra foi harmonia
mãe fervorosa, esposa devotada
mulher despachada
Sempre disposta a lutar

o seu legado homérico
todos hão de reconhecer
não é o fruto colhido
mas a semente dada
a semear.

Foi Lírio porque Lyra foi flor.
Foi Lírica porque Lyra foi saber.
Foi Lira porque Lyra foi amor.

Doce Lyra....

João Luiz das Graças Soares



Serra de Jaraguá - patrimônio natural dos jaraguenses.

Dr^a Lucia Freitas

ADMINISTRADORES INTERIORES E CONSELHEIROS MUNICIPAIS
DE JIJELO

- 1900 23 de julho - 1^o Vice-Intendente de José Rodrigues Jardim (segundo alguns autores de José Rodrigues Pereira (segundo outros), ferns designado por Conselho de Câmara de Vila de Jijelo, Rio Verde e Jijelo, esta última designação foi suspensa pela Resolução n.º 668 da Assembleia Legislativa Municipal, em 23 de julho de 1952, passando as designações da Resolução n.º 111 de 07 de julho de 1974. Publicada em 20/03/1982.
- 1901 Francisco Felgueiras de Amorim é o presidente do Conselho de Câmara.
- 1902 Francisco Felgueiras de Brito assume a condição de 1^o Vice-Presidente do Conselho de Câmara.
- 1903 António Rui de Sá Pereira, Presidente do Conselho de Câmara de Jijelo assume a condição de Intendente para a República.
- 1904 18 de junho - Higienos de Carvalho Vice-Presidente da Intendência assume a administração municipal interinamente.
- 1905 Cid. Régios Gomes Pereira da Silva (professor) Presidente da Intendência.
- 1906 Cid. Régios Gomes Pereira da Silva (professor) Presidente da Intendência.
- 1908 03 de Agosto - 1^o Vice-Intendente Exaltado Gomes Barbo de Sousa.
- 1909 14 de setembro - O Presidente do Conselho Municipal, Sr. António Fernandes de Sousa assume a Intendência Municipal.
- 1908 14 de Dezembro - Cid. Teófilo Pereira Rios administra o executivo municipal.
- 1910 1^o Vice-Intendente António Ferreira Rios.
- 1910 1910 - Início Soares de Camargo assume a Intendência na condição de 2^o Vice-Intendente.
- 1911 Dezembro - Major Benedito Raymundo de Brito (Dito Balanço), na qualidade de 1^o Vice-Intendente de Jijelo em exercício, assume o comando municipal interinamente pelo Desembargo Ultramarino do Conselho que, em substituição oficial, chama "interinamente" a situação dos postos para abastecer a cidade, que não queriam assumir responsabilidades na condição de administração pública local.
- 1913 Major Régios de Carvalho na condição de 1^o Vice-Intendente.
- 1914 António Ferreira Rios na condição de 1^o Vice-Intendente.
- 1915 Dezembro - Major Mário Fêra de Sousa assume a Intendência.
- 1916 1^o de Dezembro - Assume a Intendência o Cid. Manoel Ribeiro de Freitas Machado (Doutor).
- 1918 09 de abril - É Intendente Municipal Major Mário Fêra de Sousa.
- Dezembro - 4^o 1^o Vice-Intendente Municipal em Exercício Major Régios de Carvalho assume o comando municipal temporariamente.
- 1921 26 de Março - Dr. Ribeiro Ferreira Rios está à frente da Intendência Municipal (até 26 de novembro de 1922).
- 1929 20 de Setembro - Eleições para Intendente Raul Fêra de Sousa é reconduzido ao executivo municipal, permanecendo até pouco após o advento da Revolução de 24 de outubro, Raul foi deposto a 23 de novembro de 1925, sendo o último Intendente de Jijelo.
- 1930 22 de Novembro - O 1^o Vice-Intendente Manoel (Doutor) Bernardo Machado assume a administração local por alguns dias (até 19 de janeiro de 1931).

¹ Debaixo controlada a partir de dados obtidos em pesquisas realizadas por Jijelo Rios, Felgueiras de Amorim, Soares de Sousa, Joaquim Sôfias, Maria Helena Amorim Bernardino, Carlos Machado, Raul Pedrosa, Luciano Figueira, Lázaro Eduardo Amorim Nelo Duarte, João Luiz dos Santos Soares e Francisco Lages de Castro.

² Antes da elevação de Vila a condição de Cidade e Intendência assume a frente da administração municipal o ex-Intendente de Câmara Municipal de Jijelo Teodoro Teodoro Régios Gomes Pereira da Silva.

- 1931 28 de julho - Assunto do Decreto nº 1231, o Sr. Ribeiro Faria, na qualidade de Intendente Municipal por Paulo Ludovico Coimbra, a 19 de novembro de 1930, aceita interinamente a condição de Intendente Municipal pelo Presidente da Câmara, Sr. Rui de Sá, assumindo a Intendência Municipal em 23 de julho de 1932 (o mandato do Sr. Ribeiro Faria para a Intendência Municipal termina em outubro de 1931, mas a condição de Intendente Municipal continua a ser exercida até o momento de ser designado o novo Intendente Municipal).
- 1933 1^o de Setembro - O Cid. Teófilo Pereira Rios (ex-Intendente Intendente Municipal de Jijelo) por Paulo Ludovico Coimbra.
- 1935 António de Castro Ribeiro Pereira de Jijelo.
- 1936 Cid. Régios de Castro Ribeiro (Cid. Capitão) assume a Intendência Municipal de Jijelo.
- Sr. António de Castro Ribeiro Pereira de Jijelo.
- 1943 16 e 31 de Outubro - Diana Gomes Pereira da Silva (Prof. de Jijelo).
- Intendência de Castro Ribeiro, assume o cargo de Intendente de Jijelo.
- 1946 Janeiro - Deputado Armando de Jijelo Dr. Francisco de Jijelo a administração local até dia 10 de outubro de 1946 (até 1946 o cargo de Intendente Municipal de Jijelo é exercido pelo Sr. Galvão de Brito).
- 10 de Outubro - O Intendente Federal Dr. Sebastião de Castro Ribeiro assume a Intendência Municipal de Jijelo (até 1946 o cargo de Intendente Municipal de Jijelo é exercido pelo Sr. Galvão de Brito).
- 1948 Bernardo António Machado (Doutor) assume a Intendência Municipal de Jijelo.